

A woman with long brown hair, wearing a light-colored cowboy hat with a dark band, is shown in profile, looking down and to the right. She is standing in a field of sunflowers. The background is a soft-focus landscape with more sunflowers and a bright, glowing sun low on the horizon, creating a warm, golden light. The sky is filled with soft, wispy clouds.

LILIAN GALDO & JULIE LOPO

Menina Veneno





LILIAN GALDO & JULIE LOPO

Menina veneno



Copyright © 2017 Editora PL
Copyright © 2017 Lilian Galdo, Julie Lopo

Diretor editorial: Editora PL
Capa: Elaine Cardoso
Revisão: Carla Santos
Diagramação Digital: Carla Santos

ISBN: 978-85-68292-79-2

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão do autor e/ou editor.



Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Epílogo](#)

[Biografia](#)

[Saiba mais sobre a Editora PL](#)



Prólogo

CANOA

Eu nunca fui bom com mentiras, blefes e muito menos disfarces. Na verdade, sempre tive repulsa por tudo isso. Meu pai sempre foi um grande mentiroso. “Não posso ir à sua apresentação de final de ano porque tenho uma reunião muito importante”, “Não vou conseguir chegar a tempo de cantar parabéns na sua festa de aniversário, pois apareceram alguns clientes aqui no escritório e não tenho como dispensá-los”, “Vou viajar a trabalho porque estou prestes a fechar um grande negócio”. Mentiras e mais mentiras! Então minha mãe ficou muito doente e finalmente ele parou de mentir. “Não posso lidar com ela, no momento.

Estou apaixonado e vou me casar com outra mulher. Não amo sua mãe há muito tempo”.

E ele se foi.

Pois é, a vida me deu uma droga de pai. Mas pior do que as mentiras foi descobrir, através de amigos em comum, que a mulher em questão não passava de uma menina. Ela tinha dezessete anos, enquanto meu pai tinha quase quarenta.

Minha mãe acabou se curando e tentou retomar sua vida normal, mas a vergonha fez com que ela se isolasse cada vez mais do mundo.

Meus amiguinhos começaram a me aloprar, diziam que eu era o filho de um tarado. Eu nunca me defendi, pois no fundo sempre concordei com eles.

Até que um dia me olhei no espelho e percebi que eu estava sofrendo do mesmo mal que meu “velho”. Eu estava caído de amores por uma garota. Eu lutei contra mim mesmo por muito tempo, tentei enterrar isso dentro de mim, mas minhas ações começaram a me denunciar. Eu me sentia um pouco melhor por saber que meus sentimentos nunca foram gerados por desejar seu corpo, ou por sua aparência física. Não! Eu realmente a via como uma menina. Mas sua personalidade forte, coragem e forma livre de agir e de dizer aos quatro ventos o que desejava me envolvia e entrava em mim como uma cola. Por dentro, eu estava recheado dela. De seu sorriso, sua forma carinhosa de me tratar. Tudo em mim era sobre ela.

Mas eu não podia contar. Afinal de contas, ela era a irmã adolescente do meu melhor amigo. E eu? Sou apenas o filho do meu pai, um homem apaixonado por uma menina.

Por isso, no dia do seu aniversário de dezesseis anos, quando ela se declarou, dizendo que me amava, eu tive que mentir. Quando ela me beijou, por alguns segundos me senti no céu. Nunca senti gosto mais delicioso do que o da sua boca na minha. Mas então a razão falou mais alto e eu tive que dizer para ela coisas que não sentia, para que ela desistisse de mim. Merda! Eu não queria que ela desistisse, mas ela precisava desistir. Eu não era homem para ela. Pelo menos, não por enquanto.

Quando ela chorou e disse que precisava se afastar, senti uma mão sendo

enfiada em meu peito e arrancando meu coração. Eu não queria vê-la chorando, muito menos que ela se afastasse de mim. Mas, no fundo, eu sabia que seria melhor para ela.

E então ela se foi. Viajou para o outro lado do mundo sem olhar para trás. Minha sanidade começou a se esvaír, e eu sentia falta dela como um drogado sente de sua droga.

Eu menti para ela! Menti como meu pai mentia para mim e para minha mãe. Essa constatação fez com que eu percebesse que de qualquer forma eu acabaria agindo como ele. Eu nunca tive uma verdadeira escolha sobre isso.

Se eu dissesse a ela que a amava, seria o filho tarado do taradão. Então neguei me tornando o filho mentiroso do mentirosão.

Essa constatação fez com que eu assumisse os meus sentimentos e começasse a contar os dias que faltavam até sua chegada. Afinal de contas, em breve ela faria dezoito anos, e nós dois não teríamos mais um amor proibido.

Comecei a contagem com 578 dias. Dia após dia, eu marcava um X no calendário e anotava na lousa que ficava na minha geladeira quantos dias faltavam.

365, 328, 267, 223, 194, 142, 78.

O tempo passou lentamente, mas, pelo menos, agora faltava menos de uma semana. Menos de uma semana para que eu pudesse voltar a respirar.



Um

ALANA

Minha festa de dezesseis anos ficaria para sempre guardada na memória, não porque foi maravilhosa, mas sim porque eu beijei pela primeira vez o homem que eu amava. O único problema foi que ele não me correspondeu, na verdade disse que não sentia por mim o mesmo que eu sentia por ele.

IRMÃ.

Odeio essa palavra. Era assim que ele me via, como uma irmã caçula pentelha.

Enquanto a idiota aqui era completamente apaixonada por ele. Não aguentei a humilhação, a dor que sentia no meu peito com a rejeição dele, então fiz a única coisa que eu poderia fazer: fugi.

Depois de conversar com os meus pais, consegui convencê-los a permitir que eu fizesse um intercâmbio para ajudar com o meu inglês. Uma vez que tudo foi acertado rapidamente embarquei para Dublin, na Irlanda, para fazer o meu curso de inglês e terminar a escola.

Nos dois anos que estive fora tentei esquecer o Canoa. Tentei tirar da minha cabeça o beijo que parecia tatuado nos meus lábios. Mas aquele homem parecia não querer sair de mim, e por causa disso eu desejava, às vezes, bater a cabeça como a Ceci e esquecer tudo, principalmente dele.

Quando contei para as minhas amigas na república onde eu estava morando que só tinha beijado um homem, elas tomaram para si a missão de me fazer beijar quantos homens fossem possíveis. Então nós saíamos algumas vezes, não era possível entrar nas baladas porque eu era menor de idade ainda, mesmo tendo sido emancipada pelos meus pais antes de viajar.

Então procurávamos alguns pubs onde serviam comida, já que na Irlanda somente nessa hipótese poderíamos entrar e ficar. Mas o que facilitava mesmo o “intercâmbio cultural” que elas queriam que eu fizesse era a rotatividade de alunos na república. Ali conheci pessoas praticamente do mundo inteiro.

Uma dessas pessoas que eu conheci foi o François, um francês bonitinho de dezoito anos, ele foi o segundo rapaz que eu beijei. Não foi a mesma coisa que beijar o Canoa, e só não foi melhor porque o idiota não saía da minha cabeça.

Depois do François fiquei com um alemão até que um dia “ele” se mudou para a república, já que a que ele morava fechou. Henrique Araujo era um brasileiro que estava cursando faculdade em Dublin de comércio exterior, moreno, 1,78m, barba por fazer e um sorriso torto, era o novo terror da república.

Todas as meninas ficaram atiçadas por causa dele, confesso que olhei também algumas vezes, mas, quando ele me chamou uma noite para ir ao cinema, não tive como recusar. E foi aí que nosso namoro começou.

Exatamente eu, Alana Barreto, estou namorando um cara lindo de vinte e quatro anos, que não se importa com a questão da idade. Lógico que ele me

respeita e não passou dos limites, ele se preocupa com a questão de me levar para a cama, por ser menor de idade, mas sei que se não fosse esse detalhe já teria tentado alguma coisa.

Confesso que não sei se aceitaria nesse exato momento perder a minha virgindade com ele. Por anos, desde que eu descobri o que era fazer sexo, sonhei com o dia que seria o Canoa o meu primeiro. Agora eu sei que isso jamais aconteceria já que eu sou “IRMÃ” dele.

O Rick estava terminando a faculdade e voltaria em alguns dias para o Brasil, os pais dele moravam em São Paulo, o que seria fácil para que a gente continuasse se vendo, já que eu estava voltando também.

Apesar de adorar morar fora queria voltar para casa, sentia falta dos meus pais, da Ceci, da Clarinha, meu sobrinho fofuxo que só via pela internet, meus cavalos e do Tóti. Então, em dois dias eu estaria novamente em solo brasileiro. Minhas malas estavam prontas, e as meninas preparando uma despedida para mim, o que, provavelmente, envolveria bebida escondido.

Depois de fechar a minha mala, pego o meu celular e disco o telefone da casa grande para avisar os meus pais o horário que eu chegaria para alguém me buscar.

— Alô?

— Princesa?

— Tia Alana! — A Clarinha grita do outro lado. — *Eu estou com saudades.*

— Eu também, princesa, mas agora falta pouco, chego em dois dias.

— *Finalmente, eu tenho muita coisa para contar, tia.*

— E eu vou querer saber de tudo. — Dou um sorriso bobo. A Clarinha era o meu amorzinho, tínhamos ficado muito apegadas, eu amo essa menina.

— *Tia, eu tô vigiando ele para você.*

— Vigindo quem?

— O tio Canoa. Ele está aqui todo dia, sabia que ele trabalha aqui na fazenda? Eu não sabia, achava que ele só vinha para comer, mas a mamãe disse que ele trabalha em um escritório aqui mesmo na fazenda, eu pedi para o Caetano me levar lá. Você não sabe, tia, tem uma moça trabalhando com ele, ela é muito linda, os dois estavam rindo de alguma coisa.

— Ah, é? — pergunto tentando não deixar as palavras dela me abalar. Eu sabia que ele estava tocando a vida dele, a Ceci mesmo me disse que ele tinha uma “amiga” com quem ele saía às vezes.

— Eu não gosto dela, acho você mais bonita, tia. Ela é alta demais. Não gostei.

— Você não gostou dela, porque ela é alta, princesa?

— Lógico, a mamãe não é alta e é tão bonito ver o papai e a mamãe abraçados, o papai apoiando o queixo na cabeça dela. Eu não quero crescer muito não, tia, quero um namorado bem alto igual o papai e o tio Canoa. Por isso, eu não gosto dela, ela é alta e não combina com ele. Mas você combina, tia, é pequena.

— Não sei se eu combino tanto assim com ele, Clarinha. Ele não gosta de mim.

— Ele perguntou para o papai quando você voltava. Ele parecia triste. Mas aí ele viu uma moça morena chegar e os dois saíram juntos, eu queria perguntar quem ela era, mas o papai não deixou, disse que eu sou criança para me meter nesses assuntos. Mas eu tenho que cuidar do tio Canoa para você, né, tia? Prometo que vou tentar descobrir quem é.

— Não precisa, querida. Não me importo mais com ele.

— Por quê? — Antes que eu possa responder escuto a voz da Ceci falando com ela e logo ela entra na linha.

— Alana, meu amor, quando você chega?

— Em dois dias, o voo está previsto para chegar à uma da tarde.

— Não se preocupe, eu e o Inácio vamos te buscar. Como você está?

— Ansiosa para voltar.

— *Imagino. Estamos ansiosos também pela sua volta.*

Em uma semana, eu teria dezoito anos e tinha planos para isso. O Henrique iria na festa e após isso eu tentaria convencê-lo de ir a algum lugar e teríamos a nossa primeira vez. Não esperaria por mais ninguém.

— *Quer falar com a sua mãe?*

— Não precisa, só queria avisar quando eu chego mesmo.

— Ok, querida, boa viagem.

Desligo o telefone e fico pensando nas palavras da Clarinha. O Canoa tinha uma “amiga” que estava o entretendo e fora isso ele se divertia com outras. Ele realmente não sentia nada por mim e não queria nada comigo enquanto fiquei meses sofrendo por ele.

Pego as minhas malas e coloco em um carrinho e vou para a porta de desembarque. Eu estava de volta ao Brasil, eu tinha mudado, não era mais uma garotinha boba apaixonada. Agora tinha um namorado e faria dezoito anos; estava me tornando uma mulher, e ia mostrar para o idiota, que ele tinha sido nada mais que um sonho de menina.

— Tia! — A Clarinha grita assim que passo pela porta e corre até onde estou. Me abaixo para abraçá-la e sinto que estou em casa.

— Oi, princesa. — O Tóti sorri e me puxa para um abraço.

— Oi. — O abraço forte e logo sou puxada para os braços da Ceci.

— Que saudades de você.

— Eu também estava, Ceci.

O Tóti empurra o carrinho com as minhas malas enquanto eu os acompanho de mãos dadas com a Clarinha. Eu queria apertar o gorducho do meu sobrinho,

mas a Ceci disse que ele tinha ficado com a minha mãe na fazenda.

— Tia, temos uma festa surpresa de boas-vindas para você, mas você não pode ficar sabendo — a Clarinha cochicha no meu ouvido no meio da viagem e dou risada.

— Ok, pode deixar que não vou ficar sabendo — respondo e ela sorri.

Quando finalmente passamos pela placa escrita “Fazenda Céu Azul” sinto um arrepio no corpo, eu estava de volta e não sabia como seria a minha vida agora.



Deis

CANOA

— Ela está chegando! Como você está se sentindo? — pergunta Diogo. Ele é a única pessoa com quem consegui desabafar sobre meus sentimentos em relação a Alana.

— Eu não sei, cara! Pela manhã, eu estava extasiado, mas agora estou tão nervoso que sinto que a qualquer momento vou vomitar.

— Você está esperando por isso há quase dois anos, *brou*. Você precisa relaxar

para poder explicar para ela o motivo de tê-la afastado e declarar seus sentimentos.

— Declarar meus sentimentos? Estou me sentindo a mocinha de uma novela mexicana — brinco, mas me declarar é tudo o que mais quero.

— Canoa, você está bem? Até agora não roubou nenhum quitute da minha bandeja — Luzi questiona, com ar preocupado.

— Estou bem, Luzi. Um pouco nervoso, mas bem.

— Nervoso? Aconteceu alguma coisa?

— É, Noah! Aconteceu alguma coisa? — Inácio questiona enquanto se aproxima de nós. Ele sabe, eu sei que ele sabe há muito tempo. Como também sei que deveria ser sincero e confessar meus sentimentos em relação a sua irmã, mas eu nunca sei o momento certo para isso.

Só então percebi que se o Inácio já havia chegado, então... então... Meu Deus! Acho que meu coração vai sair pela boca e que minhas pernas foram arrancadas do meu corpo, pois não as sinto. Viro-me rapidamente na ânsia de vê-la, mas só então percebo que ela ainda não entrou, as risadas estão ocorrendo fora da casa grande.

— E então, Canoa? Não vai me responder? — Inácio me cutuca, pois ele sabe como estou me sentindo.

Não respondo. Minha atenção está focada no familiar som melódico que estou ouvindo. Ah, aquela voz! Minhas pernas ganham vida e praticamente corro até a porta.

Sonhei tanto com esse momento, que parecia que eu estava enlouquecendo.

Quando passei pela porta e a vi, de vestido azul-claro, com seus cabelos longos em uma trança diferente das que normalmente usava, e com olhos brilhando de felicidade por reencontrar a sua família, percebi que nenhuma de minhas fantasias faziam jus à sua beleza e nem a emoção que senti, simplesmente por estar perto dela.

Mas quando seus olhos desviam de seu pai e vem correndo em minha direção

para finalmente se juntar aos meus, seu sorriso vacila e o semblante endurece.

Ela ainda está ferida! Só posso rezar para não ter fodido com tudo.

Sigo em sua direção e o clima se torna menos receptivo. Tenho a impressão de que todos se afastaram para nos observar, mas deve ser paranoia da minha cabeça.

Ela foca o seu rosto tão amadurecido em comparação a ultima vez que a vi e me cumprimenta.

— Olá, Canoa! Tudo bem? — Sua voz soa forçada, nada receptiva como antes.

— Oi, furacão de tranças! Pelo visto, certas coisas nunca mudam — me forço a dizer, uma vez que minha garganta parece entalada. Pego a parte de baixo de sua trança em minha mão e a acaricio levemente.

Ela dá um passo para trás e sua trança cai da minha mão, voltando a pousar em suas costas.

— Bem, é verdade. Certas coisas nunca mudam, mas outras sim. — Ela me encara e tenho a impressão de ver fogo em seus olhos.

— Pois é! Se for para algo mudar que seja para melhor — eu a provoco, mas ela decide ignorar meu comentário e conversar com sua mãe.

E é quando ela fica de frente para a dona Fátima e seu lado esquerdo fica de frente para mim que vejo um brilho diferente em sua mão.

— Sim, mãe, eu prometo te levar da próxima vez que eu for! Esse tipo de loja é a sua cara — ouço-a dizer, conforme vou me aproximando.

Dona Fátima e Alana interrompem a conversa ao perceberem que estou aguardando para falar.

— Desculpe a intromissão, mas é que vi esse novo anel e queria saber que tipo de pedra tem incrustado nele. É que não ando enxergando muito bem — invento uma desculpa para confirmar que não há pedra nenhuma, que aquele aro grotesco e sem sentido em seu dedo delicado é uma aliança.

Alana enrubesce e morde a bochecha.

— Anel? Eu não reparei que comprou um anel novo. Deixe-me ver, querida.
— Dona Fátima pega sua mão e Alana me olha com um olhar mortal. Ops!

— Filha, isso não é um anel! É uma aliança. Como... como não estou sabendo disso?

Droga! Eu estava certo! Sinto meu rosto pegar fogo e sinto vontade de correr para casa e quebrar os poucos pratos que tenho no armário.

— Eu não contei nada, pois é tudo muito recente, mas... sim, eu ESTOU NAMORANDO — ela diz, revirando os olhos. — Mas e daí? Todas as garotas da minha idade namoram há um século.

Namorando. Ela está namorando. Namorando. Namorando. Namorando. Ela está namorando.

— Assimile isso, seu babaca! — digo isso a mim mesmo, me odiando mais do que nunca.

— O que você disse? — Inácio pergunta. — Quem é esse babaca que vai perder os dentes?

— Calma, amor. A Alana não é mais uma menininha — diz Cecília.

Não, ela não é mesmo! Só então me permito observar as mudanças em seu corpo. Seu busto estava bem maior, mas sem exageros. Sua cintura permanece fina, mas seus quadris, oh meu Deus! São como peras refrescantes em dia de verão.

Me belisco, tentando impedir esse tipo de pensamento. Nunca a desejei carnalmente, mas hoje, vendo o quanto ela mudou, não fui capaz de resistir.

— Ele não é um babaca, Tóti! Na verdade, o Henrique é um cara muito legal. Ele é maduro, responsável, estudioso e me respeita muito.

Blá-blá-blá!

— Quantos anos ele tem? — Me pego perguntando.

Ela novamente me olha daquele jeito que quer dizer: “Como eu te odeio, seu filho da puta!”.

— Não sei por que isso seria da sua conta! — ela esbraveja entredentes.

— Então deixa que eu pergunto. Quantos anos ele tem? — Inácio repete a minha pergunta e tenho vontade de bater palmas com as mãos e com os pés.

— Por que essa coisa da idade é tão importante para vocês? — ela questiona.

— Alana, não me provoque! — Inácio começa a se enfurecer.

— Filha, pare de enrolar e responda logo — seu Magno exige e ela finalmente responde, para o meu desespero.

— Vinte e quatro, ok? Mas ele sempre me respeitou, e não é uma diferença de idade tão grande.

Enquanto derrubo a cerveja que nem lembrava que estava segurando, ouço Inácio proferir palavrões a torto e a direito. Mas Alana não olhava para ele, e sim para mim. Respirando fundo, finalmente pergunto:

— Então quando vamos conhecer o futuro defunto?

Todos me olham e percebo que se eu não sair de lá, terei um ataque de pânico. Não espero ela responder, simplesmente me viro e vou correndo me esconder no banheiro em busca de ar.



Três

ALANA

Nada do que eu imaginava acontecer, aconteceu.

Ele tinha que abrir a boca grande dele e perguntar sobre o Henrique?

Agora eu tinha o Tóti no meu pé querendo saber tudo sobre o meu namorado e reclamando que não tinham me mandado para a Irlanda para voltar namorando e sim formada.

— Amor deixa a sua irmã, ela se formou.

— E arranjou um namorado! — meu irmão grita nervoso e reviro os olhos.

— Por que você não espera para conhecer primeiro antes de dar chilique? — pergunto e ele fecha a cara.

— Ele é mauricinho? — pergunta cruzando os braços e todo mundo olha para mim.

— Ele estudou comércio exterior na Irlanda. Os pais dele moram em São Paulo.

— É mauricinho, não falei.

— Ok, filho, deixa a sua irmã. — Meu pai me abraça. — A viagem é longa e ela deve estar cansada; e outra, temos uma festa esperando por ela.

— Vovô, o senhor contou da festa surpresa! — a Clarinha reclama de braços cruzados e dou risada, já que ela mesma tinha entregado a festa.

— Desculpa, princesa. O vovô esqueceu que não podia falar. — Ele a pega no colo, entrando em casa, e corro atrás deles.

Entro na cozinha e vejo o Diogo e a Mari e abraço os dois. Ela estava correndo com os preparativos do casamento e sempre conversávamos por e-mail e Skype. A Mari tinha decidido que queria as duas madrinhas com vestidos azuis e iguais e bota. O que eu tinha superapoiado.

— Cadê o menino mais lindo do mundo? — pergunto e o Inacinho se agita na cadeira dele, o retiro e beijo o seu rostinho gordinho. Tinha perdido o tempo com ele, não tinha o visto crescer direito, dar os seus primeiros passos e falar suas primeiras palavras.

— Fala tia — a Clarinha pede para ele.

— *Ia* — ele imita e ela bate palmas.

— Eu estou ensinando meu irmãozinho a falar, tia Alana.

— Eu vi. — Dou um beijo nele e entrego para a Ceci. — Luzi!

Agarro a Luzia em um abraço apertado, tinha sentido falta dela todos os dias, essa mulher era a minha segunda mãe.

— Meu Deus, Alana, você está magra demais. — Ela segura os meus braços e reviro os olhos. — Não tinha comida lá?

— Tinha, Luzi, mas nada tão delicioso quanto o que você faz.

— Senta. Vou colocar um prato de comida para você.

Sento à mesa e minha família senta junto comigo, todos tentam falar ao mesmo tempo contando as novidades da fazenda e conto como foi morar esse tempo fora. Tento não pensar na única pessoa que está faltando ali.

A ferida que ele deixou no meu peito ainda estava aberta, ele tinha feito um buraco que não se curou e, provavelmente, não curaria nunca.

— Tia, você trouxe presente? — Clarinha pergunta me tirando dos devaneios.

— Eu trouxe um presente lindo para você.

Levanto da mesa e pego a minha mala que estava ao lado da porta e entrego o presente de todos aproveitando que já estavam todos reunidos. O primeiro que entrego é da Clarinha, já que está ansiosa.

— Uma boneca! — ela grita animada e me abraça. Tinha comprado uma boneca de pano com um lindo vestido antigo parecendo uma princesa.

Entrego todos os presentes e percebo que fica um na mala. Inconscientemente, eu tinha comprado um presente para o Canoa.

— De quem é esse na mala, tia?

— É do Canoa — respondo e fecho a mala.

— Não vai entregar para ele?

— Depois. — Dou um sorriso e a pego no colo. — Você vai dormir com a tia hoje? Estou com saudade das nossas festas de pijama.

— Posso, mamãe?

— Pode, querida. Mas temos que ir em casa buscar o seu pijama. E a tia Alana precisa arrumar as coisas dela primeiro.

— Tá bom. — Ela aperta o meu pescoço e desce do colo.

Pego a minha mala para ir até o meu quarto, mas ela é retirada das minhas mãos pelo Tóti, que sobe comigo.

— Então...

— Não começa, Tóti — interrompo.

— Não vou falar nada. Só quero saber se ele é um bom rapaz e te respeita.

— É sim, ele é muito carinhoso e nunca passou dos limites. Você vai conhecê-lo no meu aniversário — digo entrando no meu quarto e olho para tudo arrumado do mesmo jeito que deixei.

Um quarto de criança, e agora eu era completamente diferente. Sentia-me diferente. A Alana de antes tinha ficado muito tempo para trás.

— Prometo me comportar e não tacá-lo no chiqueiro logo de cara. Mas se ele não te respeitar ou magoar, o chiqueiro será pouco para ele — fala me apontando um dedo e o abraço.

— Obrigada por ser o melhor irmão do mundo.

— Não precisa agradecer, Alana. Eu te amo.

— Também te amo, Tóti.

O Antônio sai do quarto e vou tomar um banho, somente quando coloco uma calça de moletom e uma regata que percebo o quanto estava cansada da viagem. Olho para a minha mala e o presente do Canoa parece me encarar, a minha vontade era de arremessar esse presente no lixo ou na cabeça dele, mas acabo pegando nas mãos e quando dou por mim estou a caminho do prédio que ficam os escritórios responsáveis por administrar a fazenda.

Antigamente os escritórios ficavam na cidade, mas meu pai achou que seria melhor que ficassem na fazenda, assim ele concentrava tudo no mesmo lugar, e foi por isso que o Canoa estava presente praticamente todos os dias da minha vida.

Entro no prédio de dois andares e passo pelas meninas que me reconhecem, converso um pouco com elas e vou para a sala do Canoa, que ficava no segundo andar, no final do corredor. Quando me aproximo vejo uma mulher morena, usando uma saia rodada vermelha e uma blusa de alcinha preta, os cabelos bem arrumados e uma maquiagem impecável.

— Boa tarde, posso te ajudar? — pergunta me olhando da cabeça aos pés.

Só agora percebo que estou usando um chinelo, moletom folgado e uma regata branca, meus cabelos estavam soltos e ainda úmidos depois de lavar e não tinha um pingo de maquiagem, me sentia uma criança perto dessa mulher tão bem arrumada.

— O Canoa está?

— Está sim. Qual o seu nome?

— Você é nova? — pergunto cruzando os braços.

— Comecei tem três semanas. Seu nome? — ela insiste e se levanta quando dou um passo para entrar na sala do Canoa.

— Alana, sou filha do Magno, dono da fazenda — respondo nervosa.

— Desculpa, senhorita Alana. Eu não sabia. Sou a Luísa, secretária do Noah.

Noah?

Noah?!

Ela chama o Noah pelo nome?

Ninguém chama o Canoa pelo nome a não ser eu, às vezes.

— Licença — falo e passo por ela entrando na sala.

— Eu entendo, mas não posso ficar com esse leite parado aqui. Tenta arrumar outro caminhão — escuto o Canoa falar ao telefone de costas para mim. Minha vontade era de deixar o presente e sair correndo, mas fico parada no mesmo lugar até que ele se vira e olha para mim.

Vejo os seus olhos correrem pelo meu corpo e ele desliga a ligação.

— Alana?

— Eu comprei um presente para você — falo, deixando-o sobre a mesa e me viro para ir embora.

— Espera! — Ele entra na frente e se estica para pegar o pacote atrás de mim.

Posso sentir o perfume dele, cheiro de suor, feno, café e menta.

Respiro fundo e ele olha para mim antes de abrir o presente.

Com cuidado, ele abre o embrulho que a vendedora fez e retira a camisa xadrez, verde e vermelha, que eu comprei em uma visita a Escócia.

— É linda! — Ele retira a camisa que está usando ficando apenas de regata e veste a nova que serve perfeitamente. — Obrigado.

— De nada, agora preciso ir. A Clarinha vai para a casa grande ficar comigo.

Ele segura o meu rosto e olha para mim fixamente, sinto o meu corpo tremer e ele sorri.

— Três dias — diz.

— O quê?

— Daqui três dias quero levar você a um lugar.

— Não posso — respondo.

— Por que não?

— Vai ser meu aniversário de dezoito e o Henrique vai estar aqui.

Ele me solta e se afasta.

— Esse namoro é para valer?

— É sim. Ele é um rapaz incrível e eu gosto muito dele.

— Você o ama? — pergunta de costas para mim.

— Isso não te interessa — respondo e vou para a porta.

— Alana, precisamos conversar.

— Conversar? Para quê? Vai bancar o irmão mais velho? Já tenho o Antônio e ele faz esse papel muito bem. Não preciso de outro.

— Merda, Alana, por favor.

— Quer falar? Então fala. — Cruzo os braços e ele solta um suspiro.

— Hoje não, em três dias conversamos.

— Não vou falar com você em três dias. Ou fala agora ou...

— Não posso! — ele grita. — Agora não posso. Por favor, menina, vamos conversar em três dias.

— Não sou uma menina! — grito, abrindo a porta da sala dele e saio correndo.

Esses dois anos não tinham mudado nada, ele continuava a me olhar como uma criança.



Quatro

CANOA

Ela me trouxe um presente. Isso significa que ela pensou em mim de forma carinhosa, enquanto estava lá. Não posso controlar a euforia que sinto com esse gesto. A esperança me preenche dos pés à cabeça. Se ela pensa que esse namoradinho babaca vai ficar no nosso caminhão, ela está muito enganada. Vou mostrar para ela quem é o homem que ela precisa ter ao seu lado. Afinal de contas, esse namoradinho deve ser um filhinho de papai que deve passar o dia jogando videogame e assistindo aqueles filmes horríveis de ficção científica.

Qual é, a Alana é uma garota viva, esperta, energética, simples. Ela precisa de alguém que entenda o seu espírito livre, assim como eu.

A porta bate e logo Luísa aparece.

— Pela forma como aquela garota entrou aqui, confirmei que é a Alana — ela diz, enquanto senta na cadeira à minha frente. — Agora entendo porque você a chama de furacão de tranças, se bem que ela não estava de tranças desta vez, pelo que me lembro.

Não contenho o riso, só de imaginar a forma que a Alana deve ter entrado no escritório, para Luísa deduzir quem ela era.

Luísa é a minha amiga mais antiga. Além de ter sido minha vizinha na infância, estudamos juntos os três primeiros anos da faculdade de administração. Pelo fato de ser filha única e ter perdido a mãe quando ainda era pequena, Luísa abandonou os estudos para cuidar do pai assim que ele foi diagnosticado com Alzheimer.

Eu a contratei recentemente como minha secretária tanto para ajudá-la financeiramente, uma vez que seu patrão a forçava fazer hora extra diariamente e não a deixava ausentar-se para acompanhar o pai em suas consultas, quanto para me auxiliar nos novos contratos que estamos fechando, uma vez que a fazenda está se expandindo cada vez mais.

— Sim, é ela mesma. Meu furacão de tranças. Ela veio me trazer um presente — digo, me gabando. Aponto para a minha camisa nova, que ainda estou vestindo.

Luísa admira minha camisa e ergue o polegar em aprovação.

— Uau, a menina tem bom gosto!

— Ela não é mais uma menina.

— Noah, ela tem dezessete anos. Ela é, definitivamente, uma menina.

Como não estou no clima de discutir, ignoro o comentário.

— Você contou a verdade para ela?

— Ainda não posso. Só depois do seu aniversário.

— Sim, pelo menos uma atitude prudente.

— Luísa! — repreendo-a.

— Não é porque você agora é meu chefe que vou mentir para você. Já te disse o que penso sobre essa sua paixonite infantil.

— Lu, você é minha melhor amiga e eu te amo, mas se você estragar o meu humor, vou te mandar revisar todas as pastas que estão em cima da mesa da janela.

Ela olha para a pilha de pastas em frente à janela e revira os olhos.

— Não está mais aqui quem falou, CHEFE! — ela enfatiza a última palavra como forma de retaliação, se levanta e sai da sala.

No final do expediente, troco de roupa e vou cumprir minha rotina diária. Vou até a fazenda e recarrego minhas energias cuidando dos bichinhos. Sempre dou uma mão ao Antônio com as galinhas e com os cavalos, pois isso me acalma e me distrai da minha obsessão chamada “Alana”.

Enquanto o furacão esteve fora da cidade, eu sempre passava na baia da Princesa e escovava seus pelos, assim como a Alana fazia. Hoje, porém, quando vou em direção a sua baia, ouço risadas femininas. Sem pensar, me escondo na baia ao lado, que abriga um bezerrinho, que se aproxima assim que me vê.

Coloco um dedo em meus lábios e entoo um “psiu” para o pequeno animalzinho, enquanto o acaricio com a outra mão e me esforço para ouvir a conversa na baia ao lado.

— Ela continua linda como sempre — minha menina diz.

— Ela é linda mesmo, tia. Tinha que ser, para combinar com você — Clarinha diz, elogiando a tia.

— Eu não sou linda, Clarinha. Você só pensa assim porque é minha sobrinha.

— Tia, você é linda sim. Todo mundo te acha linda, não sou só eu. Aposto que

seu namorado te acha linda.

Após alguns segundos de hesitação, Alana responde:

— Sim, ele vive dizendo que me acha linda.

Sinto o meu sangue ferver quando a ouço.

— Mas eu não me sinto linda, sabe? Ainda me sinto uma menina magrela e sem graça.

— Tia, posso te fazer uma pergunta?

— Claro, minha princesa.

— Você promete que não vai ficar brava?

— Prometo, Clarinha.

— Você não gosta mais do tio Canoa?

— Claro que gosto, meu amor. Ele sempre me tratou muito bem. Tenho muito carinho por ele.

Carinho? Carinho? Sério, isso?

— Não, tia. Não perguntei desse tipo de gostar.

— Clarinha, eu estou namorando agora. Não posso gostar de duas pessoas ao mesmo tempo, né?

Meu coração para e sinto uma dor sufocante. Será que ela me esqueceu? Não é possível! Ela até me trouxe um presente... a não ser que... não, será? Será que ela não está mais magoada comigo porque me esqueceu? Por isso me trouxe o presente?

— Tia, posso te fazer outra pergunta, então?



Cinco

ALANA

Dou risada e sento num fardo de feno e puxo a Clarinha para o meu colo.

— Eu já disse que pode perguntar o que quiser.

— Como que é beijar? — ela pergunta e arregalo os olhos.

— Como assim, princesa?

— Eu queria saber como funciona — fala e fica me olhando atentamente.

— Bom, você cola a boca na boca do menino.

— Boca fechada? Porque eu já vi o papai e a mamãe beijar de boca aberta.

— Então, é que algumas pessoas gostam... — paro de falar e olho para ela. — Por que a senhorita quer saber?

— É que tem um menino na minha sala, eu gosto dele e ele me pediu em namoro.

— Namoro? — Dou risada.

— É, estou namorando também, tia. Mas não beijei ele ainda, mas eu quero, por isso queria saber como funciona.

Fico pensando na pergunta dela e uma forma de explicar como funciona tudo.

— Bom, você pode treinar com um copo...

— Alana! — Escuto um grito e vejo o Tóti parado na porta da baia com as mãos fechadas em punho e respirando fundo. — O que pensa que está fazendo?

— Conversando com a minha sobrinha.

— Sobre beijos?

— Ela me perguntou. — Dou de ombros.

— Clarinha, vá para casa, a sua mãe está te procurando.

— Mas papai...

— Agora, Clarinha.

— Tá bom! — Ela desce do meu colo e me abraça. — Depois a gente termina — ela sussurra e dou risada.

Vejo a minha sobrinha abraçar o pai pela cintura e sair correndo.

— Nunca mais ensine algo do tipo para a minha filha, ela tem oito anos.

— Tóti, se eu não explicar a Ceci vai. — Levanto e pego a escova para continuar escovando a Princesa.

— Vou proibi-la também. — Ele cruza os braços e dou risada.

— Você vai proibir a Ceci de fazer alguma coisa? Me chama que eu quero ver isso. — Viro de costas para ele e continuo o que estava fazendo.

— A mãe pediu para te chamar.

— O que foi?

— Ela está lá em casa conversando com a Ceci sobre o seu aniversário. Quer saber sua opinião.

— Ok. — Deixo a escova, dou um beijo na Princesa e paro na frente dele. — Posso convidar seu genro?

— Não me provoca, Alana! — fala nervoso e saio correndo rindo.

Corro para fora do estábulo e bato de frente contra uma parede. Estou quase indo ao chão quando essa mesma parede me segura com braços fortes.

— Calma, menina, quer beijar o chão?

— Não sou menina, Canoa, e me solta.

Ele me ajuda a me firmar nas pernas e se afasta, ajeito a minha roupa e tento passar por ele, que me segura e se cola nas minhas costas.

— Três dias, minha menina — sussurra no meu ouvido e sinto um arrepio percorrer meu corpo.

— Por que fica falando tanto desses três dias?

— Porque em três dias você vai esquecer desse playboyzinho, esquecer que um dia ele entrou na sua vida e vai esquecer até mesmo qual o seu nome.

Ele se afasta e sinto a ausência dele colado ao meu corpo traidor. Ele não

devia significar mais nada para mim, mas essa aproximação me balançou.

— Idiota! — grito para o nada e vou para a casa da Ceci.

— Pensei em bolo de morango com chocolate. O seu favorito, o que acha? — Ceci pergunta e concordo.

Fazia uma hora que eu estava sentada com elas na cozinha da Ceci decidindo as coisas do meu aniversário. Minha vontade era de estar cavalgando por aí, mas eu sabia que elas precisavam de mim ali, e só por isso estava me esforçando.

— Tô pronta, mamãe. — Clarinha vem para a sala com uma mochila e se senta no chão ao lado do Inacinho para brincar.

— Você vai se comportar, mocinha.

— Pode deixar, mamãe. Eu tenho assuntos com a tia Alana para terminar de falar.

Ceci olha para mim com a sobrancelha erguida e dou risada.

— Ela quer saber como é beijar. Segundo ela, tem um namoradinho.

— Ai, meu Deus! Seu pai vai surtar quando souber.

— Ele já ficou sabendo, mamãe. Ele brigou com a tia Alana.

— Você não tem nada que ficar ensinando essas coisas para a menina.

— Eu sei, mamãe, mas a minha sobrinha perguntou e eu só respondi. Já terminamos? Estou cansada, vou levar a Clarinha comigo.

Levanto, dou um beijo no Inacinho que faz um biquinho para me beijar também e pego a mochila da Clarinha.

Termino de arrumar a minha cama para a Clarinha deitar comigo quando o meu celular toca com uma chamada de vídeo, abro a tela e vejo o Henrique

sorrindo.

— *Oi, querida.*

— Oi, Rick.

— Quem é esse, tia? — A Clarinha pergunta sentando ao meu lado. — Ele é bonito.

— Esse é o Rick, meu namorado. Rick, essa é a Clarinha, minha sobrinha linda.

— Oi, Clarinha.

— Oi, tio. Ele é meu tio, né? Já que ele está namorando você, tia.

— *Sou sim* — Rick concorda. — *Alana, chego amanhã aí na fazenda. Tem algum problema?*

— Claro que não, vamos arrumar um quarto para você.

— *Obrigado. Bom, eu vou indo, minha mãe preparou uma recepção para mim, fugi só para falar “oi” para você.*

— Manda um beijo para sua mãe e o seu pai.

— *Ela disse que está doida para te ver.*

Os pais dele já tinham ido para a Irlanda antes e eu conheci eles, acabei me tornando amiga da mãe dele.

— Eu também.

— *Boa noite, querida.*

— Boa noite.

— Tchau, tio! — a Clarinha grita e deita na cama rindo. — Ele é bonito, tia, mas eu acho o tio Canoa mais bonito.

— Você acha? — pergunto e ela concorda balançando a cabeça.

— O tio Canoa tem aquele olhão verde. E brinca comigo.

— Bom, o Rick é bem legal também, e tenho certeza de que ele vai brincar com você também. — Dou um beijo nela e me deito. — Boa noite, meu amor.

Fecho os olhos para dormir, mas o Canoa invade os meus sonhos e não para de repetir “três dias”.



Seis

CANOA

Estou sentado em minha sala analisando alguns pedidos, quando Luísa entra.

— Bom dia! — ela diz, me entregando uma xícara de café quente. É como se ela tivesse lido a minha mente.

Abro um sorriso e digo:

— Uau! Você leu a minha mente. Mas pode desembuchar: do que você

precisa?

Ela ri.

— Sou tão óbvia assim? — Eu apenas olho e ela compreende me olhar. — Ok, não precisa responder. Sexta-feira eu posso sair uma hora mais cedo?

— Depende. Qual o motivo?

— Assuntos pessoais — ela se limita a dizer e novamente me pego sorrindo.

— Lu, nos conhecemos há anos e somos amigos. Sei quase tudo da sua vida e você me vem com essa história de “assuntos pessoais”. Francamente, você é uma piada.

Ela morde o lábio e joga os cabelos para o lado.

— Ok! Vou te contar, mas não quero julgamentos. Vou sair com o Fabinho Zuchi.

Eu demoro alguns minutos para assimilar o nome à pessoa, mas quando o faço, dou tanta risada que sinto dor no abdômen.

Ela me lança um olhar furioso e cora.

— Você prometeu que não julgaria.

— Não, eu não prometi. Mas, Lu, você queria o quê? O cara era o maior mala na faculdade. E aquelas espinhas cheias de pus? Garota, vou te dar o crédito, você tem estômago.

— Não que eu te deva satisfação, mas ele não tem mais espinha nenhuma. Ele está bem menos chato. Nem parece a mesma pessoa. Além do mais, você conhece a minha filosofia de vida.

— O “se entrega, mas não se apegar” é um conceito um tanto jovem para nós, não acha? — Novamente ela me fuzila com o olhar.

— Está me chamando de velha e de imatura? — Seu rosto está pegando fogo, e percebo que me expressei mal.

— Claro que não. Me expressei errado. Eu só quis dizer que...

— Ah, não! Me poupe do seu “achismo”. Afinal de contas, quem de nós dois está apaixonado por uma adolescente mesmo?

— *Touché!*

— Bom, esquece o que te pedi — ela diz e começa a sair da sala, mas eu a impeço.

— Luísa, me desculpe. Eu não te acho nem velha, nem infantil. Você sabe o quanto te admiro. Só acho que merece alguém melhor do que o chato do Fábio. Mas não vou te julgar. E sim, pode sair uma hora mais cedo.

— Bem, você já julgou. Mas tudo bem. Obrigada.

Ela sai e me sinto mal pelo que eu disse. Já faz tanto tempo que não saio com alguém que estou perdendo o meu jeito com as mulheres.

Uma batida na porta me chama a atenção, e a Luísa entra novamente.

— Noah, seu amigo Diogo está aqui. Posso pedir para ele entrar?

— Claro, Lu. Mas sem tanta formalidade da próxima vez, está bem?

Ela assente e sai. Segundos depois, Diogo entra e senta na cadeira à minha frente.

— Fala, *brou!* — o cumprimento.

— Canoa, você ainda não foi experimentar o seu terno. Eu me caso em menos de um mês e você ainda nem sabe que roupa vai usar. Você é um péssimo padrinho, sabia?

— Droga! Sabia que estava me esquecendo de algo. Vou até a loja de aluguel de trajes no final da tarde.

— Acho bom ir mesmo. A Mari disse que se eu não resolver isso hoje, ela viria até aqui amanhã para chutar a sua bunda.

— Ah! Não duvido nem um pouco de que ela faça isso mesmo — digo, mas

ele não ri.

— Cara, eu queria te contar uma coisa, mas não quero que se chateie.

Oh-oh! Odeio quando alguém diz isso para mim, pois logo em seguida sei que vem uma bomba.

— Conta de uma vez, Diogo! Sem enrolações — peço.

— O namorado da Alana acabou de chegar. Ela foi com a Cecília buscá-lo na rodoviária.

Aperto tanto a caneta que estou segurando que ela quebra na minha mão.

— Droga! — É tudo que consigo dizer. Estou muito puto para pensar em qualquer outra palavra. — Droga, droga, droga! — Me levanto e chuto a cadeira vazia. — Droga!

— Ei, calma! Assim vai destruir o escritório.

Olho bem para o meu amigo e respiro fundo.

— Isso — ele diz. — Respire bem e se acalme. Como você está se sentindo?

Ele me olha como se estivesse tentando acalmar o Hulk.

— Droga, cara! Droga, droga! Esse babaca vai estragar os meus planos.

— Você ainda estava com a ideia de mostrar a ela a sua contagem regressiva? Amigo, não acho que seja a hora certa para isso.

— Jura? Acha que não percebi isso? — grito, mas logo me arrependo. Esfrego as duas mãos em meu rosto e digo: — Desculpa, Diogo! Você não tem culpa por eu ter sido um babaca com ela. Se eu tivesse jogado limpo desde o começo, nada disso estaria acontecendo.

Ele se levanta e coloca uma mão em meu ombro.

— Você não fez nada de errado, cara, eu teria feito o mesmo. Para falar a verdade, acho que você tinha que aproveitar tudo o que está acontecendo e tentar tirá-la da sua cabeça.

— Se fosse fácil assim seria ótimo. O problema é que ela não está aqui... — Aponto para minha cabeça — mas sim aqui. — Aponto para o meu coração.

— É, cara, você está fodido! — ele diz e eu assinto.

— É, eu estou mesmo!

Trabalhei o resto do dia com a cabeça nas nuvens. Mal consegui tocar na comida e, para piorar, o clima no escritório estava estranho desde que discuti com a Luísa. Então corri para encerrar minhas pendências e logo peguei minhas coisas e fui embora.

A loja de aluguel de roupas para festas é situada no centro da cidade, e conheço o dono desde que eu era um menino. Assim que entrei, seu Orlando abre um sorriso e vem me abraçar.

— Mas olha só quem está aqui! Noah, você está um homem formado. Não te vejo há muito tempo. Soube que voltou para Barra Bonita, mas não tivemos a oportunidade de nos reencontrarmos. A que devo a honra da sua visita?

Eu dou um abraço em seu Orlando e conto a ele como foi meu tempo na faculdade e meu primeiro emprego, ambos na cidade de São Paulo. Digo que não consegui ficar longe das fazendas e que estava murchando por lá, e que voltei, pois meu lugar é aqui, longe do trânsito e em contato com a natureza.

Quando conto a ele que serei padrinho, ele abre um sorriso imenso e seu rosto se ilumina.

— Fique aqui, garoto. Vou verificar qual foi o terno escolhido pelos noivos para os padrinhos e pegar uma fita métrica para tirar suas medidas, já volto.

Ele sai e fico pensando na minha mãe. No último final de semana, eu fui visitá-la e ela não parecia muito bem. Perguntei o que ela tinha e ela disse que estava ótima, que eu estava ficando neurótico. Talvez esteja mesmo, mas não consigo tirar da cabeça sua expressão triste.

A porta da entrada se abre e duas pessoas entram. Viro-me para observar e sinto meu almoço querendo sair pela boca.

Ela está aqui, linda com um vestido verde-escuro e seus cabelos soltos. Mas

ela não está sozinha. Um cara está ao seu lado, segurando sua mão. Seu corpo é atlético e seus músculos, apesar de serem modestos, são visíveis. Não, ele não parece nem um pouco com o garoto nerd que imaginei que seria, e isso tira toda minha razão.

Fecho os olhos e respiro fundo para não avançar nele, nocauteá-lo, pegá-la no colo e correr com ela para longe.

Respiro fundo e conto. Um, dois, três...



Sete

ALANA

O Henrique chegou à cidade e eu estava nervosa, não sabia como a minha família iria reagir com a chegada dele. Já sabia que o Tóti iria virar a cara, e eu esperava realmente que o Canoa não desse outro chilique como o anterior.

A Ceci acabou aceitando me ajudar a buscá-lo na rodoviária, eu estava ansiosa para vê-lo novamente. Espero dentro do carro com a Ceci, já que do estacionamento era possível ver todos os ônibus que chegavam. Assim que o de São Paulo vira a esquina, meu coração começa a bater mais rápido.

— Ele chegou.

— Eu sei — respondo e a Ceci sorri.

— Vai dar tudo certo. E outra, já falei com o seu irmão. Ele vai se comportar.

— Só acredito vendo. — Reviro os olhos e ela ri. — Meu irmão é esquentadinho demais.

— Não é só ele que anda nervoso não. O Canoa jantou em casa ontem. Ele está bastante abalado com essa chegada.

— Ele não sente nada por mim, Ceci. Sou apenas a irmãzinha dele.

— Bom, irmãzinha ou não, o Canoa está nervoso com a chegada do seu namorado.

Olho para o Henrique, que desce do ônibus e vai pegar a mala. Ele era o meu namorado, o cara que aceitou ficar comigo independente de qualquer coisa: minha idade, minha família, a distância. O Canoa teve a oportunidade dele dois anos atrás, agora era tarde demais.

Desço do carro e corro até o Henrique, que abre um sorriso ao me ver. Jogo-me nos braços dele, que me aperta forte.

— Que saudades, meu amor!

— Eu também.

Ele abaixa a cabeça para me beijar, e passo os braços pelo pescoço dele me perdendo no beijo.

— Vai ser difícil ir embora daqui quatro dias.

— Quatro?

— Eu tenho que começar no escritório do meu pai, meu amor. Falando nisso, eles mandaram um beijo para você e um presente, está na minha mala.

Puxo o Henrique para o carro e a Ceci desce para cumprimentá-lo. Depois de pegá-lo na rodoviária, a Ceci nos deixa na cidade, já que iria trabalhar um pouco

e depois pegar a Clarinha na escola, então aproveito para olhar o meu vestido de madrinha. A única coisa que eu sabia era que a Mari queria vestido na cor azul-marinho e longo.

A Ceci nos deixa na única loja de aluguel de roupas da cidade e vai para o escritório dela.

— Não tenho ideia de que vestido usar — reclamo para o Rick, que dá risada.

— Qualquer coisa vai ficar linda em você.

Entramos na loja de mãos dadas e meu coração praticamente para ao avistar o Canoa do outro lado da loja. Ele se vira para nós dois e fixa o olhar no Rick, que olha para ele sem entender.

— Rick, esse é o Canoa. Ele trabalha na fazenda. Canoa, esse é o Henrique, meu namorado — faço as apresentações e o Rick o cumprimenta.

— Deve ser muito bom trabalhar com animais e ao ar livre. Só de imaginar as várias horas que vou passar dentro de um escritório de terno trabalhando para o meu pai, já me dá arrepios — o Rick comenta e o Canoa olha feio para ele.

— O Canoa não... — tento explicar que o Canoa não é peão, mas uma moça me interrompe.

— Boa tarde, veio ver um vestido?

— Isso. A noiva escolheu a cor azul-marinho e tem que ser longo. O modelo pode ser qualquer um.

— Ok, vem comigo.

Entro com ela na parte feminina da loja e deixo o Henrique sentado em uma das poltronas. Vou para um provador enquanto ela vai buscar alguns vestidos. Cinco minutos depois ela retorna com vários modelos nos braços, mas um em particular chama a minha atenção.

Ele era de um ombro, com recortes na cintura do lado esquerdo e bordado, com uma fenda na perna esquerda até a altura da metade da coxa.

Coloco o vestido e a vendedora solta um suspiro.

— Você é a primeira a experimentar esse vestido e ficar tão linda. Nunca ele vestiu tão bem uma pessoa.

— Tem um espelho melhor para que eu possa ver?

— Claro, vem comigo.

Volto para a frente da loja e assim que saio escuto um grito:

— Puta merda, Alana, você não vai usar isso!

Olho para o dono da voz e vejo o Canoa vermelho de raiva me encarando.

— E por que não? — pergunto, me virando para o espelho.

— Verdade, por que não? Até onde sei eu sou o namorado dela, quem tem que se importar com alguma coisa sou eu.

— Fica quieto, fedelho! — Canoa grita e vem para o meu lado. — Você não vai usar isso. É indecente, Alana.

— Estou vestida, Canoa, só mostra um pouco da cintura e da perna.

— Um pouco? Aposto que se andar vai mostrar bem mais que a perna, tem pele demais aparecendo.

— Você está linda, meu amor. Acho que esse é o vestido perfeito. — o Rick vem para o meu lado, me dá um selinho e depois se vira para o Canoa. — Ela vai usar o vestido e não vai ser um funcionário que vai mandar nela.

— Escuta aqui, seu filho da puta! Não sou apenas um funcionário, eu sou apai...

— Chega vocês dois! — grito interrompendo o que o Canoa ia dizer. — Vou usar esse vestido e pronto. Ele é lindo!

— Quero ver o que o Antônio vai falar. — O Canoa cruza os braços e olho para ele.

— Você não vai contar.

Rapidamente, ele tira o celular do bolso e tira uma foto minha e digita alguma coisa.

— Pronto.

Meu celular começa a tocar na bolsa e fuzilo o Canoa com o olhar, pego o celular e atendo com raiva.

— Quê?

— *Se você pegar esse vestido, a Mari vai ter uma madrinha a menos.*

— Me erra, Tóti, eu vou usar e pronto.

— *Não vai, Alana, você é uma criança...*

— Tóti, vou fazer dezoito anos amanhã. — Reviro os olhos. — Não sou mais criança, e se depender de mim vou me tornar mulher completa muito em breve. — Olho para o Rick, que sorri.

— Só por cima do meu cadáver! — o Canoa volta a gritar.

— *Passa o telefone para o Canoa* — o Tóti pede.

— Não.

— *Agora, Alana!* — ele grita nervoso.

Entrego o celular para o Canoa, que fica escutando por um tempo.

— Não. Garanto-me fácil. Ok, pode deixar. — Ele sorri diabolicamente e me entrega o celular. — Se usar esse vestido, as consequências serão por sua conta.

Viro as costas para ele e vou para o provador tirar o vestido.

— Vai olhar outro? — A vendedora pergunta.

— Não. Vou levar esse mesmo.

Como não tinha o que ajustar, visto a minha roupa e acompanho para o lado de fora para preencher a reserva. Ao chegar perto do balcão vejo uma movimentação e logo o Canoa sai vestido com o seu terno preto e camisa branca.

Olho para ele sem acreditar, era a primeira vez que o via tão bem-vestido.

Canoa de jeans e camisa: ok.

Canoa sem camisa: maravilhoso.

Canoa de terno: minha Nossa Senhora, me acuda!

— Alana? — Rick me chama e olho para ele. — Tudo bem?

— Está sim. — Entrego o meu cartão para a vendedora e pago o aluguel do vestido.

Depois de tudo acertado dou uma última olhada para o Canoa, que nessa hora olha para mim através do espelho e pisca. Solto um bufo com raiva e saio da loja.

— E agora aonde vamos?

— Pela hora, melhor encontrar a Ceci, ela vai pegar a Clarinha na escola aqui perto.

Andamos lentamente até a escola que ficava a quatro quarteirões da loja.

— Amor, por que aquele cara se importou tanto com o vestido?

— Ele me conhece praticamente desde que eu era uma criança, ele é melhor amigo do meu irmão, e se vê no direito de ser protetor comigo. Não se preocupe, ele me vê apenas como irmã.

— Não foi o que pareceu.

— Rick, vai por mim, ele não me vê como outra coisa além de irmã.

— E isso te incomoda? — pergunta parando de andar e me vira para ele.

— Por que deveria?

— Não sei, senti na sua voz uma pitada de raiva.

— Raiva porque já sou grande e eles insistem em me tratar como uma criança da idade da Clarinha, só isso.

Volto a andar e tento segurar as lágrimas. Será que tinha ficado tão evidente assim a forma que me sinto com o tratamento do Canoa?

Assim que chegamos à escola, escuto o sinal tocando e não demora para várias crianças saírem correndo. Vejo a Clarinha andando lentamente com um menino ao lado dela, que sorri e a abraça.

— Quem é ele? — Rick pergunta reconhecendo a Clarinha de longe.

— Acho que o namoradinho dela. Meu irmão surtou com a notícia.

— Imagino. Ela é pequena para isso ainda.

— Segundo meu irmão, eu também sou — falo e ele olha para mim.

— Você não é criança, já falei isso. — Ele se aproxima para me beijar, mas antes que os lábios dele toquem nos meus sinto alguém nos separando.

— Tia Alana, você veio me buscar? — Clarinha pula no meu pescoço e a pego no colo.

— Claro que sim. Lembra do Rick? — pergunto e ela olha para ele.

— Oi.

— Oi. — Ele sorri e ela vira a cara para mim.

— Cadê a mamãe?

— Ela já deve estar a caminho...

— Alana? — Escuto o Canoa atrás de mim e seguro um palavrão.

— Tio Canoa.

A Clarinha se estica no meu colo e o Canoa a pega.

— O Antônio me ligou, a Ceci teve que correr até uma fazenda para fazer um parto de emergência em uma égua. Como eu estava na cidade, ele pediu para pegar vocês.

— Maravilha — resmungo.

— Tio Canoa, sabe o que eu fiz hoje na aula?

— Não. O que, princesa?

— Uma maquete da fazenda. Na verdade, comecei, né? Fiz só o projeto como a professora explicou, mas agora preciso fazer tudo, só não sei como.

— Você pode usar isopor, caixas de leite, massinha, e outras coisas.

— Você sabe fazer? — ela pergunta com os olhinhos brilhando.

— Sei. Minhas maquetes eram incríveis na época de escola. Se quiser, eu te ajudo.

— Eba! — Ela agarra o Canoa pelo pescoço e não consigo evitar um sorriso. A Clarinha tinha todos fazendo as suas vontades.

— Vamos? — ele pergunta e caminha para o carro. Sem outro jeito, acabo o seguindo.

Ao chegar ao carro fico indecisa onde devo ir, normalmente sempre andava na frente da caminhonete dele, mas agora tinha o Henrique ao meu lado. A Clarinha pula no banco de trás e o Canoa abre a porta para mim, olho para o Rick, que fecha a cara e se senta no banco de trás.

— Estava pensando, Alana — o Canoa começa a falar e olho para ele enquanto dirige. — Quando quiser podemos começar as aulas de direção. Prometi que faria isso quando você tivesse dezoito anos.

Olho para ele sem acreditar. Quando fiz quinze anos fiz com que promettesse que me ensinasse a dirigir quando fosse maior de idade e ele tinha lembrado da promessa.

— Você se lembrou.

— Lembro-me de tudo o que já te prometi, Alana — responde com a voz grossa e pega a minha mão, que está sobre o banco. Como o encosto era inteiriço, o Rick não poderia ver o gesto.

— Obrigada.

— Eu posso fazer isso, Alana, sem problemas.

— Não, Henrique, o tio Canoa prometeu. A mamãe sempre diz que promessa é dívida. E o tio Canoa não pode ficar devendo, né, tio Canoa?

— Tem razão, princesa, não posso. — Ele sorri para a Clarinha e olha para ela sem acreditar.

Ela tinha gostado do Rick, não conseguia entender essa proteção com o Canoa agora.

— O que você gosta de fazer, Clarinha? — o Rick decide puxar assunto e ela olha para ele.

— Andar a cavalo, escovar o Valente, brincar com o Floquinho, dar banho no Baby. — Ela dá de ombros.

— Quem é Baby?

— Meu porquinho de estimação. Ah, eu gosto de tirar leite das vaquinhas, o tio Canoa me ensinou, é muito legal.

— Você gosta de bonecas?

— Gosto muito, o tio Canoa fez uma casa gigante de madeira para as minhas bonecas, fica do lado da minha casa. Tem sala, cozinha, quarto. É muito legal. Você sabe fazer casa de boneca?

— Não, eu não sei. Mas sei jogar vários jogos.

— Aqueles com dados?

— Isso. Você joga? — pergunta animado.

— Não, prefiro brincar ao ar livre. A mamãe não se importa se eu sujar a

roupa. Eu rolo no feno, o tio Canoa fez uma cama de feno onde eu posso pular. É muito legal.

— Ele é um tio muito legal — escuto a resposta do Rick e sei que ele está se segurando depois de tantos elogios para o Canoa, que está ao meu lado sorrindo.

— Que foi? — ele pergunta.

— Nada.

— Não tenho culpa de ser um tio legal.

— O melhor do mundo todo, tio.

— Viu? O melhor.

Olho para fora da janela me segurando para não responder, alguma coisa me dizia que tinha feito a Clarinha falar tudo isso. E se fosse verdade, ele ia se ver comigo por usar uma criança.



Vite

CANOA

Estou parado na frente do mauricinho convencido que a Alana chama de namorado e com apenas dez segundos de conversa já tenho mais vontade de quebrar a cara dele do que tinha antes de conhecê-lo pessoalmente. Quando a Alana nos apresentou, o idiota presumiu que sou um peão da fazenda e me olhou com desdém. Isso me irritou porque:

1. Nenhum peão deve ser tratado como inferior a ninguém, pois eles fazem

um trabalho honesto e muito honrado. Deles depende a vida de vários outros seres vivos, e é um trabalho que não pode ser feito por qualquer um. A pessoa deve ser paciente, cumprir diariamente uma rotina maçante, utilizar da força física e respeitar muito a natureza e os animais.

2. Ele está se achando superior a mim só porque está na faculdade. Mal sabe ele que, além de formado em Administração e ser pós-graduado, também falo inglês, francês e espanhol. E mesmo se eu não fosse qualificado como sou, o que torna ele melhor do que eu? Nada! Babaca presunçoso!

Nunca vou entender essas pessoas que olham para outras com ar de superioridade. E quer coisa mais clichê do que um mauricinho que ao invés de se esforçar para arranjar um emprego por si só e ganhar seu dinheiro por conta própria, vai trabalhar direto na empresa do pai, por comodidade?

Estou tão entretido na minha raiva que nem percebo que o babaca se afastou para sentar em uma poltrona e que a Alana está em um provador. Estou começando a vestir camisa quando olho para trás de mim no espelho e travo.

Minha visão embaralha e desfoca, minha pressão sobe e minhas partes íntimas enrijecem. Sinto tanto desejo que nem percebo que preni a respiração há um tempão.

Atrás de mim, a imagem da Alana com um vestido azul cheio de recortes nas laterais e uma longa fenda na perna esquerda, e que é colado a ponto do tecido abraçar todas suas curvas, me faz perder a razão.

Eu nunca a tinha desejado tanto. Mesmo amando-a perdidamente, afastei de mim a possibilidade de sentir desejo por ela, uma vez que a diferença de idade entre nós é gritante. Mas agora não consigo mais reprimir isso, e minha vontade de ajustar a cueca para esconder as evidências desse tesão repentino me atormenta. Mas alguns segundos depois lembro que tem um troglodita babão ao lado da minha menina e meu sangue ferve. O cara não consegue nem disfarçar, não para de olhar para o decote dela.

— Puta merda, Alana! Você não vai usar isso! — esbravejo. Ela não vai usar mesmo, nem que eu tenha que amarrá-la em um poste durante a cerimônia, para que mais ninguém a veja usando isso.

— E por que não? — ela questiona, mesmo sabendo o motivo. Conheço a Alana desde que era uma garotinha, e sei que ela de boba não tem nada.

— Verdade, por que não? Até onde sei, eu sou o namorado dela, quem tem que se importar com alguma coisa sou eu.

Ah, esse cara está pedindo para que eu quebre seu queixo com um único golpe certo.

— Fica quieto, fedelho! — digo e volto minha atenção para Alana, ignorando o babaca, pois é o que ele merece. — Você não vai usar isso. É indecente, Alana.

— Estou vestida, Canoa, só mostra um pouco da cintura e da perna — ela diz e meus olhos passeiam justamente pelas partes que ela destacou.

Sua cintura fina contrasta com seus seios que, de uma hora para outra, se tornaram fartos e arredondados. Seu quadril é como o de uma pera, e suas pernas... ah, são maravilhosas. Alana não é uma mulher baixa como a Cecília. Ela tem pernas longas que fazem o homem perder o sono ao tentar descobrir o verdadeiro comprimento. Queria beijar cada pedacinho, do começo até o final e... não, Noah! Se concentre!

Parece que tanto tempo reprimindo pensamentos obscenos em relação a ela fez com que viesse de uma vez só uma avalanche de luxúria. Perdido em pensamentos, nem ouço o começo do que o babaca começa a dizer, só pego a conversa pela metade.

— Ela vai usar o vestido e não vai ser um funcionário que vai mandar nela.

— Escuta aqui, seu filho da puta! — Já me exalto. — Não sou apenas um funcionário, eu sou pai... — começo a dizer, mas minha menina nos interrompe.

— Chega vocês dois! — ela grita. — Vou usar esse vestido e pronto. Ele é lindo!

Vendo que estou perdendo a batalha, decido apelar.

— Quero ver o que o Antônio vai falar.

— Você não vai contar — ela diz, mas sem convicção.

Então decido agir rápido. Pego meu celular, tiro uma foto da Alana com esse vestido e mando para o *WhatsApp* do irmão dela.

— Pronto — digo, e abro um sorriso imenso, ao estilo do gato do filme “Alice no País das Maravilhas”.

Alana me lança um olhar mortal e, imediatamente, seu celular começa a tocar. Dou uma risada baixa, satisfeito pelo meu grande feito. Após os dois discutirem, meu amigo pede para Alana me passar o telefone. Mesmo relutante, ela acaba cedendo, e eu atendo.

Antônio me pergunta se o namorado dela é gente boa, o que eu nego. Então ele me pergunta se o cara é grande ou se damos conta dele, e eu respondo que me garanto fácil. Por último, ele pede para que eu não deixe esse cara abusar da minha menina e que eu fique de olho nos dois.

Era tudo que eu precisava para ficar de olho nesses dois: a aprovação de sua família.

De jeito nenhum vou deixar esse cara ultrapassar os limites com a Alana.

Enquanto Alana volta para o provador para retirar o vestido do mal, eu aproveito para provar meu traje. O resultado final foi bem satisfatório, pois me senti bonitão naquela roupa. O que eu não esperava foi que Alana saísse do provador e ficasse parada me observando, com seus olhos passeando pelo meu corpo. Meu pau tornou a enrijecer e não contive um sorriso, satisfeito por ver que ela não era tão indiferente a mim como gostaria de ser. Um fio de esperança ressurgiu em meu coração.

Alguns minutos mais tarde, Alana já tinha saído com seu namorado idiota, quando o Antônio torna a me ligar.

— Alô!

— *Canoa, preciso de um favor seu. Acabei me enrolando aqui na fazenda e não vou conseguir pegar a Clarinha no horário, e a Ceci teve que ir fazer um parto de emergência. Será que te atrapalharia muito se você fosse buscá-la para mim?*

— De forma alguma, cara! A Clarinha é minha sobrinha de coração, busco com o maior prazer.

— *Fechou, então! Nos vemos mais tarde!*

Ele desliga e eu penso na Clarinha e na conversa que tivemos no dia anterior, após eu jantar na casa de seus pais.

Eu estava ajudando-a a montar uma barraca com um lençol e almofadas, no canto do sofá, quando ela perguntou:

— Tio Canoa, posso te fazer uma pergunta?

— Nunca conheci uma garota que gostasse tanto de perguntas, nem mesmo a sua tia Alana — digo e abro um sorriso imenso. Ela retribui o sorriso.

— Era sobre ela mesma que eu queria perguntar.

— Eu já imaginava que fosse — confesso.

— Tio Canoa, você gosta da minha tia Alana?

— Claro que gosto, minha princesinha! — Me limito a dizer, para não bagunçar sua cabecinha.

— Não, tio Canoa! Estou perguntando se você realmente gosta dela, como os casais das novelas e dos filmes.

Eu fico um tempo sem saber o que dizer. De onde essa menina tão pequena tira essas perguntas?

— Clarinha, as coisas entre o tio e a tia são um pouco complicadas. O tio fez uma burrada, um tempo atrás, e magoou muito a sua titia. Eu não sei se ela pode me perdoar.

— Tio, eu sei que você magoou a tia Alana, mas posso te contar um segredo? — ela me pergunta sussurrando, com seus olhos brilhantes e uma cara de sapequinha. Essa garota é uma mini Alana, e estou considerando começar a chamá-la de Terremotinho.

— Pode, é claro! Prometo não contar para ninguém!

Ela se aproxima do meu ouvido e faz conchinha com a mão.

— É que eu acho que a tia Alana ainda gosta de você, e o tio Rick quer roubá-

la só para ele. Mas, tio Canoa, a tia Alana diz que você é mais bonito do que ele, e sempre que ela fala de você, seus olhos ficam arregalados e brilhantes, iguais aos das princesas quando encontram os seus príncipes.

Meu coração se aquece ao ouvir isso, ainda que seja de uma garotinha.

— Bom, se você acha isso, então temos que fazer com que ele não a roube de mim. Você pode me ajudar com isso, pequena? — Estendo meu dedo mindinho para ela, para que selemos nosso acordo. Ela junta seu dedo no meu e, após selarmos o nosso pacto, ela grita:

— Ebaaa! Agora vamos comer bolo de chocolate. — E se distrai, como se essa conversa nunca tivesse existido.

Então quando vou buscar a Clarinha e encontro Alana e o babaca, percebo que tenho que dar carona para eles. Apesar da minha vontade de mandar o babaca andar até Céu Azul a pé, decido provocá-lo de outra forma. Abro a porta da frente da caminhonete, que só cabe um passageiro, para a Alana. Encurralada, ela senta ao meu lado, enquanto o namorado dela se ajeita na parte de trás, com um bico imenso.

Durante todo o trajeto, fiquei puxando assunto com a Alana e com a Clara, que provou ser uma forte aliada e me elogiou de todas as formas possíveis, visivelmente irritando o trouxão. Assim que chegamos à fazenda, dei a mão para Clara e a acompanhei até a casa grande, pois a pequena sempre tomava um lanchinho com a Luzi, quando voltava da escola.

A Cecília ainda estava fazendo suas visitas às fazendas da região junto com a Mari, e o Antônio estava apresentando a fazenda a novos compradores agrícolas.

— Ah, aí estão vocês! — exclama Luzia, sempre amorosa e bem-humorada.

— Meu grande amor, o que você preparou para mim hoje? — digo em um tom sedutor, enquanto a cumprimento com um beijo no rosto. Ela ri, mas não responde, pois vai cumprimentar o namorado da Alana.

— Então você é o famoso Henrique! — ela diz, enquanto o olha de cima a baixo. Seu tom, entretanto, não é dos mais amigáveis, o que não é comum, vindo da Luzi.

Alana se adianta e responde por ele, que apenas observa:

— Sim, Luzi! Esse é o Rick! Por acaso, você fez algum dos seus bolos gostosos para comemorarmos a chegada dele?

Inesperadamente, Luzi chacoalha negativamente a cabeça.

— Não, fiz apenas a torta de limão do Canoa! É seu doce favorito, não é, fantasminha?

— Fantasminha? — Rick zomba, e Clara explica:

— Eu que apelidei o tio Canoa de tio fantasminha, porque ele come igual aquele bichinho fantasminha do videogame, sabe?

Alana ri alto e questiona:

— O PacMan?

Eu assinto e todos rimos, menos o babacão, que não poderia ser mais inconveniente, pois ele se vira para Alana e sussurra (não baixo o suficiente, pois todos nós conseguimos ouvir seus resmungos):

— Alana, eu não sabia que esse peão morava aqui na fazenda. Ele parece ser tratado como se fosse da família. A Clarinha até o chama de tio. E que tipo de nome é esse? Canoa? Sério mesmo?

Eu penso em responder, mas Luzi é mais rápida:

— Sabe, Henrique, aqui em Céu Azul todos são tratados como se fossem da família, mesmo. Mas isso porque aqui os patrões só contratam pessoas de bem e de confiança. Mas você está enganado, pois o “Noah” não é nenhum peão, apesar de trabalhar aqui. Ele é o diretor administrativo da fazenda, todos os contratos passam por ele. Ele é o braço direito do seu sogro. E quem deu o apelido de Canoa para ele foi a sua namorada. Eles se conhecem desde que ela era pequeninha, e quando ela ouvia o nome “Noah”, ela assimilava a “Canoa”, e assim ficou. Agora, por que não senta para eu te servir um café com torradas? — ela diz, entredentes, e eu quase a aplaudo com as mãos e com os pés, e quando acho que a situação não pode estar mais perfeita, a dona Fátima aparece dizendo:

— A Luzi tem toda razão. Todos aqui são tratados como se fossem da família. E por sinal, é um prazer em conhecê-lo, Rick. Saiba que se mantiver o respeito pela minha filha e por todos os nossos “amigos” aqui da fazenda, você também fará parte da nossa grande família.

Com o rosto em chamas, Alana está petrificada com a resposta da Luzi e da sua mãe. O babaca está branco como um lençol, enquanto estende a mão para a dona Fátima e balbucia algumas bobagens.

Eu olho para Clarinha e juntos estendemos o maior dos sorrisos. Mas toda graça acaba quando Alana diz:

—Bem, se for possível, Luzi, separe um pedaço dessa torta para o Henrique. Mas eu busco depois, pois estamos sem fome para isso agora. — Então ela dá um sorriso lascivo para ele, provavelmente para me cutucar. — Por enquanto vamos matar a saudades. — Então ela o puxa pelo braço e o leva escada acima.

Fico olhando para eles até que ela desapareça da minha visão. Quando não consigo mais vê-los, me sinto vazio. Suspiro e abraço a dona Fátima e agradeço as três mulheres ao meu lado pela ajuda, mas digo que perdi a fome e que estou cansado.

Saber que aquele imbecil está no quarto com ela, passando as mãos pelo seu corpo, beijando-a sofregamente, me deixa enojado.

Entro no meu carro e sigo em direção à minha casa. Moro perto do centro, um pouco afastado da fazenda. Minha casa é simples, mas espaçosa. Sei que falta algo nela, como um toque feminino, mas há um tempão venho me dizendo que quando eu estiver com a Alana, ela dará um jeito nisso. Hoje, não tenho tanta certeza assim.

E apesar do dia difícil que tive hoje, vejo na porta da minha casa algo inesperado que me incomoda ainda mais.

Com a ponta presa embaixo do capacho, está uma carta do meu pai.

Eu a olho por vários segundos imaginando o que esse cara tinha para falar comigo, mas então entro em casa e a jogo dentro de uma gaveta.

Isso fica para depois!



Nove

ALANA

Subo para o meu quarto puxando o Henrique, minha família tinha o deixado sem graça e se continuássemos ali na cozinha seria pior.

— Esse é o seu quarto? — Henrique pergunta.

— Sim.

Sento na beirada da cama e ele se senta ao meu lado e faz um carinho no meu

rosto.

— Senti saudades.

— Eu também.

O Rick encosta a sua boca na minha e me empurra para a cama, deitando meio em cima de mim; suas mãos passeiam pelo meu corpo e sobem por baixo da camiseta, sinto o dedo dele esfregando o meu seio. Tento empurrar a mão dele, mas ele é mais forte.

— Tia Alana! — Clarinha entra correndo no meu quarto e o Henrique dá um pulo se sentando. — O papai chegou e disse que quer conversar com o seu namorado A-GO-RA! — ela imita o Tóti e dou um sorriso.

— Já vamos descer — Henrique responde.

— Já vamos, significa daqui a pouco. — Clarinha cruza os braços. — E o papai falou A-GO-RA. E que não é para eu descer sem vocês dois.

— Melhor a gente ir — respondo.

Levanto da cama e arrumo a minha roupa, a Clarinha pega a minha mão e descemos juntas com o Henrique atrás de nós.

— Esse é o Henrique? — Tóti pergunta assim que chegamos à sala.

— Isso. Rick, esse é o meu irmão Antônio — os apresento e o Rick estende a mão para cumprimentá-lo.

— É um prazer conhecê-lo. Ouvi bastante sobre você.

— Engraçado, de você já foi o contrário — Tóti responde e o Rick me olha confuso.

— Não falei dele antes, porque senão você pegava o primeiro avião para a Irlanda para me trazer de volta.

— Você me conhece tão bem, irmãzinha. — Tóti pisca para mim e reviro os olhos.

— Rick, esse é o meu pai, Magno, e esse bebê lindo aqui é o Inacinho. — Aponto para o meu sobrinho, que está brincando com a Clarinha, e depois de cumprimentar o meu pai, o Henrique se abaixa para falar com o Inacinho:

— Oi, garotão! — O Inacinho olha para ele e abre um sorriso.

— Bobo — Inacinho fala e bate palmas.

— Ai, meu Deus! — A Ceci leva as mãos ao rosto e olha para ela. — Desculpa, Henrique. Ele está aprendendo a falar, e ultimamente repete tudo o que falam a volta dele.

— Sem problemas. — O Henrique sorri e pega um carrinho para brincar com ele.

— Nãoooo! — O Inacinho faz um bico bravo ficando ainda mais parecido com o Tóti e pega o carrinho da mão dele. — Bobo!

— Ok. Acho que essa é a nossa deixa para ir para casa. — Ceci se levanta e vejo no rosto dela que está tentando não rir, mas o Tóti pelo contrário está rindo sem vergonha nenhuma. — Amanhã volto logo cedo para ajudar com a arrumação para a festa.

— Obrigada, querida. Ainda bem que a Luzi já adiantou a maior parte da comida.

— Eu fico com as crianças para você, meu amor — Tóti responde pegando o filho no colo e a Ceci olha feio para ele.

— Nem pensar, você vem para ajudar também.

— Tia Alana! — a Clarinha para ao meu lado e eu me abaixo para ficar na altura dela. — Eu chamei o meu amiguinho para a sua festa — fala baixinho no meu ouvido.

— Tudo bem, meu amor. Mas eu quero conhecê-lo.

— Pode deixar. — Ela sorri e me abraça. — Tchau, Henrique. — Ela dá tchau de longe e ele responde. — Dá tchau para a tia Alana, Inacinho.

— *Tau, ia.*

— Tchau, meu príncipe. — Dou um beijo na bochechinha gorda dele, que ri.

Meu irmão vai embora com a família e fico sentada na sala com os meus pais e o Henrique. Vejo meu pai puxar assunto e o Rick tenta mostrar interesse, mas ele não entende nada de fazenda, o que acaba dificultando tudo na conversa.

O telefone começa a tocar ao meu lado e eu atendo por estar mais perto.

— Alô?

— *Alana?* — Escuto a voz grossa do Canoa do outro lado da linha e a minha vontade é de desligar.

— O que você quer?

— *Preciso falar com o seu pai. Acabei de receber um e-mail com uma encomenda grande, o contrato é bom, mas tenho que responder ainda hoje para o comprador.*

— Só um minuto. Pai, é o Canoa! Ele disse que precisa falar urgente com o senhor. — Entrego o telefone sem fio para o meu pai, que sai da sala e o Rick me olha.

— Bom, você deve estar cansado. Vou mostrar onde é o seu quarto. A Ceci deixou a sua mala ali no canto.

Acompanhamos a minha mãe para o andar de cima e ela indica o quarto de hóspedes para o Rick. Deixo que ele se arrume e tome um banho para ir dormir, e vou para o meu quarto. Estava cansada do dia e sabia que o dia seguinte seria ainda mais cansativo.

Acordo com o barulho de risadas e conversa alta, olho para o relógio e são sete da manhã de sábado. Era o meu aniversário e hoje estava completando dezoito anos finalmente.

Viro na cama e encaro o teto. Tinha esperado tanto por esse dia. Desde que

descobri que era apaixonada pelo Canoa esperava pelos meus dezoito anos, porque isso significaria ficar com ele. Mas o Canoa não gostava de mim, tinha deixado bem claro isso dois anos atrás.

Levanto e vou até o banheiro do meu quarto onde lavo o meu rosto e me arrumo, a festa seria na hora do almoço com um churrasco, e tinha muita coisa para arrumar. Coloco um short jeans, uma camisa amarrada na cintura e a minha bota. Passo no quarto do Henrique e ele não está na cama. Como o banheiro está fechado, só posso acreditar que está se arrumando também.

Desço até a cozinha e assim que entro um terremoto corre até onde estou.

— Feliz aniversário, tia Alana! — Clarinha abraça a minha cintura e eu a abraço apertado. — Queria ser a primeira a falar parabéns. Fui a primeira?

— Foi sim, princesa.

Meus pais vêm me abraçar, e o Inácio e a Ceci me abraçam em seguida, bem como a Luzi. O Henrique logo aparece na cozinha e tomamos o café da manhã juntos.

— Bom dia! — Escuto o Canoa falando na porta.

— Tio Canoa, você está atrasado, todo mundo deu parabéns para a tia Alana.

— Desculpa, princesa. Mas é que tive que passar na loja para pegar uma encomenda da vovó.

— Então está perdoado. — Ela dá de ombros e ele vai até a minha mãe entregando uma caixa.

— Obrigado, Canoa. Desculpa ter te dado trabalho.

— Trabalho nenhum. A senhora pode me pedir o que for.

— Ok, então arrume as mesas lá fora.

— Eu falei para a sua mãe, palhaço, e não para você — o Canoa responde para o Tóti, que olha feio para ele.

— Senta para tomar café, menino. Fiz bolinho de chuva. — A Luzi o empurra para a mesa e o Canoa se senta rapidamente.

— Obrigado, Luzi. Vou precisar de bastante energia para ajudar a arrumar tudo.

— Podemos contar com a sua ajuda? — Tóti pergunta para o Henrique, que olha para ele.

— Claro, posso ajudar no que precisarem.

Após o café da manhã vamos para o lado de fora arrumar as coisas. Enquanto os homens arrumam as mesas, as mulheres ficam com a decoração. A Mari e o Diogo chegam em seguida, então a equipe de arrumação é grande, se somar com alguns funcionários da fazenda, que insistiram em ajudar.

Como todos os aniversários realizados ali na fazenda, os funcionários não só ajudavam, como eram convidados da festa. Era uma coisa que meu pai não abria mão. Muitos dos funcionários participaram do casamento do Tóti, tanto do primeiro como do segundo, dos meus aniversários e dos meus sobrinhos.

— Quando tiver um tempinho, quero entregar o seu presente. — Rick me abraça por trás e beija a minha cabeça.

— Daqui a pouco está tudo arrumado e conseguimos fugir.

— Ótimo.

— Você vai ficar conversando ou vai ajudar? — Diogo pergunta passando por nós dois e o Henrique me solta e vai ajudar a pegar outra mesa.

Olho para a Ceci se aproximando e a puxo de lado.

— É impressão minha ou todo mundo está contra o Henrique?

— Não é que estão contra, meu amor. — Ela me abraça. — É apenas que fomos pegos de surpresa, e todo mundo está com medo de que ele te machuque.

— Mais do que certas pessoas fizeram, impossível! — respondo olhando para o Canoa, que está acendendo a churrasqueira com o Tóti.

— Não se deixe enganar, Alana. É possível que o Henrique te magoe mais ainda. O Canoa teve os motivos dele, mas a última coisa que aquele homem faria é te machucar sem motivos, mas o Henrique? — Ela olha para o meu namorado e suspira. — Ele tem muito ainda para provar que te merece.

— Ele gosta de mim, Ceci. Ele quer ficar comigo, ao contrário do Canoa, que sempre me viu como uma criança.

— Você esqueceu o Canoa? — ela pergunta, olhando para mim, e sinto meu corpo tremer.

— Eu estou namorando o Henrique.

— Não foi isso que perguntei, querida.

— Não importa se esqueci ou não. Ele não sente nada por mim.

— Será mesmo? — pergunta e começa se afastar. — Eu não teria tanta certeza.

Olho para o Canoa, que se vira e me encara. Ele começa a andar na minha direção até parar à minha frente.

— Você pode vir comigo?

— Por quê?

— Quero entregar o seu presente.

— Não pode ser aqui mesmo?

— Não. — Ele sorri. — Vem comigo.

Acompanho o Canoa até o carro dele, que está parado do outro lado da casa grande. Ele abre a porta do passageiro e pega uma caixinha de cima do banco e me entrega. Abro com cuidado, pois as minhas mãos estão tremendo.

Dentro da caixinha está um lindo colar duplo com dois pingentes: a corrente menor com uma ferradura e a maior com um cavalo. Pego o colar da caixinha e olho para o Canoa emocionada. A minha paixão por cavalos estava representada

naqueles pingentes.

— Gostou?

— Eu amei, Canoa. É lindo!

Ele pega o colar da minha mão e o abre. Viro de costas para que ele coloque no meu pescoço.

— Ficou ainda mais bonito em você.

— Obrigada. Vou usar sempre.

— Tenho um segundo presente. Mas para isso você teria que ir até a cidade comigo. Posso te sequestrar depois da festa?

— Eu não sei. O Rick está aqui e vai embora amanhã cedo.

— Alana, você realmente gosta desse idiota?

— Não fala assim dele — respondo nervosa. — Ele é meu namorado.

— Ele é um idiota, mauricinho, que não combina em nada com você. Ele se recusou três vezes a colocar o tênis metido a besta dele na lama para ajudar o Diogo. Olha torto para os funcionários da fazenda. Ele não te merece!

— E quem merece, então? — grito cruzando os braços e ele sorri esticando uma mão e colocando no meu rosto. Sinto o dedão dele me fazendo um carinho e fecho os olhos.

— Vem comigo receber o seu segundo presente. — Sinto que ele se aproxima e acabo presa entre o corpo dele e a caminhonete. — Eu prometo a você que o presente é perfeito, e você não vai querer mais nada depois dele.

— Nã-não pos-posso — gaguejo ainda de olhos fechados e sinto a respiração dele perto da minha orelha.

— Pode sim, minha menina.

— Não sou uma menina! — grito e o empurro. — Sou uma mulher, Canoa.

Ele me olha sem entender e vejo dar um passo para se aproximar.

— Alana, você não entende. Quando falo meni...

— Não me interessa — o interrompo. — Melhor eu voltar antes que o meu namorado dê pela minha falta.

— Que se dane esse merdinha! — Canoa grita e viro para ele.

— O quê?

— Você ouviu. Por mim esse merdinha pode ir se foder. Estou pouco me lixando para ele, Alana. Você vem comigo. Ia fazer isso à noite, mas já que não tem jeito vou levá-la até à cidade agora mesmo. — Ele vem na minha direção e, como não tem outra solução, corro fugindo dele.

— Me deixa, Canoa! — grito e todos olham para nós dois.

— O que foi? — O Henrique corre para perto de mim e me abraça.

— Nada.

— Como nada, Alana? Você está correndo e gritando. — Ele olha para o Canoa. — O que você fez para ela?

— Não te interessa. Isso é assunto meu e da Alana.

— Ela é minha namorada. E até onde eu sei, tudo o que se diz respeito a ela me interessa. E não é um peão idiota que vai dizer o contrário.

— Olha aqui, seu merd...

— Chega, Canoa! — O Tóti puxa o braço dele e vejo que o Diogo e o Caetano também se aproximam. — Deixa-o falar à vontade. Só quer te provocar.

— Eu preciso falar com a Alana — o Canoa fala para o Tóti, que olha para mim.

— Você vai, não se preocupe. Agora vamos começar o churrasco.

Todo mundo começa a se afastar e vou para dentro de casa com o Henrique.

— O que ele fez?

— Nada, Rick. — Dou um sorriso para ele, que olha para o meu pescoço.

— O que é isso?

— Um presente. — Levo a mão ao colar.

— Foi ele que te deu?

— Foi.

O Henrique fica me olhando por um tempo até que acaba desistindo e me puxa para o seu quarto. Ele retira uma caixa da mala e me entrega.

Abro o presente e vejo um lindo sapato de salto vermelho.

— Obrigada, é lindo! — respondo deixando de lado, porque ali na fazenda era praticamente impossível usar aquele sapato.

— Que bom que gostou.

Dou um beijo nele, que me puxa para o seu peito me apertando contra ele.

— Vou tomar um banho e me arrumar. — Me afasto dele que concorda.

Depois de tomar banho, saio para o meu quarto e vejo a Clarinha sentada na minha cama, sorrindo.

— Demorou, tia.

— Estava lavando o cabelo. Mas o que faz aqui?

— Estou te esperando para levar até o meu presente e do papai, e da mamãe e do Inacinho.

— Nossa, quanto presente.

— Não, tia. — Ela revira os olhos. — É um só. Se arruma logo.

Coloco o vestido que eu tinha separado, enquanto a Clarinha secava o meu

cabelo com o secador, depois de implorar muito para isso, faço a minha maquiagem, apenas uma coisa leve para destacar os meus olhos.

— Está linda, tia — ela diz quando estou pronta. Calço as minhas botas e vamos para a festa.

— Finalmente! — Tóti me abraça e a Ceci se aproxima. — Pronta para o seu presente?

— Estou — respondo animada.

Eles me puxam para o estábulo onde um lindo cavalo marrom está nos esperando com um laço no pescoço.

— E então? Gostou? — Ceci pergunta e não consigo responder, pois estou tentando controlar as lágrimas.

— Amei!

Vou até o cavalo e faço um carinho nele. Ele é lindo.

— O nome dele é Doce de Leite — Clarinha diz animada.

— Doce de Leite?

— A Clarinha insiste que ele parece um doce de leite. Tentei mudar o nome, mas ela não deixa — Tóti ri e olha para a minha sobrinha, que está com os olhinhos brilhando.

— O Doce de Leite é lindo, princesa.

— Êêêê! — Ela pula ao meu lado. — Ela gostou, papai.

— Eu vi.

Voltamos para a festa, e alguns convidados começam a chegar. Vejo o amiguinho da Clarinha dar um tchau de longe e ela corre até ele. Meu irmão para de andar e olha para o menino e depois para a Ceci.

— Quem é ele?

— Seu genro — respondo rindo.

— Não estou brincando, Alana.

— Eu também não.

— Ceci — fala e a minha cunhada começa a andar. — Ceci! — ele grita e Ceci não vira para ele. Eu sei que ela está rindo e o ignorando de propósito.

Vou conversar com alguns amigos que não tinha visto ainda e apresento o Henrique para eles. O Rick tentava se enturmar, mas era nítido que não fazia muita questão. Principalmente quando alguém falava com o sotaque caipira.

Sinto o olhar de alguém queimar a minha pele; olho para trás e vejo o Canoa parado, ao lado da churrasqueira, bebendo uma cerveja e me encarando. Desvio o olhar e volto a me concentrar no meu namorado.



Dez

CANOA

Desde que o relógio marcou meia-noite, meu coração começou a tamborilar tão alto que meus ouvidos pareciam vibrar com o som das batidas.

Chegou o grande dia! Esperei tanto, mas tanto, e hoje estou aqui, sozinho. Nos meus planos anteriores, eu imaginei que estaria ao lado dela quando o relógio marcasse meia-noite, a abraçaria e diria o quanto eu a amo e admiro, mas aqui estou eu, sozinho em minha cama, me revirando sem parar, incomodado com tudo, mas sem achar um real alívio para a minha aflição.

Ela é a minha cura. Somente ela.

Pego o travesseiro ao meu lado e o arremesso com força no chão, dou um salto da cama e vou para o banheiro. Ligo o chuveiro, arranco minha roupa e entro debaixo da água gelada. Apoio uma das mãos na parede e deixo a outra cair ao meu lado, enquanto a ducha jorra a água sobre minha cabeça, minhas costas e todo resto do meu corpo. Sim, eu me sinto pegando fogo, porque nunca estive tão perto e tão longe de alcançar a minha felicidade plena. Meu corpo finalmente se permitiu entrar em sintonia com meu coração, então toda vez que penso na minha menina, em seu sorriso, em seu atrevimento... nossa, já me sinto enrijecido como nunca.

Droga!

Por que ela teve que arrumar esse namorado idiota justo agora? Ele atrapalhou todos os planos que venho cultivando desde que ela me deixou.

Eu não a culpo, é claro. Ela acreditou nas minhas tolas palavras.

Irmã... que merda! Eu não poderia ter usado outra palavra para afastá-la? Agora ela imagina que sinto tanta atração por ela quanto sinto por um graveto ou por uma pluma.

Ah, se ela soubesse!

Meu coração dói, e tenho vontade de enfiar a mão na minha boca e tatear pela garganta até alcançar meu coração e arrancá-lo do meu peito, mas sei que isso é impossível. Caraca, me sinto tão frustrado que estou até delirando.

Então essa minha atitude derrotista começa a me incomodar. Por que eu devo permitir que um playboyzinho banana atrapalhe tudo que tenho lutado tanto para conquistar?

Não vou deixá-lo usurpar o meu lugar no coração da minha menina. Isso aí, eu vou entrar nessa guerra e não vou desistir até expulsar esse babaca da casa grande direto para o lugar de onde ele veio.

Olho para o relógio e uma luz se acende em meu cérebro: ainda é cedo o suficiente para todos estarem dormindo. Talvez eu tenha mais meia hora até que a Luzi levante para fazer o café e possa abrir a porta da casa grande para mim. A

porteira da fazenda não é um problema, pois o Caetano, que é o encarregado de abri-la, acorda com as galinhas. Mentalizo um plano mirabolante e rezo para que ele seja infalível:

1º Passo: Chegarei cedo e surpreenderei a Alana em seu quarto. Quero ser o primeiro rosto que ela verá ao acordar.

2º Passo: Eu a arrancarei da sua cama e a trarei direto para cá, ainda que seja contra sua vontade.

3º Passo: Contarei toda verdade. Confessarei que meu coração se rendeu a ela há anos, mas que por causa de sua idade tive que agir com honra e esperar que ela se tornasse maior de idade, para que eu me permitisse amá-la de corpo e alma.

4º Passo: Se bem conheço a Alana, ela não vai ceder tão facilmente, pois a magoei demais. Então implorarei por seu perdão, ainda que eu tenha que ajoelhar aos seus pés para isso. Não me importo em me humilhar, só me importo em passar mais um dia que seja sem ela ao meu lado.

Ao repassar mentalmente os meus planos, percebo o quanto ele é idiota, mas não ligo. Melhor ter um plano idiota do que não ter nenhum.

Arrumo-me mais rápido do que nunca, mas não sem me esmerar. Afinal, minha princesa merece que eu esteja bonito e cheiroso para ela.

Suspiro ao imaginar seus braços ao meu redor e meu corpo colado ao seu. Estremeço e decido espantar essas ideias para não me atrasar. Assim que estou pronto, pego as chaves da caminhonete (sim, aqui em Barra Bonita quase todo mundo tem uma caminhonete. É muito prática para quem trabalha em fazenda), pego os dois presentes que já havia comprado para ela há um tempão e pego a estrada.

Quando estou quase saindo da cidade, meu celular anuncia que recebi uma mensagem e eu a leio:

“Canoa, é a dona Fátima.

Infelizmente, a boleira que fez o bolo da Alana está passando mal e terá que ir ao hospital, então ela deixou o bolo e os docinhos da festa com sua vizinha Maria, para que pudéssemos buscar.

O problema é que a vizinha sairá para ir trabalhar dentro de meia hora. Como você mora aí perto, pode ir buscar para mim? Fica na Rua Das Palmeiras, 86. Muito obrigada. Beijos.”

Droga! Isso atrapalhará um pouco os meus planos. Será que dará tempo de eu buscar a encomenda e ainda chegar em Céu Azul antes da minha menina acordar? Torço para que dê, pois não posso recusar um pedido feito pela dona Fátima. Ela e todo mundo da família são muito bons para mim.

Aumento a velocidade da caminhonete e faço o retorno em direção ao centro. Não é muito longe de onde estou, mas é totalmente contramão.

Óbvio que eu pego dois faróis vermelhos seguidos!

Merda! Óbvio que eu teria que esperar as criancinhas da escola atravessarem na faixa, onde não há farol.

Ótimo, mais um farol vermelho! Espanco o volante, mas logo suspiro aliviado ao chegar ao endereço almejado.

Demora cerca de quarenta minutos entre eu pegar as encomendas, guardá-las no carro e dirigir até Céu Azul. Assim que cruzo as porteiras, estaciono de qualquer jeito, grito para o Caetano pegar no banco os docinhos, pois eu tinha uma emergência e saio correndo em direção à casa grande com a caixa do bolo.

Assim que abro a porta, meu coração para de bater e sinto todo o peso do meu corpo duplicar.

Eu falhei!

Todos já estavam acordados e estavam à mesa tomando café da manhã.

Meus olhos foram direto em busca dos olhos da minha menina, e eles alcançaram seu objetivo. Ela me olhava de volta, mas não como eu a olhava. Ela apenas estava curiosa com a minha chegada repentina. Eu não! Eu a olhava transmitindo a mensagem de mil palavras. “Parabéns, você agora é uma mulher! Me perdoe, eu te amo demais! Você vale mais que o mundo para mim. Não sei viver sem ter você. Saia de perto desse idiota que está ao seu lado e corra até

aqui para os meus braços. Você pertence a mim!”

Isso foi apenas parte do que meus olhos queriam transmitir, mas ela está cega em relação aos meus sentimentos. Minha garganta se fecha e sinto, pela primeira vez desde que eu era um menino, que estou prestes a chorar na frente de todo mundo.

Não, eu não vou deixar uma frustração me abalar. Eu vou me reorganizar e dar um jeito de cumprir o meu plano. Mesmo que não seja na hora planejada, mesmo que não seja exatamente como sempre desejei. Eu vou dar um jeito!

Junto todas minhas forças e digo:

— Bom dia!

Após conversar com todos (quer dizer, *quase* todos. Ainda não conversei com a Alana, pois quero fazer isso quando estivermos a sós, e quanto ao Henrique, não tenho nada a dizer a ele, exceto que é um babaca), começamos a organizar a festa. Todos dividimos as tarefas, como montar as mesas, a churrasqueira e as bandejas de comida; encher os balões, temperar a carne, colocar os refrigerantes e as cervejas para gelar.

Enquanto todos estavam colaborando, noto que o mauricinho preguiçoso não está muito satisfeito com a festa sendo fora da casa grande. Por ser um churrasco, é óbvio que o melhor é que seja uma festa ao ar livre, mas o playboyzinho não gosta de sujar seu tênis de lama, então está enrolando com a única tarefa que lhe foi designada, que é encher o tambor com gelo, refrigerantes e cervejas.

— Ei, você! Faça valer o seu salário e termine de gelar as bebidas, aqui! — Ele aponta para o Caetano e ordena que termine seu trabalho.

Meu sangue sobe à cabeça e me aproximo do Caetano.

— Veja só isso, Caetano! O babaca aqui acha que pode mandar em você. E é tão florzinha que não pode nem molhar o tênisinho na laminha. Ui, ui, ui! Mamãe briga se meu tênis tiver uma gota marronzinha!

O Caetano começa a gargalhar e ficamos rindo um tempão, enquanto o rosto do Henrique fica vermelho como um pimentão.

— Ria o quanto quiser, mas, pelo menos, não trabalho limpando cocô de cavalo.

Meu sorriso para imediatamente e me aproximo dele em uma passada só. Meu rosto fica a um dedo se colar no dele, e praticamente sussurro minhas palavras para que somente ele escute o que tenho a dizer, e mais ninguém. Afinal, não quero estragar a festa da minha princesa.

— Escute aqui, seu bosta! Você pode achar que só porque você mora na cidade grande você é melhor do que todos nós aqui. Mas veja só, você não é! Você é um moleque de merda, sem educação e sem respeito ao próximo. Tenho dó da Alana pelo tempo que ela está perdendo ao seu lado, mas ainda bem que agora ela está aqui, e eu não vou deixar que ela volte novamente para o seu mundo de ilusões. Você não sabe nada sobre mim, não sabe nada sobre ela e não sabe nada sobre ninguém aqui. Enquanto você estiver fora do seu ambiente, você é um ninguém! E grave bem o que vou te dizer: se você encostar um dedo que seja na minha menina, você é um homem morto. Não se esqueça dessa nossa conversa, ok? — Eu me afasto dele e, antes de tomar meu rumo, aceno com a aba do meu chapéu.

Alguns minutos mais tarde, encontro a Alana em um canto, terminando de organizar os pratos de saladas em cima da mesa de madeira que acabamos de montar. Olho para os lados para ver se alguém está vindo, e quando percebo que estão todos ocupados, me aproximo dela.

— Você pode vir comigo?

Ela se sobressalta e arregala seus belos olhos amendoados.

— Por quê?

— Quero entregar seu presente.

— Não pode ser aqui mesmo? — ela pergunta com desdém, mas percebo pela mudança em sua respiração que minha proximidade a está afetando.

— Não. Venha comigo!

Ela solta a tigela de batatas que estava apertando como se estivesse dependendo dela para sobreviver e começa a me seguir.

Vamos até o meu carro, abro a porta do passageiro e pego a caixinha vermelha de cima do banco e entrego a ela. Aguardo ansioso por sua reação enquanto ela examina a caixinha e me dá um olhar travesso, que me lembra a Alana de antigamente, não essa Alana que vive fugindo de mim e me trata como se eu fosse um conhecido qualquer.

Quando ela abre a caixinha e encontra o colar de ouro que tive tanto trabalho para achar, com dois pingentes que combinassem com sua personalidade, ela me olha emocionada. Nossos olhos se travam mais uma vez e as mil palavras voltam a se repetir.

“Eu te amo! Você é perfeita para mim! Fica comigo?”

Eu quero dizer tudo isso em voz alta, mas no momento certo, e não ali, perto de todo mundo.

— Gostou?

— Eu amei, Canoa. É lindo! — Fico um pouco decepcionado por ela ainda me chamar de Canoa. Antes, quando ela me olhava como se me venerasse, ela me chamava de Noah! Apenas Noah!

Eu pego o colar de sua mão, afasto os cabelos de sua nuca e estremeço simplesmente em tocar sua pele macia. Suspiro e fecho o colar em torno do seu pescoço. Ela se vira e eu a observo, admirado com sua beleza. Ela é mais do que linda!

— Ficou ainda mais bonito em você.

— Obrigada. Vou usar sempre — ela diz em um tom baixo, praticamente um sussurro.

— Tenho um segundo presente, mas para isso você teria que ir até a cidade comigo. Posso te sequestrar depois da festa?

— Eu não sei. O Rick está aqui e vai embora amanhã cedo.

Meu sangue sobe à minha cabeça, e tenho vontade de esmurrar o desgraçado do Henrique.

— Alana, você realmente gosta desse idiota?

— Não fala assim dele! Ele é meu namorado. — Ela fecha a cara e meu coração se aperta. Seria possível que ela realmente estivesse apaixonada por esse imbecil?

— Ele é um idiota, mauricinho, que não combina em nada com você — começo a dizer tudo que penso dele e tudo que o vi fazendo ultimamente, na esperança de que ela acredite em mim e comece a enxergar quem ele realmente é. — Ele não te merece! — digo, concluindo meu pensamento.

— E quem merece, então? — ela grita e cruza os braços, e adoro ver o temperamento explosivo dela vindo à tona.

Minha menina veneno. É isso que ela é!

Estico minha mão em direção ao seu rosto e a acaricio. Meu corpo inteiro se arrepia e a sinto relaxando sob meus dedos.

— Venha comigo receber o seu segundo presente. — Me aproximo dela, tentando encurralá-la de forma que ela não consiga negar meu pedido. Meu corpo fica em alerta, querendo que eu me aproxime mais e mais, mas os olhos dela se arregalam e percebo que estou assustando-a.

— Nã-não pos-posso — ela gagueja, mas seu corpo instintivamente se aproxima ainda mais, sem que ela mesma perceba. Isso me traz uma felicidade indescritível, e uma nova esperança surge em meu coração.

— Pode sim, minha menina.

— Não sou uma menina! — ela grita e me empurra. — Sou uma mulher, Canoa!

Droga! Será que estraguei tudo? Então percebo o que fiz de errado. Eu não deveria dizer essas coisas a ela antes de me explicar. Ela ainda pensa que eu a vejo como irmã? Mesmo após eu estar praticamente me insinuando, aqui?

— Alana, você não entende. Quando falo meni...

Ela me interrompe e dá meia volta.

— Não me interessa. Melhor eu voltar antes que o meu namorado dê pela minha falta.

Meu namorado, meu namorado! Filho da puta desgraçado!

— Que se dane esse merdinha! — explodo e ela se vira para mim.

— O quê?

— Você ouviu. Por mim esse merdinha pode ir se foder. Estou pouco me lixando para ele, Alana. Você vem comigo. Ia fazer isso à noite, mas já que não tem jeito, vou levá-la até à cidade agora mesmo. — Corro para tentar alcançá-la e ela corre para outra direção, fugindo de mim.

— Me deixa, Canoa! — ela grita e se aproxima do pessoal. Todos param o que estão fazendo para olhar para nós. Ótimo! Discreto como eu queria. Só que não!

— O que foi? — O babaca corre em direção à Alana e a abraça. Fecho meu punho e conto até cinco para não dar na cara dele. Ele está abraçando a minha menina! *Minha menina!*

— Nada! — ela responde.

— Como nada, Alana? Você está correndo e gritando. O que você fez para ela? — ele me pergunta.

— Não te interessa! Isso é assunto meu e da Alana.

— Ela é minha namorada, e até onde eu sei, tudo o que se diz respeito a ela me interessa. E não é um peão idiota que vai dizer o contrário.

Meu, o cara é tão burro que só falta colarem na testa dele um papel escrito: “O Canoa não é peão”. Mas deixe-o com sua ignorância, já que vou chutar sua bunda daqui até o fim do mundo.

— Olha aqui, seu merd...

— Chega, Canoa! — O Antônio puxa meu braço e me dá um olhar significativo, como se ele me entendesse. — Deixe-o falar à vontade. Só quer te provocar. — Ele me continua a me olhar como se soubesse dos meus planos, dos

meus sentimentos e de toda minha angústia.

Será possível que o Antônio saiba tudo que sinto e esteja me apoiando? Sempre achei que ele desconfiasse dos meus sentimentos, mas como ele já havia insinuado, a Alana era muito nova para mim. Será que agora que ela é maior de idade, ele esteja finalmente disposto a aceitar um relacionamento entre mim e sua irmã?

Percebo o Caetano e o Diogo se aproximando de nós e cruzando os braços para o babaca, como se eles pudessem socar a sua cara para me defender, a qualquer momento.

Olho novamente para o Antônio e digo:

— Preciso falar com a Alana. — Olho significativamente para ele, e ele por sua vez olha para sua irmã.

Meu Deus, que confusão!

— Você vai, não se preocupe. Agora vamos começar o churrasco.

Eu decido dar uma volta e vou até o estábulo. Vou direto para a baia da Princesa e sento ao seu lado.

— As coisas mudam, Princesa! Acredita que a nossa menina escolheu ele ao invés de mim? Ela nem sequer me deu a oportunidade de contar tudo. Não sei mais o que fazer, Princesa.

A égua parece entender tudo que digo, pois ela abaixa a fuça em minha direção e toca o meu ombro, de forma que eu possa repousar minha cabeça nela. Ficamos assim por alguns segundos, até ela se afastar e relinchar.

Alguns minutos depois, volto para o churrasco, que começou a ser assado. Os convidados já começaram a chegar e a música começou a rolar, mas para mim a festa já terminou. Eu pego uma cerveja e sento, apenas para observar o babaca e intimidá-lo.

Os dois juntos não combinam, não mesmo. Não que o cara seja feio, preciso dar meu braço a torcer. Ele não é um cara bem-apegoado, o que me faz odiá-lo ainda mais. Mas seus olhos não são bondosos, e ele não tem a chama que a

minha menina tem. Ela é como um pássaro, não deve ser acuada, não deve ser pressionada. A Alana é um espírito livre, mas em meu coração, eu rezo para que sua liberdade a faça correr para mim.



Onze

ALANA

Tento me divertir ao máximo na festa, já que estou fazendo dezoito anos de idade, é o meu momento de liberdade, e irei aproveitar ao máximo. O único problema é que o Rick não está se enturmando, por mais que eu tente, meus amigos e até a minha família não dão oportunidade para ele.

Depois de me servir com um pouco mais de churrasco vou para uma das mesas e me sento, um movimento ao meu lado chama a atenção e a minha mãe se senta.

— Por que essa carinha?

— Que cara, mamãe?

— Você está triste, meu amor.

— Não estou, não. — Dou de ombros e ela sorri.

— Você está. Eu sei o quanto você esperou por essa festa, por finalmente fazer dezoito anos e poder ficar com o Canoa.

— Ele não gosta de mim, mamãe.

— Não? Esse menino passou dois anos perguntando de você todos os dias, ele não sorria direito, e desde que você voltou ele anda acuado no canto por causa do Henrique.

— Que é o meu namorado.

— E não combina com você — fala e eu suspiro. — Alana, o Henrique não é do seu mundo. Ele está completamente fora de lugar aqui. E eu sei que você percebeu isso. Lá na Irlanda, vocês dois estavam em uma cidade grande, e não tinha a presença do Canoa constantemente. E eu sei que você está balançada por causa dele.

— O Canoa me vê como uma irmã.

— Será mesmo? — pergunta e olho para ela sem entender. — Eu sou mãe, querida, e mãe são sábias. E eu sinto que tem alguma coisa acontecendo com aquele rapaz, você tem que dar uma oportunidade para ele. Cuidado para não tomar uma decisão que possa se arrepender depois.

Minha mãe se levanta e volto a ficar sozinha, até o momento que alguém se senta ao meu lado bufando.

— Que foi agora?

— Sua querida cunhada não vê problema nenhum em um urubu ficar rondando a minha filha. — Tóti aponta em uma direção e vejo a Clarinha dançando com o amiguinho.

— Tóti, eles são crianças. Não tem malícia.

— Não interessa. E outra eu a ouvi dizer que beijou ele.

— Um selinho de nada.

Os dois se abraçam e o Tóti se levanta com tudo.

— Canoa, Diogo e Caetano, comigo agora! — ele grita e os três correm até ele preocupados. Vejo-o apontando para a direção da Clarinha e os quatro caminham até lá.

O Canoa pega a Clarinha no colo a jogando no ombro e volta rindo enquanto os três vão falar com o menino. Ele se aproxima de onde estou e coloca a Clarinha sentada ao meu lado.

— Fique aqui, mocinha.

— Não quero. — Ela cruza os braços e dou risada.

— O seu pai mandou.

— Tia, eu só estava dançando.

— Eu sei, querida.

Olho para o Canoa, que desvia o olhar rapidamente e se afasta.

— Eles vão bater no meu amiguinho?

— Claro que não, princesa. Eles não fariam isso.

Quarenta minutos depois, a Ceci volta com o garoto e se senta à nossa mesa, vejo que ele tenta não rir quando olha para a Clarinha ao meu lado.

— Eles ameaçaram pendurar o menino de ponta cabeça se ele tentar beijar a Clarinha — a Ceci cochicha rindo ao meu lado.

— Eles não fizeram isso — falo sem acreditar.

— Fizeram.

Minha mãe chama minha atenção e me levanto indo até a mesa do bolo, os convidados se reúnem ao redor e começam a cantar parabéns. Fico sem graça, pois esse é o momento que mais odeio em uma festa: a hora do parabéns.

— Faz um pedido, tia! — a Clarinha grita e olho para a vela.

Meu pedido por todos os anos foram para que o Canoa me notasse, dessa vez peço para que eu seja feliz, seja com quem for.

Apago a vela e corto o bolo dando o primeiro pedaço para a Ceci.

Enquanto minha mãe e a Luzi servem o bolo para os convidados vou para a mesa onde o Rick está sentado.

— E aí? Gostou da festa?

— Gostei sim — responde e depois fica sério olhando para trás de mim, sigo o olhar dele e vejo o Canoa nos encarando. — Por que esse cara te olha tanto?

— Ele e todos os funcionários cuidam de mim. Eles me viram crescer, só isso.

— É o que você pensa. Esse peão te olha diferente.

— Ele não é peão, Rick — respondo suspirando. — Ele é o gerente da fazenda. Ele administra tudo para o meu pai. E tem faculdade.

— Ele é um caipira, Alana.

— Então eu também sou. Já que eu nasci aqui, cresci nessa fazenda.

— Você é diferente. — Ele faz um carinho no meu rosto. — Você é especial.

— Toda a minha família é caipira.

— Tá, esquece que eu falei isso.

Olho para ele e lembro-me de tudo o que o Canoa disse aquele dia. Que eu era apenas uma irmã, uma criança. O Rick me via como mulher e era isso que eu queria, ser uma mulher.

— Já esqueci. — Dou um sorriso e ele me beija. — Mas tenta se enturmar

com a minha família, eles são importantes para mim.

— Vou tentar.

A festa tinha rolado até às dez da noite, o que era um almoço virou jantar também, muitos não queriam ir embora. Então, quando finalmente consegui subir para o meu quarto e tomar um banho, faltei dar pulos de alegria.

Depois do banho deito na minha cama e fico encarando o teto no escuro, não demora muito e a porta do quarto abre e escuto a voz do Rick:

— Vim te dar um beijo de boa noite. — Ele deita na minha cama debaixo das cobertas e me beija antes que eu possa responder.

Sinto as suas mãos descerem pelo meu corpo, para subirem por baixo da camiseta em direção aos meus seios. Como eu estava sem sutiã, ele teve fácil acesso.

— Espera, Rick.

— Quero você, Alana, e eu sei que você quer ser minha, que tem curiosidade.

Que eu tenho curiosidade não vou negar, mas sempre imaginei perder a minha virgindade com o Canoa, mas nesse momento ele não me queria, nunca quis. Era certo parar a minha vida por causa dele?

Tomando o meu silêncio como resposta, o Rick puxa a minha camiseta e o short logo em seguida, rapidamente ele retira a sua própria roupa e está nu na minha frente.

Ele se estica e liga o meu abajur e posso ver o seu corpo. Não era forte como o Canoa, mas era bonito. Desço meus olhos até o pênis dele e engulo em seco. A ficha tinha caído do que ia acontecer. Rick volta a deitar sobre o meu corpo depois de puxar a minha calcinha e colocar uma camisinha. Ele beija o meu pescoço e começa a se mexer procurando a melhor posição.

— Rick, acho que não quero mais.

— Você só está com medo. — Ele sorri e sinto o seu pênis achar a minha entrada, ele força um pouco e para ao atingir a barreira da minha virgindade. — Vai ser bom, eu prometo.

— Não, podemos fazer isso outro dia?

— Outro dia? Quando? Não volto tão cedo aqui, Alana.

— Eu moro aqui.

— E eu moro na Capital. Você tem que ir até lá também.

— Rick, vamos conversar melhor. Levanta.

— Não, Alana, eu não vou embora e deixar você aqui com aquele peão pé-rapado te rondando. Ele não vai ter o que é meu — fala nervoso.

— E o que é seu?

— Isso. — Ele se impulsiona para frente e sinto uma dor enorme.

— Sai — peço chorando.

— Você é a minha namorada, Alana.

Rick começa a se movimentar e beijar o meu rosto. Ele tinha razão, ele era meu namorado, ele tinha o direito de fazer amor comigo. Mas eu não queria que fosse assim. Sinto o corpo dele tremer e ele solta um grito e cai sobre o meu corpo e rola em seguida.

— Tudo bem?

— Está sim — minto.

Ele se levanta da cama e começa a se vestir.

— Consegui um táxi, ele vem me buscar em meia hora, vou pegar o último ônibus para a Capital.

— O quê? — Sento na cama e puxo o lençol me enrolando.

— Tenho que ir, Alana, meu pai precisa de mim.

Ele dá um beijo na minha testa e sai do quarto. Corro para o banheiro e acabo vomitando o que parece ser tudo o que tenho dentro do corpo. Abro o chuveiro e lavo todo o meu corpo, vejo escorrer um pouco de sangue na minha perna e percebo o que aconteceu.

Perdi a minha virgindade de uma maneira nada romântica, praticamente bruta.

Coloco uma calça de moletom e uma regata e corro para o único lugar onde poderia conversar com alguém e não ser julgada. Entro na baia da Princesa, que se assusta e abraço o seu pescoço chorando.

— Ele tirou a minha virgindade, Princesa. Eu não sei se queria, mas ele tirou assim mesmo. Ele disse ter o direito de fazer isso por ser meu namorado, isso existe? — pergunto e ela relincha. — Doeu, Princesa, doeu muito. Eu sempre imaginei que a minha primeira vez seria com o Canoa, que ele amaria o meu corpo e me faria a mulher mais feliz desse mundo. Mas foi o contrário, a minha virgindade foi tirada sem eu querer. E ele ainda está indo embora, Princesa. Ele foi para a rodoviária. E disse que não sabe quando volta. O que eu faço?

Escuto barulho de passos e saio da baia olhando em volta do estábulo e não vejo ninguém. Pego uma das mantas que ficavam penduradas para cobrir os animais e volto para a baia da Princesa. Deito sobre o feno que está ali e me cubro. Não queria voltar para o meu quarto e a minha cama, não queria dormir no mesmo lugar onde minha virgindade tinha sido tirada sem eu querer.



Doze

CANOA

Ontem eu desisti. A teimosia da Alana venceu, e eu parei de implorar para ela vir comigo, já tinha me humilhado demais naquele dia. Após remoar muito o assunto, decide esperar que ela me desse uma brecha, que abaxasse essa muralha que construiu contra mim.

Então não esperei até o final da festa, aceitei a minha derrota temporária e voltei para casa.

Dormi por horas seguidas, devido ao fato de eu estar há mais de 24 horas sem pregar o olho. Eu teria dormido muito mais, mas o meu celular começou a tocar ininterruptamente. Após alguns segundos, finalmente venci a preguiça e atendi.

— Alô! — digo.

— *Graças a Deus! Porque demorou tanto para atender?*

— Antônio? São cinco horas da manhã.

— *São quase seis, mas isso não importa* — ele diz apressado, aparentando estar nervoso. — *Canoa, levante AGORA dessa cama e vai do jeito que você estiver vestido para a rodoviária. Não temos tempo, ele não pode embarcar.*

— Ele? Ele quem? O que está acontecendo... — tento dizer, mas ele grita, me interrompendo:

— *Caramba, já mandei sair dessa cama! Levanta e corre atrás do filho da puta do Henrique. Ele não pode entrar na porcaria daquele ônibus.*

Só de ele mencionar o nome daquele mauricinho, meu corpo já ficou em alerta. Fechei os punhos e saltei da cama. Eu estava de samba-canção e sem camisa, mas não me importei, calcei o chinelo, peguei a chave do carro e já fui em direção à caminhonete, tudo isso com o celular no ouvido.

— Pronto, já estou dando partida na caminhonete. Agora me conte o que aconteceu.

— *Eu vou te contar, mas pessoalmente. Também estou indo para a rodoviária, o Caetano está comigo e o Diogo está indo para aí.*

Apertei o volante com toda minha força, e quando os nós dos meus dedos ficaram amarelados, respirei fundo e finalmente perguntei:

— Antônio, só me diga se... se ele machucou a minha menina?

O silêncio do outro lado da linha confirmou as minhas suspeitas.

— Filho da puta! Eu vou acabar com esse merda! Vou desfigurar a cara dele, arrancar dente por dente, eu vou fazê-lo pagar. Eu juro que vou!

— *Nós vamos fazê-lo pagar. Ela é a minha irmãzinha, afinal de contas.*

Eu entro na rodoviária e estaciono na primeira vaga disponível.

— Antônio, eu cheguei. Recomendo que chegue logo, ou não o encontrará consciente.

— *Chego aí em cinco minutos* — ele diz, antes de desligar.

Eu corro pelas plataformas em busca dos ônibus com destino a São Paulo. O primeiro que encontro só sai em uma hora e após conferir cada rosto presente na fila, decido procurar outra companhia. Descubro que só tem mais um ônibus para São Paulo e ele sai em três minutos. Corro até a plataforma onde aquele desgraçado deve estar e não demoro nem três segundos para encontrá-lo. Ele não me vê, e coloca o pé esquerdo no primeiro degrau do ônibus, na intenção de embarcar, mas o agarro pela gola da jaqueta e o jogo para trás.

Assim que me vê, primeiro identifico o fator surpresa e o medo em seu olhar, mas logo ele disfarça e faz uma cara de zombeteiro que está pedindo para apanhar.

— Foi boa a sua noite? Aproveitou bem, se sentiu um machão? — pergunto, com a adrenalina a mil, querendo desesperadamente ver o sangue desse canalha.

Ele sorri e diz:

— Sim, foi uma noite bem agradável. Confesso que não foi a melhor noite que já tive, mas até que deu para o gasto. — Ele sorri descaradamente e dou dois passos em sua direção. — Achou o quê? Que eu a entregaria de bandeja para você? Acha que vou cair nessa história de “funcionário leal e preocupado”? Sei muito bem que você só quer se enterrar nela, conheço tipos como você. Mas, pensando bem, agora que eu já a tive, você pode tê-la. Não ia dar certo de qualquer jeito. Moramos muito longe... — ele não conseguiu terminar de falar, pois acertei um murro bem forte na sua boca inconveniente.

— Ai, ai, ai! Meus dentes! — ele diz choramingando ao perceber que vários de seus dentes quebraram. Sua boca inchou instantaneamente, enquanto o sangue escorria em sua gengiva.

— Esse soco foi para você aprender a pensar antes de falar merda, seu babaca!

Então chuto seu saco e ele se agacha gemendo sem parar. Noto que as pessoas estão nos assistindo, temerosas de que eu seja um psicopata qualquer.

— Esse chute foi para você aprender a respeitar as mulheres. Elas não são descartáveis! Na próxima vez que for usar esse seu brinquedinho, use-o com responsabilidade. Pense bem se não estará magoando a sua parceira.

— Você é um peão ordinário e metido à besta. Você vai pagar por isso, meu advogado... — ele emudece e olha para um ponto fixo atrás de mim. Gotas de suor brotam em sua testa e ele perde a cor do rosto.

Não preciso me virar para descobrir o que está o assustando: os rapazes chegaram.

— Bom trabalho, Canoa! — Antônio diz e põe uma mão em meu ombro. — Foi um bom aquecimento. Agora vamos conversar direitinho, Henrique.

Antônio, Caetano e Diogo se aproximam e abro um sorriso fraco ao ver o babaca tremendo de medo, mas logo perco o interesse e decido deixá-los concluir a lição que estão dando no cretino. Entro na caminhonete e dirijo sem pensar em nada. Minha mente está em branco, estou sendo guiado apenas pelo coração.

Atravesso a porteira da fazenda e estaciono em frente à casa grande.

Apesar de não saber direito o que aconteceu, eu sabia o principal: minha menina não perderia mais a sua virgindade comigo. Eu sentia meu peito doer e o ar me faltar, mas logo percebi que não era isso que estava me ferindo, mas sim o fato de Alana ter se ferido.

Eu preciso vê-la, abraçá-la e dizer que tudo ficará bem.

Corro para o seu quarto, mas ele está vazio. Então me apresso até o lugar que eu sei que é onde ela está, e quando chego lá, a encontro encolhida ao lado da Princesa, coberta com uma das mantas da baia.

Dormindo assim, ela parece uma fada pequenina, com sua respiração profunda e delicada.

Institivamente me aproximo e noto que suas pálpebras ainda estão molhadas.

Uma sensação de culpa me invade. Eu não deveria ter desistido. Deveria tê-la pegado no colo e arrastado para minha casa, ter cuidado dela como eu sempre disse que faria. Suas pálpebras estremecem e logo ela abre seus lindos olhos, capazes de hipnotizar a todos que os olharem. Ela pisca três vezes antes de sua visão focar em mim.

— Canoa? — ela pergunta em um fio de voz. Eu sento ao seu lado, ergo a sua cabeça e a apoio em meu colo. Ela tenta se levantar, mas eu a impeço.

— Calma, pequena. Eu estou aqui, está bem? Eu sempre estarei aqui.

Ela olha em meus olhos e questiona:

— Por que você está me dizendo isso? — Seus olhos começam a se encher de lágrimas.

Eu apenas a olho profundamente, sem dizer nada, então sua ficha cai.

— Meu Deus! Os passos que ouvi... era você?

Balanço a cabeça negativamente.

— Seu irmão me ligou logo cedo e pediu para eu ir até a rodoviária atrás do Henrique.

— Você foi atrás dele? Por quê? Ah, não! O Antônio escutou tudo, ele me ouviu conversando com a Princesa. — Ela derrama lágrimas e mais lágrimas, e meus olhos também marejam.

— Ele te machucou? — Me limitei a perguntar. Eu ainda não estava preparado para ouvir maiores detalhes, só queria saber se ela estava bem.

Ela escondeu o rosto nas mãos e respondeu:

— Não. Quer dizer, doeu muito. Nossa, como estou envergonhada. Tudo aconteceu tão rápido. — Ela tira as mãos do rosto e me olha profundamente. — Eu disse a ele que não queria. Eu não estava preparada, Noah! Mas ele disse que era meu namorado e que tinha direito de... de... — ela começou a soluçar e eu a puxei para os meus braços. A apertei contra o meu peito como se a estivesse protegendo de todos os males do mundo. Ela se encaixa perfeitamente contra

mim e agora minha menina está traumatizada em relação a algo que deveria ter sido lindo e especial.

— Ele não tinha o direito a nada, Alana! Ele roubou de você algo que não tem como repor, mas ele pagou caro. Agora você tem que se acalmar e deixar isso para trás.

— Como, Noah? Eu fui uma estúpida! Ele mal se despediu de mim. Ele não teve a mínima consideração.

— Não, ele não teve. Esse cara tem sangue frio, ele não se importa com nada a não ser consigo mesmo. Mas escute com atenção o que eu vou te falar: coisas ruins acontecem o tempo todo. Isso faz parte da vida, princesa. Mas sabe o que devemos fazer? Tirar disso tudo uma lição. Aprender com o erro é o que nos diferencia da maioria dos outros seres vivos, isso é evoluir. E para você, isso vai ser fácil, você vai tirar de letra.

— Como vou “tirar de letra”? Você está doido?

Eu pego a sua mão e encaixo na minha.

— Sim, você vai! Porque eu vou te ajudar. Mas você precisa confiar em mim e me deixar fazer o que for necessário para isso. Você confia em mim?

— O que...?

— Confia em mim? — repito, ela enxuga suas últimas lágrimas e finalmente dá um sorriso, ainda que tímido.

— Confio! — ela finalmente diz, e meu coração tamborila.

— Então venha comigo. — Eu a conduzo até meu carro e, após abrir a porta para ela entrar, sento ao lado do passageiro e ligo o rádio.

“Fada, fada querida

Dona da minha vida”

Olho para minha menina e novamente pego sua mão. Ela me olha confusa.

— Por que está fazendo tudo isso? — Ela parece tão frágil que perco o ar.

— Assim que chegarmos, você verá.

Ficamos em silêncio até chegarmos em casa.

— É aqui que você mora? Eu nunca vim aqui antes. — Ela observa cada detalhe e sorri.

— É sim. — Giro a chave na maçaneta e digo: — Só não repare na bagunça. — Acendo a luz e entro, ela me segue em silêncio. Então eu paro em um canto da sala que tem uma escrivaninha, na parede há três calendários pendurados.

— Uau! Você realmente gosta de calendários.

— Sim, eu gosto. Espero que você comece a gostar tanto quanto eu — respiro fundo, dou um passo à frente e acaricio o rosto da minha menina com as costas da minha mão. — Esses calendários, Alana, são o segundo presente.

Ela ergue a sobrancelha interrogativamente, e o vinco que se forma em sua testa a deixa ainda mais irresistível.

Ela passa os dedos pelo primeiro calendário e então começa a folheá-lo. O calendário está em branco até o dia da sua partida. Desse dia em diante, ele tem vários X marcados. Ela me olha interrogativamente, mas então volta a sua atenção para o segundo calendário. Este está marcado do início ao fim. Quando ela passa os dedos pelo terceiro calendário, meu coração para de bater.

É agora!

O calendário tem X marcado até o dia do aniversário da Alana, que está grifado com um círculo em caneta vermelha.

— O que... Canoa, não é possível! — ela balbucia, começando a ligar os fatos.

— É possível, minha menina! Eu te amo há tanto tempo que nem me lembro da minha vida antes de você. Eu não podia dizer antes, preciso que me entenda. Eu sou muito mais velho que você, e...

— Não! Você está mentindo! — ela grita.

Eu pego sua mão e coloco em meu coração.

— Você sente isso? Eu fico assim sempre que estou perto de você. Às vezes, ele bate tão rápido que acho que vai sair pela boca. Se estou mentindo, então por que estou assim?

Ela derrama lágrimas e se vira. Quando ela volta a me olhar eu não perco tempo.

— Alana, você é a mulher da minha vida. Amo seu temperamento explosivo, seus olhos brilhantes, a forma que você pronuncia as palavras praticamente sem respirar... são tantas coisas que amo em você que não dá para enumerar. Então eu não vou perder nem um minuto mais, eu preciso te mostrar que você é perfeita para mim.

Eu a puxo para mim e colo meus lábios nos seus. Ela suspira e se entrega a mim. Nossos lábios fazem uma dança sem igual, nossas línguas se abraçam como amantes apaixonados. Ela se encosta em mim e eu praticamente grudo meu corpo ao dela.

E então, do nada ela me empurra e dá um tapa na minha cara.

— Seu babaca! Se você tivesse feito isso antes, nada disso tinha acontecido comigo. Eu te odeio!

Ela sai pisando duro e eu fico tentando recuperar o fôlego e a sanidade.



Treze

ALANA

Ele contou os dias. Ele realmente contou os dias até que eu fosse maior se idade.

Mas por que não falou isso antes? Por que disse que eu era apenas uma irmã para ele? Se não tivesse inventado aquela história, o Henrique não teria entrado na minha vida e a noite de hoje seria completamente diferente.

Corro para fora da casa dele e acabo batendo com tudo em uma parede, que

me segura.

— Alana?

— Tóti? O que está fazendo aqui?

— Vim falar com o Canoa. Como você chegou aqui?

— Ele me pegou na fazenda e trouxe para cá, disse que queria conversar.

— Ainda quero, Alana, por favor — escuto atrás de mim, mas não viro para ele.

— Só vim para dizer que o merdinha foi todo quebrado para a Capital — Tóti fala e abaixo a cabeça. — Quer ir para casa, ou quer ficar aqui com o Canoa?

— Acho que prefiro ir para casa.

— Alana, por favor, não vai.

— Deixe-a descansar um pouco, Canoa. Depois vocês se falam — meu irmão diz e me separo dele para ir para o seu carro. Sinto uma mão segurar meu braço e fecho os olhos.

— Eu te amo, e sei que a burrada que fiz dois anos atrás influenciou o que aconteceu hoje. Se eu soubesse teria feito tudo diferente. Tenho motivos para ter feito aquilo, e preciso que me dê uma chance para explicar.

— Não consigo.

— Vou deixar que vá para casa, descanse e fale com a sua mãe, a Ceci. Mas à noite estou indo até a fazenda te buscar, você vem para a minha casa, vamos jantar e conversar.

— E se eu não quiser?

— Acho que você não entendeu, minha menina. Você vem jantar comigo, querendo ou não.

Ele me solta e corro para o carro do Tóti. Ele dirige em silêncio e quando chega à fazenda segue direto para a casa dele. No meio do caminho, ele para o

carro, desce e vem para o meu lado me ajudar a descer. Olho em volta tentando identificar onde estamos e vejo o velho balanço que ele tinha montado especialmente para mim. Ele me ajuda a sentar e lentamente me empurra, ficamos assim não sei por quanto tempo, até que ele para o balanço e se ajoelha à minha frente.

— Eu te amo, Alana, você é minha irmãzinha, não importa quantos anos você tenha, se está casada, com filhos, netos. Você sempre será meu bebê loirinho que corria por essas terras de chupeta segurando uma fralda — fala e dou um sorriso.
— Não posso mudar o que aconteceu hoje, por mais que eu queira. A única coisa que posso fazer é oferecer meu ombro para chorar e um conselho.

— Conselho?

— Eu sei que vai ficar marcada para sempre, mas não deixe isso influenciar a sua vida. Anos atrás achei que tinha sido abandonado e não fui atrás da Ceci. Quando ela voltou continuei a afastando, quando na verdade o que eu queria era amarrá-la na minha cama. Você ama o Canoa, e ele te ama. Eu sei disso há muito tempo. Aquele homem é louco por você. Então meu conselho é: deixe ele se explicar, escute tudo o que ele tem para falar.

— Ele teve a chance dele dois anos atrás.

— Dois anos atrás, você era menor de idade. Só por isso ele não falou nada. Mas agora vocês podem ficar juntos.

— Achei que fosse contra.

Ele sorri e faz um carinho no meu rosto.

— Eu era. Mas nesses dois anos que você ficou fora, eu vi o quanto ele sofreu. Ele te ama. E se eu tivesse que escolher alguém para ficar com você, seria ele a minha escolha.

Saímos do balanço e o Tóti vai para a casa dele. Assim que saio do carro a porta da casa se abre e a minha mãe sai de braços abertos, corro até ela, que me abraça forte. Tento segurar as lágrimas, mas é impossível.

— Chora, querida, solta tudo o que está te machucando.

— A senhora sabe?

— Eu ouvi o Inácio gritando no telefone, aí chamei a sua mãe. — A Ceci faz um carinho na minha cabeça.

— Vem, temos um bule de chá nos esperando, vamos conversar.

Entro na casa ainda abraçada com a minha mãe, vejo a Clarinha sentada no sofá me olhando de longe.

— Oi, princesa.

— Você tá bem, tia? A mamãe e a vovó estavam preocupadas com você.

— Eu vou ficar bem, prometo.

Ela desce do sofá e corre até onde estou e abraça a minha cintura.

— Abraço cura tudo, tia.

— Tem razão.

Sinto as lágrimas voltarem a cair. Eu tinha a minha família comigo e tinha certeza de que iria superar tudo.

— Eu concordo com o seu irmão, você tem que dar uma chance para o Canoa se explicar — Ceci fala depois que eu conto tudo o que aconteceu.

— Eu concordo. E outra, aquele menino sempre te amou. Ele tem todo direito de se explicar.

Penso no que a minha mãe e a Ceci diz, eu queria conversar, mas ao mesmo tempo não queria. Tinha sofrido todas as consequências por causa daquele dia; e ele, o que tinha sofrido?

Vou para a minha casa e ao entrar no quarto olho para o colchão, a marca de sangue ainda estava no meu lençol. Arranco as cobertas as jogando longe e tiro o lençol o arremessando pela janela com um grito, tiro o colchão da cama e tento levá-lo até a janela, mas ele é pesado demais para mim, por ser queen size.

— O que está fazendo? — minha mãe pergunta entrando no quarto e vejo meu

pai e o Tóti atrás dela.

— Não quero nunca mais dormir nesse colchão.

— E o que vai fazer com ele?

— Botar fogo? — pergunto e o Tóti sorri.

Ele entra no quarto e com a ajuda do meu pai jogam o colchão pela janela e pega a minha mão.

Passando na cozinha pego uma caixa de fósforos e ele pega o álcool.

— Vamos fazer fogueira? — Clarinha grita animada correndo na nossa direção e meu pai a segura para que não se aproxime do fogo.

— A sua tia disse que esse colchão está machucando ela, então vamos botar fogo.

— Entendi, vovô. — Ela olha para mim. — Vamos botar fogo no Henrique também? Ele machucou a tia.

— Onde você ouviu isso? — meu pai pergunta e olha para a minha mãe, me dando a certeza de que ele não sabe ainda.

— Ouvi a mamãe dizendo para a vovó que ele machucou a tia Alana. Se quiserem, eu ajudo a botar fogo nele também.

— Não precisa, meu amor, o papai já bateu nele e o Canoa também — Tóti diz.

— Parabéns, papai. Espero que ele fique com muita dor por machucar minha tia. — A Clarinha cruza os braços e faz um bico encantador e sinto pela primeira vez vontade de sorrir.

Acendo um fósforo e jogo sobre o colchão encharcado em álcool. Não demora muito, ele começa a queimar e sinto certo alívio com isso. Minha mãe me abraça e ficamos encarando o fogo.

— Deixa essa noite queimar nesse fogo. A mágoa, a dor, tudo que está te

machucando deixa queimar.

— Não é fácil, mamãe.

— É sim. E você tem toda uma família para te ajudar e apoiar. E mais do que isso você tem um bom rapaz que quer ficar do seu lado.

— Se esse bom rapaz que você está falando é o Canoa, eu aprovo — meu pai diz e olha para ele. — Ele sim é um rapaz decente e merecedor da minha filha.

— O senhor não se importa por ele ser mais velho do que eu?

— Alana, conheço esse rapaz há muito tempo. Sei o caráter que ele tem, ele poderia ter duzentos anos e ainda assim confiaria minha única filha a ele. Sei que ele preferiria morrer a te machucar intencionalmente.

— Até parece que todos vocês se juntaram para defender o Canoa! — reclamo.

— O tio Canoa é o melhor do mundo todo, depois do papai, claro. Se eu não tivesse namorado, eu iria namorar o tio Canoa. Mas ele gosta de você, ele disse que não quer nenhuma outra, ele me prometeu isso — a Clarinha diz rápido e abre um sorriso.

— Tirando a parte do já tenho namorado. Coisa que vamos conversar depois — Tóti diz olhando feio para a minha sobrinha. — Ela tem razão, ele quer você e nenhuma outra.

— Eu não vou prometer nada.

Afasto-me de todo mundo e volto para o meu quarto, encaro a cama vazia e sinto o meu corpo tremer. Eu sabia que tinha que superar, mas não estava pronta ainda, aquele quarto me trazia lembranças ruins.

Depois de passar praticamente meia hora esfregando o corpo debaixo do chuveiro, coloquei um pijama e fui para o quarto dos meus pais. Não queria ficar no meu e a única outra opção era o quarto que o Henrique dormiu. Deito na cama e logo um furacão entra e se joga ao meu lado.

— Pode dormir, tia, eu te protejo.

— Obrigada, meu amor.

Fecho os olhos e acabo adormecendo com a Clarinha fazendo um carinho nos meus cabelos.

Encaro o relógio que marcava sete da noite. O Canoa tinha prometido que viria me buscar para jantarmos juntos. Depois de muito pensar acabei decidindo dar a oportunidade dele se explicar, então coloquei um vestido azul-claro, minha bota favorita e fui para sala.

Escuto um carro parando em frente de casa e me despeço dos meus pais. Vou para o lado de fora e o Canoa para no primeiro degrau.

— Achei que teria que te obrigar a ir comigo.

— Você tem uma torcida enorme nessa casa. Passaram o dia inteiro falando que tenho que conversar com você.

— Que bom que te convenceram. Vamos?

Ele abre a porta da caminhonete e me ajuda a subir, o caminho até a casa dele é feito em silêncio, não sabia o que ele queria falar, e nem como isso iria me afetar. Entro na casa dele e dou uma olhada para os calendários, eles representavam o tempo que ficamos separados.

— Fiz uma macarronada para nós.

— Eu amo macarrão.

— Eu sei. — Ele sorri e pega a minha mão me levando até à cozinha.

Sento-me à mesa e espero enquanto ele esquento o molho. Olho para as suas costas e lembro-me de tudo o que passamos: meu amor nunca correspondido, a sua rejeição, o nosso afastamento.

— Por que você me disse tudo aquilo aquele dia?

— Vamos jantar primeiro e depois nos falamos.

Ele serve o macarrão e senta. Conversamos sobre o tempo que fiquei fora, como foi morar na Irlanda, o que ele fez aqui.

Assim que terminamos de comer, ajudo o Canoa a lavar a louça e vamos para a sala, paro no meio do caminho e ele me olha.

— Podemos conversar amanhã?

— Alana...

— Vamos para o seu quarto? Quero que me abrace essa noite. Quero dormir nos seus braços e dormir tranquila, sem lembrar o que passei.

Ele pega a minha mão e me leva até o seu quarto, tiro a bota e vou me deitar quando ele me impede entregando uma camiseta sua, vou até o banheiro e a visto, ao voltar para o quarto ele está deitado na cama usando um short e camiseta, deito ao seu lado, que me puxa para o seu peito e me abraça.

— Sonhei com isso por dois anos.

— E eu praticamente a minha vida inteira.

— Dorme, minha menina, essa noite você está protegida.

Fecho os olhos e escuto o coração dele bater, me ajeito melhor e ele me abraça mais apertado. Essa noite dormiria nos braços dele e deixaria para pensar no que seria da minha vida amanhã.



Quatorze

CANOA

Acordo e esfrego os olhos tentando acordar. Quando finalmente abro os olhos, eu percebo que esta noite tinha sido real, e não mais um sonho solitário.

Ela realmente dormiu nos meus braços.

Agora ela está dormindo de lado, virada contra mim. Decido me aproximar e abraçá-la. Inalo seu perfume e tento memorizá-lo. Como eu gostaria de eternizar esse momento.

Meus movimentos fazem com que ela desperte vagarosamente, e me deleito ao observá-la despertando. Tudo nela me fascina, desde o tremor de seus cílios antes de abrir os olhos, até o suspiro preguiçoso que ela emite. Quando seus olhos finalmente focam em mim, sua face enrubesce e um leve sorriso se forma em sua boca naturalmente rosada.

— Bom dia, minha menina. Dormiu bem?

— Bom dia, Noah. Só não vou reclamar do fato de você me chamando de menina porque ainda estou com muito sono para me indispor.

— Alana, eu te chamo dessa forma não porque te considero uma criança. Não te vejo dessa forma, meu amor. Você é a minha musa, a menina dos meus olhos. Meu furacão de tranças, bagunçando a minha vida. Minha menina!

Por vários segundos, ela olha diretamente em meus olhos e sinto minha alma sendo desnudada. Então ela leva uma mão até meu rosto e me acaricia suavemente.

— Você me chamou de “seu amor”, é isso? Por que você não foi fofo assim antes? Por que me fez sofrer por tantos anos? Poderíamos estar juntos há tanto tempo.

— Não, não poderíamos. Você era menor de idade, e... — digo, mas ela me interrompe.

— Minha família não se importaria! O amor não vê idade, você não enxerga isso?

— Você não entende, Alana! Eu sou bem mais velho do que você. Quando comecei a sentir meu coração batendo mais rápido por você, eu lutei muito contra esse sentimento. Eu não queria que pensassem que eu te desejava por seu corpo ou por sua idade, então reprimi qualquer pensamento sexual em relação a você. Meu amor sempre foi puro, sempre te amei pela sua personalidade, pela sua liberdade inata, por sua alma. Mas as pessoas não sabem disso. Pensariam que sou um pedófilo. — Passo as mãos pelos cabelos e olho para a janela, tentando disfarçar minhas emoções. — Eu nunca quis ser como meu pai. Por isso decidi esperar até que você fosse maior de idade.

Ela puxa meu rosto de forma que nossos olhares se cruzem.

— Você quis dizer que seu pai... — ela pausa, tentando não me magoar. — Você quer conversar sobre isso?

Balanço a cabeça negativamente.

— Não, agora não! Quero aproveitar esse momento lindo. — Me inclino para perto dela e cheiro seu pescoço. Seu cheiro invade meus sentidos, fruta e sol misturados perfeitamente para me enlouquecer. Afasto-me e olho em seus olhos.

— Você dormiu bem? Está se sentindo melhor hoje?

Seus olhos escurecem um pouco e ela desvia o olhar.

— Dormi muito bem. Obrigada por permitir que eu ficasse com você.

— Alana, você é completamente bem-vinda a essa casa. Sinta-se como se fosse sua. Eu quero que seja, na realidade. Por mim, você não ia embora nunca mais.

Ela sorri, mas seus olhos não acompanham. Eu sei que está confusa, então não a pressionarei. Tudo acontecerá ao seu tempo certo. De repente, Alana tampa o rosto com as mãos e pragueja:

— Droga! Esqueci-me de avisar os meus pais que eu passaria a noite aqui.

— Não se preocupe, eu liguei para o Antônio enquanto você se trocava, ontem à noite.

— Ah, obrigada. Mas ele não falou nada?

— Falou para eu cuidar bem de você.

— É, você realmente tem um fã-clube — ela diz, sem parecer tão animada.

— Pelo jeito, ele não é tão grande assim.

— Como? — ela pergunta distraída, enquanto vai até o banheiro e pega um tubo de pasta de dente.

— Quis dizer que nem todo mundo faz parte do meu fã-clube. Está faltando a pessoa mais importante se filiar.

— Bem, essa pessoa importante já foi a presidente do seu fã-clube, mas você nunca deu muita atenção a ela.

— Alana, eu já te expliquei o motivo.

Ela para de movimentar o dedo envolto de pasta de dente na boca e cospe, então ela responde:

— Eu sei, e eu entendo o seu ponto de vista, mas a mágoa e o sentimento de rejeição não vão sumir da noite para o dia. Preciso de um tempo para assimilar tudo — ela diz enquanto me olha através do espelho.

— Você tem todo o tempo do mundo para me aceitar, mas saiba que já te esperei por muito tempo, não vou desistir facilmente. Você está sob a minha pele, minha menina.

Então vejo algumas lágrimas escorrendo por seu rosto. Levanto-me da cama, ando até ela e a puxo para meus braços.

— Não chore, meu amor. Por favor! Foi algo que te fiz ou é sobre tudo o que aconteceu com aquele babaca?

— Um pouco de tudo. Estou tão confusa... Você está sendo tão perfeito que estou ficando com raiva de você.

Eu levanto seu queixo até que seu olhar encontre o meu e digo:

— Não estou fingindo nada, só estou finalmente te tratando como sempre quis tratar, você é a dona do meu coração, não posso te tratar como nada menos que isso. Eu sou louco por você!

Ela fecha os olhos e xinga, mas então os abre e diz:

— Que se dane! Eu também sou louca por você, Noah! Completamente pirada!

Perco o ar quando ela profere tais palavras e não estou preparado quando ela agarra meu quadril e me puxa contra ela. Demora alguns segundos até que a minha ficha cai e eu entenda que ela me quer. Enrolo seus cabelos em minha mão e puxo sua cabeça para mim, de forma que eu possa possuir seus lábios e

devorá-los lentamente, até saciar a minha fome de seus beijos.

— Ah, Alana! — Gemo em sua boca e ela estremece contra mim.

Suas mãos passeiam pelas minhas costas, pelo meu abdome, pelo meu peito, pela minha nuca. Eu estou duro como nunca, mas me controlo para não jogá-la na parede, arrancar sua roupa e entrar nela como venho sonhando entrar.

Não!

Ela já teve uma experiência traumática, e tenho que dar a ela uma noite digna de uma virgem desejando ser venerada, assim como ela deveria ter sido em sua primeira vez.

Eu interrompo nosso beijo e a abraço.

— Vamos com calma, ok? Como você mesmo disse, vai demorar um tempo até que você assimile tudo que está acontecendo.

Ela encosta a testa na minha e fecha os olhos.

— Você está certo. Obrigada.

— “Obrigada”? Está agradecendo pelo quê?

— Por tudo que está fazendo por mim. Eu te tratei tão mal nos últimos dias que sinto até vergonha, só de pensar.

Eu pego suas mãos nas minhas e digo:

— Que tal se deixarmos o passado para lá e recomeçarmos do zero?

— Seria bom, mas temos muita bagagem.

Eu devo ter parecido decepcionado, pois ela acaricia meu rosto e diz:

— Mas não custa nada tentar. Farei o meu melhor, está bem?

Sorrio como nunca, tendo total consciência de que devo estar com cara de idiota.

— Obrigado, minha menina.

Ela me dá um beijo rápido e fala:

— Só não me machuque novamente, ou eu não vou precisar do Inácio para chutar suas bolas. Eu mesmo vou acabar com você, e para ti só restará a vergonha de ter sido massacrado por uma garota.



Quinze

ALANA

Duas semanas tinham se passado desde o dia em que dormi na casa do Canoa, durante essas semanas saímos algumas vezes para ir ao cinema ou comer alguma coisa. Meus pais só olhavam para nós dois e sorriam, até mesmo o Tóti não estava reclamando, o que era muito estranho.

Hoje à noite iríamos ao bar da cidade vizinha, era noite do karaokê e eu estava animada para ir, então ele acabou concordando.

— E essa roupa? — pergunto para a Ceci e a Clarinha que estavam sentadas na minha cama.

— Alana, é a sexta roupa que você coloca.

— É, tia, você fica linda com qualquer coisa.

— Sem contar que não é a primeira vez que você sai com ele.

— Mas é a primeira com os amigos dele. — Uma vez que ele tinha aceitado ir ao bar, e os amigos dele faziam questão de me conhecer acabou combinando tudo para essa noite.

— E quem não gosta de você, tia? — A Clarinha fica de pé na minha cama e faz uma carinha brava. — Quem não gostar, eu quebro o nariz.

— Clarinha, senta. — Ceci puxa a filha pela camiseta que cai sentada na cama rindo. — Como você pode ser tão parecida com a sua tia? Nem parece minha filha, está mais para filha da Alana.

— Ceci, nem que eu tenha dez filhas elas vão parecer mais comigo do que a Clarinha.

— Isso é verdade. — A Ceci me olha novamente dos pés à cabeça. Eu estava com uma calça jeans, bota e uma camiseta branca por baixo da camisa preta. — Você está linda.

— Já está pronta, Alana? O Canoa acabou de chegar.

— Estou bonita, mamãe?

— Está linda, querida. Agora vamos porque o menino está ansioso.

Desço as escadas e ao chegar na sala o Canoa me olha da cabeça aos pés.

— Nem pensar, Alana, pode colocar uma camiseta mais fechada ou então solta a camisa que está amarrada.

— Por que, posso saber?

— Porque vou arrumar briga no bar com todo mundo te olhando — ele

reclama e reviro os olhos.

— Onde pensa que vai assim? — O Tóti entra na sala com o Inacinho no colo e me olha feio.

— Sair com o Canoa.

— E você vai deixar ela ir assim? — meu irmão pergunta.

— Não, eu já mandei se trocar.

— Nem vem vocês dois, não vou me trocar. Vamos, meu cowboy! — Puxo o Canoa pelo braço, que sai reclamando de casa. Paro ao lado do carro e espero ele abrir a porta, mas o idiota está mais preocupado com o meu decote do que ser cavalheiro. — Vai abrir a porta ou vai continuar babando?

— Alana, vou arrumar confusão no bar.

— Ok, já entendi. Agora dá para abrir a porta?

— Você...

— Noah, desde que você chegou só reclamou, não escutei um “nossa, você está bonita”, ou ganhei um beijo. Esse encontro já está péssimo e ele mal começou — reclamo.

— Desculpa, minha menina. É que não consigo olhar para você tão linda e tão crescida assim e não sentir ciúmes. — Ele abraça a minha cintura e me puxa para mais perto. — Você desperta o meu lado ciumento possessivo.

— Me arrumei para você, seu bobo.

— Eu adorei, juro! Mas mesmo assim estou bravo.

— Dá para ficar bravo e me beijar ao mesmo tempo?

— Dá sim. — Ele sorri e beija os meus lábios devagar.

— Mais — peço.

— Não. O seu irmão está olhando pela janela e não quero levar um chute na

bunda.

Ele abre a porta do carro para mim e me pega no colo para colocar sobre o banco. Ao chegar ao bar, a primeira reação do Canoa é tentar fechar alguns botões da minha camisa, mas dou um tapa na mão dele, que suspira.

— Comporte-se! — falo.

— Isso vale para você também.

— Sempre me comporto, Noah — falo e ele dá uma gargalhada alta. — Idiota! — Dou um tapa no braço dele e ganho um beijo.

— Alana, esses são meus amigos. — Ele para ao lado de uma mesa e começa as apresentações. — Frederico e Rose, a mulher dele, Jorge, Laurinha e a Luísa, que você já conhece, ela trabalha na fazenda. Essa aqui é a Alana.

— Como vai, Alana? — Rose se levanta e me dá um abraço que faz com que eu me sinta bem recebida.

— Bem, e você?

— Feliz por finalmente ter uma noite livre. Minha mãe ficou com a minha filha de um ano para que eu pudesse passear um pouco.

— Sei como é? Às vezes fico de babá para o meu irmão e a minha cunhada também.

— O que vai querer beber? — O Canoa me pergunta olhando para o cardápio.

— Acho que vou querer um suco por enquanto.

— Não tem idade para beber ainda, Alana? — Laurinha pergunta virando uma garrafa de cerveja.

— Ter eu até tenho. Mas prefiro um suco que não vai engordar ou me dar celulite igual a uma cerveja — respondo e ela fecha a cara.

— Neurótica por dieta? — Frederico pergunta rindo.

— Alana? Dieta? — O Canoa pergunta e solta uma gargalhada. — Quer

apostar quanto que ela come o maior hambúrguer do bar e duas travessas de batata frita?

— Noah! — Aperto a mão dele, que ri.

— O quê? Só estou falando a verdade. Você gosta de comer, Alana. E eu gosto disso, mulher que fica ciscando não é a minha praia.

— Mas uma mulher que come igual uma porca é horrível, Noah — Laurinha responde com um sorriso falso.

— Eu acho que mulher tem que comer o quanto tiver vontade, gosto de carne para apertar — Jorge comenta e pisca para mim.

— Se paquerar a Alana vai levar um soco nesse nariz perfeito — Canoa diz bravo e o Jorge levanta os braços, rindo.

— O que você faz, Alana? — Rose pergunta tentando mudar de assunto enquanto Canoa faz o nosso pedido.

— Eu estava em um intercâmbio na Irlanda por dois anos, agora voltei para fazer faculdade. E realizar alguns sonhos.

— Tipo?

— Tipo ganhar a prova do tambor e ser rainha do rodeio.

— Rainha do rodeio? — Laurinha dá risada. — Querida, eu já tentei, e se eu nunca ganhei por que acha que você vai ganhar?

— Talvez porque eu fui princesa dois anos atrás e a maior rainha de todas é a minha cunhada? — pergunto e ela arregala os olhos.

— Você é cunhada da Cecília Barreto? — pergunta desdenhando. — Até parece.

— Ela é cunhada da Cecília, Laurinha — Canoa responde com um sorriso. — E ficou em segundo lugar na prova do tambor. Tenho certeza de que se treinar bastante, esse ano pode ganhar.

— Obrigada.

— O tambor pode até ser, agora rainha? — Ela dá uma risada seca. — Boa sorte, queridinha, porque esse ano vou participar também.

— Então não preciso me preocupar, não é? — Dou um sorriso. — Se você nunca ganhou então não é uma ameaça para mim. — Todos na mesa dão risada.

O Frederico muda de assunto e tento conversar com a Rose, já que foi a única das três mulheres que me aceitou ali. A Luísa mal conversava comigo, e sempre que podia fuzilava o Canoa com o olhar. A música de fundo muda e *Old Alabama*, do Brad Paisley, começa a tocar, dou um pulo da cadeira e puxo o Canoa.

— Vem dançar comigo.

— Alana...

— Para de ser chato, vem logo.

Ele vem atrás de mim até a pista e me abraça para dançar. Ele vai se soltando aos poucos e logo está rindo comigo.

— Eu não tenho o seu pique, Alana.

— Esqueci disso, vovô.

— Vovô? — ele pergunta, me pega pela cintura e me deita quase tocando o chão e volta com tudo. — Vou te mostrar quem é o vovô depois.

— Não vejo a hora. — Pisco para ele, vejo o seu olhar se aquecer e sinto um frio na barriga.

Dançamos três músicas até que ele pede para parar um pouco e voltamos para a mesa.

— Perdeu o folego, Noah? — Frederico brinca e dou risada.

— Vá dançar com ela então.

— Não, obrigado, minha hérnia vai reclamar no primeiro giro.

— Liga não, Alana, aqui ninguém tem mais pique para nada.

— Fala por você, Rose, eu ainda aguento muita coisa — Luísa reclama.

— Você precisa de alguém como você, Noah. — Olho para a Laurinha que se apoia na mesa tentando evidenciar o decote.

— E essa pessoa seria você? — pergunto.

— Por que não?

— Porque ele já tem uma mulher ao lado dele.

— Menina, você quer dizer, não é? Que mal saiu das fraldas.

— Laurinha, por favor — o Canoa pede.

— Só disse a verdade. — Ela dá de ombros.

— Vou ao banheiro e já volto. — O Canoa beija a minha cabeça e, pela primeira vez na noite, me deixa sozinha.

— Ela está tentando te provocar.

— Eu sei, Rose, e se continuar vai achar a minha mão na cara dela — respondo e ela ri.

— Luísa, posso pedir um favor?

— O que você quer, Laurinha?

— Leva a Alana para casa? Essa noite vou me divertir com o Noah.

— Escuta aqui... — acabo perdendo a paciência com ela. — Quem você pensa que é? O Noah é meu.

— Seu? Você acha mesmo que um homem daquele vai ficar com uma fedelha? Ele nem assumiu ser o seu namorado, ou seja, não quer nada com você. Se toca, garota. Até o final da noite vou estar com o pau do Noah na boca. E você dormindo abraçada com o seu ursinho.

Acabo perdendo a razão e voou para cima da Laurinha e vamos as duas para o chão, caio sobre ela e agarro o seu cabelo e dou dois tapas no seu rosto, enquanto ela tenta me atingir sem sucesso.

— Alana? — Canoa me puxa de cima da vagabunda. — O que está fazendo?

— Arrebentando essa puta.

— Ela me agrediu do nada, Noah.

— Do nada?! — grito.

— Chega, Alana!

— Noah, a Laurinha que provocou — o Jorge fala.

— Vamos embora.

Saio praticamente levada no colo do Canoa, que me joga dentro do carro e vai para o banco dele.

— Me deixa em casa.

— Não. Você vai para a minha casa e vai explicar porque agrediu minha amiga.

— Amiga?! — grito me virando para ele. — Aquela puta? Você precisa escolher melhor as suas amigas.

Ele para em um farol e desce do carro. Escuto ele gritando o meu nome e logo a caminhonete passa por mim e para.

— Você está louca, garota? Sair assim do carro?

— O que te interessa? Você se importa mais com uma mulher que disse na minha cara que iria chupar o seu pau até o final da noite e que você não queria nada comigo, porque não tinha oficializado nada, o que é verdade, já que você não me pediu em namoro.

— Pedir? Alana, eu contei os dias esperando a sua volta, eu sou louco por você, já não provei isso? O que você quer mais?

— Um pedido de namoro! — grito e passo por ele, uma chuva começa do nada me molhando inteira, tento continuar andando, mas o Canoa me agarra e prende de encontro ao carro.

— Eu te amo, minha menina. Não me interessa nenhuma outra mulher, só quero você: meu veneno, meu remédio, minha razão de viver. — Ele sorri. — Aceita ser a minha namorada furacão de tranças?

— Aceito — respondo e ele me beija.



Dezesseis

CANOA

Nunca imaginei que a Alana fosse do tipo de garota que precisa de um pedido de namoro oficial para se sentir segura. Se eu soubesse, teria preparado um pedido especial, como em um restaurante intimista, quando estivéssemos a sós. A forma como eu a pedi em namoro não me agradou. Não queria que tivesse acontecido dessa maneira, mas meu furacão de tranças me tira do sério e me obriga a fazer coisas impensáveis.

Sei que, apesar de eu te feito o pedido, ela foi para a casa chateada. Então, no

dia seguinte eu peço para a Luísa ir até o mercado comprar algumas guloseimas como: queijo, vinho e morangos. Tenho uma ideia em mente e pretendo concretizá-la à noite.

O telefona toca e ao ver que é o Antônio quem está ligando, me apresso a atender.

— Fala, *brou!*

— *Cara, eu tô fodido! Preciso que você venha jantar em casa à noite para acalmar a situação* — ele diz afobado.

— Calma cara. Respire e me conte o que está havendo.

— *Sabe aquele meu tio que ficou viúvo há pouco tempo? Ele ficou noivo essa semana e ligou avisando que jantaria na casa grande para apresentar sua futura esposa. Cara, a Cecília vai pirar!*

— Mas o que a Cecília tem a ver com isso?

— *Acontece que o Diogo encontrou meu tio dois dias atrás em frente ao cinema e adivinha com quem ele estava enganchado?*

— Não faço a mínima ideia.

— *A Susi, Canoa! Imagina só como será a minha noite. Já tenho certeza de que dormirei no sofá por uns dias, mesmo não tendo culpa de nada.*

Respiro fundo e contenho uma gargalhada, que insiste em querer sair, mas não quero ofender meu amigo. Droga! Lá se vão os meus planos de uma noite romântica.

— Tudo bem, Antônio. Conte comigo e com a Alana nesse jantar. Mas já aviso que não me responsabilizo pelas ações do meu furacão. Tenho certeza de que ela vai aprontar algo quando descobrir quem será sua futura titia.

Antônio ri nervosamente e diz:

— *Eu não tinha pensado nisso ainda. Meu Deus, será uma longa noite! Valeu pela ajuda, cara.* — E então ele desliga.

Me levanto e vou até a mesa da Luísa, que está terminando suas tarefas mais importantes para ir ao mercado.

— Lu, adie sua ida ao mercado para amanhã. Hoje tenho outros compromissos. — Ela assente e continua a digitar seus relatórios.

— Tudo bem, chefe.

— O que está havendo com você? Está sempre com essa carinha triste, fora que ontem você não ajudou muito com a situação da Laura com a Alana. Poxa, você é minha amiga ou não é?

Ela finalmente tira os olhos do computador e abre um sorriso.

— Me desculpe, Noah. Eu só tenho medo de te apoiar nessa loucura e me sentir culpada depois, se isso tudo der errado. Mas preciso confessar, a Alana me surpreendeu. Ela colocou a Laura em seu devido lugar e me segurei para não rir da cara da Laura com a Alana acabando com ela.

— Eu não achei nada engraçado, mas confesso que a Laura foi longe demais. O que deu nela, afinal de contas?

— Ah, Noah. Para, vai! Vai me dizer que nunca reparou que a Laura é louca por você?

— Não, ela não é. Eu, pelo menos, nunca notei.

— Bem, agora você sabe. Foi um furo n'água convidá-la ontem. Você feriu seus sentimentos.

— Ela também não facilitou a situação, mas depois ligo para ela para esclarecer o mal-entendido.

— Você não entende, né? Não houve mal-entendido. Ela gosta de você e nunca vai aceitar ser sua amiga, enquanto você namorar uma menininha ao invés dela.

— Pela última vez, Luísa! A Alana não é uma menininha, ela é a mulher mais madura que a maioria das outras que conheci. E se você a chamar de menininha mais uma vez, acabou a nossa amizade. Fui claro?

Ela me olha com olhos arregalados.

— Foi sim. Me desculpe, não tornarei a repetir. Foi insensibilidade da minha parte. A verdade é que ando nervosa por conta de alguns problemas familiares e estou descontando em pessoa que não tem nada a ver com o assunto. Você me perdoa?

Ela parece apreensiva. Eu sabia que algo estava acontecendo, pois a Luísa costumava ser uma pessoa gentil e leal.

— Tudo bem, Lu. Eu te perdoo, mas você tem que se redimir com a Alana, ok?

— Eu farei. Pode contar comigo. — Ela pisca e volta a focar sua atenção no relatório.

Foi indelicadeza da minha parte não perguntar se ela queria desabafar sobre seus problemas, mas prefiro resolver um assunto de cada vez. Amanhã conversarei melhor com ela.

Mais tarde, chego à casa grande da fazenda e Luzi me recebe com uma bandeja com chá e um pedaço de torta de banana.

— Come, meu menino. Guardei esse pedaço especialmente para você. — Ela pisca e dou risada.

— Luzi, desse jeito vou acabar engordando e perdendo a namorada — brinco antes de engolir um pedaço da torta e gemer de prazer, estava maravilhosa.

— Quem você quer enganar? A Alana é completamente maluca por você. Ela não te largaria por nada, mesmo se você pesasse duzentos quilos. E você tem um metabolismo ótimo, nunca engorda uma grama sequer.

Nisso a Alana desce as escadas e diz:

— Eu realmente sou louca por ele, e agora fiquei com vontade de te ver gordinho. Imagine com umas tetinhas salientes. Ficaria uma fofura! — Todos rimos e ela vem até mim e me beija suavemente.

— Ah, vocês dois! Poupe-me dessa cena! — Antônio reclama ao entrar na

casa grande e Ceci, Clarinha e Inacinho entram logo atrás dele.

— Tio Canoa! Eu estava com saudades! — Clarinha diz, enquanto envolve seus bracinhos ao redor do meu pescoço e me aperta.

— Eu também estava, minha princesa.

— Você trouxe doce? — ela sussurra em meu ouvido.

— Dessa vez não, pequena. — Ela me olha desapontada e não consigo deixar de enxergar a Alana em suas feições. — Na próxima vez que eu vier, eu trarei uma caixa de bombons bem grande para você, tudo bem? — Ela abre um sorriso imenso e dá pulinhos de alegria.

Nisso a campainha toca e os meus sogros descem para receber seus convidados. Alana se levanta para atender a porta e eu fecho os olhos, como se quisesse evitar enxergar um acidente.

E então acontece. Por que justo ela tinha que atender a porta?

— Mas o que essa piranha está fazendo aqui? — Alana diz ao ver Susi enroscada nos braços do tio.

— Como é que é, Alana? — seu tio pergunta em tom severo. Alana olha para os dois, boquiaberta. Ceci está com a mesma cara de surpresa.

— Tio, não vai me dizer que essa é a sua noiva! Por favor, diz que é mentira.

Um acidente de trem. É assim que parecerá esse jantar.

Bem que o Antônio disse, será uma longa noite.



Dezessete

ALANA

Eu vou matar aquela piranha de uma forma lenta e dolorosa.

Olho para o meu tio todo animado agarrado com a Susi parecendo dois adolescentes apaixonados e me irrita mais ainda. Sinto a mão do Canoa tentar pegar a minha e olho feio para ele.

— Que foi?

— Você sabia? — sussurro e ele fica olhando para mim sem saber como responder. — Por que não me contou?

— Porque o Antônio me ligou em cima da hora para falar, aí me enrolei no serviço e não consegui te contar.

— E agora eu tenho que aturar essa mulherzinha na minha casa.

— Eu estava pensando, acho que a Alana e a Cecília poderiam me ajudar a escolher o vestido de noiva — a Susi fala alto e olho para a minha cunhada, que está sentada no sofá à minha frente.

— Não posso, estou cheia de serviço — Ceci responde.

— E eu tenho que me preparar para o vestibular.

— Meninas, por favor, ajudem a minha noiva — meu tio pede.

— As meninas estão ocupadas, João, tenho certeza de que a Susi deve ter alguma amiga disposta a ajudar — minha mãe responde.

— Mas queria que as minhas futuras sobrinhas me ajudassem — a Susi faz um bico para o meu tio e a minha vontade é de socar essa vaca. — Principalmente você, Cecília, já que queremos que a Clarinha seja a nossa noivinha.

— Não posso. Tenho prova na escola — a Clarinha dá de ombros e seguro uma risada.

— Mas no dia não vai ter, bobinha.

— Eu não sou bobinha. Sou muito inteligente. Tão inteligente que sei que você é uma chata! — A Clarinha cruza os braços e sai batendo os pés da sala.

Levanto do sofá e vou atrás da minha sobrinha, que já está na cozinha sentada comendo um pedaço de bolo da Luzi. Sento ao lado dela e a Ceci logo aparece.

— Que vontade de quebrar aquela piranha.

— Somos duas, cunhada.

— Não acredito que o Inácio não contou que ela vinha. Minha vontade é de mandar que ele durma no sofá.

— Expulsar de casa é melhor. Estou com vontade de dar um gelo no Canoa também — falo e a Ceci sorri diabolicamente e sei que vou gostar do que ela está pensando.

— As três não deviam estar na sala? — a Luzi pergunta.

— A vaca está noiva do tio João — respondo e ela olha para mim.

— A Susi?

— Ela mesma.

— Sempre achei que o João era ajuizado, pelo visto me enganei.

— Ela quer que eu seja a daminha dela. Eu não quero, não sei se gosto dela.

— Você não vai ser, meu amor.

— Obrigada, mamãe.

— O que vamos fazer? — pergunto e troco olhares com a Ceci.

Antes que ela possa me responder, todos entram na cozinha e o Canoa senta ao meu lado e me dá um beijo nos cabelos.

— Que fofo! — A Susi olha para mim sorrindo. — Vocês não se beijam de verdade ainda? Desculpa, esqueci que você ainda é uma criança.

— Não sou uma criança, Susi.

— Se quiser posso explicar como funciona a mecânica de beijar.

— Não preciso que me explique nada. E outra eu tenho um namorado para me ensinar, não preciso aprender com uma P. profissional.

— P. profissional? — ela pergunta confusa. — O que seria isso?

— Piranha — a Clarinha responde e o Tóti cospe toda a água que estava

bebendo.

— Onde aprendeu isso, querida? — ele pergunta e olha feio para mim.

— Não briga com a minha filha por falar a verdade — a Ceci fala e dou risada.

— Desde que entrei nessa casa, a única coisa que vocês têm feito é xingar a minha noiva. Você não deu educação para os seus filhos, minha irmã?

— Dei sim, João. Mas a sua noiva perdeu todo o direito de receber respeito por parte das minhas filhas.

— Minha noiva é uma santa.

— Santa? — pergunto.

— Sim, uma santa.

— Desde quando santa passa na cama de metade dos homens da cidade? — pergunto. — Ou o senhor realmente acha que a Susi é virgem?

— Virgem? — A Ceci bufa uma risada. — Nem o cabelo dela é virgem.

— Eu vou embora, não vou ficar ouvindo ofensas. — Meu tio se levanta e a Susi levanta junto com cara de satisfeita e sorri para mim.

Os dois saem da cozinha e escuto meu pai suspirando. Olho para o Canoa e o Tóti, que estão se olhando como se soubessem que estão encrencados agora.

— Ceci, o que acha de uma noite de cinema?

— Acho ótimo. Vou pegar algumas guloseimas com a Luzi.

— Que filme vamos assistir? — Tóti pergunta.

— Vamos? — pergunto e ele me olha sem entender. — O “vamos” sou eu, Ceci, Clarinha e Inacinho. Você e esse outro aqui. — Aponto para o Canoa. — Estão de castigo.

— Como assim castigo?

— Você procure um lugar para dormir. Essa noite não entra em casa. — A Ceci sorri docemente para o meu irmão e me entrega uma bandeja com os doces e pega o filho no colo.

— Boa noite, querido — falo para o Canoa, que coça a cabeça.

— Alana, não tinha como falar...

— Tinha sim. Vocês dois não quiseram contar antes. Agora aguentem as consequências.

Olho para o relógio de cabeceira da Ceci e vejo que já são três da manhã de sábado. Por mais que a minha vontade fosse ver o Canoa, minha raiva continuava. Ele tinha que ter contado que a Susi era noiva do meu tio.

— Não consegue dormir também? — a Ceci pergunta e me viro na cama para olhar para ela.

— Não.

— Eu sei como é, pela primeira vez desde que o Inácio e eu nos acertamos dormimos separados. Não dormi nada essa noite.

— Isso é bom. Significa que ele deve ter sofrido também.

— Tem razão. — A Ceci dá risada e suspira em seguida. — O que vai ser da nossa vida com essa mulher na família?

— Estou torcendo para que o meu tio veja a verdade e mande aquela piranha se ferrar.

— Acho difícil. Ele parecia bem apaixonado.

— Saco!

Escuto um barulho no andar de baixo e olho para a Ceci, que se senta na cama desconfiada. Saímos do quarto devagar ela vai para o quarto do Inacinho e eu vou para o da Clarinha. Escuto alguma coisa cair no chão e um gemido de

homem. A Ceci entra no quarto com o meu sobrinho no colo e fecha a porta.

— O que foi, mamãe? — Clarinha pergunta sonolenta enquanto ligo para o Canoa.

— *Alô* — ele responde no primeiro toque.

— Me diz que o Tóti não aguentou ficar longe e veio para casa.

— *Não. Ele está aqui do meu lado. O que foi, Alana?*

Olho para a Ceci, que arregala os olhos.

— Tem alguém aqui — falo e ele começa a xingar.

— *Tem alguém na sua casa.*

— *Como assim?* — Escuto o grito do meu irmão ao fundo.

— *Alana, se tranca em algum lugar. Estamos indo para aí.*

Desligo o celular e pego a Clarinha no colo, ela está tremendo. A Ceci coloca o Inacinho ainda adormecido sobre a cama e cola o ouvido na porta. Alguns passos podem ser ouvidos na escada.

— Tem alguém subindo — ela sussurra.

— Quem é, tia Alana? — A Clarinha pergunta, já com lágrimas nos olhos assustada.

— Não sei, meu amor.

Do nada, os passos descem correndo as escadas e sons de luta podem ser ouvidos no andar de baixo. Tudo fica em silêncio e novamente alguém sobe as escadas.

— Dona Cecília? — O Caetano grita e a Ceci abre a porta.

— Está tudo bem?

— Está sim. Eu e os outros rapazes pegamos o bandido.

Saio do quarto com a Clarinha agarrada ao meu pescoço e descemos para a sala. Meus pais chegam em seguida e tentam nos acalmar, mas a única coisa que eu queria era o Canoa.

Um carro praticamente derrapa em frente à casa da Ceci e dois homens enormes entram correndo. O Canoa corre até onde estou e me joga nos seus braços.

— Você está bem?

— Agora estou.

— Puta merda, Ceci! Por que tinha que ser turrone? Se eu estivesse aqui poderia te proteger.

— Claro, até parece que eu ia imaginar que seríamos assaltados. Ninguém nunca entrou aqui, Inácio.

— Ela tem razão, filho. Ninguém nunca entrou aqui.

— Quem é ele? — O Tóti pergunta.

— Não sabemos. Os rapazes o levaram para a delegacia na cidade.

Escondo o rosto no pescoço do Canoa e respiro fundo tentando me acalmar. Ele esfrega as minhas costas e esse movimento parece ajudar.

— Me leva para casa? — peço e ele concorda.

Entro no meu quarto e ele para na porta me olhando. Como eu já estava com um pijama que eu tinha sempre de reserva na casa da Ceci, deito e estico um braço para ele se aproximar.

— Achei que estava de castigo.

— Ainda está. O seu castigo é me abraçar a noite toda.

— Esse é um castigo terrível. — Ele sorri e retira a bota para deitar ao meu lado.

— Essa calça não vai te incomodar?

— Alana, estou na casa dos seus pais.

— Eles sabem que é meu namorado e não vamos fazer nada de mais.

Ele retira a calça jeans e a camisa ficando apenas de regata e cueca boxer. Ele deita e me aninha ao seu lado. Canoa me aperta nos seus braços e suspira.

— Eu fiquei com medo quando disse que tinha alguém na casa. Não tinha ideia do que poderiam fazer com vocês.

— Também fiquei com medo — falo baixinho enquanto acaricio o seu peito.

Sento sobre o seu quadril e ele arregala os olhos. Beijo a sua boca delicadamente e aprofundo o beijo em seguida, uma das suas mãos abraça a minha cintura e a outra segura os meus cabelos. Ele gira na cama e sinto o seu peso sobre o meu, o calor do seu corpo. Por mais que eu saiba que é ele que está ali e que ele não me faria mal, a tensão do que aconteceu hoje, somado com os fantasmas do meu quarto, não deixam com que eu consiga ir em frente.

— Espera! — peço e empurro um pouco o Canoa, que olha para o meu rosto.
— Não consigo, Noah.

— Eu entendo, minha menina. — Ele sorri. — Estou aqui por você, espero o tempo que for.

— Mesmo?

— Alana, eu te esperei por dois anos. Posso esperar um pouco mais para que finalmente seja minha.

— Obrigada.

— Não agradeça, meu amor. — Ele faz um carinho no meu rosto. — Eu te amo, Alana.

— Eu também te amo, Noah.



Dezoito

CANOA

Estou com um mau pressentimento. Tenho minha desconfiança de que a invasão à casa do Antônio está relacionada ao ex-namorado da Alana, e se bem conheço o seu tipinho, e ele não vai parar por aí enquanto não vingar o seu ego ferido. Decido tentar convencer o Magno e o Antônio a reforçar a segurança da fazenda e instalar câmeras de monitoração.

— Amor, você está bem? Está tão calado... — Alana me pergunta enquanto acaricia meu cabelo. Seu cheiro é tão bom que tenho vontade de congelar o

tempo e permanecer eternamente aconchegado a ela.

— Eu que tenho que ficar preocupado com você, e não o contrário. Como você está se sentindo?

Ela olha fixamente em meus olhos e eu a leio em silêncio. Quando ela responde, eu já estou ciente de seu nervosismo.

— Eu estou com medo. Eles apareceram do nada, e eu e a Ceci estávamos sozinhas com as crianças. Se algo acontecesse com qualquer um deles... — Enxugo uma lágrima que cai de seu rosto. — Não quero nem pensar.

— Eu sei que a situação foi apavorante, mas vocês não precisam se preocupar. Nós protegeremos vocês, eu te dou a minha palavra de honra.

Ela dá um sorriso preguiçoso e diz:

— Não sei, nobre cavaleiro. Acho que, para eu acreditar em sua promessa, nós devemos selar essa dívida com um beijo.

— Então, nobre donzela, faço questão de selar minha dívida de forma tão doce. — Eu a beijo levemente, aproveitando para saborear seus lábios voluptuosos e desfrutar da suave textura. Alana suspira contra mim e aumenta a pressão do nosso beijo. Minha mente se torna uma página em branco, tudo o que sinto é o instinto de tê-la contra mim. Enrosco minhas mãos em seus cabelos e a puxo para trás, separando nossos lábios para que eu possa ter acesso livre ao seu delicado pescoço. Beijo cada pedaço da sua pele e quando chego a sua orelha, mordisco o lóbulo e exploro toda a região com a língua.

— Noah — Alana geme e inesperadamente sobe em cima de mim. Ela remexe e eu sinto meu corpo enrijecer sob ela.

Arrepios tomam conta de mim e eu aperto sua nádega contra minha parte mais sensível. Ela arregala os olhos e percebo que eles estão escurecidos de desejo.

Um alarme soa em minha mente e eu congelo.

— Não podemos, minha menina. Se continuarmos, não responderei pelos meus atos, e essa não é a forma que desejo tê-la pela primeira vez. Quero consertar as coisas para você.

— Você não pode mudar o que já passou, Noah. E nem deve se cobrar por isso, quem errou fui eu — ela diz, ainda sobre mim.

Eu a afasto gentilmente e a coloco ao meu lado, para que eu possa pensar com clareza.

— Eu sei que não posso mudar o que já se passou, mas posso mudar a sua experiência, e apagar a forma bruta na qual você foi tratada.

Ela me olha atentamente por vários segundos até que finalmente ela suspira e diz bem baixinho:

— Achava que não era possível, mas eu me apaixono mais por você a cada dia que passa.

Eu acaricio seu rosto e ela fecha os olhos, se rendendo a sensação da minha pele contra a sua. Então eu junto minha testa na sua e a abraço. Ficamos assim por vários minutos até que eu me despeço para ir trabalhar.

Assim que cheguei ao escritório pedi para a Luísa agendar uma reunião com o Magno e com o Antônio. Naquela mesma tarde, nós nos reunimos e contei minhas suspeitas.

— Eu pensei a mesma coisa, Canoa. Suas sugestões possuem fundamentos. Temos que reforçar a segurança da fazenda e monitorar toda a propriedade.

— Vocês não acham que isso tudo é um exagero? Nunca precisamos de nada disso e até hoje vivemos muito bem.

— Com todo respeito, senhor Magno, mas ter a casa onde seu filho e seus netos moram sendo invadida por bandidos não é algo que se possa ignorar.

Ele assente e joga as mãos para os lados do corpo, em sinal de derrota.

— Tudo bem, Canoa. Tome as providências que achar necessárias. Eu vou a delegacia para descobrir se os invasores estavam a serviço de alguém ou se tentaram assaltar por conta própria.

— Ótima ideia, pai — Antônio diz e eu concordo.

Assim que a reunião é encerrada, eu começo a procurar empresas de segurança bem avaliadas. Já agendo uma reunião com um representante que achei de melhor custo benefício e também coloquei um anúncio no jornal em busca de vigilantes profissionais.

Com tudo que aconteceu no dia anterior, minha ideia de fazer um piquenique com a minha menina foi adiada, mas hoje à noite eu queria realizar essa noite romântica. Precisava ter mais momentos a sós com ela.

Saio mais cedo do escritório e vou ao mercado para comprar as guloseimas favoritas do meu furacão de tranças. Após comprar tudo que achei necessário, compro um buquê de flores selvagens embaladas com um laço bem grande. O aroma floral era delicioso, e eu tinha certeza de que a Alana iria adorar a minha surpresa.

Após tudo acertado, fui para casa tomar um banho relaxante e me arrumar para o piquenique. Quando procuro pelo meu relógio na gaveta da escrivaninha, encontro a carta que meu pai havia mandado. Sem pensar muito sobre o assunto, eu a pego e a levo até o quarto, na intenção de ler.

Sento na cama e começo a rasgar o envelope quando meu celular toca e o nome do Magno aparece na tela. Deixo a carta em cima do travesseiro e atendo a ligação.

— Oi, senhor Magno. Pode falar.

— Acabei de sair da delegacia e após molhar as mãos dos policiais, consegui conversar com os bandidos. Eles confessaram que um cara desconhecido os contratou para que dessem um susto nos moradores da fazenda. A intenção deles era dar uma surra no Antônio e depois invadir a casa grande e darem uma surra em mim também. Mas as características do homem que os contratou não batem com as do Henrique.

— Maldito! Ele contratou um laranja, é claro.

— Eu também pensei nisso. Você estava certo, o rapaz é orgulhoso e não vai descansar enquanto não se vingar. Melhor correr com os reforços da segurança da fazenda.

— Eu já agendei uma reunião com o representante da empresa de monitoração

e anunciei uma seleção de vigilantes. Acho que é melhor contratar alguém com experiência como segurança.

— Sim, faça isso. Bom era isso. Depois conversamos melhor, tchau.

— Tchau, senhor Magno.

Aquele filho de papai vai cair do cavalo. Nunca deixarei ele machucar qualquer pessoa que more em Céu Azul. Se, por um acaso, ele tentar entrar em contato novamente com a Alana, ele é um homem morto.

Nervoso com a confirmação das minhas suspeitas, pego tudo que comprei para minha noite com a Alana e dirijo em direção à fazenda. Com tudo que está acontecendo, não quero desgrudar da minha menina nem por um segundo que seja.

Assim que atravesso a porteira da fazenda, estaciono o mais longe possível da casa grande. Pego a cesta, a toalha, toda a comida e o vinho e vou até a parte da fazenda que tem uma luminária e dois bancos. Ajeito as coisas próximas ao pé de acerola e mando uma mensagem para a Alana.

“Noite linda, não é? Tão bom ver a lua cheia cercada por estrelas. Pena que você está longe. ”

Aguardo alguns instantes e logo vem a sua resposta:

*“Achei que você viesse me ver. Estou me sentindo enganada. Nem quero olhar para o céu, pois ver a lua e as estrelas sem você ao meu lado não tem graça. :-
(“*

Dou risada sozinho e logo digito:

“Concordo. Uma lua tão linda e um céu estrelado como esse perdem o brilho sem você ao meu lado para admirá-los. Você quer me ver?”

“Você precisa perguntar? Vou te responder uma única vez. Sempre! Eu sempre quero te ver.”

“Então venha até mim. Estou mais perto do que você imagina.”

“Isso é uma caça ao tesouro?”

“Se eu fosse um pote de ouro, talvez fosse. :-)”

“Eu vou te achar. Espere por mim!”

Demorou exatamente oito minutos para que ela me encontrasse, mas apenas um segundo para meu coração parar de bater. Usando um vestido branco decotado no busto e mais largo no quadril, com seus cabelos soltos, balançando quase que imperceptivelmente com a brisa noturna, com seus olhos arregalados de felicidade ao encontrar a surpresa que preparei, notei que subestimei a beleza da lua e das estrelas. Não, nenhuma delas se compara à perfeição da minha menina.



Dezenove

ALANA

Aproximo-me do pé de acerola onde o amor da minha vida está. Depois de tudo o que aconteceu no dia só queria passar cada minuto nos seus braços onde me sentia protegida. Paro alguns metros longe dele, que se encosta à árvore como se esperasse que eu desse mais um passo.

— Não vai me beijar?

— Você que deveria vir até aqui, já que me deixou o dia inteiro esperando —

reclamo.

Ele abre um sorriso devagar e caminha até onde estou, os seus passos ritmados mais parecendo um animal faminto indo em direção à sua presa.

— Desculpa, minha menina, mas é que eu tinha que preparar algumas coisas.

— Coisas? Que tipo de coisas? — pergunto e suspiro quando beija o meu pescoço.

— Você vai ver.

Canoa puxa a minha mão para perto da árvore e sento sobre a manta.

— Você fez tudo isso para mim?

— Claro que sim. Minha intenção era ter feito isso ontem, mas o jantar na sua casa atrapalhou.

— Odeio aquela piranha! — reclamo sabendo que poderia ter tido uma noite agradável ontem.

— Deixa para lá, Alana, não vamos estragar essa noite.

— Ok, tem razão. Nada vai atrapalhar esse momento.

Pego um pedaço de queijo que ele oferece e o observo colocar um pouco de vinho para mim. Olho para ele, que estende a taça, e dou risada.

— Um pouquinho não vai fazer mal e outra você está comigo.

— Você me quer bêbada?

— Nem pensar. Quero você bem lúcida essa noite.

— Por quê? — pergunto preocupada. Eu sei que uma hora teríamos que fazer amor, mas não consigo saber ainda se o momento chegou.

— Você vai saber, agora brinda comigo.

— E ao que vamos brindar? — pergunto pegando a taça da mão dele.

— A nós dois. — Ele sorri e bate a taça dele na minha.

— A nós dois.

A noite passa tranquila, ele tinha preparado um verdadeiro banquete e eu estava enrolando para terminar a primeira taça.

— Meu amor, o que houve? Você parece um pouco desligada.

— Estou preocupada, só isso.

— Divide comigo, Alana. — Ele segura o meu rosto com carinho. — Estou aqui para ajudar no que for.

— A Ceci e o Tóti estão angustiados.

— O que houve?

— A Clarinha precisou ser levada para a psicóloga dela com urgência. Ela passou o dia inteiro agarrada na Ceci, qualquer barulho a assustava, ela está com medo de que o homem que entrou em casa ontem veio para roubá-la deles novamente. A Ceci passou quase duas horas no consultório da doutora Renata. A psicóloga tentou conversar com a Clarinha para acalmá-la, mas não adiantou muito. Ela passou um remédio leve para ver se a minha sobrinha dorme um pouco, já que passou o dia inteiro agitada.

— Eu não tinha ideia de que ela estava abalada assim. — Ele suspira e me aperta de encontro ao peito dele. — Ela vai ficar bem, meu amor. A Clarinha é muito amada por todos aqui nessa fazenda.

— Eu sei. Mas é que machuca ver o estado em que ela está. Um comprador chegou hoje quando eu estava do lado de fora brincando com ela e o Inacinho, enchi duas bacias com água para eles. Assim que ela viu o carro estranho vir em nossa direção, gritou a plenos pulmões e saiu correndo. A sorte que o Tóti estava vindo àquela hora e a pegou no colo.

— Eu já tomei as providências necessárias Alana, não se preocupe.

— Como assim? — Olho para o rosto preocupado dele, que tenta sorrir.

— Vamos contratar uma empresa de segurança e mais alguns homens para vigiar a fazenda. Ninguém vai se aproximar das crianças ou de você. Dou a minha palavra de homem.

— Obrigada.

— Não agradeça, meu amor. Estou fazendo isso porque não posso suportar a ideia de que alguém te faça mal.

— Você se preocupa tanto assim comigo? — Ele me solta e se ajoelha à minha frente segurando as minhas mãos.

— Eu só penso em você, minha menina. Sua segurança, sua felicidade e seu bem-estar são minhas prioridades. Não me importo com o meu emprego, com a minha sanidade ou com qualquer outra coisa. A única coisa que me importa é você! Meu furacão de tranças, minha menina veneno.

Sinto uma lágrima rolar do meu rosto ao ouvir as suas palavras. Ele estava sendo romântico e a única coisa que faltava era um pedido para oficializar tudo. Parece desnecessário, mas essa pergunta faria toda diferença para mim.

— Noah...

— Alana — ele me interrompe. — Prometo que farei de tudo para ver o seu sorriso todos os dias, se me der a oportunidade de chamá-la de minha namorada.

— Você quer namorar comigo? — pergunto e ele sorri.

— Está me pedindo?

— Claro que não, seu idiota! — Solto a minha mão e dou um soco no braço dele, que ri. — Você que tem que pedir.

— Ok, minha nervosinha. — Ele segura o meu rosto e beija minha bochecha com carinho e começa a distribuir beijos. — Quer. Namorar. Comigo? — ele termina de perguntar com os lábios pertos dos meus.

— Quero! — grito e agarro o seu pescoço para finalmente beijá-lo pela primeira vez como namorados.

Enquanto o Canoa juntava tudo do nosso piquenique fui até o meu quarto pegar a minha bolsa, eu iria para a casa dele e dormiria lá essa noite. Aviso a minha mãe, que apenas sorri e me deseja boa noite; e corro para o carro dele, que já está me esperando.

Ao entrar na casa dele olho para tudo com outros olhos, agora eu estava ali oficialmente como namorada e de uma certa forma isso tornava tudo diferente.

— Vou tomar um banho — fala indo para o quarto e eu o sigo.

Sento na cama dele enquanto ele entra no banheiro e uma carta sobre o travesseiro chama a minha atenção, vejo o nome do Canoa escrito do lado de fora e a curiosidade me invade.

Noah,

Meu querido filho, sei que errei com você por todos esses anos. Fui um pai ausente e, principalmente, um péssimo exemplo. Agradeço todos os dias a Deus pela sua mãe. Ela o tornou um bom homem, coisa que era minha obrigação fazer.

Por diversas vezes tentei procurá-lo para explicar o meu lado da história, mas você nunca quis me ouvir. Por isso essa carta foi a minha única alternativa.

Estou doente, meu filho. E, provavelmente, quando ler essa carta já estarei morto. Descobri que estava com câncer, consequência de uma vida desregrada e depravada que levei. Não vou negar e dizer que fui um santo porque não fui. E você sabe disso, por isso não há razão para mentir.

Mas há algo que preciso explicar.

Eu menti. Menti por todos esses anos. Sua mãe nunca foi a minha única mulher.

Tenho certeza de que você deve estar rindo agora com essas palavras e dizendo que já sabia disso. Mas, na verdade, o que você não sabe, era que eu tinha outra família. Exatamente, eu era casado e estive enganando a sua mãe

por vários anos.

Durante anos, minha esposa Lurdes nunca desconfiou das minhas viagens e dos meus sumiços até que, um dia, meu filho Rodrigo descobriu tudo. Ele me seguiu e descobriu sobre a sua mãe e, principalmente, sobre você.

Queria dizer que os abandonei para ficar com a minha família, mas a verdade é que os abandonei também para ficar com uma garota bem mais jovem.

Sou fraco e não nego.

O meu principal motivo para essa carta é para que saiba a verdade, que nunca consegui explicar e, principalmente, para que procure os seus irmãos. A única coisa que mais quero é que sejam amigos.

Rodrigo tem trinta anos agora, ele serviu o exército até o dia que se acidentou e precisou operar o joelho, hoje em dia trabalha em uma empresa de segurança que abriu junto com o seu amigo. Apesar de tudo, ele é um grande homem, honesto, inteligente e trabalhador. Tem um filho de dez anos que perdeu a mãe quando ainda era muito novo.

Se o seu velho pai puder dar um conselho seria esse: se precisar de ajuda, peça para o Rodrigo, tenho certeza de que ele irá diferenciar os problemas entre vocês.

Você tem uma irmã chamada Renata, ela tem vinte e cinco anos. É uma boa moça, tanto que não consigo entender como eu posso ter feito uma mulher tão doce, inteligente, carinhosa e linda como ela. Seu sonho sempre foi ajudar as pessoas, e com muito custo estudou e passou em uma faculdade pública e se formou como psicóloga. Ela adora crianças, o que a levou a se especializar nessa área.

Dos dois ela é a que mais quer conhecer você. Sempre falei de você com carinho para ela, o que irritava o Rodrigo. Para ele, você era o motivo que separou os seus pais. Tentei explicar por diversas vezes que vocês três não têm culpa dos meus atos. Eu errei e vocês são inocentes.

Sei que não tenho o direito de pedir nada, mas mesmo assim vou pedir: encontre os seus irmãos, conversem, se entendam, me odeiem, mas fiquem juntos, vocês são meus filhos, as únicas coisas do qual tenho orgulho.

Nada na minha vida me deu honra, a não ser ter feito vocês três.

Perdoe-me, Noah. Eu sempre te amei, meu filho, mesmo longe, mesmo errando tanto. Sempre te amei.

Anexo a essa carta vai o contato do meu advogado, deixei uma parte da minha herança para você. Não vai compensar o tempo perdido, a vergonha que você passou ou o sofrimento causado por mim. Mas irá te ajudar a construir uma boa vida.

Torço para que encontre uma boa mulher, alguém que lhe faça sorrir todos os dias, que te tire do sério e, principalmente, que o ame como se você fosse o único homem do mundo.

Seja feliz, meu filho, e espero sinceramente que um dia me perdoe.

Com amor, seu pai.

Enxugo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto para que não caiam sobre a carta, o pai do Canoa tinha morrido e ele não sabia ainda. Escuto um barulho no banheiro e rapidamente guardo a carta no envelope colocando sobre o travesseiro novamente. Quando o Canoa volta para o quarto estou mexendo no guarda-roupa dele atrás de uma camiseta para vestir.

— O que está procurando?

— Quero uma camiseta confortável para usar como pijama.

— Usa essa. — Ele pega uma camiseta branca básica e me entrega. Vou para o banheiro, retiro o vestido, coloco a camiseta e me olho no espelho. — Seu pervertido! — grito com a cabeça para o lado de fora e ele para no meio do quarto para me olhar.

— O que foi?

— A camiseta ficou transparente. — Dou risada e ele arregala os olhos.

— Desculpa, amor. — Ele pega outra, azul-marinho, e me entrega.

— Se queria me ver nua era só falar, tá — brinco e ele apoia as mãos no batente da porta e se abaixa um pouco para ficar com o rosto na altura do meu.

— Quando eu quiser, amor, pode ter certeza de que vou falar. — Ele me dá um selinho e se afasta.

Bato a porta do banheiro e escuto a sua risada no quarto. Depois de me trocar, corro para a cama onde ele já está deitado e me apoio no seu peito.

— Boa noite, Noah.

— Boa noite, minha menina.

Sinto a claridade batendo no meu rosto e olho para o relógio no criado-mudo, já eram sete da manhã. Levanto com cuidado da cama e vou lavar o meu rosto. Queria preparar um café da manhã especial para o meu namorado.

Corro para a cozinha e começo a preparar tudo. Faço o café, torradas, corto algumas frutas e quando estou quase terminando de lavar tudo sinto alguém segurar a minha cintura.

— Bom dia. Por que não estava na cama?

— Queria fazer um café da manhã especial.

— E a senhorita sabe cozinhar? — ele pergunta e giro dentro dos seus braços para bater nele.

— Eu sei sim, tá. A Luzi me ensinou.

— Se ela ensinou, você é uma cozinheira de mão cheia. Vou querer provar a sua comida depois. — Ele me beija, mordiscando o meu lábio. Quando dou por mim estou sentada sobre a pia com ele entre as minhas pernas. Agarro o seu cabelo para puxá-lo para mais perto e do nada ele simplesmente se afasta sentando no banco perto da mesa.

— Me dá um minuto, amor.

— O que eu fiz de errado? — Pulo da pia e toco a sua cabeça, que está abaixada.

— Não fez nada de errado, minha menina. Apenas fiquei animado com o beijo. — Ele levanta a cabeça para me olhar e sento no seu colo de frente para ele, que solta um gemido.

— Vou te ajudar a comer.

— Eu sei comer sozinho. — Ele sorri.

— Mas qual a graça disso? — pergunto pegando um mamão atrás dele e coloco um pedaço na sua boca com uma colher.

— Tem razão, qual a graça?

Sirvo o café da manhã comendo um pouco junto com ele, suas mãos estão apoiadas no meu quadril e vejo o seu olhar aquecido sobre mim. Quando sirvo um pouco de suco acaba escorrendo um pouco sobre o seu queixo e pescoço, coloco o copo sobre a mesa e com uma coragem que não sei de onde vem lambo o rastro do suco da base do seu pescoço até perto da boca.

— Você vai ser a minha morte.

— O que eu fiz? — pergunto e ele fecha os olhos.

— Preciso de um banho.

— Outro?

— Outro.

Ele se levanta comigo e vai para o quarto me deixando sobre a cama enquanto vai para o banheiro. Encaro a porta sem entender o que aconteceu e fico preocupada com o que eu fiz de errado. Será que existe alguma regra que diz que não se deve lambar o namorado ou ele vai ficar com nojo?

Pego o meu celular e ligo para a Ceci, que atende no segundo toque.

— Te acordei?

— *Alana, tenho dois filhos pequenos, vai por mim você não me acordou.*

Dou risada com a resposta dela e escuto o Inacinho pedindo tetê, que nada mais é do que sua mamadeira com achocolatado.

— Ceci, preciso fazer uma pergunta.

— *O que foi, querida?*

— Eu estava tomando café com o Canoa, aí caiu um pouco de suco no pescoço dele e eu acabei lambendo e ele saiu correndo para tomar banho. Será que ele ficou com nojo?

Escuto a risada alta dela e olho para o celular, minha cunhada só podia ter ficado doida.

— *Ele não ficou com nojo, pelo contrário, ele ficou excitado, Alana. Tenho certeza de que ele está tomando um banho gelado para se acalmar.*

Olho para a porta do banheiro e escuto o chuveiro ligado.

— Você quer dizer que eu excitei ele com apenas uma lambida?

— *Minha querida, cunhadinha. Você tem mais poder sobre esse homem do que imagina.*

— Eu...

— *Você o quê?*

— Não sei se estou pronta.

— *Alana, o Canoa te ama. Ele vai esperar o seu tempo. Esqueça a sua primeira vez, faça de conta que nunca existiu e confia no Canoa. Ele vai saber quando é o momento certo. O seu irmão soube antes mesmo que eu soubesse.*

— A sua primeira vez foi especial?

— *Foi.* — Ela ri e não entendo. — *Seu irmão me levou para um passeio pela fazenda, ele parou a caminhonete sob uma árvore e estendeu uma coberta na caçamba do carro, ficamos deitados ali por um bom tempo nos beijando até que*

acabou acontecendo. Eu estava nervosa e ele também.

— Ué, por que ele estava nervoso?

— *Como por que, Alana? Fui a primeira namorada dele, então foi a primeira vez dos dois.*

— Você quer dizer?

— *Alana, apesar de ter sido safado na época que eu estava sumida, o seu irmão já foi virgem um dia. Ou você acha que o Canoa ainda é virgem?* — ela pergunta e bem na hora o Canoa sai do banheiro e olha para mim.

— Eu acho que ele não é.

— *Claro que ele não é, querida.*

— Agora tudo piora.

— *Alana, você confia no Canoa?* — ela pergunta e olho para ele, que para na minha frente sem entender.

— Claro que eu confio no Canoa, Ceci. Ele é o homem que eu amo — respondo e ele se ajoelha, sorrindo. Coloco uma mão no seu rosto e ele beija a palma dela.

— *Então acredite em mim. Ele vai saber a hora certa, e vai fazer desse momento o mais especial da sua vida. E nada no mundo irá se comparar com fazer amor com ele.*

— Obrigada.

— *Não precisa agradecer, Alana. Agora deixa eu ir porque o seu irmão está me olhando feio porque eu contei sobre como ele perdeu a virgindade. Ele está me ameaçando com torturas.*

— Sei bem que torturas meu irmão pretende.

— *Vou detestar cada uma delas.*

— Aham, tá bom que eu acredito — desligo o celular, rindo, e o Canoa

continua me olhando.

— Tudo bem, meu amor?

— Está sim. Só precisava tirar uma dúvida com a Ceci.

— Ela te ajudou?

— Muito. — Dou um selinho nele. — Eu confio em você, Noah. E sei que você vai fazer com que seja especial.

O sorriso dele se abre mais ainda e sei que ele entendeu o que eu quis dizer. Ele se levanta um pouco até se deitar sobre mim, sinto o seu corpo sobre o meu, passo as mãos sobre as suas costas fortes até segurar os seus ombros. A sua boca passeia pela minha clavícula chupando, mordiscando e beijando, sua língua brinca sobre a minha pele até chegar perto dos meus lábios.

— Eu te amo, Alana.

— Eu também te amo, Noah.



Vinte

CANOA

Meu Deus! Essa menina ainda vai me levar à morte!

Alana... uma deusa menina, feita para me atíçar, me enlouquecer, me fazer perder a razão da forma mais prazerosa possível. Só de estar perto dela eu já fico maluco. Seu cheiro de verão, como uma fruta silvestre, está por todo lugar. Mesmo quando ela não está, sinto seu cheiro por onde passou, como uma espécie de cão farejador.

Meu Deus! Só de pensar nela já fico com um sorriso idiota. Com ela sob a minha pele!

Não consigo parar de beijá-la. Principalmente porque ela está com seu corpo colado ao meu, vestindo apenas minha camiseta.

Paciência, Noah! Ela merece uma primeira vez inesquecível! Aguenta só mais um pouco!

Sua língua gira ao redor da minha e meu quadril levanta instintivamente em busca de seu quadril. Ela começa a me provocar, puxando meu cabelo e chupando minha língua. Sinto que vou perder todo o controle a qualquer segundo.

— Alana! — tento dizer, afastando meus lábios dos seus por alguns segundos, mas ela me puxa novamente para ela e, então, para minha surpresa, ela monta em cima de mim. — Meu Deus, Alana! Você quer acabar comigo! — reclamo, enquanto me esfrego desavergonhadamente contra ela.

— Não, Noah! Eu percebi que não quero mais esperar! Eu te amo e quero ser toda sua!

— Mas não é assim que tem que ser sua primeira vez. Quero que seja especial. Fazer amor assim, na minha casa e na minha cama, vai ser parte da nossa rotina sexual. Faremos isso sempre. Mas da forma que estou planejando, sei que será inesquecível.

— Eu não me importo com frufus, amor! Só o que me importa é ter você. Sempre é e sempre será especial com você, independente de onde estivermos. Você entende o que eu quero dizer? A coisa mais especial do mundo, para mim, é você! — ela diz olhando dentro dos meus olhos e sinto meu coração latejar e aquecer. Como é bom amar e ser amado! Essa sensação é a que quero preservar para o resto de nossas vidas, disso eu tenho certeza.

— Ah, minha menina! Você é perfeita! — Eu a encho de beijos pelo rosto, pelo pescoço e começo a descer em direção aos seus seios. — Faremos assim: hoje eu vou te mostrar algumas coisas, sei que você vai adorar. Mas só entrarei em você da forma que planejei, não vou mudar de opinião, independente do quanto meu pau está latejando nesse exato momento.

Alana ri e coloca a mão por cima da minha cueca, apertando meu pau. Minha nossa, se ela permanecer segurando desse jeito eu gozarei em alguns segundos, mas não consigo falar. Minhas habilidades motoras desapareceram. Tudo que consigo sentir e pensar é em entrar dentro dela e me perder por lá mesmo. Mas então ela me solta e diz:

— O que você queria me ensinar mesmo? — Ela sorri e percebo que está plenamente consciente de sua capacidade de me reduzir a um adolescente cheio de tesão. Então eu a pego de surpresa, invertendo a situação. Agora ela está debaixo de mim e eu sugo sua boca como nunca havia sugado. Não consigo pensar, o tesão fala por mim. Solto sua boca e mordisco seu peito, por cima da camiseta. Não a dispo, pois sei que se eu fizer isso, perderei o pouco que me resta de autocontrole. Ela geme baixinho contra mim e eu continuo mordiscando seus mamilos cheios.

— Noah, eu quero mais! — ela pede calorosamente.

— Eu sei, minha menina veneno! E eu vou te dar, darei tudo que quiser.

Solto seus seios e ergo a camiseta para ter acesso livre à sua barriga e quadril. Beijo cada pedacinho do seu corpo e vou descendo até a perna, pés, e torno a subir, mas, dessa vez, uso o caminho das coxas. Quando me aproximo de sua calcinha, ela prende a respiração e me olha, ansiosa.

Então finalmente beijo sua bocetinha. Primeiro por cima da calcinha, um beijo casto. Ela suspira e seus lábios formam um sorriso doce, mas o sorriso desfaz assim que eu puxo sua calcinha para baixo e a retiro totalmente.

Linda, ela é perfeita em tudo!

Torno a beijá-la intimamente, e ela geme como uma gatinha, praticamente miando. Mas quando introduzo minha língua em seus lábios vaginais e lambo seu clitóris, ela geme alto e arregala os olhos.

— Noah! Isso é... isso é... — ela não consegue falar, então torna a gemer, conforme a dança que minha língua faz ao revezar as lambidas entre os lábios e o clitóris. Vou aumentando o ritmo das minhas lambidas, sugando-a vorazmente, sentindo seu gosto doce e a acariciando devotadamente, e ela chega tão rápido ao clímax que eu nem esperava que acontecesse naquele momento.

— Noah, eu não aguento! Noahhhhh! — ela diz meu nome com um gritinho tão sexy, que sei que vou me lembrar dele por todo resto da minha vida.

Dou seu primeiro orgasmo, e ela gritou meu nome no ápice do prazer! Meu ego infla e eu a abraço sem esconder o imenso sorriso em meu rosto. Ela permanece arfando até que sua respiração começa a voltar ao normal.

— Eu nunca senti isso em toda a minha vida!

— Isso é um orgasmo, minha menina! E eu prometo que você terá muitos desses, para sempre. — Ela sorri e me beija rapidamente.

— Eu te amo, Noah!

— E eu te amo, Alana! Mas agora preciso tomar um banho e me arrumar para ir trabalhar. — Eu me levanto e, antes de eu chegar ao banheiro, ela diz:

— Ei, tive uma ideia! Eu poderia ir até o escritório e te ajudar a contratar a equipe de segurança. Posso fazer uma pesquisa e te indicar os que forem melhor recomendados.

— Você não tem nada importante para fazer hoje? — pergunto, sem querer incomodá-la com meu trabalho, mas acho que digo a coisa errada, pois ela fecha a cara e faz um bico imenso.

— Acha que não sou inteligente o suficiente para te ajudar?

— Imagina, meu amor! Eu jamais pensaria isso! Eu só queria que aproveitasse melhor o seu dia.

— Noah, nossa segurança é tudo que consigo pensar. Essa é a minha prioridade no momento.

— Claro! Imagino que seja mesmo. Tudo bem, amor! Você vem trabalhar comigo. Já vi eu terei que tomar vários banhos frios, hoje. Estou ferrado!

Ela abre um sorriso imenso e vejo um brilho em seus olhos, que me faz lembrar algo.

— Você tem certeza de que não está escondendo nada de mim? Se for por

estar com ciúmes da Luísa, eu já disse que... — ela me interrompe.

— Claro que tenho certeza de que não estou, e eu confio em você, apesar de não ir muito com a cara da Luísa! — ela diz em um tom incerto, mas como sei que não vou arrancar nada dela, decido deixar para lá.

Mas que eu sei que ela está para aprontar algo, ah, como sei!

O dia no escritório transcorre superbem. Alana parece estar imersa no assunto da segurança. Como eu já tinha feito anteriormente uma pesquisa e selecionado uma empresa que parecia ser de confiança e que também teve várias indicações de pessoas que eu conheço, eu pedi a ela que pesquisasse os funcionários da empresa. Precisava puxar a ficha de cada um, jamais colocaria desconhecidos dentro da fazenda sem saber seu histórico inteiro. Na hora que eu indiquei a empresa para Alana, ela pareceu desgostosa, dizendo que queria pesquisar ela mesma, mas alguns minutos depois ela entrou na minha sala, sentou no meu colo e me deu um beijo delicioso e apaixonado.

— Amor, essa empresa é perfeita! Parece que você leu meus pensamentos.

— Ei, você veio aqui, subiu no meu colo e me deu esse beijo apaixonado porque aprovou a empresa que eu te passei? E que história é essa de ler seus pensamentos? Você não está com fantasias loucas sobre seguranças altos e sarados não, né? Porque se for isso, a senhorita pode ir tirando o cavalinho da chuva, não quero nenhum gavião rondando a minha menina!

Ela ri alto.

— Não seja bobo, só tenho olhos para você! Só fiquei feliz porque essa empresa é muito bem avaliada. Vou começar minha pesquisa sobre os funcionários e até o final da tarde te entrego a ficha dos melhores funcionários, para você selecionar os que deseja contratar. Ah, pode fazer o favor de ligar para a fazenda e pedir para o Caetano dar um banho na Princesa? Quero passear com ela amanhã cedo e quero que ela esteja bem cheirosa para brincarmos juntas.

Ela diz tão inocentemente que fico como um bobo olhando para ela. Linda, ingênua e tão cheia de paixão pela vida e pelos animais. Como posso não estar completamente apaixonado?

Mas então um pensamento me atinge: será que ela está tentando me distrair?

Tem alguma coisa acontecendo com a Alana, e eu vou descobrir o que é! Ah, se vou!

Mais tarde, ela me entrega os relatórios e frisa alguns funcionários que possuem um histórico impressionante.

— Uau, você poderia ser uma detetive. Descobriu a vida toda deles em apenas poucas horas.

Nisso a Luísa entra na minha sala e diz:

— Ei, ela não fez tudo isso sozinha, viu?

Alana a olha de lado e diz:

— Tenho que concordar com a Luísa. Ela me ajudou bastante. Se não fosse ela, não teria conseguido sozinha.

Minha amiga a olha seriamente por alguns segundos e finalmente diz:

— Bem, não é verdade! Acho que teria sim, só ia demorar um pouco mais. Você realmente tem talento para a coisa.

As duas se olham cordialmente por alguns segundos e percebo que estão começando a se entender, mas evito dizer qualquer coisa para não arruinar o momento.

— Bem, agora que concluí meu trabalho, vou voltar para a casa grande. Quero ver meus sobrinhos, algumas horas longe deles e já estou morrendo de saudades. Mas você não vai embora antes de contratar esses seguranças, viu, senhor Noah? Principalmente os três primeiros da lista. Esses são os melhores profissionais.

Seguro minha risada e digo:

— Tudo bem, *chefe!* Prometo que farei ainda hoje tudo que deseja, tudo bem?

Ela ri e balança a cabeça.

— Você não existe! Te vejo mais tarde, gostosão!

Ela acena com a cabeça para Luísa, que retribui, e então se vai.

— Lu, você chegou a ver tudo que a Alana estava fazendo? Toda pesquisa dela?

— Tudo não, apenas nos momentos que estávamos pesquisando juntas. Por quê?

— Ela está aprontando alguma coisa, sinto cheiro de confusão! Preciso que você dê uma busca no histórico do computador que ela usou. Pode ser?

— Claro! É para já!

Minutos mais tarde ela volta.

— Olha, não achei nada além da pesquisa dos funcionários da empresa de segurança. Tem alguma coisa específica que você esperava encontrar?

— Não! Não tenho ideia do que ela está aprontando desta vez. Só sei que está aprontando algo.

— Bem, acho que seu faro está errado, desta vez. Ela não pesquisou nada extraordinário.

— É... talvez eu esteja errado mesmo. Lu, ligue para a empresa de segurança e contrate os cinco primeiros caras desta lista. Veja se eles podem começar amanhã pela manhã, é questão de urgência.

— Ok, Noah! Considere-os contratados!



Vinte e Um

ALANA

Para a minha sorte, o Canoa tinha escolhido a empresa do Rodrigo, o irmão dele, então meio caminho andado, agora eu precisava juntar os dois e torcer para que não brigasse e, principalmente, que o Canoa não ficasse bravo comigo.

Entro correndo na casa grande e dou um beijo na Luzi e na minha mãe, que sorri.

— Como foi a noite?

— Foi boa. — Dou de ombros e ela me encara.

— Boa?

— Ele é um príncipe, mamãe, e me respeita bastante.

— Isso eu sei. — Ela ri e a Ceci entra acompanhada dos meus sobrinhos, a Clarinha está praticamente grudada a ela e isso parte meu coração.

— A tia não vai ganhar um beijo? — pergunto e ela corre até onde estou me beijando e subindo no meu colo.

— Nós vamos na médica, a senhora fica com o Inacinho? — A Ceci pergunta para a minha mãe, que pega o neto no colo.

— Claro que sim, fica tranquila.

— Vem junto, tia?

— Vou sim.

Levanto com a Clarinha e vamos para o carro da Ceci. Durante todo o caminho, olho pelo retrovisor para a minha sobrinha, que parece estar assustada. Se eu pudesse matava com as minhas próprias mãos o idiota que entrou na casa do Tóti e a assustou.

Ao chegar na médica esperamos na recepção até que o nome da Clarinha é chamado, entro na sala com elas e olho para a mesa onde o nome da médica está escrito: Renata Domingues.

Olho para ela sem acreditar e vejo os olhos verdes que eu reconheceria em qualquer lugar.

— Puta que... — paro de falar quando elas olham para mim e dou um sorriso sem graça. — Desculpa, é que eu me lembrei de uma coisa.

— Tudo bem. — A Renata sorri e se senta no sofá com a Clarinha ao seu lado.
— Como você está, princesa? A mamãe disse que teve um pesadelo essa noite.

— Foi. O homem mau veio e me levou — ela fala baixinho.

Observo a Renata conversando com a Clarinha dando total atenção para ela, ninguém poderia reclamar do seu profissionalismo e, principalmente, do dom para cuidar de crianças.

— O que houve, Alana? — A Ceci pergunta me puxando para longe. — Eu te conheço.

— Eu li uma carta do pai do Canoa sem querer.

— Sem querer? — pergunta levantando uma sobrancelha.

— Isso não vem ao caso, enfim, nessa carta ele disse que tem outros dois filhos, um rapaz chamado Rodrigo e uma moça chamada Renata. — Olho para a médica e a Ceci segue o meu olhar. — O sobrenome é o mesmo e olha para ela, não te lembra o Canoa?

A Ceci olha para a Renata por um tempo e leva as mãos à boca.

— Eles são parecidos.

— Exatamente, eu acho que ela é a irmã dele.

— Ele sabe desses irmãos?

— Acho que ele não leu a carta ainda. — Dou de ombros. — O pai dele queria que os três se encontrassem, e pelo que estava escrito na carta a Renata tem vontade de conhecer o Canoa.

— Alana, o que você está aprontando? — pergunta cruzando os braços.

— Eu? — pergunto indignada. — Não fiz nada.

— Mas está pensando. Vejo nos seus olhos, mocinha.

— Eu preciso juntar os três, Ceci — respondo e ela suspira.

— Cuidado para o Canoa não ficar bravo com você. Ele pode não querer encontrar os irmãos, já pensou nisso?

— Não. — Suspiro e apoio a minha cabeça no seu ombro. — Ele é tão sozinho, Ceci, e a Renata parece ser uma boa pessoa, talvez ela faça bem para

ele.

— Talvez, não dá para saber. — Ela me abraça. — Cuidado, querida.

— Eu vou ter, prometo.

Levanto cedo no dia seguinte e depois de um café reforçado vou até o curral para pegar a Princesa, fazia tempo que não saía sem rumo pela fazenda. Monto com a ajuda do Caetano e sigo em direção ao pasto do lado leste da fazenda em direção ao pequeno riacho que cortava a fazenda.

Sinto o vento bater na minha pele e fecho os olhos enquanto a Princesa anda lentamente pelo pasto, ela estava acostumada a passear comigo e sabia o quanto eu gostava de simplesmente ficar assim, sentindo a brisa, o sol esquentar o meu corpo.

— A princesa está perdida? — escuto alguém perguntar e me assusto, abro os olhos e vejo um rapaz alto, moreno e olhos claros me observando.

— Não, ela sabe exatamente onde vai, está acostumada com a fazenda — respondo e aperto o arreio com força nas mãos.

— Se quiser, eu posso ajudar a princesa.

— Eu já disse que ela está bem e se ela precisar eu mesma cuido dela.

— Dela? — ele pergunta confuso e eu dou um sorriso.

— Dela. — Aponto para a égua que estou montada. — O nome dela é Princesa — respondo e ele solta uma gargalhada alta.

— Eu estava falando de você.

— Só está perdendo o seu tempo, eu sei onde estou e aonde eu vou. Agora se me dá licença. — Tento passar por ele que entra na frente da Princesa não só me irritando, mas me assustando, quem era ele?

— Desculpa, mas não posso deixá-la andar sozinha pela propriedade, ainda

mais que não sei quem você é. Tenho ordens de não permitir estranhos na fazenda — responde sério e olho melhor para ele.

Vestido com uma calça jeans com aparência de velha, bota, uma camisa preta e jaqueta preta ele estava perfeito, ainda mais com os óculos escuros pendurado na camisa, o que provavelmente o deixaria ainda mais lindo se os estivesse usando. Mas algo nele estava me assustando, o seu corpo agia como se eu fosse uma ameaça, mesmo que, provavelmente, eu era muito menor que ele.

— Quem é você? — pergunto praticamente exigindo uma resposta.

— Seu pior pesadelo — responde com um sorriso diabólico e reviro os olhos.

— Não tenho medo de você — isso era uma mentira, claro, já que eu estava bastante assustada.

— Deveria. — Ele dá um passo na minha direção e a Princesa recua instintivamente, até mesmo ela estava com medo dele.

— Escuta aqui, seu idiota, eu sou a dona dessa fazenda e exijo saber quem é você — falo alto e ele para no lugar arregalando os olhos.

— Você é a Alana Barreto? Filha do senhor Magno?

— Isso.

— Mil perdões, eu só estava sendo um cretino porque tenho que ser um cretino — diz e continuo o encarando. — Fui contratado para proteger a fazenda, e por experiência própria eu sei que até mesmo as mulheres mais pequenas podem ser ameaças, eu só estava tentando descobrir o que queria aqui.

— Qual o seu nome? — pergunto relaxando um pouco.

— Rodrigo Domingues — responde e sinto um arrepio no corpo.

Volto a olhar para o homem na minha frente, ele era o irmão do Canoa.

— Bom — paro de falar e limpo a garganta. — Agora que já sabe quem eu sou, por favor, me dê licença vou continuar o meu passeio.

— Desculpa, mas tenho ordens de não só proteger a fazenda, como as mulheres que estão na lista que recebi por e-mail.

— Lista?

— Alana, Cecília, Luzia, Fátima, Clara e um bebê chamado Inácio. Essas são as minhas ordens, não posso permitir que ande sozinha na fazenda, até que a ameaça esteja neutralizada.

— Você não deveria estar em outro lugar?

— Meu sócio foi se apresentar para o seu pai, enquanto eu dou uma volta pela fazenda à procura de pontos fracos na segurança, foi quando te vi andando lentamente a cavalo.

— Então continua fazendo seja lá o que...

— Você não vai andar sozinha — ele me interrompe. — Tem duas opções: eu vou junto nesse passeio ou volta para a casa grande escoltada por mim.

Solto um grito nervoso e viro a Princesa de volta para casa, escuto uma moto sendo ligada atrás de mim e começo a galopar o mais rápido que posso para longe desse insuportável.



Vinte e Dois

CANOA

Chego à fazenda e dou de cara com a Alana cavalgando rapidamente. Percebo que algo está errado, porque ela está com cara de poucos amigos. Quando me vê, sua carranca diminui, mas não desaparece.

— Amor, você está bem? — pergunto, enquanto ela diminui a velocidade da Princesa até parar e a desmonta. Ela volta a fazer a carranca e cruza os braços.

— Aquele cara é insuportável. Eu jurava que ele seria... — Ela me olha de um

jeito esquisito e para de falar.

O assunto é confuso, mas me deixou incomodado.

— Jurava que ele seria o quê? E de quem você está falando?

— Aquele segurança impertinente. Eu jurava que seguranças tinham que ser mais simpáticos, afinal de contas sou a chefe deles. Mas aquele idiota não deixou eu cavalgar, acredita? Disse que foi contratado para manter minha segurança e que eu só poderia cavalgar pelas proximidades. Babaca!

Não contendo minha risada. Mal sabem os seguranças contratados, a dificuldade que terão em controlar a Alana. Mas foram contratados para isso, afinal de contas.

Me aproximo dela e a abraço fortemente. O cheiro de seu cabelo hoje me lembra mel e baunilha.

— Oras, minha menina! Ele apenas estava fazendo o seu trabalho. Foi contratado para manter sua segurança, e você mesma concordou com isso e me ajudou a selecioná-los.

— Mas eu não achei que seria proibida de fazer minha cavalgada matinal.

— E não está sendo, desde que cavalgue por um perímetro seguro onde os seguranças possam ter você em vista.

Ela ergue o queixo desafiadoramente e sei que em sua cabeça está passando pensamentos rebeldes. Meu coração afunda.

— Minha pequena, olhe para mim e prometa que não fará nada imprudente que comprometa sua segurança.

Ela sorri e isso me deixa ainda mais nervoso.

— Alana, esse é um assunto muito sério. Eu não estou brincando. Você viu o que aconteceu, até a Clarinha foi afetada pelos invasores. Eu não posso permitir que aconteça novamente. Preciso proteger a todos, mas especialmente você. Eu não sei o que faria se algo ruim lhe acontecesse. Você é meu coração, minha menina! — Acaricio seu rosto e percebo que agora ela deixou seu orgulho ferido

de lado e se dispôs a entender a situação.

— Pode deixar, meu amor! Você tem minha palavra de que não darei nenhuma brecha para algo ruim acontecer. E para seu conhecimento, essa foi uma das coisas mais lindas que você me disse.

— Hum, então prometo dizer coisas lindas pelo resto de nossas vidas.

— Você pensa em ficar comigo pelo resto das nossas vidas? — ela diz, de queixo caído.

— Você ainda não entendeu, minha menina? Eu sou seu, você roubou meu coração para sempre. Não tem mais retorno, serei eternamente apaixonado por você.

Ela suspira e me puxa para ela, me roubando um beijo apaixonado.

Correspondo com a mesma paixão, e ficamos nos beijando assim até que alguém limpa a garganta com um “hum-hum”, nos separando a contragosto.

Olho para a minha direita e vejo um rapaz jovem e bem-apessoado nos encarando. A princípio, meu instinto protetor me fez puxar a Alana para perto de mim, mas logo me toquei de que devia ser um dos rapazes da segurança.

— Boa tarde! Desculpe interromper, mas estou me apresentando a todos os frequentadores da fazenda e tentando conhecê-los, para que eu possa incluí-los na lista de permitidos. Você seria o namorado dela?

— Ah, vejo que você não demorou em começar o seu serviço. Fico muito feliz com isso e já prezo pela sua competência. Sim, sou o namorado da Alana, mas também trabalho aqui. Inclusive, fui o responsável pela contratação da segurança. Muito prazer, me chamo Noah Oliveira. E você, quem seria?

Estendo a mão para o rapaz e percebo que ele olha para ela com certa repugnância. Então, ele começa a andar para trás enquanto me olha com olhos arregalados.

— Você só pode estar brincando. O que é isso? Está tentando me diminuir? Que porra é essa?

Olho para Alana e percebo que ela olha para o chão. Algo está errado.

— Me desculpe, mas não estou entendendo o motivo de tanta grosseria.

— Não se faça de idiota. Posso ser manco, mas não sou burro. Qual é? Sentiu saudades de roubar tudo de mim e decidiu me manter por perto para zombar do rejeitado? Eu não sou mais criança e não vou mais ligar para o que você faz, hoje sou pai de família e tenho motivos maiores para me preocupar.

— Que porcaria é essa? Cara, você é louco. Meu Deus, contratei um louco como segurança da fazenda. Que porra que fui fazer...

— Amor, não é isso, eu... — Alana começa a dizer e sinto a familiar sensação de que tudo isso tem o dedo dela.

— Cara, eu me demito! E antes de mais nada, vai se ferrar, seu metidinho de merda! — O segurança dá meia volta e começa a ir embora, mas Alana corre até ele e agarra seu braço.

— Chega! Vocês dois, prestem atenção! Preciso confessar... eu... eu... — ela hesita e eu perco a razão.

— Alana, fale logo, pois estou perdendo a paciência. O que está acontecendo aqui?

Então ela se vira para o segurança e diz:

— Ele não sabe de nada, Rodrigo. A culpa é toda minha. Eu li a carta que o pai de vocês mandou e decidi dar um empurrãozinho para que vocês se conhecessem.

— Pai de vocês? Você leu a minha carta... Que carta? Do que vocês estão fal... — mas então me lembro da carta que recebi e guardei, sem ler. Quando a compreensão me atinge, olho furiosamente para Alana.

— Você mexeu nas minhas coisas e leu uma carta pessoal? Porra, a carta estava intacta por um motivo, e era pelo fato de eu estar pouco me fodendo para aquele velho traidor e imbecil.

— Pois esse velho traidor e imbecil é o meu pai! — Rodrigo diz,

ameaçadoramente.

— Seu pai? Não, ele é... espere um minuto, você é... eu tenho um... irmão?

Então, a fachada ameaçadora do Rodrigo desmontou e ele pareceu ter diminuído uns trinta centímetros.

— Você está dizendo que não sabia que o meu pai traiu minha mãe com a sua e nos abandonou para morar com vocês?

— Deixe de bobagens! Minha mãe nunca foi mulher de roubar marido de ninguém. Se alguém roubou o marido de alguém foi a sua mãe.

— Cara, desculpa ser a pessoa a dar a notícia, mas a sua mãe que é a vagabunda da história.

Meu sangue ferve e eu vejo vermelho.

— O quê? Você está chamando minha mãe de vagabunda, seu filho da puta? Você quer perder seus dentes, seu imbecil?

— Nossa, estou tremendo de medo! Vem pra cima, seu mimadinho, vem!

Estou prestes a ir para cima desse babaca quando Alana novamente grita:

— Chegaaaaa, vocês dois! Pelo amor de Deus, vocês parecem dois meninos da quarta série. Vocês entenderam tudo errado. Eu li a carta toda, e nenhum de vocês está certo. O pai de vocês somente perto da morte confessou a traição, e por carta. Acontece que sim, amor, sua mãe foi a “outra” da história. Mas não, Rodrigo, ela não sabia que ele era casado, ele a enganou. E foi quando ela descobriu toda a verdade que ela adoeceu, tenho certeza absoluta disso. Noah, seu pai deixou a esposa e os filhos para ficar com sua mãe e, em seguida, com você. Mas depois ele abandonou sua mãe para ficar com a ex novamente e voltar a se aproximar dos filhos. Infelizmente, ele também estava tendo um caso com a secretária, durante esse período, e pelo que pesquisei, ele largou novamente a esposa e os filhos para casar com aquela piranha. Foi o que descobri lendo as cartas e pesquisando os perfis sociais na internet. Somando um mais um, logo se percebe que seu pai não enganou só você, meu amor. Ele enganou também os outros filhos.

— Outros filhos? Quantos irmãos eu tenho, afinal de contas?

— Pelo que eu saiba, só mais uma: a Renata.

— Não fale da minha irmã. Aliás, foda-se tudo isso. Estou indo embora. — O Rodrigo vai embora, completamente confuso, e eu sento, colocando meu rosto entre as mãos.

Quantas coisas mais meu pai havia fodido completamente? Eu tenho uma família que eu nem sabia existir, e pelo jeito, eles sempre me culpavam pelo abandono do idiota do nosso pai. E a Alana... minha nossa, desta vez ela foi longe demais. Ela fuçou nas minhas coisas, leu minha carta e, além de não contar nada para mim, ainda agiu pelas minhas costas, me aproximando desse irmão que nem quer ver minha cara pintada de ouro.

— Noah, eu sinto muito por ter fuçado nas suas coisas e lido, mas achei que...

— Não! Não diga mais nada! — a interrompo. — Eu não quero saber, Alana! Desta vez você foi longe demais. Você não tem o direito de interferir assim na minha vida. Preciso de um tempo sozinho.

Eu a deixo lá, pensando nas coisas que ela fez, e sigo para a minha casa. Chegando lá, a primeira coisa que faço é ler a carta.

Sim, Alana estava certa em tudo que disse, e o que mais me revolta é o fato de eu nem conseguir mais odiá-lo, pois tudo que consegui sentir, ao final da carta, é pena. Pena de um homem levado pela sua sexualidade e egocentrismo, que nunca cultivou sua família, nunca a valorizou, e que somente deu valor a isso quando já era tarde demais, pois sua vida estava esvanecendo.

Irmãos... eu tenho irmãos.

Droga! Sempre quis ter irmãos, e agora que sei que os tenho, tenho que lidar com o desprezo deles. O olhar incriminador do Rodrigo não sai da minha cabeça. Ele me culpa pelo abandono do pai durante sua infância e isso são marcas que levamos pelo resto da vida.

Então me lembro do que ele disse: ele era pai. Ou seja, eu também sou tio.

Me pego indagando se seria um menino ou uma menina... e pensando na

minha irmã. Será que ela também me odeia?

Não, não vou fazer como meu pai e agir covardemente.

Vou procurar meu irmão e ter uma conversa que nunca tive a oportunidade de ter: de irmão para irmão.

Mas primeiro preciso tomar uma atitude em relação a uma pessoa: Alana.



Vinte e Três

ALANA

Eu tinha feito uma grande MERDA.

Mas tinha sido com uma boa intenção, isso contava, não é?

Deveria contar, mas, pelo visto, não contava para o Canoa.

Corro para a casa do Tóti para falar com a Ceci, sinto as lágrimas escorrerem pelo meu rosto, entro com tudo e a Clarinha, que estava sentada brincando com o

Inacinho, olha para mim e vejo que começa a ficar nervosa.

— Está tudo bem, querida, só briguei com o Canoa — falo e ela respira fundo.

— O que houve, Alana? — Tóti pergunta entrando na sala de braços cruzados e me joga de encontro a ele, que me abraça rapidamente.

— Eu achei uma carta do pai dele e li. Ele dizia que tinha outros filhos e que queria que eles se entendessem. Aí eu fui atrás do irmão dele, que trabalha com uma empresa de segurança, e fiz o Canoa contratar, ele descobriu tudo e ficou com raiva.

— Você não falou com ele antes?

— Eu queria que os dois se conhecessem, Tóti — falo chorando.

— Alana, você devia ter conversado com o Canoa, e se ele não quisesse conhecer o irmão?

— Eu só queria ajudar.

— Vem aqui, querida. — A Ceci me puxa para o sofá e me abraça, rapidamente a Clarinha senta do outro lado e me abraça também.

— Bom, garotão, eu acho que essa é a nossa deixa. — O Tóti pega o Inacinho no colo, que dá risada, e saem de casa.

— Ele me odeia.

— Claro que ele não te odeia, Alana, ele está bravo, mas assim que se acalmar vão conseguir conversar e tudo vai se resolver — Ceci diz passando as mãos no meu cabelo.

— E se ele não quiser falar comigo?

— Eu bato nele, tia — Clarinha promete e, pela primeira vez, paro de chorar e dou risada.

— Obrigada, meu amor.

Escuto alguém bater na porta e a Ceci levanta-se para abrir, para a minha

surpresa a Renata entra.

— Estou atrapalhando? — pergunta olhando para o meu rosto e começo a chorar novamente.

— Claro que não, Renata. Só a minha cunhada que brigou com o namorado.

— Ah! — Ela sorri e vem se sentar ao meu lado. — Os homens costumam ser explosivos na hora, mas depois que se acalmam tendem a ser bastante racionais.

— Eu fiz uma coisa sem falar com ele e agora eu... — paro de falar levando as mãos à boca.

— E agora o quê?

— Eu não posso falar com você, senão vou estar fazendo igual.

— Como assim? — ela pergunta confusa.

— Você é uma das partes envolvidas na história, então não posso falar.

— Alana, agora vai ter que falar — a Ceci diz e pega a Clarinha pela mão. — Nós vamos lá fora brincar no balanço.

— E então Alana? — Renata pergunta me encarando.

— Você tem um irmão chamado Rodrigo?

— Tenho. Como você sabe?

— Seu pai traiu a sua mãe com outra mulher e teve um filho.

— Alana, como você sabe tanto da minha família? — Renata pergunta desconfiada.

— Esse filho, Noah, é o meu namorado.

— Você conhece o Noah? — pergunta arregalando os olhos.

— Seu pai escreveu uma carta para ele falando sobre vocês. Eu tentei fazer com que o Noah conhecesse o Rodrigo e os dois brigaram, agora o Noah está

bravo comigo.

— Você conhece o meu irmão — Renata fala baixinho e começa a chorar.

— O que foi?

— Eu sempre desejei conhecer o Noah. Meu pai falou sobre ele, para o Rodrigo o Noah tinha roubado nosso pai e causado todos os problemas na nossa família. Mas eu sei que ele não tem culpa, meu pai era o errado na história, os únicos inocentes eram os filhos dele, incluindo o Noah.

— Eu deveria ter juntado vocês dois primeiro — falo limpando o rosto.

— O Rodrigo nunca foi fácil. — Ela sorri. — Ainda mais agora que ele está com problemas.

— Problemas?

— Ele sofreu um grave acidente onde perdeu parte dos movimentos de uma das pernas. Para ajudar, a mulher dele foi embora o deixando com um menino pequeno, ele tem que se virar para trabalhar e cuidar do filho. Talvez fazer amizade com o irmão possa ajudar.

— Humpf! — Cruzo os braços irritada. — Ele não quer saber do Rodrigo, que não quer saber dele, e nessa sobrou para mim.

— Alana, correndo o risco dele se irritar mais um pouco, você me levaria para conhecê-lo?

— O que eu te fiz? — pergunto com um gemido.

— Como assim?

— Você quer que ele me mate, só pode.

— Alana, é importante para mim. Eu preciso conhecer o meu irmão.

— Está bem. — Levanto do sofá e ela me acompanha.

Explicamos para a Ceci aonde vamos e indico o caminho até a casa do Canoa, assim que chegamos vejo o seu carro estacionado. Toco a campainha e ele abre

irritado.

— O que está fazendo aqui, Alana? — ele praticamente grita.

— Eu não ia vir, mas ela insistiu. — Aponto para a Renata, que olha para o Noah emocionada.

— Quem é ela?

— Renata. Sou a sua irmã — ela responde e me encolho esperando sua explosão.

— Você veio me xingar também?

— Não, eu vim para pegar o que é meu de direito.

— E o que seria? — ele pergunta um pouco rude.

Assim que a Renata pula nos braços dele, o abraçando, sinto uma lágrima rolar pelo meu rosto. Noah olha para ela sem entender e lentamente abaixa os braços a envolvendo.

— Você é meu irmão — ela diz e o rosto dele se suaviza.

— Você não tem raiva de mim?

— O único de quem tenho raiva é do nosso pai. — Ela levanta o rosto e olha para ele. — Temos tanto para conversar, meu irmão.

— Entra. — Ele indica a sala e ela entra lentamente, olho para ele esperando que diga alguma coisa. — Obrigado, agora pode ir — diz e fecha a porta na minha cara.

Sinto o ar faltando e corro para longe da casa dele o máximo que eu consigo. Não sei para onde vou, só sei que quero distância de todo mundo. Não tinha feito nada de errado, só queria ajudar o homem que amo.

Corro até as minhas pernas não aguentarem mais, e mesmo assim continuo correndo, me castigando por ter feito o Noah sofrer. Entro nas terras da fazenda e corro até o meu local secreto, todas as vezes que eu ficava triste era para lá que

eu ia. Por muitos anos usei esse lugar para pensar no quanto eu odiava a Ceci por deixar o Tóti.

Sento na grande pedra embaixo de uma árvore e fico encarando o céu, eu agi por impulso, sei que deveria ter falado com ele antes, eu errei tentando fazer o que era certo. Será que o Noah nunca entenderia ou me perdoaria?

Escuto um trovão e me levanto para voltar para a casa grande, infelizmente estou tão desligada que acabo prendendo o meu pé em uma raiz e caio com tudo no chão.

— Merda! — grito levando as mãos ao meu pé direito, tiro a bota e percebo que meu tornozelo começa a inchar rapidamente.

Levanto com dificuldade para tentar caminhar, mas é praticamente impossível, a não ser que eu vá pulando em um pé só até a casa grande o que é impossível, já que são quase quarenta minutos de caminhada normal.

O céu rapidamente escurece e uma chuva forte desaba, sento embaixo da árvore torcendo para que nenhum raio me atinja. Pego o meu celular para ligar para alguém e como desgraça pouca é bobagem ele está completamente sem bateria. Minha única esperança é que o Noah ficasse arrependido do jeito que me tratou e viesse até a fazenda e assim alguém descobrisse que eu sumi.

E tomara que ele faça isso o mais rápido possível, estou completamente encharcada, morrendo de frio e dor.



Vinte e Quatro

CANOA

Irmãos! Quem diria que eu sempre os tive, sem saber. Quantas vezes pedi para minha mãe e para o meu pai um irmãozinho com quem eu pudesse brincar?

— *Criança dá muito trabalho, uma só já basta* — meu pai dizia. Lógico, o cara já tinha mais dois outros filhos além de mim. Que grande filho da mãe!

Agora sei que tenho dois irmãos e um sobrinho. Renata me contou várias coisas sobre meu irmão e seu filho, Gustavo.

— *O Guto é a criança mais doce e mais responsável que já conheci. Você vai se apaixonar por ele. E o Rodrigo... bem, ele também é uma pessoa incrível. Tenho certeza de que uma hora ou outra vocês acertarão os ponteiros.*

É, pelo visto minha irmã é bem otimista. Só de lembrar do olhar gelado que Rodrigo me deu e de sua cara de nojo quando me apresentei e estendi a mão a ele, já me sinto sem esperança de que possamos conversar e deixar sua mágoa de lado. Mas não vou desistir, isso é um fato.

Eu e minha irmã — *Uau! Como é gostosa a sensação de poder utilizar essa frase* — conversamos por mais de duas horas. Ela quis saber coisas sobre minha infância, sobre meus estudos e sobre minha vida atual. Questionou sobre a Alana, também, e senti meu coração aquecer, ao descrevê-la. Droga, mesmo com ela aprontando, não consigo ficar com raiva. Claro que não posso deixar passar em branco o que ela fez, mas já dei gelo o suficiente por um dia.

Ao final da noite, planejo acordar cedo e ir visitá-la na casa grande para fazermos as pazes. Não consigo passar mais um dia cinza, e ela é a caixa de lápis de cor da minha vida. Sendo assim, vou dormir cedo e sonho com certa menina moça que há anos roubou meu coração.

Quando o relógio desperta (sim, o som é o canto de um galo), acordo com um sorriso no rosto. Faço uma oração para agradecer a Deus pelas bênçãos concedidas, tomo um banho para despertar e visto uma roupa que me faça sentir bem. Meu humor está incrível e não quero estragá-lo.

Assim que chego à casa grande, Caetano abre a porteira para mim e noto um dos seguranças a postos. Após estacionar embaixo de uma árvore sem frutos, o cheiro do café preparado pela Luzi me leva como refém. Dou duas batidas à porta e entro. Estranhamente, não encontro ninguém. Vou até a cozinha e nada, vou até a despensa e nada, volto para a sala de jantar e nada, vou até a sala de estar e nada, vou até a lavanderia e nada. Como todos membros da família costumam acordar cedo, isso era de se estranhar. Nem a Luzi estava por perto, e isso não pareceu ser um bom sinal.

Quando passa pela minha cabeça ir até o quarto da Alana, ouço passos na escada e me aproximo de lá. Finalmente alguém!

— Bom dia, Luzi! Nossa, já estava achando que era o fim dos tempos e que todos haviam sido arrebatados — brinco, mas só então percebo que a feição da

Luzi se transforma.

— Menino Noah, a Alana não dormiu com você?

Que pergunta mais estranha!

— Não, Luzi! Por isso vim cedinho, para passar um tempo com ela antes de ir para o escritório.

— Meu Deus, onde essa menina se meteu? Eu acabei de vir do quarto dela e estava intocado, como se ela não tivesse passado a noite em casa. E ontem à noite, antes de eu me recolher, ouvi o Inácio e a Ceci dizendo para seus pais que ela havia ido até a sua casa com a psicóloga da Clarinha. Onde está essa menina, Jesus?

Meu estômago afunda ao me dar conta de que ela não havia voltado para casa desde que eu a havia expulsado da minha casa sem pensar que ela teria que voltar sozinha até a fazenda.

— O que foi que fiz? Luzi, onde estão o meu sogro e minha sogra?

— Saíram cedinho para ir visitar um terreno que eles pretendem adquirir.

— Acorde o Antônio e a Ceci, então. Vamos fazer patrulhas de busca, ninguém sai dessa fazenda sem que encontremos a minha menina.

E que não seja tarde demais, porque se aquele desgraçado a pegou, eu não pensarei duas vezes antes de acabar com ele.

Duas horas mais tarde, ainda estamos procurando por ela. Uma das equipes procurou entre a rota da minha casa até o começo da estrada de terra. Outra equipe buscou entre a estrada de terra e a fazenda. E aqui estamos eu e o Caetano procurando-a nas terras da fazenda.

— Nada dela, Caetano! Eu nunca vou me perdoar. Nunca! — digo, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto passo uma das mãos pelo cabelo, puxando-os com força para trás.

— Nós vamos achá-la, Canoa! Não perca as esperanças.

— Você não entende, Caetano! Não sabe o que é amar alguém a ponto de dar sua vida em troca da dela. Sem ela, não tenho motivos para respirar. Ela é a minha vida, minha luz.

Ele apenas me olha, compadecido com a minha dor, mas sem interromper o meu desabafo.

— Alanaaaaa! Alanaaaaa!

Meu telefone toca e corro para atender, sem nem ao menos ver quem ligou.

— Alana?

— *Então, ainda não a encontraram. Droga, Noah! Mil vezes droga! Eu não sei se estou mais desesperado para encontrar a Alana ou se para dar um murro na sua cara. Como você deixou a minha irmãzinha voltar sozinha a pé para casa? Como?*

— Eu... eu mereço tudo que você está dizendo, Antônio. Eu fui um imbecil, e eu nunca vou me perdoar por isso, então eu entendo sua raiva e sua frustração.

— *Raiva? Frustração? Eu estou DESESPERADO! Minha irmã passou a noite fora e ninguém nem se deu conta. Nem consigo imaginar as hipóteses do que aconteceu com ela* — ele começa a soluçar e desliga. Entro em pânico. Minhas lágrimas não param de cair e minha vontade é de cavar um buraco e me jogar lá dentro.

O que eu fiz, meu Deus?

Meu telefone volta a tocar e novamente atendo sem ver quem ligou. Não ligo para isso, só quero minha Alana de volta.

— Alana?

Três segundos de silêncio ocorrem e então uma voz masculina diz:

— *Não é ela, é o Rodrigo, seu... segurança.*

— Cara, eu gostaria muito de conversar com você, mas não agora. Não tenho cabeça para isso. A Alana... — começo a dizer, mas ele me interrompe.

— *Está aqui comigo, no hospital. Ela está sendo atendida por um amigo da família, doutor Edgar sei lá o quê.*

Eu paro e me sento no chão molhado, sem me importar que minhas roupas ficarão sujas de lama. Ar! Finalmente consigo respirar. Alana está bem, sendo atendida pelo.. ops, como assim no hospital?

— O que aconteceu com ela, Rodrigo?

— *Eu a encontrei logo cedo na estrada próxima à fazenda, delirando de febre por causa da chuva e com o pé machucado. As únicas coisas sãs que ela disse foram o nome do hospital para onde eu deveria levá-la, o nome do médico que eu deveria procurar e... bem, ela te chamou um bocado de vezes, mas sempre dizendo coisas confusas.*

— Estarei aí o mais rápido possível.

— *Ok!* — Ele está prestes a desligar, quando eu o chamo.

— Rodrigo?

— *Sim?*

— Obrigado.

Ele resmunga algo ininteligível e desliga.

Informo Antônio e a todos os envolvidos na busca sobre o paradeiro da Alana e vamos todos para o hospital, como uma grande caravana. Não sei nem como vou encará-la depois disso. E espero profundamente que ela se recupere perfeitamente, ou terei mais um motivo para me envergonhar pelo resto da minha vida.

Assim que chegamos, Edgar vem nos recepcionar. Quando vou me aproximar dele para saber notícias da Alana, Inácio se aproxima de mim rosnando.

— Aonde você pensa que vai?

— Eu... — tento responder, mas algo me bloqueia. Só consigo ficar ali, parado.

— Dê meia volta e saia andando. Você está louco se acha que deixarei você se aproximar da minha irmã depois de tudo que aconteceu.

Um soco no estômago. E outro. E outro.

— Inácio, por favor... — Cecília tenta interceder, mas ele olha para ela com o mesmo olhar mortal que olha para mim, e ela se encolhe e murmura um “sinto muito” antes de se afastar.

— Está esperando o quê?

Eu não quero ir. Minhas pernas tremem, minha boca treme, sinto que estou andando. Meu Deus! Ainda tremo. Estou andando. Não quero ir.

Não quero ir. Olho para trás. Inácio ainda me encara.

Vergonha! Eu não quero ir. Meu corpo todo treme.

Estou andando. Não quero ir.

Estou distante.

Eu fui!



Vinte e Cinco

ALANA

A chuva não parecia querer terminar, as gotas grossas caem no meu corpo como uma lembrança constante da enrascada que eu estava. Por mais que estivesse nas terras da fazenda, ninguém sabia onde eu estava e sem poder me comunicar seria difícil sair dali.

Meu tornozelo já parecia uma bola de basquete de tão inchado que estava. A dor era insuportável, já não sabia mais quanto tempo eu estava ali naquelas condições, mas o corpo já passava a sentir os efeitos.

Além do tornozelo que latejava, minha cabeça estava doendo, estava com tontura, meu corpo inteiro tremia do frio. Eu sabia que se alguém me encontrasse além do pé imobilizado, provavelmente eu teria uma baita gripe.

Olho para o céu escuro e faço uma oração para que alguém me encontre. Prometi ser boazinha, me comportar, não tomar atitudes impensadas ou impulsivas. Mas acho que Deus não acreditou em mim, porque o tempo foi passando e ninguém apareceu.

Tento me enrolar em uma bola para manter o calor do corpo, mas já não existe nenhum, tudo está gelado e tenho a impressão de começar a congelar.

— Eu sou tão ruim assim para não querer me ajudar? — grito para o céu.

Um trovão estoura a alguns metros de onde estou e fico preocupada. Árvore atrai raios e se eu ficar ali, posso ser atingida por um. Tento me arrastar para longe de onde estou, mas o corpo protesta, ele não queria ir a lugar nenhum.

— Por favor, eu não quero morrer! — Começo a chorar enquanto me arrasto no chão.

Já não tinha mais esperanças — o que poderia parecer dramático. Mas era a verdade, se eu não estivesse enganada já fazia uma hora que estava chovendo, o que significava uma hora ensopada e com dor.

Olho para trás e vejo que a árvore não está muito longe, tinha me arrastado apenas alguns metros.

— O que eu fiz de errado para ninguém se preocupar comigo? — Solto um gemido e me largo no chão todo enlameado.

Sinto que a minha consciência vai e volta, tenho a impressão de que alguém vem na minha direção, mas não posso dizer, já que não consigo manter os olhos abertos.

— Alana? — alguém chama. — Alana, fala comigo.

— E-estou c-com fri-frio. — Sinto o meu corpo tremer incontrolavelmente.

— O que está fazendo aqui? — A pessoa pergunta e joga uma jaqueta sobre o

meu corpo.

— P-pensando, machu-chuquei o pé. — Ele olha para o meu pé e escuto um palavrão alto.

— Eu vou te tirar daqui.

— Ca-canoa.

— Calma, vai ficar tudo bem. Vou te levar para o hospital.

Ele me pega no colo com cuidado e sou colocada dentro de um carro, escuto as portas baterem e logo ele está ao meu lado prendendo o cinto de segurança. O ar quente é ligado e não demora muito para estarmos em movimento.

Olho para o meu salvador e mesmo com a visão um pouco turva consigo reconhecê-lo.

— Ro-Rodrigo?

— Eu mesmo. Voltei para a fazenda para falar com os meus rapazes e um deles pediu para verificar um pedaço do perímetro. Para sua sorte era justamente onde você estava. Você poderia ter morrido. Por que não ligou para alguém?

— S-sem ba-ba-bateria. — Minha cabeça pende sobre o corpo e ele a levanta.

— Fica acordada, Alana.

— Fri-frio.

— Eu sei. Já liguei o ar, não vai demorar para esquentar.

Antes que eu possa responder, um terremoto nos atinge e o carro começa a tremer, meu corpo balança de um lado para o outro sem que eu consiga me segurar.

— Puta que pariu!

Escuto o Rodrigo xingar ao meu lado e logo estamos em alta velocidade pela estrada.

— No-Noah, Noah — chamo pelo homem que amo, como se ele pudesse aparecer do nada ali na minha frente.

— Eu vou atrás dele, não se preocupe.

— Ele me o-odeia-a.

— Então ele é um idiota, o que eu já sabia.

— Então vo-você também é.

— Não é porque somos irmãos que ele é um idiota e eu também.

— E-ele não s-sabia. Não sabia. Se-seu p-p-pai...

— Meu pai era um filho da puta que enganou todo mundo, eu sei. Mas minha mãe sofreu por causa da mãe dele. Isso não é algo que eu possa esquecer. Mas deixa para lá, isso é entre mim e ele. Agora temos que nos concentrar em cuidar de você.

Para a minha sorte rapidamente chegamos ao hospital e posso ouvir o Rodrigo gritando ordens, sou retirada do carro e colocada sobre uma maca. Vejo as luzes do teto passando rapidamente enquanto sou levada para algum lugar.

Minha roupa é retirada completamente o alguém volta a gritar ordens, uma enfermeira tenta falar comigo, mas não sei o que eu respondo para ela. Sinto minha mão ser furada e tento me afastar.

— É apenas um soro aquecido, isso vai ajudar com o frio — a enfermeira diz.
— Temos que aquecê-la.

— S-sono.

— Eu sei, querida, mas tenta ficar acordada.

Tento me concentrar no que a equipe médica que está me tratando fala, mas o sono é mais forte e logo estou apagando completamente.

Um calor gostoso toma o meu corpo, como se estivesse exposta ao sol, deitada na cachoeira da fazenda, sobre uma pedra quente. Meu corpo não está mais

tremendo, minha cabeça já não dói tanto, a única dor que sinto é no meu tornozelo, o que me tira do meu momento de felicidade.

Não estou em uma cachoeira, na verdade estou em um hospital. Sei pelos cheiros e os barulhos a minha volta. Abro os olhos com dificuldade por causa da claridade.

— Finalmente você acordou — o Rodrigo diz ao meu lado. — Estava preocupado já.

— O que aconteceu?

— Eu te trouxe com hipotermia para o hospital. Os médicos cuidaram de você. Agora está bem, não corre mais riscos, mas vai ser mantida em observação.

— Minha família?

— Já avisei, devem estar aqui a qualquer momento.

Como se estivessem esperando justamente por isso, a porta do quarto se abre e eles entram correndo até a minha cama.

— O que aconteceu? — O Tóti pergunta puxando o Rodrigo para o lado.

— Eu a encontrei na fazenda debaixo de chuva e o tornozelo machucado. Ela estava muito fria, então não pensei duas vezes antes de trazê-la.

— Você fez o certo. Obrigado, rapaz — meu pai agradece.

— O que aconteceu, querida? — minha mãe pergunta.

— O Noah brigou comigo e eu voltei da cidade a pé. Não queria ver ninguém, então fui para o meu lugar secreto. Começou a chover e quando tentei ir embora torci o pé. Aí não conseguia mais andar.

— Ela deve ter ficado muito tempo debaixo da chuva. Já estava com hipotermia quando cheguei. Mais um pouco e o estado dela seria grave.

— Quem é você? — A Ceci pergunta desconfiada.

— Ele é o Rodrigo, o segurança — falo.

— Ah, o rapaz contratado pelo Canoa para trabalhar na fazenda.

— Na verdade, vamos rescindir o contrato.

— Por quê? — o Tóti pergunta desconfiado.

— Não faz isso, Rodrigo — peço. — Precisamos de você, por favor.

— Conversamos depois, Alana. O principal agora é ter certeza de que está bem — ele diz. — O médico disse que ela vai dormir aqui essa noite.

— Alguém avisou o Noah? — pergunto quando percebo que ele é o único que não está ali.

— Eu o expulsei daqui — Tóti diz irritado.

— Ele veio?

— Veio, mas seu irmão idiota o mandou embora.

— Por quê? — pergunto confusa.

— Porque é por causa dele que está aqui. Ele não tinha nada que deixar que voltasse sozinha para casa. Você não está em perigo, mas mesmo assim.

— Eu quero o Noah, preciso saber se ele me perdoou.

— Perdoou o quê, querida?

— Eu fiz uma besteira, mãe. E ele ficou bravo. Alguém traz o Noah. — Tento me levantar, mas estou presa em vários aparelhos e no soro.

— Eu vou avisá-lo, fica calma. — Meu pai tenta fazer com que eu deite na cama novamente e sai do quarto.

— Alana? — O Rodrigo para ao meu lado. — Agora que está melhor, eu preciso ir.

— Você...

— Não se preocupe, vou ficar, mas porque você precisa de proteção. Principalmente de proteção de um estúpido como o seu namorado.

— Ele não é tão ruim.

— Isso vamos ver. — Ele aperta a minha mão e se despede de todo mundo.

— A última pessoa de quem você precisa é do Canoa — o Tóti diz nervoso.

— Se você estivesse em um hospital, quem seria a primeira pessoa que você iria querer perto?

— A Cecília, claro.

— Então não diz que o Noah é o último. Porque ele é o homem que eu amo, sempre amei, Tóti, e eu preciso dele aqui comigo.



Vinte e Seis

CANOA

Claro que tinha que chover. Assim o tempo está combinando com o meu estado de espírito. Eu havia decidido caminhar até a casa da minha mãe para espairer um pouco, mas com essa chuva torrencial me encharcando eu não consigo pensar em nada, apenas sigo em frente.

Uma caminhonete passa ao meu lado em alta velocidade e espirra lama por toda minha roupa.

— Ótimo! — grito para mim mesmo. — Agora me sinto literalmente um porco no chiqueiro.

A chuva volta a apertar e limpa parte da lama em meu corpo, mas quando ela se transforma em tempestade e sinto cada gota como uma pedrada na cabeça, não consigo evitar uma crise de riso.

Começo a rir de mim mesmo. Rio do meu estado lamentável, rio ao pensar no idiota que fui, rio ao pensar na Alana tomando a mesma chuva que estou tomando, sozinha, expulsa da minha casa por mim mesmo. Não há graça nenhuma, pelo contrário, mas meu corpo reage rindo. Rio ao me encontrar desejando que eu adoeça tanto quanto ela, rio ao perceber lágrimas em meu rosto que não são causadas pelo riso, mas sim como uma forma de me aliviar por tudo que está sufocado em mim: a culpa, a infelicidade, a raiva e até mesmo o medo.

Entro na varanda da minha mãe e estremeço quando me sinto seguro, debaixo de um teto coberto. Sim, eu pegarei no mínimo uma baita de uma gripe.

Após três batidas na porta, minha mãe a abre e me recepciona com um sorriso caloroso e amável, mas isso não dura muito tempo, pois logo ela percebe meu estado deplorável e sua expressão esmorece.

— Filho! — ela lamenta com um gemido — O que houve com você, meu menino? — Ela abre os braços para mim, sem se importar por eu estar ensopado.

— Ah, mãe! — é tudo que consigo dizer antes de aceitar seu abraço quente e reconfortante. Ela me segura contra ela por vários minutos, até que me obriga a entrar e me enfia no banheiro para eu tomar um banho quente.

Quando saio, ela já havia separado para mim algumas roupas que eu havia deixado em meu antigo quarto. Me visto vagarosamente, pois meu corpo começa a sentir o peso do mundo. Havia sido um dia estressante e eu sentia que a qualquer momento iria sucumbir.

— Filho? Já se trocou? — minha mãe pergunta do corredor, com cautela. Ela me conhece bem o suficiente para entender meu estado de espírito.

— Já, mãe! Pode entrar!

E assim ela faz, carregando uma bandeja com chá e algumas guloseimas.

— Filho, tome isso! — ela diz e coloca a xícara com chá na minha mão. — É aquele chá que sempre faço quando sei que está ou vai ficar com uma gripe pesada. Sinto que vai precisar. Coma um pouco também, meu amor! Você está muito abatido.

— Mãe, não estou com fome. Vou ficar só com o chá.

Ela franze o cenho e senta ao meu lado, na beira da cama.

— Noah, você quer conversar sobre o que está te afligindo? Para você recusar comida, com certeza foi algo grave — ela brinca para aliviar a tensão, mas não sinto vontade de rir.

— Na verdade, eu gostaria de conversar, sim, mãe. — Respiro fundo e pego suas mãos, cobrindo-as com as minhas. — Eu sei sobre o meu pai.

Seu semblante endurece.

— Sabe o que, exatamente?

— Acho que tudo. Ou, pelo menos, a maior parte da história, eu acredito. — Olho dentro de seus olhos e mantenho uma expressão séria, mas serena, para não parecer que a estou acusando de nada.

Ela tapa a boca com uma das mãos e olha para o outro lado do quarto.

Mais um minuto de silêncio.

— Como você descobriu? Ele te procurou? — Ela mantém seu olhar fixo na barra do seu vestido, enquanto o torce compulsivamente.

— Mais ou menos. Na verdade, mãe, ele faleceu.

— Oh! — ela resmunga, mas sem parecer tão afetada. Sei que ele a magoou demais.

— Mas antes disso ele me enviou uma carta contando toda a verdade. Creio que foi sua tentativa de se sentir um pouco menos culpado com tudo. Mãe, por que você nunca me disse nada? Eu gostaria de ter descoberto toda a verdade por você.

Ela se vira para mim, com os olhos cheios de lágrimas e pesar.

— Não, meu amor! Eu não poderia. Tive medo de você não acreditar em mim, de você se envergonhar de mim por conta disso. Sempre me senti tão culpada... mas eu juro, filho. Eu não sabia! Eu... — ela desabafa, mas eu a corto.

— Shhhhh! Calma!

Eu a puxo contra mim e a abraço fortemente.

— Eu sei que você não sabia. Nem por um segundo sequer eu a considere culpada por algo. E mãe, é impossível que eu me sinta envergonhado por qualquer coisa que você tenha feito. Dentro de mim só há orgulho por tudo que você fez por mim e por tudo que você é.

Ela me abraça mais forte por alguns segundos e então me solta, olhando em meus olhos.

— Eles eram uma família, e eu o tirei deles. Privei os filhos da companhia do pai e, conseqüentemente, acabei privando você também, porque uma hora ou outra ele iria voltar para suas raízes. Eu deveria saber, deveria ter desconfiado, mas quando nos conhecemos, seu pai parecia ser o príncipe encantado e eu senti que estava vivendo um conto de fadas. Ele sabia ser charmoso e encantador. Isso era ao mesmo tempo sua maior virtude e seu maior defeito.

— Mãe, a verdade é que ele não valia nada. Você não tem que se sentir envergonhada por nada, ele foi o culpado de tudo. Precisa deixar isso de lado e seguir sua vida, mãe. Você ainda é nova, pode recomeçar. Nunca é tarde para isso.

Ela sorri timidamente e beija minha testa.

— Como foi que você se tornou esse homem tão gentil e generoso? Tenho muito orgulho de você.

Isso foi o estopim para meu estômago revirar.

— Mãe, eu fiz uma coisa muito estúpida.

Eu respiro fundo e penso em como contar tudo a ela sem a magoar. Afinal,

não sei como ela se sentirá ao saber que estou tendo contato com meus irmãos.

— Eu os conheci, sabe?

Ela me lança um olhar questionador por alguns segundos, mas logo entende o que quero dizer.

— Seus irmãos?

— Sim, a Renata e o Rodrigo. E eu também tenho um sobrinho, você sabia?

Ela não responde prontamente. Seus olhos estão um pouco arregalados e ela parece estar em choque. Somente alguns segundos mais tarde que ela consegue dizer:

— Sobrinhos, Noah? Meu Deus! C-c-como isso aconteceu? Como vocês viraram amigos?

— Na verdade, não somos muito amigos. Pelo menos, eu e o Rodrigo, não.

— Filho, eu nunca te contei antes, mas recebi uma carta do Rodrigo, há muitos anos. Ele foi um tanto ofensivo comigo e com você. Creio que ele me culpa por tudo e se ressentido de você pelo tempo que passou com seu pai. Isso foi a coisa que mais me doeu, sabe? Ele ainda era uma criança, e estava muito machucado.

— Mãe, isso foi há muito tempo e você nunca foi culpada de nada. E não se preocupe, eu farei o possível para que o meu irmão deixe sua mágoa de lado e que possamos um dia conviver bem. — Então um clarão se acende em minha mente é como se eu levasse outro soco no estômago. — Foi ela, mãe. Graças a ela que tudo isso aconteceu. Agora eu entendo. Não que seus métodos tenham sido os melhores, mas ela fez tudo isso por mim, se preocupando com a minha felicidade. A Alana me aproximou de meus irmãos, mãe.

— Por que diz isso, filho?

— Quando conheci o Rodrigo, eu fiquei chocado, mãe. Eu não sabia até então que tinha irmãos. Vivemos somente eu e você por tantos anos... e A Alana... bem, ela leu a carta que meu pai me enviou e mexeu seus pauzinhos para nos aproximar. Mãe, quando descobri que ela havia feito isso, eu pirei. Ela leu minha

carta, mexeu nas minhas coisas. Me senti traído com sua desconfiança. Afinal, quem fuça nas coisas dos outros por qualquer motivo a não ser tentar descobrir algo? Eu nunca escondi nada dela, mãe. Me senti invadido, não estou acostumado com isso.

Minha mãe prestava atenção a cada palavra que eu dizia, e eu estava me sentindo melhor por poder desabafar com ela. Ela sempre foi a minha melhor amiga. Ela, a Alana e sua família são o meu mundo.

— Eu briguei com ela, mãe, e ainda assim ela continuou me ajudando. Ela conversou com a minha irmã e contou tudo sobre mim. Ela levou a Renata para minha casa e eu a mandei embora. Tratei o amor da minha vida como um cachorro. E então ela foi, mãe. Sozinha. E começou a chover muito, igual a chuva de hoje. Ela machucou o pé e não conseguiu chegar até sua casa. Passou a noite toda na chuva. Você entende o que quero dizer? — Meu desespero era evidente em meu tom de voz e minha mãe começou a afagar meu braço, como se estivesse dizendo que estava tudo bem, mas ela não dizia isso em voz alta, pois sabia que não era verdade. Nada estava bem.

— Ela está no hospital por minha causa. Se algo acontecer com ela, minha vida acabará. Eu nunca vou me perdoar, mãe. Nunca!

Ela me abraça e diz que a Alana irá melhorar. Diz que eu não posso me deixar abater, que eu tenho que descansar e ir à luta, que devo estar ao lado dela até que tudo acabe bem.

E eu vou. Darei um tempo para que o Antônio assimile a situação, mas amanhã estarei com ela. Farei o que for preciso para isso.

Então minha mãe me coloca na cama como se eu fosse um menino. Ela ajeita os travesseiros, me cobre e me faz tomar cada gota do chá de alho, limão e mel. Depois ela enfia na minha boca um bolinho de chuva, sem dar tempo para eu recusar. Ela me dá um beijo de boa noite, recolhe a xícara e apaga a luz.

Eu finalmente sucumbo ao sono e ao cansaço.

O que não percebo é que meu celular ficou ensopado com a chuva e parou de funcionar, então não consigo receber as chamadas do Antônio.



Vinte e Sete

ALANA

Passei o dia, a noite e mais uma manhã no hospital. E para me deixar ainda mais maluca, o Canoa não apareceu, o Tóti tentou falar com ele direto, mas não atendia o celular, o que significava que estava me evitando a todo custo.

Como ele podia me culpar tanto assim? Era errado tentar juntar os três?

A porta do quarto abre chamando a minha atenção e o Dr. Edgar entra com um sorriso no rosto.

— Como está minha paciente favorita?

— Você não é neuro? Por que está me atendendo? — pergunto e ele solta uma gargalhada.

— O rapaz que te trouxe gritou o meu nome, parece que foi você que me indicou, aí indiretamente virei seu médico. Mas tem um especialista de olho em você também. — Ele se senta na cadeira ao lado da minha cama. — Como está se sentindo?

— Minha cabeça dói, minha garganta está queimando e não aguento mais espirrar e o nariz escorrendo.

— Você pegou uma tremenda gripe e dor de garganta. Estamos tratando a infecção, logo vai ficar boa. O maior medo mesmo era que pegasse uma pneumonia. Como está o tornozelo?

— Dói para caramba.

— A enfermeira já vem para dar a medicação, não se preocupe.

— Quanto tempo vou ficar internada?

— Bom, infelizmente vai passar mais uma noite aqui. Queremos ter certeza de que o seu quadro não vai piorar.

— Piorar? — pergunto arregalando os olhos.

— Brincadeira. — Ele sorri.

— Idiota! Agora sei porque meu irmão te odeia.

— Ele me odeia porque eu fiquei com a Cecília. Mas agora os dois estão juntos e com dois filhos lindos. Não sou mais uma ameaça para ele.

— Mas ele ainda te odeia — falo.

— Alana, qualquer homem vai odiar o cara que beijou a sua mulher. Então esse ódio é para sempre. — Ele se levanta e dá uma olhada nos aparelhos sorrindo. — Seu marido um dia vai odiar os outros rapazes que te beijaram

também.

— Isso se algum dia eu me casar, né? — falo lembrando do Canoa que não aparecia para me ver.

— Claro que vai. Você é uma menina linda, a princesa da cidade se bem me lembro. Deve ter um monte de moleque atrás de você.

— Eu não quero um moleque, quero um homem.

— Ah! — Ele dá risada. — Prefere homens mais velhos? Posso me candidatar?

— Se quiser que o Antônio te mate de vez, sim — falo e ele solta uma gargalhada.

— Bem lembrado. Acho que vou me recolher à minha insignificância. Você é linda, mas prefiro continuar vivo. — Ele pisca para mim. — Vou continuar a minha ronda.

— Tchau, Edgar.

— Tchau. — Ele abre a porta e para. — Oi, pode entrar. — Abrindo espaço na porta vejo o Rodrigo entrar.

— Oi, Alana.

— Oi. — Ele se senta na cadeira onde o Edgar estava. — Como está se sentindo?

— Como se tivesse ficado horas debaixo de uma tempestade?

— Cara, isso deve ser horrível. — Ele abre um sorriso e meu coração dá um pulo. Por que os dois tinham que sorrir igual?

— O médico disse que vou ficar internada essa noite também.

— Mas está tudo bem, não é?

— Ele disse que estão preocupados que eu desenvolva uma pneumonia, então... — Dou de ombros.

— E a sua família?

— Meu pai arrastou a minha mãe para casa para tomar um banho. Acho que a minha cunhada aparece aqui daqui a pouco.

— E o idiota?

— Ninguém consegue encontrá-lo — falo sabendo de quem ele se refere.

— Depois falam que ele é meu irmão. Acho que o ideal seria fazer um exame de DNA, alguém tão burro não pode ser da minha família.

— Vocês sorriem igual, quando tentam fazer piada o canto esquerdo da boca se levanta um pouco, vocês dois balançam a perna direita quanto estão desconfortáveis com alguma coisa — falo apontando para a perna dele, que balança para cima e para baixo.

— Como...

— Sou uma boa observadora — falo interrompendo. — E eu amo o Noah, sei tudo sobre ele.

— E tudo isso significa que somos irmãos?

— Exato.

— Em todo caso, o lado materno dele deve ter feito com que fosse um estúpido.

— Não fala assim, a mãe dele é uma mulher incrível.

— Alana, a mãe dele...

— É uma mulher incrível. Rodrigo, ela me deu o homem que amo, ele pode ser um idiota, mas eu o amo. Não fala mal dela, por favor.

— Ok, não vou. — Ele coça a cabeça. — Eu falei com o seu pai e vamos continuar cuidando da fazenda. Ele e o seu irmão me explicaram que a sua sobrinha está aterrorizada com o que aconteceu.

— Está sim.

— Por ela, e por você, vou continuar com a segurança da fazenda.

— Obrigada.

— Bom, eu tenho que ir. — Ele se levanta com um pouco de dificuldade e se aproxima da cama. — Se cuida, nada de piorar para ficar mais tempo por aqui.

— Pode deixar. — Ele dá um beijo na minha testa me surpreendendo e vai embora.

Alguns minutos depois uma enfermeira aparece e me entrega os remédios, que rapidamente fazem efeito e caio em um sono profundo.

Sinto meu corpo pesado, meus olhos não querem se abrir como se estivessem colados, minha garganta continua ardendo, e de repente sinto algo pressionar meu tornozelo como se o apertasse e torcesse ao mesmo tempo. Tento gritar, mas algo tampa a minha boca e sinto uma respiração quente no meu rosto, algo pegajoso como uma língua sobe do meu pescoço em direção ao ouvido, uma barba me arranha, tento me debater, mas meu corpo é pressionado na cama. Escuto algumas risadas a minha volta e novamente o aperto no tornozelo.

— Você vai ser nossa para o que quisermos. Guarda as minhas palavras, boneca. Vou lambar cada centímetro do seu corpo, e depois vou usá-lo por horas e horas.

— Socorro! — grito, mas minha voz é abafada pelo pano que está sobre a minha boca.

Escuto a porta do quarto se abrir e quem estava com esse homem sai, ele dá uma risada e corre para fora. Assim que finalmente estou livre grito a plenos pulmões, minha garganta infeccionada protesta, mas eu preciso de ajuda, abro os olhos finalmente e encontro o quarto escuro. Continuo gritando até que alguém entra acendendo todas as luzes.

— O que foi, Alana? — Edgar pergunta e me agarro a ele assim que se aproxima.

— Tinha alguém aqui — choro e grito ao mesmo tempo. — Tinha alguém aqui.

— Alguém chama a segurança! — ele grita para os enfermeiros que estavam no quarto e todos começam a correr.

— Ele me lambeu, torceu o meu tornozelo. — O Edgar se afasta e não entendo porque, até que estou nos braços do Antônio.

— Calma, Alana.

— Tinha alguns homens aqui dentro, Tóti. Ele disse que vai me violentar. Que eu vou ser dele. — Me agarro tanto a ele, quase a ponto de sair da cama e estar nos seus braços.

— Deixa olharmos o seu tornozelo, Alana — o doutor Fábio, que estava responsável por mim pede e delicadamente puxa a minha perna.

Olho para o tornozelo e é possível ver a marca de uma mão ainda, ela tinha pressionado com muita força, ferindo ainda mais.

— Rodrigo, Entraram no quarto da Alana aqui no hospital — escuto o Tóti falando ao meu lado. — Não sei, eu a deixei sozinha por um momento enquanto fui comer alguma coisa. Ela estava dormindo, então não me preocupei. Ok, estou te esperando.

— Por que estão fazendo isso, Tóti?

— Não sei, meu amor. Mas eu juro que ninguém vai tocar em você novamente. Eu mato a pessoa que tentar.

A noite passa como um borrão, o doutor Fábio me receita um calmante, mas a meu pedido nada muito forte, não queria fechar os olhos novamente. Minha família aparece, o Rodrigo chega com outros dois rapazes e rapidamente vão falar com a segurança do hospital.

Estou agarrada a Ceci, mas os braços que eu queria eram outros. Por que ele não aparecia?

— Alana! — Escuto um grito e a porta abre com tudo, o Noah entra praticamente arrastando os dois seguranças que trabalham com o Rodrigo para dentro do quarto. — Ou vocês me soltam, ou vou quebrar os dois em pedaços! — ele grita quando é arrastado para fora do quarto.

— Soltem ele! — escuto o Rodrigo ordenar e o Noah corre para dentro do quarto. A Ceci só consegue pular para o lado antes de ser atropelada por ele.

O Noah me puxa para os seus braços e se senta na cama, me colocando em seu colo.

— Estou aqui, minha menina, ninguém vai te machucar. Estou aqui — ele repete várias vezes.

— Você vai ficar? — pergunto e ele concorda.

— Obrigada — respondo e fecho os olhos finalmente cedendo ao cansaço.

O Noah estava aqui, eu estava nos braços dele e sabia que nada nem ninguém conseguiria passar por ele para me pegar.



Vinte e Vito

CANOA

Na manhã seguinte, eu acordo com o corpo todo dolorido. Sinto o suor escorrendo pelo meu corpo, mas decido não mencionar nada para a minha mãe, pois ela me prenderia a esta cama e eu tenho a intenção de terminar logo o trabalho que estava pendente para ir visitar a Alana.

Dane-se o Antônio!

Se ele tentar me proibir de entrar, eu serei obrigado a nocauteá-lo, mas hoje

verei a minha menina, quer queiram ou não.

Tomo um banho gelado e visto somente a cueca e a calça. Nada de me esquentar demais preciso dissipar a febre. Após tomar café da manhã com a minha mãe, vou para minha casa me trocar e tomar um antitérmico.

Enquanto visto a camisa, me sinto um pouco tonto e deito um pouco na intenção de descansar, mas acabo dormindo por mais de duas horas. Ao ver o horário no relógio do quarto, pego meu celular e a carteira e saio correndo até o carro.

Minutos mais tarde, mal entro no escritório e a Luísa já se aproxima.

— Você está bem? Esqueceu-se da reunião das 8h30. Tentei te ligar várias vezes e caía sempre na caixa postal. Tive que me desculpar em seu nome e remarcar para daqui a quinze dias.

— Lu, estou bem sim. Apenas um pouco febril, mas já tomei alguns antitérmicos, só estou esperando passar o efeito. O que eu tenho de mais urgente para hoje? Só quero resolver as pendências mais importantes para poder ir visitar a Alana.

— Você está louco de aparecer no hospital assim como está? Vão querer te manter por lá se te verem desta forma. Fora que você pode agravar a saúde dela.

— Eu preciso vê-la, Luísa! Não importa em qual estado eu esteja, preciso vê-la.

Ela me olha duramente por vários segundos até finalmente ceder, bufando.

— OK! Eu vou cancelar tudo o que temos programado para hoje, mas só se você deitar no sofá da sua sala e dormir até você parar de bater os dentes. — Ela encosta sua mão na minha testa e geme. — Uau! No mínimo uns 38,5°. Vá deitar e se esforce em melhorar rapidamente. A Alana deve estar morrendo de saudades.

Eu concordo e me retiro até a minha sala, tiro os sapatos e deito me aconchegando no sofá de couro antes de dormir, entretanto, Luísa entra e informa:

— Estou indo buscar uma canja. Se, por um acaso, você não tomar, eu me demito — ela mal termina de dizer e já se retira.

Eu dou um sorriso e meus olhos se fecham.

Abro os olhos às oito horas e quinze minutos. Xingo o mundo e todos os ancestrais da nossa geração. Preciso ir vê-la. Preciso!

Como se pressentindo que eu acordaria, Luísa entra com um pote de canja nas mãos, outro antitérmico e um copo de suco de laranja.

— Lu, já disse que adoro ter você trabalhando comigo? Por isso você é uma das minhas melhores amigas nessa vida.

— Melhores? No plural? Você é um cretino!

Eu praticamente engolia a comida, sem mastigar direito até os pedaços de frango.

— Calma, você vai engasgar — Luísa diz, e então um grito me assusta e eu realmente acabo engasgando.

— Cadê o filho da puta do Canoa? Canoa!!!

Eu me engasgo e, em seguida, Antônio Inácio entra na minha sala enfurecido, mas ao me ver, ele perde um pouco a ferocidade.

— O que aconteceu com você? Foi atropelado por um trem?

— Eu não estou me sentindo muito bem, mas não é nada de mais. A febre baixou — respondo.

Luísa se aproxima e toca a minha testa.

— Realmente, a febre abaixou.

— Isto é gripe ou qualquer outro motivo?

— Eu acabei pegando a chuva de ontem à tarde. — Crio coragem e digo o que eu penso. — Olha, Antônio, eu sei que você não me quer perto da sua irmã, e eu digo que realmente entendo os seus motivos, mas também tenho os meus

próprios para nunca sair do lado dela. Ela é a minha metade, o meu ar. E eu fui um idiota com ela e só Deus sabe o quanto sinto pelo que aconteceu, mas não posso ficar longe dela. Então eu preciso te avisar: se você tentar me impedir serei obrigado a colocar nossa amizade de lado e lutar por ela. Entrarei à força, e nem você e nem sua força de cowboy vai conseguir me impedir de entrar lá e cuidar da minha menina.

Permaneço encarando meu amigo, que retribui a atitude e permanece imóvel por alguns instantes, antes de dar dois passos em minha direção e começar a me arrastar para fora da minha sala.

— Eu vim te buscar, seu idiota! Estou te ligando desde ontem, mas seu celular está desligado. — Eu o retiro do meu bolso e noto que ele não liga mais.

— Porra! Deve ter acabado a bateria ou molhou ontem durante a chuva e acabou pifando.

— Canoa... — Antônio começa a falar e eu noto pelo seu tom de voz que más notícias estão por vir. — Entraram no quarto da Alana e a ameaçaram. Desta vez, eles tocaram nela. Acho que você está certo, deve ser aquele playboy filho da mãe querendo se vingar.

Eu não consigo falar. Quero xingar, gritar, matar cada um destes filhos da puta, mas tudo que consigo fazer é balançar a cabeça.

Então meus sentidos voltam e finalmente consigo me expressar. Pego o vaso que enfeita a recepção e taco contra a parede.

— Malditos!

— Noah! O que é isso? — Luísa questiona, mas Antônio faz o sinal para ela deixar para lá.

— Malditos, malditos, malditos!

Eu ando até meu amigo e me aproximo a ponto de sentir seu suor.

— Eu vou encontrá-los e jogar cada um dos que participou dessa história na cadeia. Um por um! Te dou a minha palavra.

Antônio arregala os olhos, surpreso, e então estende a mão.

— Estamos entendidos, ok? E eu acredito em você. Vamos pegá-los, um por um.

— Um por um! — repito. — Agora me leve para o hospital, não posso ficar mais um minuto longe da Alana. Ela deve estar apavorada, não é?

Ele apenas assente.

— Eles apertaram seu tornozelo, a ameaçaram e a deixaram dolorida — ele diz, revoltado com a situação.

Fecho meus olhos e pergunto:

— Eles... eles tocaram em mais alguma parte do corpo dela?

— Maldição não! Não! Mas disseram que vão estuprá-la, Canoa! Não podemos deixá-la ficar um minuto sozinha sequer. E temos que encontrá-los o mais rápido possível. O Rodrigo e sua equipe...

— Rodrigo? Meu irmão? Ele não se demitiu?

— Sim, mas acabou reconsiderando — ele disse, enquanto reduzia a velocidade para fazer uma curva.

Estávamos chegando ao hospital. Mais alguns minutos, e eu estaria com a minha menina.

— Bom! Realmente bom. Eles serão de grande valia. Precisamos muito deles, no momento. Quem está com a Alana agora?

— Minha mãe e a Ceci, mas os seguranças estão cercando o perímetro do hospital e o quarto dela. Se qualquer um se aproximar, nós os pegaremos.

Ele estaciona o carro e eu corro para fora. Mas então ele me chama e eu paro para prestar atenção ao que vai dizer:

— Canoa, tenho que voltar a fazenda. Preciso checar Luzi e as crianças. Só tem um segurança por lá. Então diz para a Ceci descer, a esperarei aqui, ok? Ah!

Sobre sua febre...

— Sim.

— Bem feito! — Ele ri e entra no carro.

Penso em mostrar o dedo do meio, mas além de ser infantil penso que eu bem que mereci isso.

Dois minutos mais tarde e estou tentando entrar no quarto da minha menina, quando dois homens me abordam, segurando meu pulso.

— Alana! — Chuto a porta e ela abre de uma vez. — Ou vocês me soltam ou vou quebrar os dois em pedaços! — grito, sem pensar que se trata de dois homens gigantes, musculosos e treinados.

Então meu irmão se aproxima e diz:

— Soltem ele!

Aproveito a brecha e me aproximo da Alana. A puxo para mim, inspiro seu perfume e a aperto o máximo que posso, em meus braços.

— Estou aqui, minha menina. Ninguém vai te machucar. Estou aqui! — digo tanto para acalmá-la quanto para me manter são. Não sei quantas vezes repeti tudo isso, mas em seguida ele pergunta:

— Você vai ficar? — Seus olhos estão arregalados de terror. Droga, ela está traumatizada! Um nó se forma em minha garganta e tudo que posso fazer é assentir. Ela respira aliviada e geme.

— Obrigada. — Então ela fecha os olhos e apaga em um sono profundo.

A dona Fátima se aproxima de mim e diz:

— Obrigada por ter vindo, Noah. A Alana não parava de te chamar e relutava em dormir. Provavelmente estava esperando você chegar para finalmente descansar.

— Não tem por que agradecer. Eu deveria estar aqui desde o começo.

— Devia mesmo! — Rodrigo me cutuca.

— Ceci, o Antônio está te esperando no estacionamento para irem embora. Dona Fátima, se você também quiser ir, eu posso ficar com a Alana. Por que a senhora não vai para casa descansar?

Ela me olha bem e diz:

— Por que você não deita aqui no sofá de acompanhante? Porque parece que você também está precisando de cuidados médicos. — Ela faz a mesma coisa que a Luísa, encosta a mão na minha testa para ver se estou quente. — Minha nossa! Ceci, antes de sair pode chamar o Edgar, por favor?

— A febre subiu novamente? — questiono.

— Sim, meu filho. Temo que terei que acompanhar você dois.

— Me desculpe — digo.

— Hum-hum... — Rodrigo pigarreia e captura a minha atenção. — Faz muito tempo que está... er... enfermo?

— Desde ontem à noite.

— Ah! Bom, se precisar de algo, estarei no corredor.

Ele parece bem desconfortável com a minha presença.

— Obrigado, Rodrigo.

— Eu... — ele parece querer dizer algo, mas está aparentemente constrangido.
— Eu... me desculpe por ter julgado sua ausência. — E então ele sai da sala.

Dona Fátima se aproxima e passa as mãos pelo meu cabelo.

— Durma, meu filho. Cuidaremos de vocês dois, não se preocupe.

Eu durmo, mas dessa vez com pesadelos com bandidos sequestrando e violentando a Alana povoam meu sono.



Vinte e Nove

ALANA

Se o Noah ainda estava irritado comigo, não deixava aparecer. Depois que ele chegou ao hospital não me deixou sozinha um minuto sequer. Ao acordar pela manhã o encontrei deitado no sofá, ele passou o dia inteiro comigo, já que depois do ataque e a agressão, os médicos decidiram que eu ficaria internada por mais uma noite. E ele continuou ali do meu lado.

Ao receber alta na manhã seguinte, o Noah me carregou no colo até a caminhonete dele e fomos para a fazenda. Assim que passamos pela porteira

percebi que algo tinha mudado. Dois homens estavam a postos vigiando tudo, algumas câmeras estavam espalhadas, principalmente perto da casa grande.

— Estamos cobrindo todo o território da fazenda. Ninguém vai chegar perto de você — ele diz estacionando o carro e posso sentir a raiva na voz dele.

Essa raiva estava também nos olhos do Antônio e do meu pai. Minha família estava preocupada com a minha segurança, mas os homens estavam com uma fúria assassina.

— Eu posso ficar aqui na varanda? Fiquei dois dias internada, quero respirar um pouco de ar puro.

— Pode sim. — Ele me pega no colo e me coloca sentada no sofá da varanda. — Precisa de alguma coisa?

— Eu até preciso, mas você parece não querer.

— E o que seria, minha menina? — Ele se senta ao meu lado.

— Você não me beijou desde que chegou ao hospital há duas noites.

— Você quer um beijo, é isso? — Ele sorri e eu concordo. — E quem disse que eu não quero?

Ele segura o meu rosto com carinho e me beija delicadamente, não tinha nada de urgente, de necessidade, mas ainda assim podia sentir o desejo dele.

— Por que a tia Alana pode beijar e eu não? — Escuto a Clarinha perguntar e dou um pulo me separando do Noah, que ri.

— Porque ela é grande e você é apenas um bebê — o Tóti responde bravo.

— O meu irmãozinho é bebê, eu sou uma menina.

— Exatamente, só pode beijar quando virar mulher. E no seu caso isso é quando tiver cem anos.

— Para de atormentar a sua filha. — A Ceci passa por eles e pega a mão da Clarinha. — Você tem que crescer um pouquinho mais, meu amor. Mas não

precisa esperar os cem anos.

— Ceci, o que aconteceu com o não devemos desautorizar o outro na frente dos nossos filhos? — Tóti pergunta cruzando os braços após colocar o filho no chão.

— Só vale quando o outro não está sendo um idiota! — Ela revira os olhos e se senta na poltrona ao meu lado.

— Bom, agora que a Ceci chegou vou te deixar descansar. Tenho uma reunião com o seu pai e o Antônio. — O Noah me beija novamente. — Você cuida da sua tia? — pergunta para a Clarinha.

— Cuido, tio Canoa. Vou dar beijinhos para ela melhorar.

— Então ela vai estar melhor rapidinho. — Ele bagunça o cabelo dela e entra em casa com o Tóti atrás dele.

— Estão de bem novamente? — Ceci pergunta olhando os filhos brincarem.

— Ele não mencionou nada, e eu não estou provocando para evitar uma nova briga.

— Isso é ser muito sábia. — Ceci pisca para mim.

Uma caminhonete sobe a estrada principal e estaciona ao lado da do Canoa. A Clarinha levanta rapidamente e se aproxima da Ceci.

— Está tudo bem, meu amor — ela acalma a filha.

— É o Rodrigo — falo ao perceber que ele desce e ajuda um menino, que só poderia ser filho dele.

— Bom dia! — Ele se aproxima e olho para o garoto.

— Ele é a sua cara.

— Todo mundo diz isso. — Ele sorri. — Gustavo essas são a Alana, Cecília, Clara e o Inácio. Esse aqui é o Gustavo, ou Guto, meu filho — ele faz as apresentações. — Desculpa por trazê-lo, mas é que não vai ter aula hoje e a

minha empregada teve que ir visitar a filha que ganhou neném, não tive com quem deixá-lo.

— Imagina. Aqui nessa casa, segundo a minha mãe, quanto mais criança melhor — Ceci diz. Desde que descobrimos a cobra que a mãe verdadeira dela era, Ceci passou a se referir a minha mãe como sendo a sua própria.

— Quer brincar? — Clarinha pergunta.

— Do que estão brincando? — ele pergunta meio desconfiado.

— Aqui tem de tudo, mas podemos ir até o parquinho, tem balanço, escorrega, gangorra, até uma pista radical.

— Pista radical? — Rodrigo pergunta preocupado.

— O Inácio com o Canoa e os outros rapazes da fazenda criaram uma pista de obstáculos para a Clarinha, fica a trinta centímetros do chão, então não é nada perigoso — a Ceci explica.

— Eu posso ficar de olho neles — me ofereço. — Só preciso de ajuda para chegar até o parquinho.

— Eu te levo.

O Rodrigo me pega no colo e a Clarinha e o Guto nos acompanha, a Ceci tinha que ir visitar um cliente então a Luzi ficaria com o Inacinho.

— Olha que legal! — A Clarinha corre na frente e começa a explicar como funciona a pista.

— Pode me deixar naquele banco — falo apontando para um banco feito com um tronco de árvore. Meu pé estava imobilizado e eu deveria mantê-lo longe do chão por um tempo, então seria obrigada a ser carregada para cima e para baixo por um tempo.

— Tem certeza de que vai aguentar esses dois?

— Seu filho é 110 ou 220?

— 880 existe?

— Ai, meu Deus! No que foi que eu me meti? — pergunto olhando para as crianças que já estavam se aventurando.

— Vou tentar fazer a reunião o mais rápido possível — ele ri e olha em volta. — Tem alguém por perto? — pergunta, mas já pega o celular discando para alguém.

— Os peões estão no barracão a essa hora cuidando dos cavalos. — Aponto para a construção e ele concorda com a cabeça.

— *Venha até o barracão, a Alana, Clarinha e o Guto estão aqui. Ok.* — Ele desliga e olha para mim, tenho um segurança vindo para ficar com vocês. Qualquer coisa grita.

— Pode deixar.

Pego o meu celular que estava no bolso do casaco e começo a jogar um pouco, estava viciada em *Angry Birds*, tinha até mesmo ameaçado o Canoa de morte se ele ousasse mexer no meu jogo, quando ele pegou o meu celular no hospital tentando se entreter um pouco na internet.

— Você vai cair! — escuto o Guto falar e levanto os meus olhos. A Clarinha estava pendurada de cabeça para baixo em uma barra.

— Ela faz isso sempre — falo e ele olha para mim indignado.

— Isso é perigoso. Não podemos fazer nada que coloque a nossa vida ou a dos outros em risco.

— Quem disse isso? — ela pergunta balançando o corpo ainda de cabeça para baixo.

— Meu pai. — Ele cruza os braços e dá um olhar assassino para a Clarinha à la Canoa, ficando igualzinho ao tio.

— Clarinha, levanta.

— Tá bom, tia. — Ela se ajeita e dá um pulo para o chão. — Mas é superlegal,

você devia fazer.

— Ah claro, cair e estourar a cabeça no chão deve ser muito legal mesmo — o Guto responde.

— Meu Deus, ele é o tio inteirinho! — sussurro evitando uma gargalhada.

Um barulho atrás do parquinho chama a nossa atenção e a Clarinha corre até onde estou.

— O que é isso, tia? — ela pergunta me abraçando.

O Guto olha para a direção do barulho e parece analisar tudo atentamente.

— Acho que tem alguém atrás daquele monte de feno — ele diz se aproximando.

— É o homem mau, tia. — Clarinha começa a tremer.

— Guto, quero que me faça um favor — peço e ele olha para mim. — Leva a Clarinha para aquele barracão. — Aponto na direção, àquela hora os peões estariam alimentando os cavalos, eram a nossa maior chance de proteção. — Avisa para os homens que estão ali para correrem até aqui.

— Melhor chamar meu pai.

— A casa grande está longe. Os homens no barracão estão mais perto — falo baixinho. — Leva a Clarinha e peça ajuda. Eu não tenho como correr, então preciso que você faça isso.

— Eu fico com você, tia — ela diz, mas sinto o seu corpinho tremer.

— Você vem comigo, nós vamos chamar ajuda e depois buscar os nossos pais.

— Você ouviu o Guto. Agora vai! — Empurro os dois.

O Guto pega a mão da Clarinha e começam a correr, assim que se afastam viro o meu olhar para o monte de feno, não demora muito escuto passos correndo na minha direção. Alguns peões passam por mim e o Diogo para ao meu lado.

— Vem, vou te levar para casa.

— Obrigada. — Ele me pega no colo e no caminho até a casa grande vejo o Guto e a Clarinha andando lentamente de mãos dadas. — O que aconteceu com o correr até a casa? — pergunto.

— O Guto disse que os homens iam cuidar de você e que ele cuidava de mim. Não fiquei mais com medo, tia.

— Isso é bom. — Dou um sorriso para ela.

— O que aconteceu? — Escuto a voz do Noah e ele me retira dos braços do Diogo.

— Escutamos um barulho, o Guto disse que tinha alguém nos vigiando, aí corremos para buscar ajuda e os tios foram atrás do homem mau. Enquanto isso o Guto cuidou de mim e não fiquei mais com medo — a Clarinha explica rapidamente.

— Quem é Guto e quem é esse menino segurando a sua mão? — o Tóti pergunta olhando feio para o menino.

— Esse é o Guto, papai. — A Clarinha revira os olhos.

— Ele é o meu filho — o Rodrigo explica. O celular dele toca e ele atende rapidamente. — Entendi, obrigado — duas palavras apenas e ele fecha o celular. — O homem conseguiu fugir.

— Não temos segurança mais nem dentro das nossas próprias terras? — meu pai pergunta nervoso.

— Vamos dar um jeito nisso, eu prometo — o Rodrigo diz. — Por que não levamos a Alana e as crianças para dentro?

— Eu estou com fome — reclamo.

— Então vou deixá-la na cozinha com a Luzi.

— Você é o meu herói — falo para o Canoa e o beijo rapidamente.

— Por que ainda estão de mãos dadas? — Escuto o Tóti reclamar e dou risada.

— Ele está me protegendo, papai.

— E precisa ficar de mãos dadas?

— Deixa eles, Antônio. Sua filha não está tremendo e nem chorando. O menino a está acalmando e isso é o importante agora.

— Ele está de mãos dadas com a minha filha, pai.

— Antônio, para de ser ciumento. Sua filha está bem e são apenas crianças. O que você acha que vai acontecer?

— Quantos anos você tem, garoto? — O Tóti pergunta.

— Dez.

— Viu? — Ele aponta para o Guto. — Com dez anos, eu já queria beijar a Ceci... — ele para de falar e olha para o menino. — Merda... Eu beijei a Ceci com dez anos.

— Ela é bonita. Mandou bem, filho! — o Rodrigo diz rindo e o Tóti olha para ele.

— Não tem graça.

— Eles são crianças, e outra, pelo pouco que eu vi da sua filha, ela parece a tia. Então, não adianta tentar evitar. — O Rodrigo dá de ombros e vai para a casa grande.

— Se beijar a minha filha, você não vai viver para criar barbas, garoto.

— Eu sei lutar dois tipos de artes marciais — o Guto responde à ameaça do Tóti fazendo todos rirem. — Eu só estou cuidando dela.

— Acho que a minha sobrinha vai namorar o seu sobrinho — falo para o Canoa enquanto vamos para a casa grande.

— Ele é um garoto esperto. Puxou o tio. — Ele sorri e me dá um beijo leve.

Olho por sobre o ombro dele e vejo as duas crianças andando de mãos dadas nos seguindo, com o Antônio atrás deles coçando a cabeça irritado. Isso ainda

daria muita conversa e muita risada.



Trinta

CANOA

— Eu não acredito que estamos passando por isso! Mesmo com toda precaução que estamos tomando, eles continuam tendo livre acesso à fazenda. Os invasores são o quê? Mercenários ninjas contratados para azucrinar a nossa vida? Porque só podem ser ninjas para aparecerem e desaparecerem assim, deixando nossa equipe de segurança a ver poeira. Aliás, não é por nada, mas será que essa equipe não foi subestimada, não? Você tem certeza de que pesquisou a reputação perfeitamente, Noah? — Magno, meu sogro, explode na reunião.

Olho para o Rodrigo, cujas bochechas estão vermelhas e abro a boca para responder, mas ele é mais rápido:

— Senhor Magno, te garanto que minha empresa tem um currículo impecável. Posso conseguir em cinco minutos uma lista infinita de indicações, mas isso não exclui nossa responsabilidade em relação aos recentes acontecimentos. Eu reconheço, humildemente, a nossa falha. Mas te dou minha palavra de que nós vamos pegar esses filhos da puta. Vamos mesmo! Nem que tenhamos que nos privar de comer e dormir, mas ninguém irá piscar até que possamos capturar ao menos um deles e fazer com que abra a boca sobre o mandante. Inclusive, como oferta de paz, encomendei mais um segurança. Ele servirá a vocês sem custo algum. Vou deixá-lo junto à equipe de busca, sondando o terreno, enquanto eu tomo o posto de guarda-costas de sua filha.

— Guarda-costas? — pergunto. — Acho que posso dar conta disso. Não desgrudarei mais da Alana um segundo sequer.

— Canoa, a Alana precisa de alguém treinado que possa oferecer resistência em caso de ataque. Você não é um profissional da área — Antônio me dispensa assim, sem nem pensar duas vezes.

— Concordo com meu filho, Noah! O Rodrigo é apto para a função. Bom, daremos a vocês uma segunda chance, mas creio que seja melhor mudarmos de estratégia. Precisamos de um plano para capturarmos esses bandidos. Eles estão à nossa frente. Vamos virar esse jogo!

— Isso! Precisamos mesmo de um plano. Alguém tem ideia de algo que possa atraí-los para cá? — pergunto, mas ninguém responde. Todos estão quebrando a cabeça em busca de uma ideia, quando ouço uma voz melódica dizer:

— Eu tenho! — Alana abre a porta e entra na sala de reuniões.

— Filha! O que está fazendo aqui? — o Senhor Magno questiona em um tom preocupado.

— Você veio para cá sozinha, com esse pé? — pergunto, em um misto de preocupação e irritação mediante seu descuido.

— Um dos seguranças me trouxe. Vim participar da reunião. Vocês realmente achavam que iriam se livrar de mim? Justo eu que tenho sido a principal vítima?

Eu tenho o direito de opinar em relação ao meu bem-estar.

Ela se aproxima de mim com dificuldade e beija minha bochecha, provavelmente tentando me acalmar do meu estado de nervos.

— Tudo bem, Alana! Você tem a sua razão.

— Eu sei, maninho! E tenho a melhor das ideias também. Sei como capturar esses filhos da puta e fazer com que delatem os culpados. É muito simples, na verdade. Tudo que precisamos é de uma isca — ela diz e abre um sorriso que sempre vejo quando está bolando algo que não vai prestar. Meu sexto sentido começou a ressoar um alarme em minha cabeça, e finalmente entendo o que ela quer dizer.

— Mas nem por cima do meu cadáver! Você está maluca?

— Meu amor, essa é a única solução. Não é atrás de mim que estão? E eu não estarei sozinha, sozinha. O Rodrigo estará por perto, me vigiando. Se for preciso, outros seguranças também estarão.

— Não! — O senhor Magno diz. — Não, e pronto!

— Pai, por mais maluca que essa ideia seja, penso que é a única saída. Assim atrainos os bandidos e os encurralaremos ao mesmo tempo. O que acha, Rodrigo?

— Acho que é a melhor solução, mesmo. E eu garanto a segurança de sua filha. Eu e mais três homens estaremos por perto, a postos. Basta que ela esteja em perigo para aparecemos e acabarmos com isso.

— Não! Vocês estão ouvindo o que estão falando? Antônio, como pode pensar em colocar a vida da Alana em perigo?

— Eu não estarei em perigo! Você não entendeu que eles estarão a postos para me proteger?

Eu me recuso a aceitar, então apelo para a única pessoa que parece estar com a razão em perfeito estado.

— Magno, você não vai aceitar essa maluquice toda, não é? — Ele me olha

por vários segundos, então olha para o Antônio, que mantém o olhar firme e o queixo erguido, sustentando seu ponto de vista. Ele olha para o Rodrigo, que balança a cabeça afirmativamente, concordando com a ideia. Então ele olha para Alana, que diz:

— Por favor, pai! Eu só quero acabar de vez com isso!

Então ele abaixa a cabeça e diz, quase em um sussurro:

— Tudo bem! Mas, Rodrigo, se acontecer algo à minha filha, é bom se despedir de seu filho. Você não viverá um dia a mais que ela.

— Não! Não, gente! — retruco.

— Noah, é o melhor a se fazer. Já está decidido! — Antônio diz, e um a um eles vão se retirando da sala.

A reunião acabou e minha opinião não significou nada.

— Noah? — Alana me chama e eu resisto em sair do lugar. — Por favor, me entenda. Eu não consigo mais viver assim, esperando que esses caras apareçam a qualquer momento, temendo pela minha segurança e da minha família. Preciso acabar com isso de uma vez. Não saber quando eles aparecerão é uma tortura.

— Mas eu tenho medo de que algo te aconteça. Se... se algo ruim acontecer, eu jamais vou me perdoar. Minha vida só tem sentido com você, minha menina. Você é a pedra no meu sapato, mas também é a dor mais gostosa que eu poderia ter.

Ela ri e diz:

— O amor é assim mesmo, não é? Uma mistura constante de dor e prazer.

Eu olho em seus olhos brilhantes e me perco dentro deles.

— Vem aqui, vem! — Eu a puxo contra mim e nossas bocas encaixam uma na outra. Fazem dias que não e tenho em meus braços e só agora percebo a necessidade extrema que eu tinha de sentir seu corpo junto ao meu. Seus lábios não são tão suaves nesse momento, pois ela me beija duro, com fome e paixão, e eu não resisto. A encosto na parede e pressiono minha parte inferior em suas

coxas. Essa mulher tem o dom de me deixar maluco em todos os sentidos, e nesse momento é de prazer. Eu a quero loucamente, e mal posso contar os minutos até que finalmente possamos nos entregar um ao outro, sem barreiras.

— Noah! Ah, Noah! — Ela geme, apertando minhas nádegas mais de encontro à sua virilha. Estou prestes a explodir.

— Alana, eu quero... — começo a dizer, mas sou interrompido por um “hum-hum”. Imediatamente nos afastamos e nos viramos para encontrarmos Rodrigo nos olhando, de braços cruzados. Alana se apoiou em meu ombro para não cair.

— O senhor Magno está lá fora há algum tempo, esperando vocês para voltarmos juntos.

— Achei que vocês já tinham ido na frente — ela diz e então me olha e dá uma risadinha abafada.

Nós nos juntamos a eles e voltamos à fazenda. Assim que entramos na casa grande, as mulheres vêm nos recepcionar. Todos conversamos sobre os últimos acontecimentos e sobre nossos planos para o futuro. Ainda não concordo com o plano mirabolante da Alana, mas sei que sou voto vencido e me conformo com a situação.

De repente, um choro anasalado ressoa pela sala e, em seguida, Clarinha e meu sobrinho aparecem de mãos dadas. Ela segura um boneco nos braços e diz para Ceci:

— Veja, mamãe. Seu netinho nasceu. Eu e o Guto estamos muito felizes. Ele não parece com o Inacinho?

Demora alguns segundos até que todos possamos processar a brincadeira deles, e então todos na sala explodem em risos. Quer dizer, todos menos Antônio, que puxa o boneco das mãos da Clara e grita:

— Chega dessa brincadeira idiota! Menino, largue agora a mão da minha filha ou você vai perder o braço. Não quero saber mais dessa história de filhinho, ouviu?

— Mas, papai, o tio Caetano casou eu e o Guto lá no estábulo. A Princesa foi nossa testemunha. Daí ele me deu um beijinho e agora somos marido e mulher,

igual você e a mamãe. Mas não dá para continuar a brincar sem o nosso boneco. Você pode devolver o nosso filhinho, por favor?

— O quê? — Inácio, com seu rosto vermelho, esbraveja, mas Ceci logo agarra sua mão e o puxa para a varanda, antes de ele ter a chance de esbravejar ainda mais.

— Rodrigo, melhor levar o Guto embora antes que o Inácio ponha as mãos nele — Alana diz e eu não deixo nem um segundo de observar os traços do meu sobrinho.

Ele é lindo! Parece com o pai, mas tem traços parecidos com o meu.

— Mas o Rodrigo não pode sair daqui. Ele tem que vigiar a Alana.

— Mas como faço com o meu filho? — Rodrigo questiona.

— Oras, vocês dois devem ficar instalados em um quarto, aqui na casa grande. Luzi, você pode mostrar a ele onde fica o quarto de visitas, por favor? — minha mãe pede.

— Mas é claro! Será um prazer ter o irmão do meu menino Noah por perto.

— Papai, quem é este irmão Noah que a tia Luzi falou?

O Rodrigo fica sem jeito e coça a cabeça, tentando explicar a situação. Então ele me olha e assente com a cabeça, permitindo que eu me apresente.

— Gustavo, eu sou Noah, irmão do seu pai. Sou seu tio e estou muito feliz em te conhecer.

— Como assim é meu tio? Por que meu pai nunca falou de você antes? — ele questiona, confuso.

— Porque eu e o Noah somos filhos do mesmo pai, mas não da mesma mãe. Não fomos criados juntos e só nos conhecemos recentemente.

— Então eu tenho um tio e uma tia?

— O tio Canoa também é meu tio. Ele namora a minha tia Alana. Ele é muito

legal, mas come muito, muito. — Todos riem, incluindo Gustavo.

— Legal! — Guto diz e se aproxima para me dar um abraço. Meu coração aperta e meu corpo esquenta. Em alguns segundos já me afeiçoei a esse menino. Quem diria?

— Guto, vamos brincar de pega, pega? — Clara pergunta e ele concorda.

— Vou contar até três e vou te pegar. Um, dois e já! — Ele corre atrás dela e os dois somem pela casa.

— Ah, essas crianças! Espero que demorem muito para crescerem, pois sem elas esta casa ficará muito triste — dona Fátima diz, e todos concordamos.

— Vamos até o estábulo rapidinho? — Alana sussurra em meu ouvido e meus pelos ficam todos arrepiados.

— Vamos! — Pego Alana no colo, pedimos licença e em poucos minutos chegamos. Eu mal coloco os pés no celeiro e ela pergunta em voz alta:

— Caetano? — Ninguém responde e ela diz: — Ótimo! Só eu e você! Me deite no feno, Noah!

Assim que o faço, ela me puxa para cima dela.

— Me beije, meu amor! Preciso sentir você inteiro contra mim.

— Alana, eu preciso tanto... céus, como quero sentir você. Mas aqui é perigoso, qualquer pessoa pode nos pegar.

— Estão todos ocupados. Eu quero você! Agora! Me faça sua! — Então ela retira a camiseta e a visão de seus seios me deixam enlouquecido.

— Foda-se! — Eu caio de joelhos e começo a chupar seus mamilos. Alterno entre lambidas e mordiscadas, e o som de seu gemido de prazer é torturante.

Faz tanto tempo que não tenho relações sexuais que tenho medo de gozar em segundos.

Ela morde meu ombro direito e eu não me controlo.

— Vou tirar sua calça — aviso. Ela ergue o quadril, facilitando, e eu mal olho para sua calcinha antes de arrancá-la junto à calça.

— Não era assim que eu tinha planejado a nossa primeira vez. Eu queria te dar um sonho, não fazer assim escondido.

— Eu não me importo com isso, Noah! Só quero ser sua!

— Você já é minha! Deixe eu sentir seu gosto, minha menina. — Abro suas pernas e me posiciono no meio. Primeiro a beijo delicadamente, depois começo a lambar sua fenda úmida de cima a baixo, e quando encontro seu ponto mais sensível, eu permaneço por lá e lambo vagorosamente, enquanto ela geme como uma gatinha, se deliciando. Então eu aumento um pouco a velocidade e uso um dos meus dedos para brincar junto.

— Mais rápido, Noah! Mais rápido! Eu vou... — ela perde a fala, mas eu sei o que ela quer dizer. Ela está quase gozando.

— Noah! Noahhhh... — Ela estremece sobre mim e eu a encho de beijos.

Então, quando me levanto e abro o zíper da minha calça, ouço o som de passos se aproximando. Rapidamente pego a calcinha da Alana e a visto.

— O que foi? Por que você...? — Mas logo ela entende o que está havendo.

— Alana? Noah? Vocês estão aí?

— Droga! — Alana xinga. — Estamos! Nos dê dois minutos a sós e já saímos.

Enquanto ajudo Alana a colocar a calça, xingo mentalmente essa reunião que tivemos. Tudo que foi resolvido só serviu para me ferrar. Essa história de guarda-costas não está muito legal.

Desse jeito só vou poder tocar na Alana no século XXIII.



Trinta e Um

ALANA

Ajeito a minha roupa enquanto observo o Canoa irritado.

O Rodrigo tinha chegado na hora errada pela segunda vez e isso poderia causar uma nova discórdia entre os dois.

— Pronto — falo e o Canoa me pega no colo saindo da baia.

— Desculpa atrapalhar, mas é que estou indo em casa buscar minhas coisas e

as do Guto, volto mais tarde.

— Pode ir — o Canoa responde. — Demore o tempo que precisar.

Vejo o Rodrigo dar um sorriso debochado e sei que ele entendeu o que estava acontecendo entre nós dois.

Ao sair do estábulo vejo o Diogo caminhar na nossa direção com um sorriso.

— Oi, vocês dois.

— Oi, Diogo — respondo.

— A Mari me ligou e disse que a igreja avisou que podemos fazer o ensaio do casamento hoje as nove se quisermos.

— Ensaio? — Canoa pergunta sem entender.

— O casamento é sábado, daqui duas semanas, esqueceu? — Diogo pergunta.

— Merda, com tudo o que tem acontecido com a Alana eu esqueci sim. Desculpa.

— Não tem problema, nós entendemos. Vocês vão no ensaio, né?

— Claro que sim. Eu vou ser madrinha nem que tenha que entrar arrastada.

— Não precisa ser arrastada, eu te levo no colo.

— Meu herói. — Beijo os lábios do Canoa. — Pode contar conosco hoje.

— Valeu, até mais tarde.

Mesmo depois da conversa com o Diogo, o Canoa vai para a casa grande irritado porque o Rodrigo nos atrapalhou e sobe comigo para o meu quarto, eu precisava tomar um banho e descansar um pouco, o dia tinha sido cheio e perturbador.

— Droga, como vou tomar banho com esse pé? — reclamo e ele olha para mim.

— Se quiser pego uma cadeira ou chamo a Ceci ou a sua mãe.

— Ou você pode tomar um banho comigo — falo puxando a camiseta e ficando apenas de sutiã pela segunda vez em menos de meia hora na frente dele.

— Alana...

— O quê? É só trancar a porta.

— Ah, claro e você acha que não vamos ser interrompidos?

Pego o celular e mando uma mensagem para a Ceci, pedindo para entreter todo mundo, ela responde com uma risada e diz para que eu não me preocupe.

— Pronto.

— Simples assim?

— Simples assim. Agora você pode falar menos e agir mais? Preciso de um banho.

O Canoa me pega no colo e vai para o banheiro me colocando em cima da pia, ele retira a bota ortopédica e me ajuda com a calça. Quando ele para e fica me olhando dos pés à cabeça, percebo que estou pela primeira vez apenas de lingerie na frente dele. Tudo bem que tinha retirado a minha roupa no estábulo, mas estávamos tão ansiosos que no momento não entendi o que estava acontecendo, e agora parecia ser real. Eu estava finalmente sem roupa na frente dele.

— Você é linda!

— Obrigada. — Sinto o meu rosto quente e sei que, provavelmente, estou corada.

Ele puxa a camisa e arranca as botas rapidamente.

— Merda! — ele xinga e corre para fora do banheiro, fico sem entender, mas logo está de volta rindo. — Esqueci de trancar a porta.

— Achei que tinha desistido — provoco.

— Tá, até parece. Você acha mesmo que eu ia correr pela sua casa sem

camisa, com o zíper da calça quase aberto? Não estou querendo morrer não, sou muito novo ainda.

— É muito gostoso para morrer cedo — puxo-o para mim e o abraço.

— Gostoso?

— Muito. — Beijo o seu peito alternando com algumas mordidas e lambidas.

— Alana, deixa eu tirar a calça, meu amor.

— Você está demorando muito.

— Você que está me atrasando.

— Desculpa. — O empurro e ele acaba tropeçando na bota e me olha feio.

Uma vez que a calça está fora do seu corpo, posso admirá-lo totalmente. As pernas musculosas, o peito bem definido, o caminho da perdição formado por alguns pelos em direção à parte que eu estava ansiosa para ver.

Ele entra no boxe para abrir o chuveiro me dando a visão da sua bunda durinha e redonda, que se dependesse de mim seria agarrada muito em breve.

— Vamos?

— Eu preciso terminar de tirar a roupa. — Abro o meu sutiã e puxo a calcinha, olho para ele que sorri e se aproxima para me pegar.

— Coloca as pernas envolta da minha cintura.

— Não vai retirar a cueca?

— Alana, não tenho tanto autocontrole assim.

— Quem disse que quero que se controle? Tira a cueca! — mando, ele solta um bufo, mas faz como eu pedi.

Olho para o pênis dele finalmente, depois de tanto tempo imaginando como seria. Na minha época, na Irlanda, ouvia as meninas dizerem sobre tamanho, circunferência, diâmetro e essas coisas. Algumas achavam que eram feios, outras

diziam que eram lindos. Só tinha visto um rapidamente em toda a minha vida, e tinha sido do Henrique. Por fotos tinha visto vários, mas pessoalmente era o segundo, e agora eu podia finalmente admirar, e até mesmo tocar.

O pênis do Canoa não era grosso a ponto de assustar, mas também não era fino — isso se ele conseguisse entrar, o tamanho para mim era perfeito.

— Vai ficar encarando por muito tempo? — Escuto o Canoa perguntar com uma risada.

— É o primeiro que eu vejo assim — respondo sem graça.

Ele se aproxima novamente e leva uma das minhas mãos para tocá-lo, sinto a pele sedosa, mas ao mesmo tempo dura, já que ele estava ereto. Tomando um pouco de coragem fecho a minha mão tentando segurar tudo e a movimento um pouco. O Canoa fecha os olhos e eu beijo o peito dele, minha outra mão passa pelo seu corpo e como eu disse que faria agarro a bunda dele.

— Ok, já chega. — Ele puxa as minhas mãos e me levanta com as pernas enroladas na cintura dele.

Rapidamente ele entra no chuveiro molhando nós dois dos pés à cabeça.

— Por que fez isso?

— Porque estava me matando. Sabe quanto tempo estou sem ninguém? Muito tempo. Eu só quero você, Alana, por causa disso não faço sexo há muito tempo. Aí vem você com essas suas mãos maravilhosas, eu ia acabar explodindo e me envergonhando na sua frente.

— Eu poderia fazer isso só com um toque?

— Você poderia fazer qualquer coisa, meu amor. Eu te desejo, ainda mais agora sentindo a sua pele na minha.

— Faz amor comigo — peço e mordo o seu queixo.

— Vou te secar e vamos para o quarto.

— Não, eu quero aqui no chuveiro.

— Contra uma parede, Alana? — pergunta sem acreditar.

— Não quero uma cama — falo e ele olha para os meus olhos por um tempo.

— Sou eu, Alana. Eu nunca vou te machucar.

— Eu sei, mas não quero fazer isso em uma cama agora. Por favor, eu quero você, faz amor comigo aqui mesmo.

Ele me prende de encontro à parede e beija o meu pescoço, posso sentir o seu pênis roçando a minha vagina, me provocando levemente. Suas mãos passam pelo meu corpo; enquanto uma aperta a minha bunda, a outra encontra um dos meus seios o levando à boca. Minha respiração fica pesada com o desejo que estou sentindo, puxo o seu cabelo para trazê-lo para a minha boca, preciso beijá-lo, sentir a sua língua na minha, preciso dele dentro de mim.

— Por favor, entra de uma vez.

— Devagar, querida.

— Não. Entra logo, antes que alguém despenque do teto dentro desse banheiro e nos interrompa.

— Se alguém fizer isso vai ter que assistir, porque nem que seus pais entrem nesse banheiro eu vou parar. Só vou me afastar depois que eu tiver o seu orgasmo para mim — fala e entra com uma estocada só, meu grito é abafado pela sua boca que volta a me beijar.

Tento me agarrar como posso ao seu corpo, ele me pressiona ainda mais à parede enquanto um dos braços me apoia pela cintura. O seu quadril bate incessantemente de encontro ao meu, sua boca desce para um dos meus seios. O banheiro é preenchido com os sons do chuveiro e nossos gemidos.

— Noah...

— Vem, meu amor, se entrega para mim. Você é minha. — Ele olha para mim e aumenta os movimentos. — Minha, Alana, sempre foi e sempre vai ser.

Agarro ainda mais os seus cabelos e grito com o orgasmo que me atinge.

— Eu te amo. — Apoio a cabeça no seu ombro e ele volta a entrar debaixo do chuveiro lavando os nossos corpos.

Sinto uma pontada no peito, porque ele não me responde, mas quando me coloca sobre a pia novamente e começa a me secar vejo um sorriso no seu rosto, quando termina, segura o meu rosto e me olha seriamente.

— Eu te amo, Alana, fiz muita coisa na minha vida. Coisas boas, coisas más, erradas e certas. Mas você é a primeira que eu tenho certeza na minha vida. Eu não sei mais viver sem você, minha menina.

— Achei que não tinha gostado, não falou nada quando acabou.

— É que eu estava me xingando mentalmente.

— Por quê? Eu que pedi para ser no chuveiro.

— Não usei camisinha, Alana — ele responde e arregalo os olhos.

— Não? — pergunto e ele balança a cabeça. — Ok. — Respiro fundo. — Não é o fim do mundo, e outra se as minhas contas estiverem certas, em uma semana vai descer. Então não temos que nos preocupar.

— Você promete me avisar?

— Prometo. — Dou um sorriso e olho para o corpo dele. — Você...

— Nem pensar. Você vai tirar um cochilo agora e não quero abusar da sorte. Ninguém apareceu, mas não há como garantir que não aconteça.

O Canoa pega um dos camisetões que eu uso para dormir algumas vezes e me ajuda a vestir e prende a bota ortopédica novamente, depois de me colocar na cama, vai até o banheiro e volta vestido apenas com a cueca e se deita ao meu lado me puxando para os seus braços.

— Noah?

— O que, meu amor?

— Qualquer dia posso tirar minha curiosidade?

— Que curiosidade seria essa? — pergunta levantando o meu rosto.

— Eu sempre imaginei como seria fazer sexo oral.

— Dorme, Alana! — ele praticamente rosna e fecha os olhos.

— Se eu fizer isso, você vai ficar irritado?

— Se fizer isso com qualquer outro vou ficar puto. Comigo nunca, agora dorme — responde sem abrir os olhos.

— Então se eu quiser te pegar de surpresa, não vou receber uma bronca?

— Por que está perguntando isso?

— Só para saber, se um dia surgir a oportunidade. Vai que ela aparece, já pensou se eu perco por medo de tomar uma bronca sua — falo e ele finalmente abre os olhos.

— Se um dia aparecer a oportunidade, pode aproveitá-la, não vou brigar com você.

— Nem se eu for horrível? Eu não sei como fazer isso.

— Você jamais seria horrível, agora dorme. — Ele me aperta nos seus braços e eu dou um sorriso.

Eu criaria uma oportunidade, e se dependesse de mim seria muito em breve.



Trinta e Dois

CANOA

Essa menina ainda será a minha ruína. Prestes a ir para o ensaio do casamento do Diogo e da Mari, ela me seduz de um jeito que não consigo parar de pensar nela me chupando. Nossa! Preciso me controlar. Ela anda cansada e amedrontada com toda história dos invasores e da segurança. Não posso me aproveitar da situação, nem quero fazer nada com que ela se arrependa depois. Já não basta que tenhamos feito amor dessa forma, sem um romantismo maior, sem pétala de rosas... eu ando com tanto tesão que deixei até os meus planos de lado. Eu precisava estar dentro dela como precisava de ar. E agora que sei como é a

sensação, tenho certeza de que encontrei o meu lar. Nunca mais quero estar longe dela. A Alana é, definitivamente, o amor da minha vida.

Penso no Antônio e meu estômago dói. Se ele soubesse o que acabamos de fazer ele nunca mais olharia na minha cara. Coincidentemente, assim que desço as escadas para deixar a minha menina descansar, ele é a primeira pessoa em quem esbarro.

— E então? Conversaram? — ele pergunta e penso se ele não está tentando ler minha mente. *“Sai daqui, doutor Xavier. Vou blindar minha mente para você!”*

— Sim, conversamos! Ela está decidida, não há nada que possa mudar sua opinião. Mas ambos já sabíamos disso, não é? Quando a Alana encasqueta com algo, ela vai até o fim.

— Essa é a minha irmã — ele diz com um meio sorriso. — Escuta, Canoa! Eu... é... eu sei que sou chato e um tanto quanto ciumento, mas eu também não sou cego e sei o quanto minha irmã te ama e o quanto você faz bem para ela. Eu quero dizer... bem, cuide dela. Se você a magoar, não há lugar seguro o suficiente para você se esconder. Mas sei o tipo de pessoa que você é e estou te dando uma colher de chá. Estamos acordados?

Meus olhos estão arregalados e, de repente, sinto meu corpo um tanto quanto mais leve.

— Não está mais chateado comigo?

— Ah, isso estarei pelo resto da minha vida. Você era meu amigo, cara, e do nada ficou obcecado pela minha irmãzinha.

— Não foi do nada e enquanto ela era sua irmãzinha, fiz de tudo para me afastar dela. Mas agora ela é uma mulher, Antônio. E eu realmente a amo, saiba disso.

— Eu sei que a ama, seu idiota! Por que acha que estou tendo essa conversa com você? Mas você tem que entender: para mim, ela sempre será minha irmãzinha. Sempre! Assim como a Clarinha sempre será minha menina. Agora que você tem a sua irmã, talvez você consiga entender.

— Sim, espero que sim. Mas então... — Estendo minha mão para ele. —

Ainda amigos?

Ele olha para minha mão estendida por alguns segundos, antes de estender a dele e juntar à minha.

— Nunca deixamos de ser, seu babaca!

Me emociono com suas palavras e o puxo para um abraço desajeitado.

— O que você está fazendo? Não, nada de abraços. Credo!

Ele sai e eu não evito uma risada. Quando me viro, encontro a Luzi de pé, enxugando os olhos.

— Não ligue para mim, menino. Desde que fiquei doente, me tornei uma manteiga derretida.

— Luzi, como anda sua saúde?

— Não tão em forma como quando eu era mais nova, mas estou bem melhor.

Me aproximo dela e a encho de beijos.

— Acho bom se cuidar, Luzi! Não sei o que seria de todos nós sem você.

— Você realmente é um encanto, não é? Mas não pense que não sei o que quer. Venha cá, estou tirando a torta de carne moída com queijo do forno.

Eu a sigo com todo apetite do mundo, e devoro dois pedaços grandes de torta. Depois, vou até a sala e descanso um pouco no sofá. Acabo pegando no sono e sonhando com certa pimentinha que me atíça e aquece meu coração. Meu pau endurece imediatamente, e acabo despertando. Só então sinto uma pressão no meu colo e vejo a Alana sentada em cima de mim, se esfregando como uma gatinha no cio.

— Alana! Estamos na sala dos seus pais. Qualquer um pode aparecer.

— Se aparecerem, eu finjo que só estou te dando um beijo carinhoso. — Então ela começa a beijar meu pescoço, intercalando com lambidinhas que deixariam qualquer um louco. Eu aperto sua bunda e pressiono contra meu pau

latejante.

— Ah, minha menina! Você é a minha perdição. — A beijo vorazmente, nossas línguas em um ritmo frenético, buscando alívio para nossa excitação, mas somente aumentando a sensação.

— Tio Canoa, por que sua língua está girando dentro da boca da tia Alana?

Alana dá um pulo como se estivesse fugindo do diabo, e imediatamente coloco uma almofada em meu colo. Não encontro palavras para responder, e a Alana acaba respondendo por mim.

— Lembra do que conversamos sobre beijos, Clarinha? Esse é apenas um dos tipos de beijos que existe.

— Eca! Ele é muito molhado. Vocês dois estão babados.

Eu e Alana começamos a rir, e então a Ceci entra na casa grande com o Inacinho no colo.

— Minha nossa, esse menino está um chumbo! — Então ela se vira para o menino e fala, enquanto o coloca no chão. — Filho, na próxima vez que pedir colo, vou deixar você de castigo, sem a mamadeira da noite. Você tem que andar, ouviu?

— Carrinho! — ele diz, apontando para um carrinho perdido embaixo de uma cadeira da mesa de jantar, mudando o assunto e deixando a Ceci bem brava.

— Ele só entende o que ele quer. Francamente! Essas crianças de hoje em dia são terríveis!

Dona Fátima desce as escadas e diz:

— Estão todos prontos? Podemos ir?

Todos confirmamos e em poucos segundos chegamos à igreja. O ensaio foi lindo. O olhar entre a Mari e o Diogo era de puro amor. Esses dois desde que se conheceram perceberam que eram alma gêmeas. No começo eu invejava um pouco o relacionamento dos dois, mas isso porque eu sabia que também tinha encontrado a minha, mas tinha que me manter distante. Hoje, naquela igreja, me

senti completamente realizado e ansioso pelo dia que seremos eu e Alana proferindo nossos votos.

Casamento...

Será que a Alana pensava nisso? Ela é tão nova que tenho até medo de tocar no assunto. Não é como se eu fosse dominá-la e impedi-la de crescer, de estudar, de trabalhar e de ser uma mulher independente. Pelo contrário, eu sempre a incentivaria, mas será que ela sabia disso?

Quando nos casarmos, será apenas para oficializar a nossa união e pedir a bênção de Deus para nosso amor. Só isso!

Olho para ela, que está conversando com a Mari com os olhos brilhantes, e a imagino entrando na igreja vestida de noiva, olhando para mim como se eu fosse o único homem da face da Terra. Meu peito dispara e sei que isso é o que quero para mim. Meu Deus, e como quero!

— E então, já prepararam minha despedida de solteiro?

— Oi? — pergunto, tentando voltar ao presente. Diogo repete, empolgado. Ele olha para mim e para o Antônio, que está ao meu lado, como se fosse uma criança e nós dois fôssemos o Papai Noel.

— Despedida de solteiro. Vocês disseram que preparariam.

— Falamos de brincadeira, quando você começou a sair com ela.

— E daí? A oferta perdeu a validade, então?

— Não é isso, é que tudo foi antes delas — Antônio diz. — Se eu fizer uma despedida de solteira com stripper e tudo o mais, a Ceci me coloca para fora de casa.

— A Alana então, é capaz de colocar laxante na bebida da stripper, ou coisa pior.

Todos olham para mim e riem.

— Cara, você está tão, mas tão, tãooooo ferrado! Você percebe o que é ter que

passar a vida toda andando na linha, sem dar uma bola fora sequer, senão, meu amigo, ela literalmente estoura suas bolas?

— Fato! — Antônio diz, com uma gargalhada cruel.

— Alana jamais me sacanearia.

— Ah, e você está completamente certo disso? — Diogo pergunta e acabo rindo.

— Nem um pouco, mas talvez se eu continuar repetindo isso em voz alta eu consiga eventualmente me convencer.

— Não, não vai acontecer.

— É, eu sei!

— Mas sobre a despedida de solteiro, não tem desculpa. Quero a minha, com ou sem stripper. Na verdade, melhor sem. A Mari colocaria fogo nas minhas roupas se descobre sobre isso. Se virem, quero algo divertido e inesquecível. Só se casa uma vez nessa vida, afinal.

Olho para o Antônio e ambos percebemos o que está previsto para nós dois: estamos ferrados!



Trinta e Três

ALANA

— O que será que esses três estão aprontando? — Ceci pergunta e sigo o olhar dela.

O Canoa, Tóti e o Diogo conversavam mais afastados, enquanto o Diogo parecia rir, os outros dois estavam com cara de quem estava com dor de barriga.

— Seja lá o que for, o Tóti e o Canoa parecem que estão passando mal. — Dou risada.

— Vocês acham que eles estão pensando em fazer uma despedida de solteiro para o Diogo? — Mari pergunta olhando atentamente para os três.

— Eles não são nem loucos de fazerem isso — a Ceci diz.

— Se o Noah se meter nisso, eu castro ele.

Olhamos para os três, que continuam conversando, e damos risadas.

— Eles não vão fazer isso. — A Mari balança a cabeça. — Só devem estar zoando sobre o dia do casamento como todo homem faz.

Olho para a Ceci, que continua olhando para o marido, e sei que assim como eu ela também está desconfiada.

Depois do ensaio voltamos para a fazenda, o Canoa estaciona em frente da casa grande e me pega no colo para levar para o quarto, ele me coloca com cuidado na cama e o agarro pelo colarinho.

— O que foi, amor?

— O que estavam conversando tanto?

— Quem?

— Você, o Tóti e o Diogo.

Ele pensa por um tempo e dá um sorriso sem graça.

— O Diogo estava me zoando dizendo que eu sou o próximo a casar.

— E por isso ficou com aquela cara de quem está segurando diarreia?

— Eu estava com essa cara? — ele pergunta rindo.

— Estava. É tão ruim assim pensar em casar comigo? Sei que sou impulsiva demais e um pouco doida, mas nada do tipo a você passar mal ao pensar em casar comigo.

— Um pouco doida? — Ele ri. — Você é muito doida, completamente pirada às vezes. Mas não te trocaria por nada nesse mundo e não, eu não passo mal ao

pensar em casar com você. Eu só fiquei sem reação, porque estava do lado do seu irmão. — Ele faz um carinho no meu rosto e sorri. — Você então quer casar comigo?

— Quero! — Bato palmas. — Estamos noivos agora.

— No-noivos, Alana?

— Sim, você pediu e eu aceitei.

— Não pedi, não.

— Pediu sim, você disse: você então quer casar comigo? E eu disse sim. Então estamos noivos.

— Alana, não é assim que funciona.

— Não adianta, já pediu agora não pode voltar atrás. — Cruzo os braços irritada e ele esfrega o rosto.

— Não era assim que eu queria pedir, meu amor.

— Não interessa como é o pedido. O que interessa é que pediu.

— Você é que está me enrolando só para fazer com que eu me case com você — ele bufa e reviro os olhos.

— Como eu disse, você pediu. Agora para de me encher, estou com sono. — Me ajeito na cama para deitar e escuto a risada dele.

— Você é fogo, dona Alana.

— Você vai deitar ou não vai?

— Alana, não posso deitar com você...

— Minha mãe já deixou, agora vai logo que eu estou com sono. — Escuto alguns barulhos no quarto, mas não viro para olhar para ele, finalmente depois de muito enrolar ele se deita atrás de mim e me abraça, solto um suspiro contente e me colo ainda mais a ele. — Não pense que vou esquecer do meu anel, quero um bem bonito.

— Anel? — ele pergunta com a voz grossa no meu ouvido.

— Anel de noivado. Eu quero um.

— Alana...

— Para de gastar meu nome, agora dorme.

Fecho os olhos com um sorriso no rosto. Eu sabia que não era um pedido oficial, eu apenas estava brincando com ele, se eu conheço bem o homem que está abraçado comigo, ele vai ficar doido com a minha insistência de que estamos noivos e eu não podia perder a oportunidade de provocá-lo.

Na manhã seguinte escuto um bipe e rolo na cama para perceber que estou sozinha, escuto o chuveiro ligado e só pode ser o Canoa, pego o celular dele que está no meu criado-mudo e olho para a tela.

Diogo: *Já decidiram a minha despedida de solteiro?*

— Filho da puta, vou cortar as suas bolas e fazer você engolir! — falo olhando para a porta do banheiro. Deixo o celular dele no mesmo lugar e pego o meu, abro um grupo com as meninas e rapidamente mando uma mensagem.

Alana: *O Diogo mandou mensagem para o Noah e o Antônio, perguntando se decidiram sobre a despedida de solteiro dele.*

Cecília: *O Inácio está querendo morrer, só pode.*

Não demora muito e uma mensagem da Mari chega.

Mari: *Eu vou matar o Diogo.*

Cecília: *Alana, você é melhor nisso do que nós duas, tenta descobrir onde vai ser essa despedida...*

Mari: *Está pensando em aparecer na hora?*

Cecília: *Não tenha dúvidas.*

Alana: *Ok, vou tentar descobrir.*

Procuro na minha agenda de contatos o número da Luísa e mando uma mensagem para ela.

Alana: Preciso de ajuda.

Luísa: *Aconteceu alguma coisa?*

Alana: *O Canoa, o Antônio e o Diogo estão tramando uma despedida de solteiro. Como você trabalha com o Canoa, pode sondar para descobrir onde e quando vai ser?*

Luísa: *kkkkkk... Vou tentar, mas com a condição de que posso estar presente para presenciar a morte deles.*

Alana: *Fechou.*

Deixo meu celular cair na cama no mesmo momento que o Canoa sai do banheiro enrolado em uma toalha.

— Bom dia, meu amor. — Ele me dá um selinho.

— Bom dia — resmungo.

— O que foi? — ele pergunta preocupado e se senta ao meu lado na cama.

— Estou precisando de café, só isso.

— Ok, vou te ajudar a se arrumar e descemos para comer alguma coisa.

Depois de nos arrumarmos, vamos para a cozinha. Para a minha surpresa, a Ceci já estava com as crianças e o Antônio tomando café. Olho para ela, que balança a cabeça para mim, e sei que também está brava.

— Eu vou trabalhar. — O Antônio se levanta e para atrás da esposa. — Tchau,

meu amor.

— Tchau — ela responde secamente e ele estranha.

— O que foi?

— Nada. — Ela corta um pãozinho nervosa e ele continua olhando para ela.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Ok.

O Antônio olha para a nossa mãe preocupado e sai da cozinha.

— Alana, eu vou indo também.

— Tchau. — Dou um gole no meu café e ele dá um beijo na minha cabeça antes de sair.

— O que aconteceu com vocês duas? — minha mãe pergunta.

— Os dois estão fazendo uma festa de despedida de solteiro para o Diogo — a Ceci responde.

— Agora entendi porque o pãozinho foi tão brutalmente assassinado — minha mãe ri.

Ficamos na cozinha conversando a manhã inteira enquanto a Luzia e a minha mãe preparavam um bolo que a Clarinha tinha pedido. Quase uma hora depois meu celular apita com a chegada de uma mensagem.

Luísa: *Eles fecharam um bar para hoje à noite, 20:00. Bar da Serra.*

— A Luísa descobriu onde vai ser — falo e a Ceci sorri.

— Eles não perdem por esperar. — O sorriso dela é tão maligno que acaba me contagiando, o que me faz quase ter pena dos três.

QUASE...



Trinta e Quatro

CANOA

Mais tarde, após jantar com Alana e sua família na casa grande, eu e Inácio alegamos ter uma reunião de emergência na cidade com um possível comprador de gado. Enquanto saímos, Alana me fuzilou com os olhos, e temi que ela desconfiasse de que eu estava mentindo, mas não havia o que fazer. Tínhamos prometido uma despedida para o Diogo, e era uma despedida que faríamos. Ponto final.

— Canoa, você não acha que as mulheres estavam um pouco estranhas? Será

que elas estão desconfiadas? — Inácio questiona, enquanto esperamos o Caetano na porteira da fazenda. Lógico que ele se juntaria a nós para a festinha que planejamos. Afinal, todos os homens deveriam se unir nesse momento importante. Só o Seu Magno que não compareceria, pois estava em uma viagem de negócios e só voltaria na tarde seguinte.

— E quando é que não estão desconfiadas? Essas mulheres quando querem são capazes até de lerem pensamentos. Só espero que elas fiquem apenas na parte da desconfiança — digo, abrindo a porta do carro para o Caetano entrar.

— A Alana e a Cecília? Fiquem apenas na desconfiança? Vocês realmente não conhecem as mulheres de vocês?

— Não é hora de ser pessimista, Caetano! — resmungo.

Quinze minutos depois, entramos no Bar da Serra, o local que escolhemos para a Despedida de Solteiro. O Diogo já estava lá na porta com dois amigos dele da época da faculdade, o Pietro e o Lúcio.

— Fala, Diogão! Preparado para a despedida mais divertida da cidade de Barra Bonita? — digo.

— Estou é curioso para saber o que aprontaram.

— Seus parentes já chegaram?

— Já, sim. Meu pai, meu avô e meus primos já estão lá dentro, bebendo. E tenho que dar o braço a torcer, a decoração ficou show. Onde acharam tantos pôsteres da Playboy?

— Um amigo tem uma coleção digna de um rei — Inácio diz.

— E os drinques nomeados com nomes de celebridades que posaram nuas? Genial!

— Isso foi por minha conta.

— Piovani Ice, Ângela Vieira Colada, Cosmopolitan Brunet, Mello Gelada, Shop Carvalho? Você é um gênio! — elogia Lúcio.

Enquanto todos rimos, vamos entrando e a iluminação fraca nos atinge.

— Ah, que droga! Achei que estavam lá fora para esperar a stripper, mas daí vocês entram com mais machos. Cadê os peitinhos? — o avô do Diogo resmunga.

Olho para o Inácio e ele dá um sorriso disfarçado.

— Ah, é peitinhos que querem, é? — incentivo.

Diogo se aproxima e pergunta, baixinho:

— Vocês não contrataram mesmo strippers, não é? — ele pergunta pálido.

— Ora, ora. Por que tanto espanto? Você não queria a melhor despedida? Não nos aporrinhou que queria uma despedida inesquecível?

— Sim, mas não a ponto de ter meu pinto arrancado pela Mari e dado de alimento aos cães.

— Ajoelhou, agora vai ter que rezar.

Na próxima meia hora, bebemos vários drinques pornográficos e brincamos de dardos. A porta abre e meu irmão aparece, sozinho e tímido.

— Fala, Inácio! Obrigado pelo convite — Então ele me olha e se limita a dizer: — Noah!

— Rodrigo! — respondo.

— Quer uma vodka à Geise Arruda? — Caetano oferece, gentil.

— Tem alguma opção mais forte?

— Whisky Tiazinha?

Ele gargalha e então aceita.

— Cara, quem teve essa puta ideia? — Rodrigo questiona.

— Eu!

— Ah! — ele responde, menos animado.

— Que tal uma rodada de pôquer? — Caetano sugere.

— Não, acho que está na hora de peitinhos — o vovô tarado volta a atacar.

Olho para o relógio e, em seguida, para o Inácio. Ele assente com a cabeça e então faço uma ligação.

Quinze minutos mais tarde, todo pessoal está eufórico.

— Espero que seja muito gostosa — o Rodrigo diz, e rio internamente.

Então batidas soam à porta e o Diogo corre para abrir.

— Uhul! Agora a farra vai começar! — vovô tarado comemora.

— Vô, menos! — Diogo reclama e então abre a porta.

O som de salto enche o salão e então três mulheres de top e minissaia entram, seguidas de uma mulher de saia e regata, um pouco mais vestida que as outras. As três estão de peruca e bota de salto alto na altura do joelho, além de óculos de sol, uma delas com uma bota ortopédica. Conforme elas se aproximam, a luz vai melhorando a visão delas. Meu estômago começa a doer, mas só me dou conta do ocorrido quando o Diogo grita:

— Que porra é essa?

Então a mulher de peruca ruiva tira os óculos e diz:

— Ora, meu benzinho! Você não queria uma despedida fenomenal? Não queriam strippers? Não contrataram uma? Então, meu bem! Vim contribuir com sua festa. — Ela sorri amargamente e ele corre para tentar cobri-la.

Só então minha ficha cai, e aparentemente a do Inácio também.

— Alana! Vá se cobrir agora mesmo! — berro, cruzando rapidamente o salão em direção a ela.

— Nem a pau! Vocês não queriam strippers? Hein, Noah?

— Cecília! Você tem dois filhos, pelo amor de Deus! — Inácio a repreende.

— Tenho mesmo. E você também tem, seu porco machista. Mas você pode ver show de strippers, não pode? Por que então não posso me vestir como uma? Não quer um show particular? Não sou suficiente para você?

— Minha nossa! Eu achava que iria ver um par de peitinhos, nunca imaginei que veria três, e dos melhores.

— Vô, pela última vez, cale a boca! Não vê que não são strippers? Não percebeu que essa aqui é a mulher com quem vou me casar? — Diogo explode, e o velhinho tarado então torna a se sentar e finalmente cala a boca.

Então batidas à porta toma a atenção de todos. Diogo hesita antes de abrir, então um policial entra.

— Recebi reclamações sobre o volume do som da festa, e me informaram que aqui está tendo uma jogatina.

— Houve algum equívoco, senhor policial. Não está havendo nada irregular aqui. Ouça, o som está em volume ambiente.

— Eu sei muito bem o que ouço, e acho que... acho que está na hora da festa começar — então o “policial” começa a arrancar a roupa e os olhos do Diogo saltam da órbita. Ele imediatamente olha para nós e não consigo conter a minha gargalhada. O stripper começa a dançar perto da família do Diogo e o vô começa a ficar com a pele esverdeada, como se fosse vomitar.

Eu dou tanta risada que minha barriga começa a doer. Então o Diogo finalmente relaxa e começa a gargalhar.

— Oras, você! Você não queria peitinhos?

O stripper começa a se aproximar de nós e só então me dou conta da burrada que fiz: as meninas estavam com os olhos colados nele, e dançavam junto a ele.

Tentamos zoar o Diogo, mas o tiro saiu pela culatra.

—Uhulll! — Alana comemorava, enquanto dançava ao som da música.

— Meu amor, essa sim é uma festa de respeito! Melhor despedida ever! — Mari comemora, e a Luísa, que era a única que não estava vestida inapropriadamente, cola no stripper e começa a dançar agarradinha a ele.

Que merda fui fazer?



Trinta e Cinco

ALANA

— Alana, para agora mesmo! — Escuto o Noah gritar, mas continuo dançando.

Quando combinamos de aparecer tínhamos certeza de que iríamos encontrar uma mulher seminua dançando para eles, mas encontrar um homem forte arrancando a roupa foi melhor do que imaginávamos.

— Isso sim é despedida de solteira. Obrigada, amor! — Mari manda um beijo

para o Diogo, que fecha a cara e a arrasta para o outro lado do salão.

— Você tem sido uma menina malvada — o policial stripper diz para a Luísa, que ri estendendo os braços para ele.

— Pode me prender à vontade.

— Eu também. — A Ceci se aproxima, mas é agarrada rapidamente pelo meu irmão.

O policial se vira para mim e caminha na minha direção, mas uma muralha entra na frente.

— Se tentar encostar nela é um homem morto! — o Noah diz entredentes e dou risada.

— Eu sou a única solteira. Vem, gato, vamos curtir — a Luísa diz e puxa o policial.

Abraço a cintura do Noah por trás e sinto que ele se retrai.

— O que foi? — pergunto.

— O que foi? Você aparece aqui vestida assim, dança com um stripper e pergunta o que foi? — diz sem olhar para mim.

— Eu vim assim, porque tinha esperança de atrapalhar a noite de vocês.

— Atrapalhar?

— Eu não queria que olhasse para outra mulher, os seus olhos só podem olhar para o meu corpo.

— Alana, não íamos fazer nada. Contratamos o stripper para pregar uma peça no Diogo, nunca iríamos trair vocês dessa forma. Até parece que não confiam na gente.

— Não é questão de não confiar — falo e beijo as suas costas. — Eu confio em você.

— Não é o que parece, já que vieram até aqui.

— Eu confio em você, Noah, eu só não queria que outra mulher dançasse para você. Tirasse a roupa na sua frente. Você poderia até não olhar, não desejar, mas ela iria pensar em você, fazer isso para você. E isso estava me matando. Mulher nenhuma fica nua na frente do meu homem.

— Seu homem? — Ele vira a cabeça para me olhar por sobre o ombro.

— Você é meu há muito tempo, cowboy teimoso.

Ele se vira e olha para o meu rosto por um tempo.

— Eu sou seu, Alana, desde que vi você montada em um cavalo com tranças nos cabelos parou ao meu lado e disse: “Escuta aqui, peão, não sou mais menina”. E saiu galopando. O sol estava se pondo e quando olhei para o seu rosto foi a imagem mais linda que eu já vi na minha vida. Ali percebi que estava apaixonado por uma menina maluca e espevitada. Eu te amo, Alana, e nunca olharia para outra mulher.

— Eu também te amo, Noah. — Eu volto a abraçá-lo e ele me aperta forte nos seus braços.

— Quem é aquela? — Escuto alguém perguntar atrás de mim e giro para responder:

— Aquela é a Luísa, ela fez faculdade com o Noah. Por quê? — O Rodrigo olha para a Luísa, que estava dançando animadamente com a Mari e a Ceci, o stripper tinha desaparecido.

— Ela é bonita.

— E inteligente, tem uma língua ferina e é teimosa — o Noah responde para o irmão e ri. — O último cara que se aproximou levou um fora épico.

— Ela é difícil então? — O Rodrigo sorri.

— Muito.

O Rodrigo se afasta indo em direção a Luísa e observamos tudo de longe. Ele para atrás dela e deve falar alguma coisa, pois ela gira de frente a ele. Luísa olha para o Rodrigo dos pés à cabeça e ri. Não sei o que ela fala para ele, mas deve

ter sido algum fora, porque o Rodrigo se afasta rapidamente indo até o bar.

— Eu disse que ela era difícil, ele devia ter me ouvido.

Antes que eu possa responder, o Rodrigo volta e joga a Luísa por sobre o ombro e vai para a porta.

— Me solta, seu idiota! — Luísa grita socando as costas dele. — Me coloca no chão, filho da puta...

Não consigo ouvir o restante das reclamações porque os dois saem do bar, olho para a Ceci e a Mari, que observam tudo de olhos arregalados.

— Nossa, isso foi sexy! — a Ceci diz.

— O que você fez com as crianças? — o Antônio pergunta.

— Vão dormir com a sua mãe, por quê?

— Porque eu vou te mostrar quem é sexy aqui. — O Antônio a joga sobre o ombro como o Rodrigo fez e sai com ela do bar.

— Só não vai ficar grávida, amiga! — Mari grita e dou risada.

O Noah me leva até o bar e pede um refrigerante para mim, já que estava tomando remédios não poderia beber nada alcoólico. Dou um gole na Coca gelada e me encosto ao seu corpo.

— Com sono?

— Não. Só sinto saudade de tocar em você. Gosto de sentir o seu calor e o seu toque.

— Não devia falar coisas assim, Alana.

— Por que não? — pergunto e o Noah se abaixa um pouco para falar no meu ouvido.

— Porque isso só me dá vontade de te fazer minha.

— Ótimo, pode bancar o homem das cavernas e me jogar sobre o ombro. Eu

deixo — falo e fico esperando que ele se mexa. — E então? — pergunto uma vez que ele não toma uma atitude.

— Estou pensando se vale a pena. — Ele dá de ombros.

— Idiota! — Dou um soco no braço dele e tento me afastar, mas sou levantada rapidamente nos seus braços.

— Não posso te jogar sobre o meu ombro por causa do seu pé, menina. Mas posso pensar em alguma outra coisa.

— Outra coisa? — pergunto assim que ele me coloca no chão para abrir a porta da caminhonete para mim. — Tipo ir a um motel? — pergunto e ele me encara.

— Quer ir a um motel?

— Quero, conhece algum legal? — pergunto animada e ele coça o queixo.

— Conheço um sim, fica um pouco fora da cidade. — Ele sorri. — Quer ir realmente a um motel?

— Quero. — Sinto meu corpo tremer em antecipação e o sorriso dele aumenta.

— Acho que posso realizar o seu desejo, minha menina.

Me pegando no colo, ele me ajuda a entrar no carro e dá a volta para assumir o volante. Rapidamente pegamos a rodovia que leva para fora da cidade e respiro fundo para me acalmar.

Seria minha primeira ida a um motel, com o homem que eu amo, e se dependesse de mim, só sairíamos de lá amanhã cedo.



Trinta e Seis

CANOA

Assim que paramos em frente à cabine da recepção do motel "Stillus", a recepcionista me atende, pedi que liberasse a melhor suíte disponível. Ela pega nossos documentos e nos dá a chave da suíte VIP. O tempo todo a Alana me olha com ansiedade, e seus olhos brilham de antecipação.

Eu encosto o carro na garagem do quarto e aperto o botão que fecha a porta.

— Uau! É como se estivéssemos em um condomínio privado.

— Sim, é mais ou menos isso — digo, e então saio do carro e vou para outra direção, a fim de abrir a porta para Alana.

— Eu já disse que adoro seus gestos cavalheirescos?

— Bem, madame, o que posso dizer? Sou mesmo um homem à moda antiga.

Abro a porta da suíte e dou passagem para que Alana entre primeiro.

— Minha nossa, Noah! Que lugar lindo. Deve ter sido muito caro. Não precisava ter gasto todo esse dinheiro comigo.

— Você está brincando, né? Gastar meu dinheiro com você é o que me deixa mais feliz. Tudo que é meu é seu, minha menina. Inclusive meu coração.

Alana sorri e me abraça. Percebo que ela está tremendo um pouco e a aperto ainda mais contra mim.

— O que foi, princesa, por que está tremendo? Você se arrependeu de ter vindo? Não se preocupe com nada, se quiser apenas deitar e dormir será o que faremos. Só de estar com você, a noite já valeu a pena — começo a tagarelar, mas então Alana diz:

— Noah, para de tagarelar e me beija logo!

Não penso duas vezes e a puxo para meus braços. Enquanto a beijo, arranco sua peruca e a jogo longe. Seus cabelos caem em cascata sobre nós e eu me afasto para dizer:

— Bem melhor! Adoro seu cabelo, a maciez e o cheiro me enlouquecem. Você é tão cheirosa... — Eu a sinto estremecer novamente, então me afasto. — Precisa-me dizer que está acontecendo, meu amor.

Ela morde os lábios e olha para baixo.

— Alana?

Ela torna a me olhar e finalmente diz:

— Eu lembrei que você disse que conhece este motel, então não consigo parar

de te imaginar aqui com outra mulher.

Não consigo conter um sorriso.

— Apesar de me sentir muito satisfeito com o seu ciúme, não gosto de te ver com esta carinha triste, minha menina. Quando eu disse que conhecia, quis dizer que sabia de sua existência, e não que era um frequentador assíduo do lugar. E para ser franco, eu escolhi esse motel porque, além de ser novo e bonito, eu nunca estive aqui antes.

Ela prende seu olhar no meu.

— Nunca esteve aqui? Você jura?

— Juro, meu amor.

— Mas nunca esteve nessa suíte ou nesse motel?

— Nesse motel, minha princesa.

Enfim, um sorriso ilumina seu semblante.

— Me desculpe pela insegurança, mas é difícil para eu imaginar você com outras mulheres. Eu sou tão inexperiente e...

Então eu a corto.

— Inexperiente e única. Não existem mais outras mulheres. Desde que você roubou meu coração, até as memórias antigas que tive de outras mulheres desapareceram. Só penso em você. Só quero você. Eu sou seu.

Alana começa a arrancar lentamente seu top, expondo seus seios arredondados e rosados. Prendo o ar e admiro sua beleza inigualável. Meu pau já está acordado, e sinto um frio no estômago só de pensar nas coisas que quero fazer com ela.

Então ela abaixa a saia, expondo uma calcinha branca minúscula de cetim.

— Você disse que é meu. Então me tome e me faça sua, Noah!

— Ah, Alana! — É tudo que consigo dizer antes de jogá-la na cama e

começar a beijar, morder e lamber o seu corpo inteiro. Seu cheiro me inebria e não consigo mais pensar em nada.

Sem delicadezas.

Sem gentilezas.

Agora vou mostrar a ela o lado bruto e lascivo da minha masculinidade.

Paro de beijá-la e começo a arrancar a minha roupa. Dispo-me em poucos segundos e o tempo todo, os olhos da Alana percorrem o meu corpo.

— Você é tão lindo! Nem acredito que me escolheu como sua namorada.

Enquanto me ajoelho sobre ela para ter um melhor alcance sobre seu corpo, digo:

— Você realmente acha que eu tive escolha? Coitado de mim. Você me enlouqueceu, Alana! Mas agora você vai pagar. Vou te mostrar o que você ganhou quando roubou meu coração.

Enfio meu rosto no meio dos seus seios para cheirá-los e agarro um com as mãos. Começo a morder seu bico e então intercalo com lambidas. Ela começa a gemer e se contorcer, mas isso é apenas o começo. Parto para o outro seio e repito os movimentos. Então agarro seus cabelos e os puxo levemente para mim até que sua boca encontre a minha.

Eu a beijo como se fizesse amor com a sua língua, explorando cada centímetro da sua língua. Chupo seus lábios e os mordero levemente, e volto a envolver nossas línguas em um ritmo frenético.

Minhas mãos descem de seus seios em direção às costas e indo até a sua bunda. Aperto sua feminilidade contra a minha pélvis e tenho certeza de que ela sentiu cada centímetro da minha rigidez, pois geme alto.

Então separo nossos lábios e vou percorrendo uma trilha de beijos até chegar ao seu triângulo sensível.

Ela prende a respiração, então dou um selinho em seus lábios vermelhos e digo:

— Relaxe para mim, minha menina. Agora vou te fazer gozar muito.

Começo a massagear seu clitóris e seu gemido lembra um miado de gatinha no cio.

Paro de massagear e arranco sua calcinha. Posiciono-me no meio de suas pernas e começo a beijar cada dobra de seu clitóris. Então minha língua encontra seu ponto mais sensível e começo a lambê-la vagarosamente, depois um pouco mais rápido, e assim sucessivamente.

Quando suas mãos agarram o lençol e seu corpo se sacode em espasmos, subo meus beijos para sua barriga, para que ela respire um pouco e se recupere, mas sem deixar de sentir meu carinho.

— Noah, meu amor. Que delícia!

— Gostou, minha menina?

— Não deixei isso bem claro com meus gritos de prazer?

— Bem, não estou muito certo quanto a isso. Acho que vou ter que repetir tudo de novo.

— Ah, meu Deus!

Eu encosto gentilmente minha língua em seu clitóris, pois ela deve estar sensível do orgasmo ainda. Quando ela ergue seus quadris pedindo que minha língua se aprofunde em sua bocetinha, eu a lambo com toda minha energia, mas sua cara de prazer me enlouquece tanto que acabo libertando meu pau da cueca e começo a bombeá-lo com a minha mão.

Alana percebe o que estou fazendo e imediatamente goza, sem tirar os olhos da minha mão masturbando meu pau.

Eu paro o que estou fazendo e a abraço.

— Fiquei tão louco com seus gemidos que não me contive.

— Agora é a minha vez! — ela diz e me puxa para baixo dela.

— Não sei se é uma boa ideia, Alana. Acho que se você envolver sua boca no meu pau eu vou explodir em poucos segundos.

— E isso seria ruim por quê? — ela pergunta com uma cara de inocente que me faz querer fodê-la por uma semana sem parar.

— Não é bem um problema, mas agora eu quero fazer amor com você.

— Eu não quero fazer amor! — ela diz.

— Não? — Me assusto com seu comentário.

— Não! Eu quero foder com você. Quero fazer coisas sacanas. Depois fazemos amor, pode ser?

— Ah, Alana! Você quer foder, é? Então vamos foder, minha deusa. Você é uma menina, sabia? Minha menina veneno. — Pego a cartela de camisinhas e abro um pacote.

Alana puxa minha cueca para baixo da minha coxa e encara meu pau, enquanto eu visto a camisinha.

— Acho que nunca vou cansar de olhar para ele. É lindo demais. Deixa-me dar só um beijinho?

— Alana! — eu a advirto.

— Só vou pôr um pouquinho na boca e já tiro. Prometo.

Então meu autocontrole foi para a lua. Ela envolveu meu pau com a sua mão e o direcionou para sua boca, assim que seus lábios tocaram a minha pele, me senti o homem mais feliz do mundo. Alana colocou mais da metade dele na boca e começou a sugar como se estivesse mamando.

Nunca ninguém me havia chupado tão gostoso assim, e isso porque eu estava com a camisinha.

— Dane-se! — Eu a empurro de costas para a cama e ela se assusta soltando um gritinho apavorado.

— Minha vez de foder! Vou foder sua bocetinha, sua mente e todo seu corpo. Agora já era, Alana! Agora não sou eu mesmo. Agora só quero entrar em você, mas te prometo que vou te fazer a mulher mais satisfeita do mundo. — Direciono meu pau na entrada da sua vagina e então empurro de uma vez. Alana geme de prazer e isso é o suficiente para eu estocar como um coelho. Estoco duro, fundo e então estoco de novo. Acaricio seu peito, pego seus cabelos, mudo a posição a colocando de quatro e fodendo ainda mais profundamente.

E então não consigo durar mais muito tempo, esfrego seu clitóris e empurro com toda minha força. Alana cai no mais profundo orgasmo, e eu gozo tanto e tão gostoso, que assim que saio de cima dela eu a abraço.

Depois que finalmente me permiti pensar na Alana como mulher, sempre imaginei como seria tê-la em meus braços, fazer amor com ela todas as noites, poder ouvir sua respiração leve ao adormecer como agora. Minha imaginação jamais poderia me preparar para a realidade: ter Alana ao meu lado em minha cama é melhor do que qualquer coisa. Fecho os meus olhos e respiro fundo de encontro aos seus cabelos, o seu doce perfume me acalma e começo a mergulhar no mais profundo sono.

Acordo com meu pau duro como rocha e sinto algo o envolvendo.

Porra! Isto é tão bom...

Abro os olhos e me deslumbro com o rosto sereno da Alana com meu pau em sua boca.

— Que delícia, minha menina! Você é tão perfeita.

Ela sorri com os olhos, mas não tira meu pau da sua boca. Ela chupa, mama e lambe. Em questão de segundos, sinto que vou explodir.

— Alana, eu vou gozar. E se continuar assim, vai ser na sua boca.

— É o que eu quero, Noah. Quero sentir o seu gosto.

E pronto! Gozei um jato quente em sua boca. Ela engole tudo e faz uma careta.

— Não é o gosto mais horroroso do mundo, mas também não é ruim. Você vai ficar chateado se eu cuspir da próxima vez?

Acabo gargalhando.

— Ah, Alana. Você é muito especial mesmo. Eu já disse hoje o quanto eu te amo?

Ela sorri e diz:

— O suficiente para me fazer uma massagem enquanto nos banhamos naquela hidro?

— Faço tudo que você pedir, minha princesa. Quer mais alguma coisa?

— Hum... sim! Quero um café da manhã bem gostoso, com suco, pães, frios e frutas.

— É para já!

Eu ligo para a recepção e peço tudo o que a minha menina deseja.

Depois entramos na hidro e começo a massagear seus ombros, seus pés e então suas costas.

— Tem mais uma coisa que queria te pedir.

— Tem é? O quê?

— Gosto muito de foder com você, mas agora eu quero fazer amor.

— Ah, minha menina! Eu farei amor com você até sermos velhinhos enrugados.

— Eu te amo, Noah!

— E eu te amo, minha menina veneno.



Trinta e Sete

ALANA

— Acho que não vou conseguir andar de cavalo tão cedo — reclamo me ajeitando no banco da caminhonete e escuto a risada do Noah ao meu lado. — Você acha engraçado?

— Não. Acho maravilhoso que você esteja dolorida por minha causa. Assim vai lembrar de mim o dia inteiro.

— Muito engraçado! — Dou um soquinho nele.

Depois de estacionar, o Noah me ajuda a descer do carro e entramos na cozinha da casa grande onde todos estão tomando café da manhã.

— Bom dia! — minha mãe diz ao nos ver entrar.

— Bom dia! — respondo sem graça.

— A próxima vez que forem sumir avisem! — Rodrigo reclama entrando atrás de nós dois.

— Eles sumiram? — O Antônio pergunta olhando feio para o Noah.

— Você sumiu com a Cecília! — rebato.

— Ela é a minha mulher.

— E o Noah me pediu em casamento.

— Alana! — ele grita ao meu lado.

— Que foi? Você pediu e eu aceitei.

— Vocês estão noivos? — minha mãe pergunta com os olhos cheios de lágrimas.

— Estamos, mamãe.

— Oba! Vou ser daminha! — Clarinha pula animada.

— Eu não pedi em casamento.

— Ele pediu ou não pediu? — O Antônio pergunta.

— Ele virou para mim e disse: “Então, você quer casar comigo?” — falo engrossando a voz. — E eu disse sim. Então estamos noivos.

— Ela tem razão, vocês estão noivos. — A Ceci dá risada.

— Isso não foi exatamente um pedido — o Noah diz me olhando feio.

— Já chegamos a uma conclusão que é sim. Pode esquecer, não vou deixar

que volte atrás. — Sento junto com a minha família para comer e olho para o Noah.

— É, meu caro, se tem uma coisa que eu aprendi em pouco tempo de convivência com a Alana, é que, quando ela decide uma coisa, não há criatura no mundo que a faça mudar de ideia. — Rodrigo dá um tapa nas costas do irmão, rindo, e vai embora.

— Como ele já conhece a Alana tão bem? — minha mãe pergunta e todos dão risada.

Duas semanas se passaram e para o meu alívio meu tornozelo estava bem melhor e eu finalmente podia tirar a bota ortopédica, a melhor parte foi que com isso eu poderia ir ao casamento da Mari, sem mancar ou ser carregada para todo lado.

O sábado amanheceu um dia lindo, ensolarado e prometia ficar assim durante o casamento.

Depois de tomar um banho e comer alguma coisa entro no carro com a Ceci e a Clarinha e vamos para a cidade, a Mari tinha fechado um salão de cabeleireiro para que nos arrumássemos junto com ela.

Assim que olhou para o meu cabelo, o cabeleireiro suspirou feliz e disse que teria o maior prazer em me arrumar. Meus cabelos foram enrolados e presos para o alto, com algumas mechas soltas emoldurando o rosto, a maquiagem foi feita leve nos olhos e nos lábios um batom vermelho.

A Clarinha parecia uma princesa com um coque alto e a franja presa de lado, enquanto a Ceci para variar não precisou de muito para ficar ainda mais bonita, o cabelo dela foi trançado de lado e uma maquiagem ressaltando os seus olhos.

— Como estou? — Escuto a voz da Mari e nos viramos para olhar para ela.

Com um vestido justo ao corpo, frente única, de rendas, o cabelo preso em um coque lateral, ela estava perfeita.

— Parece uma princesa, tia Mari.

— Você está linda. O Diogo vai ficar de boca aberta — falo.

— Obrigada, meninas.

Deixamos a Mari com a mãe dela e vamos para a igreja. Assim que coloco os meus pés no primeiro degrau sinto uma mão se fechar no meu braço.

— Você não mudou esse vestido?

— Não. — Dou risada e o Noah olha para a minha boca fixamente.

— Você quer me torturar, não quer? Essa fenda enorme, esse monte de pele à mostra e essa boca vermelha, tudo isso vai fazer com que eu caia duro dentro da igreja com os pensamentos impuros que estão rodando na minha cabeça.

— Impuros, é? — pergunto e passo meus braços pelo seu pescoço.

— Não vai borrar a maquiagem, Alana — a Ceci diz passando por mim e eu me separo dele.

— Depois, cowboy. — Pisco para ele.

— Eu te odeio, Cecília! — ele grita e escuto a risada da minha cunhada.

— Vamos?

Entramos na igreja e a cerimonialista nos chama para tomarmos posição. Quando a Mari chega, a cerimônia começa e me pego tentando segurar as lágrimas. Como previsto, o Diogo ficou sem reação ao olhar para sua noiva, os votos foram carregados de amor e emoção. Tudo estava tão lindo que eu não conseguia deixar de imaginar como seria o dia em que eu me casaria com o Noah.

Após a cerimônia fomos para a fazenda onde a festa seria realizada, meu pai tinha insistido que não cobraria por nada para que fosse lá. Os pais da Mari alugaram uma grande tenda que foi armada e preparada para a ocasião.

Apesar de ser uma família rica, os pais da Mari concordaram com uma festa simples e mais íntima. A comida estava deliciosa e a decoração incrível, com tema rústico. A banda ao vivo era maravilhosa, e superanimada.

— Você quer dançar? — o Noah pergunta.

— Adoraria, mas meu pé está reclamando um pouco.

— Ótimo. Porque eu prefiro ficar aqui sentado.

— Só por causa do meu vestido?

— Também. — Ele ri e passa um braço pelos meus ombros. — É que sou mais de ficar aqui te abraçando do que rodando na pista.

— Meu irmão não parece ter problema nenhum em dançar. — Aponto para o Antônio, que estava na pista abraçado com a Ceci.

— Ele vai parar rapidinho — o Noah diz e sigo o olhar dele.

A Clarinha estava de mãos dadas com o Guto, os dois entraram na pista e se abraçaram começando a dançar. Olho para o Antônio, que finalmente percebe o que está acontecendo, ele tenta se separar da Ceci, que o agarra e sussurra alguma coisa no seu ouvido. Seja lá o que for parece ter funcionado, porque ele decide ignorar o pequeno casal.

— Acho que a Ceci o dobrou. — Dou risada.

— Deve ter sido algo muito bom. Porque, ultimamente, ele tem reclamado tanto por causa do meu sobrinho, que eu achava que iria bater no menino.

— Meu sobrinho? — pergunto com um sorriso.

— Ele é um bom menino. — Ele dá de ombros.

— E o fato de que ele te segue o tempo todo como se fosse seu fã, não afeta em nada o que você sente por ele, não é?

— É claro que afeta! — Ele sorri. — Adoro esse garoto, apesar de não suportar o pai — ele reclama e dou risada.

Desde que tínhamos ido ao motel sem avisar, o Rodrigo parecia um falcão a nossa volta, ele não perdia nenhum momento, toda vez que tentávamos escapar, lá estava o Rodrigo ao nosso lado.

— Ele só está tentando me proteger.

— Não interessa. Eu sou homem suficiente para proteger a minha mulher.

— Eu sei, meu herói. — Faço um carinho nele, que se levanta. — O que foi?

— Não posso suportar mais. Sua família vai ficar curtindo a festa, então temos tempo de sobra.

— Tempo de sobra para quê?

— Estou ficando doido, preciso de você, minha menina.

— Eu também. — Pego a mão dele me levantando e escuto meu nome ser gritado.

— A Mari vai jogar o buquê! — a Ceci grita e corro até a grupo de mulheres reunidas.

Paro ao lado da Luísa e olho para ela torcendo o nariz.

— O que foi?

— Você até sem salto é maior que eu. Como posso pegar o buquê — falo e ela ri.

— Boa sorte, tampinha.

— Digo o mesmo, girafa. — Mostro a língua para ela que ri. Desde que nos juntamos por causa da despedida de solteiro do Diogo, tínhamos nos entendido, o que era bom, ela era alguém especial e uma ótima amiga.

A Mari vira de costas para o grupo e balança a mão algumas vezes com o buquê, fazemos a contagem e ela joga com muita força. O buquê atravessa o grupo por cima e nos viramos para ver onde ele vai cair.

— Eu peguei! — Escuto um grito de menina e dou risada.

— Clara Barreto, joga esse buquê no chão agora mesmo! — meu irmão grita e dou risada.

— Não jogo não, eu peguei, então vou casar, já tenho até meu noivo! — ela reclama batendo o pé.

— Noivo? — ele grita e olha para o Guto, que está sentado comendo um pedaço de bolo.

— Acho que seu irmão vai ter um ataque — a Luísa ri.

— Eu vou matar esse garoto.

— Não vai não. — A Ceci o abraça. — Deixa eles, são crianças.

— Minha filha é um bebê.

— Inácio, ao contrário de você, não estou surtando, sabe por quê? — Uma vez que ele não responde, ela continua: — Porque o Guto tirou o medo do olhar da nossa filha, e se ele pode fazer isso como criança, só espero que ele seja um homem tão bom quanto você, e faça nossa filha feliz para sempre.

O Tóti sorri sem graça e dá um beijo na testa da Ceci, vejo a forma que ele a abraça e sei que a discussão está encerrada.

Caminho até o Noah, que está sentado, e faço uma cara triste.

— Eu não peguei o buquê.

— Percebi. — Ele se levanta e me pega pela mão.

Caminho ao lado dele até a árvore onde fizemos o piquenique e ele me solta, se ajoelhando e retirando uma caixinha do bolso.

— O quê... — paro de falar quando ele abre a caixa e um lindo anel dourado com brilhantes e uma ferradura é revelado.

— Alana, você é a menina que me enfeitiçou. É o meu veneno, meu remédio, meu tormento, minha cura. Eu te amo e não há um só segundo da minha vida que eu queira passar longe de você. Aceita ser a minha esposa, minha companheira, a mulher que vai me enlouquecer todos os dias?

Com os meus olhos embaçados pelas lágrimas, dou um sorriso e estico a

minha mão direita.

— Aceito.



Trinta e Oito

CANOA

Os dias seguintes passaram como uma brisa em um dia de verão. Alana e eu passamos dias incríveis. Ela dormia quase todos os dias na minha casa. Mas, para amenizar a situação, jantávamos sempre na casa grande.

Certa noite, durante o jantar, Alana se levantou e disse que tinha um anúncio a fazer. Todos arregalaram os olhos nervosos, afinal, sempre que Alana se pronuncia sobre algo é encrenca que vem por aí.

— Se você for dizer que está grávida, eu já aviso que seu filho vai nascer sem pai — Antônio diz, me lançando um olhar ameaçador.

— Grávida? Eu vou ter uma priminha, tia Alana? Posso te ajudar a dar banho e a trocar a roupa dela?

— Clarinha, por que tem tanta certeza de que será uma menina? — Ceci pergunta, segurando o riso.

— Porque é a tia Alana, oras, ela tem que pagar todo o trabalho que dá para a vovó.

— E um menino não faria ela pagar? — questiono, entrando na brincadeira.

— Não, tio Canoa. Meninos só dão trabalho quando crescem.

— Não é verdade, minha princesa. Te garanto que seu papai, quando era mais novo, deu tanto trabalho quanto sua tia Alana — minha sogra responde.

— Ah, eu duvido! Meu papai é bonzinho, a tia Alana não.

— Clara! Poxa, agora fiquei magoada. Você não me acha boazinha? Achei que era minha amigona.

Clara abre um sorriso de gato e diz:

— Você é minha amigona, tia Alana! E ser boazinha é superestimado.

Alana ri e pergunta:

— Onde você aprendeu essa palavra?

— No dicionário, oras. Mas, afinal de contas, é menino ou menina, tia?

— Nenhum dos dois, seus doidos! Só queria avisar que quero aprender a dirigir, então vou precisar de um carro e de um voluntário para me ensinar.

Todos nós nos entreolhamos, e um silêncio mortal pairou sobre nosso jantar.

— Eu disse que preciso de um carro e de um voluntário para me ensinar — ela insistiu, mas em um tom irritado, olhando feio para cada um de nós.

— Eu dou o carro! — digo.

— Não! Eu dou o carro. Você pode dar as aulas — Antônio suplica.

— Eu estou muito ocupado com as coisas da fazenda. Estou um pouco sobrecarregado.

— Não se preocupe, tenho certeza de que ninguém se importará se delegar uma parte de suas tarefas para a Luísa. Além do mais, pode dividir as aulas com alguém mais.

— Quem mais pode me ajudar nas aulas de direção?

— Papai? — Ela lançou seu olhar meigo para seu Magno, que reage com um olhar de pânico.

— Ora essa, que audácia todos vocês! Eu sou seu pai, então é lógico que quem dará o carro sou eu. Não é, filhinha? O papai que tem que dar o carro.

— Espere um momento: por que estão brigando para ver quem vai dar o carro? Por acaso estão fugindo de mim? Acham que serei tão má motorista assim?

— Claro que não, amor! Todos nós te amamos tanto que gostaríamos de te agradecer com um carro.

— Bobagem! Você deve ser uma aluna mala, daquelas que não ouve nada do que dizemos. Aposto que vai insistir em fazer as coisas do seu jeito, e por isso vai ser uma ameaça mortal para todos os pedestres e motoristas da cidade — Antônio desabafa.

Alana fica com a face vermelha a ponto de explodir, mas ela simplesmente fica em silêncio, parecendo ofendida.

— Não fique assim, amor! Eu... eu... eu te ensino. — Droga! Por que eu fui dizer isso?

— Jura, Noah? Ah, meu amor! Eu sabia que poderia contar com você. — Então ela se sentou e Clara levanta.

— Também tenho um comunicado a fazer. Abriram as inscrições para a rainha do rodeio, e também para a rainha mirim. Eu inscrevi a tia Alana e a mim. Espero ser boa igual a minha mamãe.

— Ah, minha princesa! Você será ainda melhor do que eu, tenho certeza!

— Obrigado por me inscrever, Clarinha, mas não tenho certeza se devo concorrer este ano ou não. Com tudo que está acontecendo, tenho medo de me expor.

— Nem que tenhamos que contratar todos os seguranças do Brasil, mas vocês vão concorrer sim. É o que sempre quis, e não vai ser por conta destes bandidos que vai deixar sua felicidade de lado — seu Magno diz, e Alana o abraça, emocionada.

— Obrigada, pai!

Na semana seguinte, meu sossego chega ao fim.

O Jeep Renegade da Alana chega e ela entra em euforia. A primeira aula de direção começaria hoje, e eu estava criando coragem para o que viria a seguir. Era uma manhã ensolarada e isso me deu esperança de que as coisas fossem menos piores do que imaginei.

— Vamos, Alana? — digo, saindo de casa e entrando no carro. O banco do passageiro é bem confortável, e o carro parecia ser potente. Alana entra e toma seu lugar no banco do motorista.

— Ok! Vamos começar pela chave de ignição. O carro liga assim. — Demonstro girando a chave. — E desliga assim.

Alana sorri e repete o que ensinei.

— Isso mesmo! Agora vamos a embreagem e ao freio. Esta aqui é a embreagem. Você utiliza para...

— Isso eu já sei. Preparado?

— Preparado para quê?

Ela gargalha, e então meu inferno começa. Ela liga o carro, engata a marcha e acelera. O carro dá um tranco para frente e ela volta. Então ela acelera de novo e solta em seguida.

— O que você pensa que está fazendo?

— Estou dirigindo, oras! Olha só, já andamos um montão. Eu estou dirigindo, uhul!

— Alana, isso não é dirigir! — Tento falar com ela, mas ela liga o rádio, me ignorando.

— Alana? Você não está me ouvindo?

— *Man, I feel like a woman!* Tãn, tãn, tãn, tãn, tãn, tãn! — ela canta.

— Alana! Você ao menos sabe frear?

— Eu não estou te ouvindo! — ela grita.

Eu abaixo o som e ela reclama.

— Ei, eu estava me divertindo!

— Mas eu não! Você está achando que está dirigindo, mas não está. Você acha que tem condições de pegar uma rodovia ou uma estrada nesses tranquinhos que está dando? Deixa eu te ensinar direitinho, meu amor, senão eu vou confiscar o seu carro.

— Ah, não vai não!

— Se for necessário, eu vou!

— Mas não vai mesmo! Eu... droga! — A Alana passa por uma valeta e o carro joga a direção de lado, e como ela não sabe dirigir, não freia. Adivinha onde o carro foi parar?

— Meu Deus! Isto é um lago?

Eu olho para ela, que sorri sem graça.

— Ops! Acho que me empolguei demais, não foi?

Eu passo as mãos no rosto, para me acalmar.

Droga! Eu estou tão ferrado!



Trinta e Nove

ALANA

Olho para a Clarinha sentada ao meu lado no sofá na casa da Ceci e ela tenta não rir.

A Cecília tentava explicar como deveríamos agir no concurso para rainha do rodeio. Ela repetiu cinquenta vezes que eu poderia fazer de tudo, menos usar um short curto.

— Não entendo porque não devo usar. Tenho pernas lindas.

— E um namorado ciumento que perdeu a cabeça no concurso de princesa, lembra?

Dou risada com a lembrança. O Canoa tinha chutado um homem para fora da arquibancada e quebrado a cara dele, simplesmente porque ele foi um idiota que ficou babando por mim. Depois me obrigou a usar a camisa dele para que ninguém ficasse me olhando — camisa essa que está guardada no meu guarda-roupa.

— Ok, nada de roupa curta. Mas eu também não quero usar aquelas roupas brilhantes que as outras competidoras usam. Acho ridículas.

— Nisso eu concordo. — A Ceci se senta com uma careta.

— O que foi?

— Nada. Só estou com dor nas costas. O Inacinho está um chumbo, mas insiste em ficar no colo o tempo inteiro.

— Que roupa eu vou usar, mamãe?

— Pensei em uma saia jeans e uma camisa, o que acha?

— Pode ser azul? Não quero rosa.

— Por que azul? — pergunto e o rostinho dela fica vermelho.

— O Guto gosta de azul — responde e a Ceci e eu damos risada.

— Ok, meu amor, pode ser azul. Vamos na cidade depois comprar a sua roupa e da Alana.

— Agora eu preciso treinar. Vamos?

A Ceci pega o Inacinho no colo e dou a mão para a Clarinha. Vamos até o curral que o Tóti separou para os meus treinos e vejo o cavalo lindo que está sendo selado para mim. Dou um grito e corro até o meu irmão, que me abraça forte.

— Não acredito que você vai deixar eu treinar com o Apache! — grito.

O cavalo branco com manchas marrons era o queridinho do meu irmão. Ele foi pessoalmente aos Estados Unidos comprá-lo de um haras especializado em Cavalos Malhados — a raça do Apache — por ser principalmente usados por índios Americanos, demos esse nome para ele.

Por diversas vezes observei de longe o cavalo correr pelo pasto, ele era rápido e muito inteligente. O Caetano ensinou diversos truques para o Apache, que aprendeu rapidamente.

— Não só vou deixar que treine, mas também que participe do rodeio com ele.

— Sêrio?

— Sêrio. Mas você precisa ter paciência com ele. O Apache é novo ainda e nunca participou da prova do tambor. Vai ser necessário treiná-lo bastante.

— Não se preocupe, Tóti, vou cuidar muito bem dele.

Vou até o cavalo e estico a minha mão lentamente para que ele se acostume comigo. Quando eu era pequena, a Ceci ensinou que antes de tudo, era necessário conquistar a confiança do cavalo, e desde então eu tenho feito isso.

— Ele parece saber que alguma coisa vai acontecer. Ele está agitado — o Caetano diz depois de arrumar a sela.

— Isso é ruim?

— Não. Ele está animado.

Olho para o cavalo, que começa a cavar o chão com a pata, e dou um sorriso. Beijo o focinho dele e com a ajuda do Caetano monto sobre o Apache. Dou algumas voltas pelo curral para que ele se acostume comigo e vou para a minha posição de largada.

— Lembre-se, Alana, não force o cavalo, isso pode irritá-lo e ele não vai querer fazer o percurso. Deixe que ele se acostume primeiro e aprenda o que tem que fazer. Faça curvas fechadas, mas não cole no tambor. Deixe as rédeas soltas o suficiente para o Apache sentir que confia nele, mas mantenha o controle ao mesmo tempo — Ceci explica.

— Ok.

— E, por favor, faça esse percurso melhor do que você sabe dirigir — escuto o Canoa falar atrás de mim e olho para ele.

— A minha professora dessa vez é melhor que você. — Mostro a língua para ele, que sorri, e olho para a Ceci. — Estou pronta.

Dou um toque no Apache, que galopa rapidamente e faço o percurso. Ele demora um pouco para aprender o que deve fazer, mas depois de repetir algumas vezes, não era preciso guiá-lo mais.

Meia hora depois, a Ceci diz que posso finalmente fazer o treino para valer. Me estico sobre o Apache e sussurro no ouvido dele:

— Pronto para correr? Eu sei que você gosta de sentir o vento batendo no seu pelo enquanto corre. Me ajude a dominar essa prova e prometo te levar em um lugar lindo e o deixar solto para se divertir.

Ele balança a cabeça e bate a pata no chão. Dou um sorriso e faço carinho nele. O Apache entendeu que tínhamos um acordo.

A Ceci solta o cronômetro e dou um toque no Apache para ele correr. Rapidamente fazemos o percurso e ao voltar para perto da minha cunhada ela está sorrindo.

— E então?

— O tempo não foi tão bom assim. Mas fizeram o percurso sem erros, o que já é incrível. Com mais alguns treinos, você vai estar pronta.

— Ótimo. — Pulo do Apache e entrego a rédea para o Caetano. Era a primeira vez dele treinando e não queria abusar demais. — Vamos para a cidade?

— Vamos. A Luzi veio buscar o Inacinho, ela vai cuidar dele enquanto vamos às compras.

Olho para o espelho e tento decidir se a camisa xadrez vermelha é bonita o

suficiente para o concurso.

— Está linda, tia Alana! — a Clarinha diz parando ao meu lado e olho para ela.

Como eu, ela estava com uma saia jeans, botas, mas a sua camisa era azul, como pediu.

— Você também.

— Acho que as duas estão perfeitas — a Ceci diz se aproximando e esfregando as costas.

— Estou ficando preocupada, Ceci.

— Não é nada de mais, só a minha coluna está doendo. O que vamos fazer agora?

— Tomar sorvete! — a Clarinha diz pulando e concordamos com ela.

Após fazer os nossos pedidos sentamos em uma mesa na sorveteria e deixo a minha sacola de compras no chão ao meu lado. A Clarinha fala animada sobre o concurso, mas não tiro os olhos da Cecília, que continua fazendo algumas caretas de dor.

— Ok, já chega. Vamos ao hospital.

— Não precisa, Alana.

— Ou você vai por bem, ou então vou ligar para o Antônio.

— Não precisa fazer chantagem também! — ela reclama cruzando os braços.

— O que foi, mamãe?

— Só estou com uma dor nas costas, querida.

Para a minha sorte, a dona da sorveteria não tinha feito o nosso pedido ainda, então cancelei tudo e arrastei a Ceci para o hospital. Assim que entramos na emergência, avisto um médico conhecido e grito o nome dele, que vem até nós três.

— Como estão as três mulheres mais lindas da cidade? — Edgar pergunta.

— Preocupada — falo e olho para a Cecília, que revira os olhos.

— Qual o problema? — pergunta mudando o seu tom para o de médico.

— A Ceci não para de esfregar as costas e insiste que é só uma dor de carregar o meu sobrinho. Mas eu não tenho tanta certeza disso.

— Quando isso começou?

— Tem umas três horas mais ou menos — ela responde.

— Vem comigo, vamos examiná-la.

Vou para a sala de espera com a Clarinha e pego o meu celular.

— *Oi, amor, como foram as compras?*

— Foi tudo bem.

— *O que foi, Alana? Não estou gostando do tom da sua voz!* — o Canoa diz praticamente se exaltando.

— Trouxe a Ceci para o hospital, ela estava com dores.

— *O Antônio já sabe?*

— Ainda não. Ela insiste que as dores nas costas é de carregar o meu sobrinho, mas estou preocupada. Não falei nada ainda para o meu irmão, porque pode ser mesmo apenas uma dor de carregar peso.

— *Ok. Se precisar de alguma coisa me liga.*

— Pode deixar.

Meia hora depois, o Edgar passa pela porta da emergência e caminha até onde estou. A Clarinha tinha adormecido ao meu lado.

— Liga para o seu irmão e pede para ele vir ao hospital.

— O que aconteceu, Edgar? — pergunto me levantando, ele me pega pelo braço e nos afastamos da Clarinha.

— As dores da Cecília não eram de carregar peso.

— O que eram então? — pergunto preocupada.

— Ela está sofrendo um aborto — ele diz e sinto as minhas pernas falharem.

— O quê?

— Ela está grávida. Chamei o médico que cuidou dela na última gravidez. Ele já está cuidando dela e do bebê. Estamos fazendo de tudo para evitar o aborto. Ela está assustada e não para de pedir pelo seu irmão.

— Eu vou avisá-lo agora mesmo! — O Edgar começa a se afastar e grito o nome dele. — Cuida da Cecília.

— Eu vou.

Volto até o banco em que eu estava e pego o meu celular e me afasto novamente. Eu sei que o certo seria ligar direto para o Antônio, mas o conheço suficientemente bem para saber que ele iria surtar ao telefone, então ligo para a minha mãe.

— Oi, Alana — ela diz animada e sei que estava rindo de alguma coisa.

— Onde a senhora está, mamãe?

— *Na cozinha, estamos tomando um lanche.*

— O Tóti está aí?

— *Está sim, ele e o Canoa.*

— Mamãe, aconteceu uma coisa. — Fecho os olhos e a linha fica em silêncio.

— *O que foi, Alana?* — ela pergunta preocupada sem qualquer traço de riso na voz.

— Estou com a Ceci no hospital. Ela está sofrendo um aborto.

— *Ai, meu Deus!*

— *O que foi?* — Escuto o meu pai gritar ao fundo.

— A senhora avisa o Tóti.

— *Aviso, querida. Mas como ela está?*

— *O que está acontecendo?* — Escuto o Tóti perguntar.

— *Só um minuto, Antônio* — a mamãe pede.

— Ela está pedindo por ele. Os médicos estão tentando fazer de tudo para segurar o bebê.

— *Ok, eu vou avisar o seu irmão. Já estamos indo para aí.*

Não demora muito e uma multidão entra na sala de espera do hospital. O Antônio corre para a recepção e o Canoa se senta ao meu lado.

— Estou preocupada.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. — Ele me abraça.

— Antônio! — o Edgar chama e me levanto rapidamente indo até ele.

— Como ela está? — meu irmão pergunta.

— Conseguimos interromper o processo de aborto. A Cecília vai ter que ficar em repouso por um tempo, e ter acompanhamento médico constantemente.

— Ela e o meu filho estão bem?

— Estão sim. Vocês podem ir até o quarto.

Acompanho o Tóti de mãos dadas com o Canoa e a Clarinha que não queria me soltar, meus pais caminham atrás de mim e escuto a minha mãe chorar e falar com o meu pai. Entramos no quarto e assim que vê o marido a Cecília fecha a cara e cruza os braços.

— O que eu disse sobre não me engravidar novamente?

O Tóti para de andar e olha para ela confuso.

— Você não deveria estar falando baixinho, dopada pelos remédios, preocupada, querendo um abraço? — meu irmão pergunta e dou risada.

— Você me engravidou de novo! — Ela joga as mãos para o alto.

— Você estava sofrendo um aborto até alguns minutos atrás. Não deveria estar se exaltando! — o Tóti diz nervoso sem sair do lugar.

— Eu não estaria sofrendo um aborto se não tivesse me engravidado. DE NOVO! — ela grita.

— É tão ruim assim ficar grávida de um filho meu?

— Não, seu idiota! Mas como vou cuidar de dois bebês? O Inacinho ainda é totalmente dependente de mim. Agora tenho que me preocupar com mais um, sem contar que vou ficar de cama. Como vai ser?

— Eu vou te ajudar, querida. — Minha mãe enxuga uma lágrima e ri. — Como você está?

— Puta com o seu filho. Depois que esse bebê nascer, ele que fique longe de mim. Até parece que é só esse homem respirar perto de mim, que fico grávida.

— Não é só respirar, temos que fazer mais coisas.

— Como o quê, papai? — Clarinha pergunta e meu irmão arregala os olhos.

— Você ainda é pequena para saber.

— É igual aos cavalos? — ela insiste e o Canoa tenta não rir ao meu lado.

— Igual aos cavalos?

— Eu vi o Trovão subir na Princesa, ele relinchou e depois saiu, aí agora ela está esperando um cavalinho. O senhor fez igual? — Todos no quarto ficam em silêncio, o Canoa treme ao meu lado e não consegue segurar, ele encosta na parede e solta uma gargalhada.

— Para de rir, idiota!

— Você achou mesmo que a sua filha morando em uma fazenda não ia saber como se fazem os bebês? — o Canoa pergunta.

— Conversamos sobre isso depois, Clarinha.

— Ok, papai. — Ela dá de ombros e sobe na cama abraçando a mãe. — Tem outro bebê aqui? — Aponta para a barriga da Ceci.

— Tem, meu amor. Quase o perdemos, mas a mamãe vai fazer de tudo para que a sua irmãzinha nasça com muita saúde.

— Irmão — o Tóti diz e finalmente se aproxima da cama pegando a mão da esposa, que não se afasta.

— Irmã.

— Irmão. Não precisamos de outra mulher nessa família.

— Sinto muito, meu amor, mas vai ter que aceitar. É uma menina, o médico fez o ultrassom, vamos ter uma menininha.

— Você está brincando comigo.

— Não estou não. É outra menina.

O Tóti olha para mim, arregalando os olhos, e não entendo a sua reação.

— O que foi?

— Cecília Barreto, faça o que fizer, por favor, não tenha outra cópia mirim da Alana — ele pede.

— Idiota! — Mostro a língua para ele e sinto que o clima no quarto finalmente fica mais leve.

A Cecília estava grávida, e teria que se cuidar. Mas eu sabia que não devia me preocupar, ela estava cercada por sua família, que a amava e, principalmente, amava a menininha que ela estava carregando.



Quarenta

CANOA

Os dias se passam rapidamente. Amanhã será o dia do rodeio, e meu coração está apertado de preocupação. Meu sexto sentido diz que a Alana corre perigo, e nada consegue aplacar essa agonia que eu sinto.

— Você tem que estar na primeira fileira da arquibancada. Quero sentir seus olhos sobre mim a prova inteira — Alana diz, mas não consigo entrar no mesmo clima de empolgação que ela. — O que está acontecendo, Noah? Você passou as últimas três horas igual a uma múmia. Eu fiz ou disse algo que te magoou?

Pego sua mão e cubro com a minha. Sei que isso não está certo, eu estou acabando com sua alegria, então tomo uma decisão.

— Não é nada com você, minha menina. Estou pensando em amanhã e percebi que tenho que ajustar algumas coisas com meus irmãos. Você se importaria se eu desse um pulo na casa da Renata? Lembro do Rodrigo ter dito que iria jantar por lá.

— De forma alguma, meu amor. Na verdade, até insisto que vá. Vá, vá, vá! E mande um beijo para a Renata. Aliás, só um beijo não. Mande um recado também. Diga que ela está obrigada a ir amanhã ao rodeio para me ver. — Alana me puxa e me beija calorosamente. — Estarei te esperando aqui. Você vem dormir comigo, não vem?

— Claro, minha menina. Eu te amo!

— E eu te amo mais! — Ela dá uma piscadela e eu me derreto todo.

Dirijo até a casa da Renata e toco a campainha. Quando ela me recepciona, abre um sorriso imenso. Com a mão na cintura, ela diz:

— Já era hora! Estava quase achando que nunca daria esse passo.

— Na verdade, eu vim para pedir ajuda.

Ela ergue uma sobrancelha, incrédula.

— Aconteceu algo com a Alana?

— Não, mas quero evitar que isso aconteça.

— Hum, e você não poderia conversar com o Rodrigo em Céu Azul?

— Ééé... podia, mas... achei que... — ela me pega desprevenido e me interrompe.

— Noah, é a sua consciência fazendo de tudo para que você se aproxime de nós. Você está usando toda e qualquer desculpa para ter contato com o Rodrigo, pois sabe que ele tinha uma certa rejeição em relação a você. E, ao mesmo tempo, você aproveitou que ele está aqui em minha casa para vir “pedir ajuda”,

pois assim também me inclui nesse problema de vocês, me mantendo por perto. Mas não se preocupe, irmão. Você sabe que te aceitei de braços abertos, e sou completamente solidária à causa. E quanto ao Rodrigo, só o fato de ele ter continuado a trabalhar para você significa que ele também está lidando com sua aceitação, à sua própria maneira. Mas, sinceramente, acho que sua relutância é um caso perdido. Ele já gosta de você.

— Ei, sua psicóloga charlatona! — Rodrigo aparece, demonstrando que estava escutando toda conversa. — Não sabe que é antiprofissional analisar a própria família? Além do mais, está completamente enganada. Não vou com a cara desse playboyzinho aí.

— Ei, eu não sou nenhum playboyzinho. Ralo muito todos os dias para ter meu próprio dinheiro. Nunca me apoiei no dinheiro que nosso pai deixou para mim. — Então minha ficha finalmente caiu. — Ei, espera aí: vocês também receberam suas devidas partes da herança, não é mesmo?

— Sim, recebemos! — disse Renata.

— Então por que está me chamando de playboyzinho, se temos a mesma parte da fortuna, Rodrigo?

Então ele dá uma gargalhada e diz:

— Porque você é um alvo fácil. Adoro te cutucar. É o que os irmãos mais velhos fazem, não é mesmo?

Meu coração acelera.

Irmão? Ele me chamou de irmão?

— Você... você me chamou de... de...

— Ah, não vamos fazer um grande caso sobre isso. Eu tenho observado você. Ouvi tudo que você disse sobre tudo que aconteceu, ouvi tudo que as pessoas falam de você, vejo como você trata a todos, inclusive seus funcionários. Até que você não é um cara mau. — Rodrigo coloca as mãos no bolso e olha para baixo, envergonhado, mas decidido a desabafar. — E agora vejo que você e sua mãe foram vítimas da safadeza do nosso pai. Agora acredito que ela não sabia que ele era casado. Afinal, se ela fosse uma mulher sem caráter, ela... ela não

teria criado você assim.

Demora uns segundos para eu entender o que ele disse, mas quando a ficha cai, me encho de orgulho. Meu irmão disse que se orgulha do homem que sou. Ele viu que tenho caráter.

Então eu olho para ele por vários segundos, e finalmente tomo coragem de dar outro passo. Eu estendo minha mão a ele, que logo a aperta. Então, eu o puxo para mim e nos abraçamos por alguns segundos.

— Obrigado. Obrigado mesmo — digo.

Quando nos separamos, a Renata diz:

— Entre logo, estou com vergonha dos vizinhos verem eu me acabando de chorar aqui. Eu ia fazer um café e servir um pedaço de bolo de cenoura. Você se junta a nós?

— Re, a primeira coisa que você precisa aprender sobre mim é que eu nunca nego comida.

Ela ri e o Rodrigo diz:

— Porra, realmente somos irmãos!

Nós passamos as próximas horas conversando sobre tudo, inclusive sobre os bandidos e meu medo de que eles tentem algo contra a Alana durante o rodeio. O Guto estava adormecido no sofá, e reparei que ele dorme do mesmo jeito que eu, de bruços, com a cabeça para o lado direito.

— Você realmente a ama, não é?

— Mais do que a mim mesmo, Re! E temos novidades: estamos noivos. Ela aceitou o pedido que não fiz, então estamos noivos.

— Como assim o pedido que você não fez?

— Longa história!

— Ah, essa Alana não tem jeito mesmo!

— Eu posso ser madrinha?

— Por que diabos nenhuma mulher que faz parte da minha vida sabe esperar um convite?

Todos gargalhamos, então o Guto se mexe no sofá e digo:

— Melhor falarmos baixo. É raro uma criança enérgica como ele dormir fácil.

— Você gosta de crianças, irmãozinho?

— Adoro! Quero ter pelo menos três. Além do mais, já fiz meu cursinho de pai com a Clarinha. Ela é terrível, mas é um amor de menina. Sinto como se fosse minha filha. — De repente, a preocupação me aflige novamente, e me deixo abater um pouco. A Clarinha sofre muito cada vez que esses bandidos aparecem. Percebendo minha preocupação, Rodrigo diz:

— Não se preocupe, Noah! Eu te dou minha palavra de que se alguém chegar perto das suas meninas, eu acabarei com eles. Nada de ruim vai acontecer, ok?

Olho para ele com lágrimas nos olhos e digo completamente grato:

— Eu confio em você!

Ele sorri, e olhando ao redor, me sinto parte de uma grande família, pela primeira vez na vida.

Mais tarde, entro no quarto da Alana e, ao notar que já está dormindo, entro sorrateiramente embaixo das cobertas, ao seu lado.

Surpreendentemente, ela vira para mim e diz:

— Finalmente se acertaram?

Eu concordo com a cabeça e abro um sorriso.

— Estou muito orgulhosa de você. E já amo sua família como se fosse a minha.

Então eu a abraço e permanecemos assim até pegarmos no sono. Mas os sonhos desta noite não foram agradáveis. O medo de perder a pessoa que mais

amo não me deixou nem um segundo, mesmo enquanto eu estava dormindo.



Quarenta e Um

ALANA

Qual a melhor forma de se acordar em um dia importante?

Com o despertador tocando?

O galo cantando?

Com o sol na sua cara?

Nenhuma dessas opções. A melhor forma de se acordar é com o homem que você ama beijando as suas costas lentamente.

— Acordou?

— Não. Continua o que está fazendo.

— Adoraria, meu amor — ele ri e me gira para ele. — Mas esqueceu que dia é hoje?

— É o dia do rodeio — falo e fecho os olhos. — E se eu não ganhar?

— Não pense nisso, minha menina. Você treinou bastante, tem uma professora maravilhosa, nada vai dar errado. E mesmo se você não ganhar, estarei orgulhoso.

— Obrigada. — Faço um carinho no rosto dele. — Promete que não vai arrumar confusão na hora da eleição da rainha do rodeio?

— Não faço promessas que não posso cumprir.

O Canoa levanta da cama e olho descaradamente para o seu corpo, ele é lindo, forte, bronzeado por trabalhar no sol, e o melhor de tudo, era que aquele corpo é todo meu.

Levanto da cama e corro para o banheiro atrás dele para me arrumar, teríamos que levar o Apache e o Trovão para o local do rodeio. Uma das competições que haveria é o de cavalo mais bonito, e não havia dúvidas de que o Trovão ganharia essa prova. Com o seu tamanho, o pelo negro brilhoso sem qualquer mancha, o porte majestoso que ele carrega e, principalmente, a imponência dele, era a certeza de que ele seria eleito em primeiro lugar. Tudo bem que ele era arisco demais, e que só permitia que a Ceci ou a Clarinha tocasse nele, mas mesmo assim ele tinha grandes chances.

A manhã passa rapidamente, principalmente porque a agitação do rodeio contagia a todos que estão ali e a hora do almoço chega, sento com os meus sobrinhos, a Ceci, minha mãe e a Luzia nos bancos perto da grande tenda onde vendem comida, enquanto os homens vão buscar a comida.

— Como você está hoje? — pergunto para a minha cunhada.

— Você também não. Seu irmão me pergunta isso a cada cinco minutos.

— Nós te amamos, querida, só ficamos preocupados — minha mãe diz fazendo um carinho nos cabelos da Ceci.

— Eu sei, mamãe, mas é que chega uma hora que cansa ficar respondendo a mesma coisa.

— Posso me sentar com vocês?

— Tia Renata! — A Clarinha dá um pulo e abraça a Renata.

— Claro que pode — minha mãe responde e a Renata se senta ao meu lado.

Me remexo na cadeira sem graça e ela sorri.

— Como você está, cunhada? — Olho para ela surpresa e ela ri. — Não se preocupe, nós três nos acertamos.

— O Noah falou, mas não imaginei que teriam me aceitado tão facilmente.

— E por que não?

— Porque sou mais nova que ele.

— Besteira. Você é a mulher que ele ama, enquanto você fizer meu irmão feliz será sempre bem-vinda. Mas se magoá-lo, eu sei como te matar e fazer parecer um acidente.

— Obrigada pelo aviso. — Dou risada.

Não demora muito e os homens voltam com a comida. Para minha surpresa, o Rodrigo se junta a nós e se senta ao lado da Renata, enquanto o Guto se senta com a Clarinha.

— O Canoa disse que você vai participar do concurso para rainha — o Rodrigo diz e fico sem graça.

— Vou, mesmo não tendo esperanças de seguir os passos da Ceci.

— Você é linda, Alana, não se preocupe. E outra, eu já dei uma olhada nas outras competidoras, você vai ganhar fácil.

— Como assim já viu? — pergunto para ele.

— As competidoras não são essas com roupas engraçadas e iguais? — ele pergunta apontando para uma que passa por nós, com uma saia e top verde cheio de franjas e uma bota branca.

— São.

— Você vai usar essa roupa ridícula? — Renata pergunta.

— Não. A minha *personal stylist* proibiu — respondo e a Ceci solta um bufo.

— Essa roupa é cafona demais.

— Eu também vou participar, tio. Vou ser a rainha mirim — Clarinha diz animada para o Rodrigo. — Vou usar uma saia e camisa, não essa roupa feia.

— Tenho certeza de que vai ganhar também, você é linda.

— Eu puxei a mamãe. — Ela balança a cabeça concordando. — Guto! Eu esqueci. — Ela bate na testa com a mãozinha. — Eu vou ganhar uma irmãzinha. A mamãe está grávida.

— Que legal! — Guto sorri animado e os dois começam a conversar rapidamente entre eles.

— Parabéns, Cecília! — Renata felicita a minha cunhada.

— Obrigada.

“Atenção, senhoritas participantes do concurso de princesa, rainha e rainha mirim, meia hora para o início do concurso!”

A rádio anuncia e eu me levanto com a Clarinha para ir até a tenda nos trocar.

— Boa sorte, meu amor! — O Canoa me beija e vejo que ele olha para atrás de mim e balança a cabeça indicando alguma coisa.

— O que foi?

— Nada. — Ele sorri. — Vai lá e arrebenta.

— Ok, mas que eu seja a única a arrebentar alguma coisa, ouviu, senhor Canoa?

— Já disse que não faço promessas, nos vemos daqui a pouco. — O Rodrigo também se levanta e olha para ele sem entender.

— Acha mesmo que vai sozinha? Vou junto com vocês duas, você não sai das minhas vistas, dona Alana.

Reviro os olhos para ele e pego a minha mochila, dou a mão para a Clarinha. Assim que entramos na tenda das competidoras, vejo que praticamente todas estão com a mesma roupa, mudando apenas as cores. A Clarinha revira os olhos e dou risada, vamos para trás de um biombo e a ajudo a se trocar para vestir a minha roupa em seguida.

— Eu sou o segurança dela. — Escuto o Rodrigo falando com alguém, coloco a cabeça para fora do biombo e o encontro conversando com um dos organizadores da prova.

Uma vez que estou pronta, saio com a Clarinha e a sento em um dos bancos altos em frente ao espelho, escovo os seus cabelos e ela coloca o seu chapéu preto, feito por encomenda, meu pai insistiu que a neta deveria ter o chapéu mais lindo do mundo, e eu não tinha ideia de quanto ele tinha gasto nisso.

— Ela acha mesmo que vai ganhar usando isso? — uma competidora pergunta e vejo pelo espelho que ela e a amiga olham para mim.

— Invejosa — a Clarinha fala baixinho e pisco para ela.

— Nós somos as mais bonitas, meu amor. — Coloco o meu chapéu e passo um batom claro nos lábios. A Ceci disse para não forçar a maquiagem, para ser o mais natural possível.

— Vamos arrasar! — Ela pula da cadeira e eu a acompanho até a fila das competidoras mirins.

— Você vai junto? — pergunto cruzando os braços para o Rodrigo, que apenas sorri e estica a mão indicando o caminho.

O Tóti e a Ceci disseram para a organização que eu seria responsável por ela, já que alguém deveria acompanhá-la, e a Ceci não devia ficar muito tempo em pé. Olho para as outras meninas e percebo que estão todas nervosas, somente a Clarinha estava tranquila, com o narizinho em pé, um sorriso no rosto e se balançando ao som da música, ninguém diria que ela iria participar de um concurso.

Não havia dúvidas, filha de rainha, rainha é. Ela tinha o porte e o jeito da Ceci, mesmo que de gênio se parecesse comigo.

Os nomes começam a ser anunciados e eu me abaixo dando um beijo nela e desejando boa sorte. Assim que o seu nome é anunciado escuto a torcida gritar animada, todos ali sabiam de quem ela era filha, o que a tornava favorita ao título.

Observo pela cerca as meninas desfilarem e fazerem poses, quando chega a vez da minha sobrinha ela anda tranquilamente sorrindo para as arquibancadas, sem fazer qualquer tipo de firula, ou caras e bocas.

O apresentador começa as perguntas, as meninas respondem mecanicamente e reviro os olhos.

— Clara Barreto, quem é o seu modelo de inspiração e por quê? — o apresentador pergunta.

— Minha vovó — ela responde. — Ela é a vovó mais legal do mundo, é inteligente, sabe sempre o que falar quando precisamos, tem sempre um ombro a disposição quando queremos chorar, criou o meu papai, que é o melhor do mundo todo. E faz um bolo de chocolate maravilhoso. Quando eu crescer, quero ser igual a ela, porque se não fosse ela, a minha mamãe não teria o meu papai e eu não iria existir — ela responde com o seu jeito de menina e acabo me emocionando. — Ela é a rainha da nossa casa.

— Ela é boa! — o Rodrigo diz ao meu lado e dou risada.

— Ela é filha de rainha, não tinha como não ir bem. Seu filho vai ter trabalho quando ela crescer.

— É até bom que ele tenha trabalho mesmo, quando é muito fácil perde a graça.

O público aplaude a resposta da Clarinha e o apresentador continua com as perguntas. Uma vez que todas as meninas dão suas respostas, os jurados votam e entregam o envelope com o nome da ganhadora.

— Senhoras e senhores, aqui na minha mão está o resultado, quem será a nossa rainha mirim? — O apresentador abre o envelope e vejo que ele dá uma risada. — A rainha mirim é... — Ele faz um suspense. — Clara Barreto.

— Uhul! — grito. — Clarinha.

Ela olha para mim e dá um tchauzinho. Depois que ela recebe a sua faixa de rainha, ela corre até onde estou e eu a abraço.

— Agora é a sua vez, tia.

— Pode deixar, eu vou arrebentar.

Depois de acompanhar a Clarinha de volta para a tenda, a deixo com a Mari que veio buscá-la e vou para a minha posição. Como aconteceu no mirim, os nossos nomes são anunciados e para variar as idiotas das outras competidoras tentam ao máximo se exhibir, às vezes ficando até mesmo bizarro.

— Você acha mesmo que vai ganhar vestida assim? — Escuto atrás de mim e me viro para encontrar a Laurinha vestida com um conjunto de franjas pink.

— Não tenho dúvidas, e não vá chorar quando perder.

— Só nos seus sonhos, queridinha.

— Boa sorte, cunhada! — o Rodrigo diz e dou um tchauzinho para ele.

Meu nome é chamado e começa a tocar *Up*, da Shania Twain. Entro na arena e respiro fundo, como a Ceci tinha orientado, desfilo lentamente e toco na aba do meu chapéu no final e volto para a minha posição. Escuto as competidoras rirem e me seguro para não responder.

Quando o apresentador para ao meu lado para fazer a sua pergunta sinto um

frio na barriga.

— Alana Barreto, seu sobrenome é famoso no nosso rodeio, sua cunhada ganhou como rainha várias vezes, como também na prova do tambor, sua sobrinha saiu eleita agora há pouco e você já ganhou como princesa. O fato de ser tradição na sua família, a deixa nervosa estar aqui competindo?

— Não — respondo rapidamente. — Se as mulheres da minha família ganham sempre, não é um peso ou uma obrigação sobre os meus ombros. Ser rainha não é apenas ter um título, mas representar a nossa cidade e a paixão pelo rodeio. E ao que parece ninguém faz isso melhor do que a minha família — respondo e olho para a Laurinha, que faz uma careta enquanto o público me aplaude de pé.

Montada sobre o Apache, olho para o Canoa ao meu lado.

Assim que fui eleita rainha do rodeio, ele correu até onde eu estava e me beijou apaixonadamente. Segundo ele, estava orgulhoso, mas eu sabia que na verdade era apenas uma forma de dizer que eu era dele.

— Você foi bem na primeira rodada, mas precisa abaixar o seu tempo para ficar tranquila, a segunda lugar está muito colada em você, então precisamos diminuir o seu tempo — ele diz.

— Ok. — O celular dele começa a tocar e ele ri ao olhar para o visor e me estende o aparelho.

— Alô? — pergunto.

— *Alana, você está puxando as rédeas demais, e isso atrapalhou o Apache, deixa ele solto, vocês treinaram o percurso diversas vezes, ele já sabe o que fazer* — Ceci diz rapidamente. — *Deite um pouco mais o seu corpo, assim você vai praticamente se tornar uma só com ele, e vai ser mais fácil cortar o vento na hora da prova.*

— Obrigada, Ceci.

Assim que me liberam para a segunda rodada, faço como a Cecília disse e deixo o Apache solto, como esperado ele fez o percurso rapidamente sem

nenhuma falta. Quando termino a prova vejo que o meu tempo tinha reduzido consideravelmente.

Espero a segunda colocada participar e uma vez que na sua pressa em tentar me bater, comete faltas, é penalizada.

— Você acha que eu tenho que ir novamente? — pergunto e o Canoa digita rapidamente no celular.

— A Ceci disse que seria melhor ir de novo, mas que você não deve tentar bater o seu próprio tempo, mesmo que a segunda colocada não cometa faltas, você pode ganhar. Mas se você for penalizada complica a situação.

— Ok.

Faço novamente o percurso sem erros e volto para o lado do Canoa, desço do Apache e o Canoa me abraça, escondo o rosto no seu peito sem querer ver a prova. Quando o sinal indica que a segunda colocada terminou o seu percurso sinto os braços do Canoa me apertarem mais forte.

— Você ganhou, meu amor.

— Ganhei? — pergunto levantando o rosto e ele concorda.

Olho para o painel e vejo o meu nome ser anunciado como a vencedora e tenho que me segurar para não cair. Tinha realizado meu sonho de ganhar a prova do tambor.

— O que vamos fazer agora? — pergunto para a minha família, assim que nos reunimos novamente.

Todos me parabenizaram e me abraçaram, a Ceci não parava de sorrir por causa da minha vitória.

— Eu quero ir ao banheiro — Clarinha diz.

— Eu te levo. — A Ceci pega a sua mão, mas antes que elas se afastem o Diogo corre até onde estamos.

— Cecília, Inácio, o Trovão escapou.

— Como assim escapou? — meu irmão pergunta.

— O Caetano e eu estávamos de olho nele, estava tudo bem, mas houve um tumulto perto de onde estávamos e fomos ajudar, do nada ouvi gritos e quando me virei o Trovão estava correndo por entre as pessoas. O Caetano está tentando prendê-lo, mas não conseguimos chegar perto.

— Você leva a Clarinha no banheiro? — Ceci me pergunta e eu concordo.

— Elas vão sozinhas? — Inácio pergunta e um dos seguranças se aproxima.

— Eu fico com elas.

Todos correm para ajudar a Ceci a pegar o Trovão, o Canoa vai com eles e eu olho para a minha sobrinha.

— Esse cavalo é maluco.

— Como ele escapou, tia Alana?

— Não tenho a mínima ideia! — Balanço a cabeça. Paro na porta do banheiro e falo para a Clarinha que vou ficar a esperando do lado de fora.

O segurança que nos acompanhou se afasta um pouco e olha tudo a sua volta, confesso que começava a me irritar a viver sendo constantemente seguida. Percebo que a confusão causada pelo Trovão chama a sua atenção, algumas pessoas esbarram nele e isso parece o irritar, uma mulher que estava correndo cai à sua frente e ele se abaixa para ajudá-la.

Olho para as pessoas passando por entre as barracas, algumas conversam sobre o cavalo “assassino”, que se soltou e dou risada. Meus olhos passeiam pelas barracas e vejo um pouco mais ao longe uma com maçãs do amor, decido que iria obrigar o Canoa a comprar uma para mim.

Escuto um barulho atrás de mim e antes que eu possa me virar alguém pressiona um lenço no meu rosto com um cheiro forte e tudo começa a escurecer, ao longe posso escutar a Clarinha gritar o meu nome e eu apago completamente.



Quarenta e Dois

CANOA

Corro com o Antônio, o Caetano e a Ceci em busca do Trovão, uma vez que ele está causando tumulto e pavor por onde passa. Claro que só vou após pedir para o Rodrigo e sua equipe ficarem de olho nas minhas meninas. A Renata, o Guto, a Luísa, meus sogros ficaram na arquibancada, aguardando nosso retorno.

— Ali está ele! — O Caetano aponta para nossa esquerda e logo o alcançamos.

— Calma, calma, Trovão. Que menino levado você é. O que te assustou? — Ceci se aproxima dele, que continua um pouco inquieto, mas começa a se acalmar. — Meu Deus, o que é isso? — Ela toca um ferimento em sua pele e nos mostra.

— Isso é marca de brasão. Tentaram marcar o nosso cavalo. Mas quem seria burro o suficiente para fazer isso com um cavalo como o Trovão? — Caetano questiona.

Um estalo em minha mente me apavora.

— Não tentaram marcá-lo, mas sim machucá-lo para que ele causasse tumulto.

Imediatamente pego meu rádio, tentando contatar a equipe de segurança.

— Noah falando. Quem está na escuta?

Ninguém responde. Tento novamente.

— Quem está na escuta? Aqui é o Noah! Onde vocês estão?

Ninguém responde novamente.

Chuto uma pedra que estava à minha frente.

— Droga! Droga, droga, droga! Eles não atendem.

Antônio diz:

— Elas foram para o banheiro. Ceci, vá para o estábulo com o Caetano, para o Trovão ficar em um lugar seguro, e depois informe os seguranças do evento de que o rebuliço foi proposital e peça para auxiliarem na busca pelas meninas. Eu vou atrás delas.

— Não volte sem elas, Inácio! Eu não aceito perder a Clarinha de novo.

— Não voltaremos sem elas. Eu prometo! — Antônio diz.

Eu ainda estou em pânico, perdi até o rumo do que fazer.

— Você vai comigo, Canoa?

Eu nem abro a boca para responder, apenas começo a correr. O tempo agora é nosso inimigo.

No meio do caminho para o banheiro, um dos seguranças do Rodrigo se aproxima. Corremos até ele, mas antes que pudéssemos falar algo a Clarinha surge de trás dele.

— Eles a pegaram, papai. Eles a pegaram. Eles a pegaram. Eles... — ela repetia, com o rosto pálido e as lágrimas escorrendo em seu rosto. Ela estava completamente em choque.

— Psiuuu! Calma, meu amor! Calma! — Antônio a pega no colo e a acalma.

— Cadê a Alana, Alcides? — pergunto, desesperado ao notar que ela não está com ele.

— Eles a levaram, mas nossa equipe inteira correu em seu encalço. Eu fiquei responsável de trazer a Clara em segurança. A encontramos assim que levaram a Alana, e a garota estava desesperada. Todo o resto da equipe continuou em busca dos bandidos. A última atualização que recebi foi a de que o Rodrigo alcançou um deles e o apagou com dois socos. O Afonso entregou o cara para os policiais, que estavam em uma viatura por perto, e pediu ajuda para resgatar a Alana. Está todo mundo atrás dela, e o Rodrigo estava em seu encalço. Ele vai resgatá-la, fiquem tranquilos.

— Por onde eles foram? — pergunto, querendo ir em busca da minha menina.

— Em direção ao noroeste, mas já faz vários minutos. Será impossível de alcançá-los. O melhor a fazer agora é aguardar alguém da equipe nos contatar.

— Eu acho bom vocês acharem a minha irmã e que ela não tenha um arranhão. Você ouviu? — Meu cunhado parte para cima do segurança, completamente fora de si.

— Calma, Antônio! Eles vão achar a Alana. Tenha fé no Rodrigo. Ele sabe o quanto ela é importante para mim, e é um cara qualificado.

— Sim, ele não vai voltar sem ela, a não ser que volte sem vida.

O comentário deveria ser para nos tranquilizar, mas nos apavorou ainda mais.

De repente, a Ceci e o Caetano nos encontra.

— Ai, meu Deus! Clarinha, minha filha! Obrigada, Senhor! — Ceci puxa a Clarinha do colo do pai para o seu e começa a chorar.

— O que está acontecendo aqui? — seu Magno pergunta, acompanhado da dona Fátima, da Luísa, da Renata e do Guto. Olho para o Inácio e ele olha de volta para mim. Nenhum de nós quer responder, mas a resposta está em nossas expressões desoladas.

— Não! Minha menina não! O que vocês estão fazendo aqui parados? Vamos atrás da minha filha! — seu Magno exige e eu explico que não temos como saber por onde procurar, pois eles sumiram há muitos minutos.

— Chega! Não vou ficar aqui de braços cruzados nem mais um minuto sequer. Seu Magno, eu vou com você procurar a Alana, não importa se não sabemos onde ela possa estar, eu vou procurá-la até o meu último suspiro de vida.

— Eu vou com você. Alcides, pode ficar aqui para proteger o que restou da minha família? Posso contar com você? — Antônio pergunta.

— Pode ir sossegado, estaremos aqui esperando vocês — o segurança nos assegura, e então saímos em busca da Alana.

Procuramos por mais de uma hora, até que o seu Magno dá a ideia de voltarmos para verificar se por um acaso o Rodrigo voltou com ela. Caso não tenha voltado, partiríamos na direção oposta à que estávamos procurando. A cada dez minutos, eu ligava no celular do meu irmão, mas sempre caía na caixa postal, para meu total desespero.

Assim que avistamos de longe a família Barreto, encontramos todos de mãos dadas, fazendo uma oração. Isso significava que ainda não tínhamos nenhuma notícia da Alana, e o desespero começou a me invadir. Nunca me senti tão perdido, e lágrimas começaram a rolar livremente pelo meu rosto, incontrolavelmente.

“Por favor, meu Deus!”, eu repeti isso incansavelmente, enquanto nos aproximávamos. Apenas “Por favor, meu Deus!”. Afinal, ele sabe tudo que

pensamos, tudo que precisamos e o que merecemos.

Mas então vejo o Alcides apontar para o meio da multidão e perguntar:

— É o Rodrigo ali?

Todos soltamos as mãos e olhamos, esperançosos. Nada!

— Onde foi que você viu o Rodrigo? — pergunto.

— Eu não estou vendo ele em canto nenhum — dona Fátima diz.

— Ai, meu Deus! Eles estão ali, veja! — Ceci aponta e Rodrigo sai da multidão com Alana em seu colo, desacordada.

— Alana! Ah, Alana! — Meu corpo inteiro treme e não sei se respiro ou se morro de vez. Ela está bem? Ela está morta? Por que não está acordada?

Então um barulho explode em nossos ouvidos e sinto meu coração se despedaçar.

— Papaaaaai! Nãããooo! — Guto grita, apavorado, e Renata o aperta contra ela.

Rodrigo é atingido no lado direito do peito, próximo à clavícula, mas ele não solta a minha menina em momento nenhum, mesmo tropeçando um pouco ao andar, e Alcides imediatamente saca a arma e atinge no peito o bandido que atirou.

— Meu Deus, ele parece o Exterminador do Futuro! — ouço Luísa dizer, mas já estou longe, correndo em direção à minha menina.

Assim que os alcanço, eu a pego em meu colo e a aperto contra mim. Sinto seu coração bater e suspiro, finalmente respirando.

— Obrigado, Rodrigo! Todos foram capturados?

— Sim! Este filho da puta que atirou em mim era o último que faltava. Eu entreguei todos à polícia, agora é só esperar alguém abrir o bico e dedurar quem os contratou — ele responde se apoiando no Alcides.

— Nós sabemos quem foi, não é mesmo?

— Sim, mas a polícia precisa de provas.

— Eu sei.

— Papai! Atiraram em você! Eu nunca tive tanto medo, papai.

— Não se preocupe, filho. Eu estou bem. — Rodrigo dá um sorriso seco e vejo o suor na sua testa.

— Nós vamos levar seu pai para o hospital. Não se preocupe, ele será bem cuidado.

Então a Clarinha se aproxima de nós, com a aparência bem melhor.

— Não fica triste, Guto. Nosso amigo Edgar vai cuidar do seu papai, tá bom? Ele vai ficar bem. — Ela pega sua mão e ele a segura com força.

Todos nós fomos até o hospital levar o Rodrigo e a Alana, que ainda estava desacordada. Eu já estava desesperado, pois tentei acordá-la de várias formas, mas nada funcionava. Eu estava no corredor, roendo os nós dos dedos, quando a Cibele, uma ex-namorada do Inácio, que é enfermeira, aparece.

— Bem, boa noite a todos! Eu acabei de sair do quarto do Rodrigo. Os exames dele estavam bons, por isso já retiraram a bala. Ele vai passar esta noite em observação, mas amanhã provavelmente receberá alta.

— Posso dormir com ele esta noite? — Guto pergunta para Cibele.

— Infelizmente, não é permitido que crianças sejam acompanhantes dos pacientes.

— Você pode dormir na minha casa, Guto. Não pode, papai?

— Pode, claro. Mas não acostume, viu? Não quero nenhum marmanjo dormindo perto da minha filha, não. E tem que ver se a Renata permite, é claro.

— Posso dormir na casa da Clarinha, tia? — Guto pede com os olhos brilhando.

— Claro, meu amor. Assim eu posso dormir aqui e ficar de olho no seu papai.

— Você tem notícia da Alana, Cibele?

— Não sou sua enfermeira oficial, mas ouvi dizer que ela inalou éter, por isso está desacordada.

— Meu Deus! Mas ela vai acordar logo, não vai? — seu Magno pergunta.

— Acredito que sim. Os resultados dos seus exames foram normais, com exceção da presença do éter em seu organismo. Agora só temos que esperar.

E esperei. As horas pareciam não passar, e cheguei a dormir encostado na parede. Acordei com a Luísa me chacoalhando.

— Acorda, Noah! Ela acordou!

Meu coração dá um pulo e sinto minha vida voltar a ter sentido.



Quarenta e Três

ALANA

Sinto meu corpo despertar aos poucos, e sem abrir os olhos tento entender o que se passa a minha volta. O silêncio é ensurdecedor, minha mão esquerda está pesada e ao mesmo tempo parece presa, minhas pernas não respondem direito aos meus comandos, minha cabeça lateja incessantemente. Tento forçar a memória e consigo lembrar da Clarinha gritando, de tudo a minha volta escurecendo.

Eu fui pega!

É a única coisa que consigo pensar. O Henrique me pegou e agora sou prisioneira dele.

— Alana, pode me ouvir?

Uma voz desconhecida pergunta e a minha primeira reação é de não responder. Uma mão toca o meu braço esquerdo e tento me soltar.

— Por que ela não abre os olhos? — Escuto a voz do Canoa, eu não esqueceria nunca essa voz.

Forço meus olhos a se abrirem e ele rapidamente se aproxima.

— Noah? — pergunto com dificuldade.

— Oi, meu amor.

— É um sonho... — paro de falar e olho para onde estou, paredes brancas, um soro está preso ao meu braço.

— Não, não é um sonho, minha menina. Você está segura.

— Eles me levaram.

— Conseguimos te salvar. Na verdade, foi o Rodrigo, ele impediu que a levassem.

— A Clari...

— Está na fazenda, muito irritada, porque não quer ficar longe da tia — ele me interrompe.

— Realmente está tudo bem?

— Está sim.

Sinto a sua mão fazer um carinho no meu rosto e deixo as lágrimas escorrerem.

— Ela ainda está em choque pelo que aconteceu. Mas fora isso, está tudo bem. Vamos mantê-la essa noite em observação e amanhã poderá levá-la para

casa — o médico diz e sai do quarto.

— Onde está todo mundo? — pergunto.

— Foram para a fazenda. Seu pai e o Antônio falaram com o delegado e depois foram para casa. Sua mãe e a Cecília não queriam ir embora, mas devido ao estado delicado da gravidez, não tiveram outra opção. Ficamos apenas eu e a Renata.

— Renata? — Meus olhos percorrem o quarto e não vejo ninguém.

— Ela está com o Rodrigo, ele ainda não acordou.

— O que houve?

— Ele levou um tiro, um dos homens que a sequestrou atirou nele. Foi necessária uma cirurgia para retirar a bala.

— Foi grave? — pergunto com as lágrimas escorrendo novamente.

— Não. Apesar de ser um tiro no peito, não atingiu nenhuma parte importante. Tenho certeza de que logo ele estará de pé enchendo o saco. Mas agora a senhorita vai descansar, para se recuperar rápido.

— Deita comigo.

— Não posso, meu amor.

— Eu preciso sentir os seus braços me abraçando Noah, por favor.

Ele solta um suspiro, mas se deita ao meu lado me abraçando forte. Uma vez que sei que estou segura, fecho os olhos e me entrego ao sono.

Dois dias se passaram do meu sequestro e a fazenda parecia uma fortaleza. Havia seguranças espalhados para todos os lados.

O Henrique ainda estava solto e, segundo a polícia, faltavam provas para prendê-lo.

Devido ao trauma, a Clarinha não andava sozinha, a todo momento havia algum peão ou segurança a acompanhando. Era a única forma de deixá-la segura. Mesmo dentro de casa, ela ia até a janela de cinco em cinco minutos para ter certeza de que eles ainda estavam ali.

— Não podemos ficar assim para sempre! — minha mãe grita se jogando em uma cadeira da cozinha e olho para ela.

— Desculpa.

— Desculpa pelo que exatamente, Alana?

— Fui eu que trouxe o Henrique para a vida de vocês.

— Você não tem culpa. — Minha mãe vem se sentar ao meu lado e me abraça.
— Você não sabia que ele era um lunático.

— Bem que o Inacinho avisou — a Clarinha concorda dando uma mordida no seu pão de queijo. — Ele disse para todo mundo que o Henrique era bobo, ninguém quis ouvir.

— Tem razão, meu amor. Ele avisou. — A Ceci ri e não consigo evitar, acabo me juntando a ela.

Olho para o meu sobrinho no seu cadeirão e, antes que eu possa falar alguma coisa, o Tóti entra com o Canoa na cozinha.

— Como você está, minha menina? — Canoa pergunta se sentando ao meu lado.

— Estou bem. — Olho para ele e dou um sorriso. — Inacinho, o que o tio Canoa é?

O Canoa olha para mim sem entender e o Tóti também fica confuso.

O Inacinho abre um sorriso e bate palmas olhando para o Canoa.

— Noa... — Ele estica um carrinho para o Canoa, que pega rapidamente e brinca com ele.

— Acho que isso significa que o meu irmãozinho aprova o tio Canoa — a Clarinha diz e dou risada.

— Acho que sim.

— Não entendi. — Ele me olha confuso.

— Depois eu te explico. O que vamos fazer hoje?

— Ficar aqui.

— Estou cansada de ficar aqui. Vamos para a sua casa.

— Não. Até que a polícia resolva o caso, vamos ficar aqui.

— Não podemos nem fazer um piquenique? — pergunto tentando fazer uma cara de abandonada e ele suspira.

— Vou pensar.

— Seu chato!

Levanto da cadeira e vou para o lado de fora me sentando em uma das redes que estão penduradas, sinto que ela se afunda com um peso atrás de mim e sou puxada para um peito musculoso e quente.

— Eu queria poder atender a todos os seus pedidos, meu amor, mas agora a única coisa que importa é a sua segurança.

— E se não ligarem o Henrique ao sequestro? Ele vai ficar livre, Noah, não quero parar a minha vida por causa dele.

— E não vamos. Mas só dê um tempo para a polícia, tenho certeza de que logo tudo se resolve.

— Vamos para algum lugar para ficarmos juntos? Só nós dois? Quero namorar um pouco sem o meu irmão olhando feio.

O Noah se levanta e me pega no colo, rapidamente ele caminha até o estábulo e me deita sobre um monte de feno, se deitando sobre mim.

— Estava pensando...

— Não pense, só me beija! — reclamo.

— Eu estava pensando — ele insiste me olhando feio. — Acho que precisamos de alguma alegria nessa fazenda. O que você acha de começarmos os preparativos do nosso casamento?

— Está falando sério?

— Estou. — Ele faz um carinho no meu rosto. — Vamos começar a escolher tudo...

— Que coisa mais linda! — uma voz interrompe o que o Noah está dizendo e ele se levanta rapidamente. — O casalzinho caipira.

Sento-me sobre o feno e olho para o Henrique, que nos observa. Lentamente ele levanta uma arma e aponta para o peito do Noah.

— O que você quer aqui? — Noah pergunta esticando uma mão para trás indicando que devo ficar atrás dele.

— Acertar as coisas. Você achou mesmo que eu deixaria barato a surra que levei? — ele grita no final. — E, principalmente, achou que eu deixaria que você comesse essa putinha? Já que meus homens não foram inteligentes o bastante para fazer o serviço tive que vir pessoalmente.

— E o que pretende fazer? — Noah dá um passo para perto dele. — Vai atirar em mim e na Alana? Acha que vai conseguir fugir? Tem seguranças para todos os lados.

— E mesmo assim, nenhum me viu entrar aqui. E quanto ao que eu pretendo fazer é simples, vou atirar em você e depois atirar nessa puta oferecida.

— E ficar preso para o resto da sua vida.

— Ninguém vai me pegar, e outra, minha família tem dinheiro suficiente para me proteger. Agora chega de conversa, você já me irritou.

Vejo a arma brilhar conforme o Henrique a movimenta, tento me levantar para

impedir que algo de grave aconteça, mas o Noah é mais rápido, ele se joga sobre o Henrique e começam a brigar. Assim que fico de pé, o barulho de tiro arranca a força do meu corpo. Olho para o Noah, que cai ajoelhado na minha frente e logo em seguida desaba no chão.

— Noah! — grito desesperada e me jogo sobre ele, o chacoalhando. — Noah!

— Um já foi. — Escuto o Henrique dar risada e a arma ser engatilhada novamente. — Adeus, Alana.



Sinto uma queimação no lado esquerdo do meu corpo e tento abrir os olhos, mas encontro dificuldade em fazê-lo.

— Ai, meu Deus! Parece que ele está acordando. — Ouço uma voz doce e familiar. — Noah, meu amor! Acorde, por favor!

Forço meus olhos até que eles estejam abertos, e a primeira coisa que vejo é o sorriso de felicidade da Alana misturado às suas lágrimas de preocupação.

— N-n-não chore, m-minha... — tento dizer, mas ela me interrompe.

— Shhh, meu amor! Não se esforce tanto. Você levou um tiro e seu baço se rompeu. Foi tudo tão rápido, a infecção começou, e nós corremos para te trazer aqui, mas você ardia em febre. Eu tive tanto medo, meu amor.

Uma má lembrança me perturba e meu coração dispara.

— H-Hen-Henrique... onde?

— Os seguranças o capturaram assim que ele atirou em você. Ele queria atirar em mim, também, mas não teve esse gostinho. E agora nós vamos vê-lo apodrecendo na cadeia.

Assim que o alívio toma conta de mim, não consigo mais manter meus olhos abertos, então volto a mergulhar na escuridão da inconsciência.

Seis meses mais tarde...

— Tio Canoa, eu ainda não entendi. Você não perdeu um braço? Como é que está abraçando a tia Alana normalmente?

Olho para o Guto e caio na gargalhada. A inocência de uma criança é uma coisa bela de se ver.

— Ai, Guto! Da onde você tirou que ele perdeu um braço? Foi “O BAÇO”, seu cabeça! Ai, esses meninos que não entendem nada mesmo, viu? — Clarinha diz balançando a cabeça.

Olho para o Antônio e caímos na gargalhada. A Alana se desfaz do meu abraço e dá um “hi five” na Clarinha.

— Agora sim você está entendendo o espírito da coisa. Ser mulher é isso, Clarinha. Passar a vida toda se perguntando como os homens podem ser tão bobos por fazer as coisas que fazem.

— Ei, olha o que ensina para a minha filhinha. Não liga para a tia Alana, ela

anda meio maluca com o casamento.

— Ei, eu não ando louca com nada. Só estou um pouco atrapalhada com os preparativos, são muitos detalhes, e aquele homem ali de pé na parede, de calça jeans e camiseta polo branca, não me ajuda com nada.

— Ah, claro que não ajudo. Tudo que opino você retruca. Não me meto em mais nada, cedo gentilmente meus direitos de escolha para você, sua mãe e para a Ceci. Mas com uma condição: quem me representa na escolha do cardápio é a Luzia. Ela sim me entende do fundo da minha alma.

Luzia se aproxima gargalhando e diz:

— Ah, você está enganado, meu menino. Não é do fundo da sua alma, mas sim do fundo do seu estômago.

— É tudo a mesma coisa. Meu estômago controla minha alma.

— Disso eu não duvido! E sim, ficarei honrada em te representar na escolha do cardápio.

A campainha toca e a Mari e o Diogo entram. Alana os recebe e Diogo entra frenético.

— Liguem a televisão no canal 25. Agora!

“Estamos ao vivo aqui no presídio de Santa Varginha, onde o filho do empresário Otávio Araújo acaba de sofrer um atentado um dia após ter seu habeas corpus negado. Henrique Araújo foi transferido para o hospital mais próximo da região, e seu estado de saúde é crítico. Lembrando apenas que Henrique foi preso por tentativa de homicídio e por ser mandante de quadrilha.

Outro fato importante é que as ações das empresas de sua família caíram consideravelmente após sua prisão. Conversamos aqui com um dos policiais do presídio e ele disse que o Henrique não é uma pessoa muito fácil de lidar. Ele não se enturmou com os presos, acabou por ofendê-los com sua arrogância nata e, mesmo tendo uma cela especial por ser formado no ensino superior, não conseguiu escapar da ofensiva de alguns presos que fazem parte da facção do PCC.”

— Desligue isso, não nos fará bem algum saber destas notícias. O cara já está arruinado para sempre. Ele jogou o nome de sua família na lama e agora pode nem sair com vida daquele lugar maldito. Não precisamos mais fazer parte disso — dona Fátima pede e eu imediatamente desligo.

— Será que isso não é apenas um esquema para adiar o julgamento? Afinal, ele é cheio dos esquemas e em momento algum mostraram a imagem dele ferido — Antônio comenta.

— Não nos importa saber. Uma hora ou outra o julgamento vai acontecer, e ele não conseguirá reverter as provas que temos. Desta vez, ele não vai se safar, não importa quanto tempo ele ganhe — Alana diz e todos nós concordamos.

— Podemos conversar a sós, meu amor? — digo para Alana.

— Claro! Pode ser no estábulo? Quero dar umas cenouras para a Princesa.

— Pode sim. Pegue as cenouras que te esperarei lá fora.

— Estarei lá em dois minutos.

Enquanto Alana busca as cenouras para a Princesa, eu colho flores pela fazenda e monto um buquê de cores vivas, assim como a alma da minha menina.

Assim que ela me encontra, entrego a ela o buquê.

— Nossa, que lindo! Obrigada, meu amor! — Nós caminhamos em direção ao estábulo.

— Alana, eu queria conversar com você sobre o casamento. Eu sei que já está quase tudo organizado, mas como tudo começou assim meio bagunçado, eu nunca tive a oportunidade de pensar direito sobre as consequências disso na sua vida. Eu já estou na idade de casar e ter filhos, mas você está no começo da sua vida adulta. Eu não quero que se sinta pressionada de forma alguma, e gostaria muito que levasse em consideração seus planos para o futuro.

— Eu já pensei sobre tudo isso. Eu tenho grandes planos para o meu futuro, mas nunca pensei que você pudesse ser um empecilho. Por acaso, você não vai se transformar em um homem machista e ciumento só porque nos casaremos, não é?

— Claro que não! Mas eu fico aqui pensando... e se você quiser fazer uma faculdade longe, ou se você quiser fazer um intercâmbio?

Alguns segundos pairam sobre nós, e então ela diz:

— É, pode ser que eu queira fazer uma faculdade longe ou um intercâmbio. Você acha que nosso amor não é capaz de suportar alguns meses de distância? — Ela coloca a mão na cintura e me olha como se eu a tivesse ofendido.

— Ah, meu amor! Eu te amo tanto que esse amor me consome por dentro e por fora. Meu amor é infinito, é eterno. Eu só tenho medo de que seu amor por mim esfrie. E não quero que sinta que eu a prendi. Sei que você é como um pássaro e precisa sempre de suas asas para voar. Não quero acorrentar suas asas.

— Noah, você ainda não entendeu? Eu sou a pessoa mais decidida que você vai conhecer na sua vida. Sempre sei o que quero, e o que mais quis nesta vida, e ainda quero mais do que tudo, é você. Você não entende mesmo, não é? Você não me acorrenta. Você é o ar que me impulsiona. Você me inspira, me faz querer sempre ser melhor, dar o meu melhor. E não, eu nunca vou enjoar de você, ou conhecer garotos que me interessem e que façam meu amor por você esfriar. Eu nunca, nunca mesmo, deixei de te amar. O Henrique mesmo só serviu para me consolar, para levantar o meu ego. Você tinha me dispensado, não se esqueça disso. Eu sempre te amei, desde pequena. Você sempre foi o meu grande amor. A metade da minha alma.

— Sim, você é a metade da minha alma! Não existe mais vida sem você ao meu lado.

— Eu também me sinto assim. Por isso que não me importa quantos anos eu tenha. Eu quero me casar com você hoje, e daqui a dez anos renovar nossos votos, e assim por diante. Estaremos juntos até o meu último suspiro.

— Não, até seu último suspiro não. Eu morrerei primeiro. Sou mais velho, é a ordem natural das coisas.

— Bem, isso eu não vou discutir com você.

Um sorriso imenso em meu rosto é espelhado no rosto dela. Nossos olhos grudados, brilhando de amor. Essa é a nossa vida. Esse é o nosso amor.

Assim que voltamos à casa grande, o Diogo diz:

— Bem, agora que todos estamos aqui, queremos fazer um anúncio. — Diogo puxa a Mari para si e passa a mão em sua barriga. — Nós estamos grávidos!

— Ah, que demais! — Ceci grita, quase ensurdecendo todo mundo. — Estamos grávidas juntas. Podemos encostar nossas barrigas e deixar nossos bebês brincarem.

— Ai, amiga! Isso foi a primeira coisa que pensei. Vem cá, barrigão! — As duas encostam as barrigas e todos nós rimos.

— Tia Alana, agora que você se casará com o tio Canoa você também vai querer ter um neném para juntar a barriga com a da mamãe e a da tia Mari? — Clarinha pergunta e o Inacinho se aproxima, pondo a mão na minha barriga.

— Neném, titia?

Todos olham para mim e para o Canoa, que está pálido como uma folha de papel.

— Bem, claro que quero ter vários nenéns com o tio Canoa, mas primeiro quero curtir um pouco nosso casamento e cursar uma faculdade. Mas logo depois disso, quero, pelo menos, dois pirralhinhos correndo pela fazenda e atormentando a vida do Noah e do meu irmãozinho querido. Imagine duas cópias minhas correndo pela fazenda? Afinal, a Clarinha, que é minha sucessora, já está se tornando uma mocinha.

— Mocinha nada, ela ainda é um bebê! E vá de reto, vou jogar uma praga para seus filhos puxarem a personalidade do Canoa.

— Pode jogar a praga que for, quando é para ser, nada altera o destino. Você ainda não aprendeu isso, irmãozinho lindo? — Alana aperta a bochecha do Antônio e ele se rende, fazendo cócegas nela. É como se o tempo não tivesse passado e eles ainda fossem duas crianças, mas certas coisas nunca mudam.

Os dias se passam rapidamente. O casamento será no final da semana. O julgamento do Henrique, entretanto, ocorrerá hoje. Eu, o Rodrigo e a Alana fomos prestar nosso depoimento. Alana não olhou para o Henrique em momento algum. Os pais do Henrique contrataram os melhores advogados que o dinheiro

poderia comprar, mas provas são provas, e acredito que a confissão de um dos capangas de que Henrique o havia contratado e o tiro que eu e o Rodrigo tomamos era mais do que suficiente para manter aquele playboyzinho de meia-tigela mofando na cadeia por um bom tempo. Assim que terminamos de prestar o depoimento, nós fomos embora. Nem aguardamos o final do julgamento, pois havíamos feito tudo que podíamos. Agora estava tudo nas mãos da Justiça.

— Estou com a sensação de dever cumprido, sabe? E sinto que encerrei um capítulo horrível da minha vida. Espero que daqui para frente só tenhamos felicidades e boas notícias — ela desabafa, enquanto o Rodrigo ronca no banco de trás do carro.

— A Justiça não vai falhar, e finalmente seguiremos em frente, meu amor. E eu te prometo, seremos muito felizes. Acredite nisso!

— Sabe por que eu acredito? Porque já somos muito felizes, seu bobinho!

Ela me dá uma piscadela enquanto dirijo em direção ao nosso cantinho de felicidade, chamado Barra Bonita.



Não sei se algum dia a Fazenda Céu Azul já viu tanta confusão como o dia de hoje.

Meu maior medo era de que o dia amanhecesse cinza e com promessa de chuva, mas para a minha sorte o sol brilhava forte, com promessa de ser um dia lindo. Após tomar um banho e lavar meus cabelos, coloco um roupão e saio do banheiro para encontrar meu quarto cheio de mulheres e a equipe que iria nos arrumar.

O dia do meu casamento finalmente chegou e ao contrário do que eu imaginava não estava nervosa, esperei tanto tempo por esse dia, que achei que estaria uma pilha de nervos, mas estava calma, talvez até demais, se compararmos a como eu estava durante os preparativos.

— Pronta para se casar? — minha mãe pergunta se aproximando e abraço-a pela cintura.

— Estou, mamãe, o Noah é o homem que eu sempre amei.

— Confesso que sempre torci para que, um dia, ele finalmente se decidisse e confessasse que era apaixonado por você. Vocês dois se completam.

— Tia Alana! — Clarinha grita de pé em cima da minha cama e todos olham para ela.

— O que foi, princesa?

— Para de enrolar, temos que te deixar linda! — ela fala nervosa e cruza os braços.

— Posso saber por que essa pressa toda para a sua tia ficar pronta? — Ceci pergunta se sentando com dificuldades por causa da barriga.

— Porque eu quero mostrar para o Guto como eu fico linda no meu vestido.

— O casamento é da sua tia, quem tem que ficar linda é ela! — a Ceci diz e a Clarinha revira os olhos.

— A tia é do tio Canoa, e o Guto só tem olhos para mim.

— Então vamos deixar você a dama de honra mais linda do mundo — a cabeleireira diz e a Clarinha pula da cama e se senta para começar a arrumar os cabelos.

Durante vários dias pensei em como eu queria o meu cabelo, no final acabei optando por usá-lo solto, então uma das ajudantes da cabeleireira o enrolou para que ficassem cachos quando o soltássemos e após me sentei na cadeira da maquiadora.

Faltava pouco para a cerimônia quando abri os olhos e me vi no espelho, a maquiagem estava natural, realçando meus olhos azuis.

— Você está linda, tia! — escuto a Clarinha sussurrar ao meu lado e olho para ela.

— Por que está falando baixinho? — sussurro.

— O papai diz que quando vemos algo bonito devemos transformar o momento em algo especial — ela continua sussurrando.

— Entendi. — Dou um sorriso e me levanto. — Você também está linda.

Ceci e eu escolhemos um lindo vestido branco que bate na altura do tornozelo da Clarinha, rodado e saia de tule, o cabelo dela estava em coque alto com algumas florzinhas enfeitando.

Minha mãe optou por um vestido azul-claro até os joelhos. Já a minha madrinha Cecília usava um lindo vestido florido em tons de verde, com a barriga gigante impossível de notar.

— Todas estão lindas!

— Nós vamos descer e acalmar o noivo. — A Ceci me dá um beijo e pega a mão da Clarinha saindo do quarto.

Meia hora depois, a cabeleireira termina de arrumar os meus cabelos e coloco o vestido de noiva. Quando imaginei como ele seria, sabia que não queria nada rodado, e quando coloquei os olhos no vestido com corpete de renda e um decote em V nas costas todo rendado e a saia solta que caía em camadas de tules, parei de procurar.

— Ai, meu Deus! — Minha mãe leva as mãos ao rosto e dou um sorriso.

— Como estou?

— Perfeita! — meu pai diz parado na porta e enxuga uma lágrima. — Vou ficar muito orgulhoso de caminhar com você até o altar.

Desço as escadas de braço dado com o meu pai e paramos na porta que levaria

até o local da cerimônia.

O Canoa e eu optamos por uma cerimônia simples, somente com a nossa família e amigos.

Os primeiros acordes de *Then*, de Brad Paisley, começa a tocar e saio de casa, deixo os meus olhos irem direto para onde o Canoa está. Olho para ele vestido com um terno cinza, sem gravata e o primeiro botão aberto, botas de cowboy e um chapéu preto sobre a cabeça.

Lentamente meu pai me guia pelo corredor, segurando minha mão apertado, pois por três vezes tentei correr até o Canoa. Quando finalmente nos aproximamos e ele segura as minhas mãos, sinto que estou no lugar certo.

O pastor começa a cerimônia, mas não tiro os olhos dos olhos do homem que eu amo. Após os votos, onde foi necessário segurar as minhas lágrimas, finalmente somos declarados marido e mulher e posso beijá-lo.

— Agora você é meu, cowboy — falo ainda abraçada a ele.

— Sempre fui, minha menina.

O Canoa e eu fugimos por alguns instantes para fazer algumas fotos e quando entramos no local da festa percebo que os convidados estão animados, o churrasco estava a todo vapor e eu estava morrendo de fome. Mas antes que eu pudesse ir até à mesa me servir, o Rodrigo chamou o meu nome e o do Canoa até a pista de dança.

— Noah, por muito tempo eu senti raiva por você existir, joguei em você uma culpa que não era sua, e quando finalmente pude conversar e descobri que você era um homem correto, fui obrigado a reconhecer que minha raiva era infundada. Você não só é correto, digno, mas com um coração enorme. Se mostrou um tio bacana e um irmão sempre à minha disposição. Por isso, quando pensei em que presente poderia dar para o homem que se tornou uma parte importante na minha vida, descobri que só poderia ser proporcionar um momento especial para você. — O Rodrigo sorri. — Por isso, falei com os meus antigos chefes e eles concordaram em vir até aqui, já que estariam por perto, para cantarem na sua primeira dança de marido e mulher. E não existia música melhor do que essa que pudesse representar melhor minha cunhada.

A banda começa a tocar *Menina Veneno* e vejo Zezé Di Camargo subir ao palco acompanhado do Luciano e começarem a cantar.

“*Meia-noite no meu quarto, ela vai subir...*”

— Eu amo o seu irmão! — grito para o Canoa, que me olha feio, mas me abraça. — Só não gostei de uma coisa.

— O quê?

— Ele disse que a música *Menina Veneno* combina comigo, isso é mentira! — reclamo e ele solta uma gargalhada.

— Meu amor, essa música é perfeita para você. Alana, você é minha menina, é o meu veneno. Me deixa maluco, com raiva, tira meu chão, me deixa sem reação, meu coração acelera ao te ver. Você é a pessoa que eu mais amo.

— Eu também te amo! — Abraço o Canoa mais forte e balançamos na pista.

A música passa a ser apenas um detalhe, as pessoas ao nosso lado cantando com o Zezé Di Camargo e Luciano, meu irmão olhando feio para o Guto, que dança com a Clarinha... tudo isso some e somos apenas nós dois.

Lembro-me do dia em que ele me afastou, dizendo que não sentia nada por mim, enfrentamos tantas coisas para chegar nesse dia. Achei que realmente nunca saberia o que é ser amada por ele, mas no final, ele se tornou meu marido. O homem que me completa.

Tudo ficou para segundo plano, uma faculdade, uma carreira, nada disso importava, desde que eu o tivesse ao meu lado.

E quem sabe daqui um tempo nosso amor ficaria maior ainda, quando eu segurasse um lindo bebê de olhos verdes iguais aos do pai.

Até que essa ideia não era tão ruim.

— Noah!

— Hum? — Ele beija meus cabelos.

— Não vejo a hora de termos um bebê.

— Um menino.

— Ou uma menina — respondo olhando para a Clarinha, que corre com o Guto para a mesa do bolo.

Sim, uma linda menina loira de olhos verdes, para correr pela fazenda e me ajudar a enlouquecer o cowboy da minha vida.



Epílogo

CANOA

Oito anos depois...

Nunca pensei que um dia poderia ser tão feliz. A vida deu voltas e voltas, mas acabou me trazendo paz de espírito, realizações profissionais e muito, muito amor. Tanto amor que não cabe em mim.

— Papai, *quélo* bolo de *colate* — minha princesinha pede, com olhos de

pedinte e biquinho. Ela é tão doce que aquece o coração de qualquer pessoa que olhar para ela. Sério, é como se ela tivesse poderes, mais ou menos como um X-Man. E seu poder é ser tão fofa que chega a ser irresistível.

Quando casei com o amor da minha vida, várias pessoas me alertaram sobre nossos filhos. Na verdade, não acho que tenha sido um alerta, mas sim uma praga.

“As mulheres dessa família são impossíveis. É melhor que tenha um menino.”

“Você já pensou se realmente vai ter filhos? Imagina como será a filha da Alana: uma pestinha ao cubo. Vai destruir a fazenda, será pior que um terremoto.”

Ah, como estavam enganados.

Minha doce Sofia é uma espécie de boneca. O amor do papai.

E a Alana, bem... ela amadureceu muito. Se tornou uma grande mãe. As crianças são apaixonadas por ela. Mas de vez em quando ela tem seus momentos de “Alana” e então eu corro para as colinas.

— Você quer bolo de chocolate, minha vida? O papai pega para você. — Levanto do sofá onde eu estava deitado preguiçosamente e vou até à cozinha. Corto um pedaço generoso para a minha pequena, coloco em um prato de plástico e dou para minha filha junto a uma colher.

— Hum, papai! Delícia!

Quanta delicadeza!

Mas então um terremoto entra na cozinha, passa pelo meio das minhas pernas, escala a pia, mete a mão no bolo, esfrega na cara e sai correndo em direção à sala. Tudo isso em cinco segundos. Não tive tempo nem de reagir.

— Noah, o Lucas está aí com você? Eu estava tentando dar um banho nele, mas quando tirei sua camiseta e fui colocar na máquina de lavar, ele fugiu. — Alana pergunta de longe, mas então aparece na cozinha com sua beleza arrebatadora que sempre faz meu coração se encher de orgulho por saber que ela é minha mulher.

— Ele acabou de passar por aqui, mas não tive tempo de pegá-lo. E já aviso que ele realmente precisa de banho. Acredita que ele escalou a pia para roubar um pedaço de bolo?

— Não é a primeira vez que ele faz isso. Ele aprendeu a fazer isso quando o Inácio ensinou ele a subir no beliche. Agora ele acha que tudo é escalável. — Então ela arregala os olhos e põe um dedo nos lábios, pedindo silêncio. — Olha isso, a casa está muda. Ele está aprontando algo.

— Papai, o bolo *cabô*. — Sofia me entrega o prato vazio com olhos tristes.

— Você quer mais um pedacinho? — pergunto.

Ela sorri e bate palminhas, mas a Alana bufa.

— Já vi que sobrou para eu ir sozinha atrás dele. Não vá entupir a Sofia de bolo, hein?

— Claro, só vou dar mais um pedacinho. — Pisco para a minha menininha de cabelos dourados, que seria a xerox perfeita da mãe se tivesse puxado sua personalidade, mas a traquinagem foi toda para o Lucas, seu irmão gêmeo.

Sirvo outra porção generosa de bolo para minha pequena.

— Só mais isso, está bem? Você já comeu muito bolo.

— Obrigada, papai! — Ela sorri e eu dou um beijo em suas bochechas rosadas.

— Lucas! Eu vou te matar, menino!

Saio correndo pela casa até encontrá-los no lavabo.

— Noah, ele jogou o carrinho dele dentro da privada e estava com o braço todo enfiado lá dentro para pegar de volta.

Olho para meu pequeno e seus olhos verdes estão brilhando.

— Filho, por que fez isso? Já dissemos que não pode mexer na privada.

— *Quelia* ver se afunda, papai — ele diz com sua boca toda suja de bolo de

chocolate.

Olho para Alana e ela olha para mim. Nos olhamos por um tempão, até cairmos na risada.

Essa é a nossa vida, e eu não trocaria por nada. E eu tenho certeza de que ela também não, porque na verdade, mesmo estando sempre exaustos, nunca fomos tão felizes.



Biografia



LILIAN GALDO, uma paulistana formada em Direito, que começou a desenvolver seu talento pela escrita quando ainda era criança. Seu primeiro livro foi um conto sobre uma coruja mágica que vivia na floresta, e quando o escreveu tinha apenas nove anos de idade. Foi na adolescência que ela descobriu que os livros não se limitavam apenas aos clássicos. Ela se viciou na leitura de romances de banca da Harlequin e da Nova Cultural. Penny Jordan se tornou sua autora de livros de bolso favorita. Os romances de banca estenderam o gosto literário da autora, que dedicou horas lendo desde fantasia até autobiografias.

Foi em um final de semana tedioso que ela decidiu fazer mais um rascunho maluco sobre um livro que relata a ascensão e o dia a dia de uma banda de rock onde a única integrante feminina é a narradora e personagem principal. O que deveria ser apenas um rascunho se tornou o primeiro volume da trilogia *Rock & Pie*. Na Bienal de São Paulo de 2016 contou com o lançamento do livro *Memórias do Coração*, escrito em parceria com Julie Lopo, publicado pela Editora PL.



JULIE LOPO nascida em São Paulo capital, formada em Direito. Leitora

compulsiva, chegou a ler 25 livros em um mês. Viciada em livros, chocolate, sapatos e maquiagem. Sempre gostou de escrever, mas parou quando uma professora disse que não tinha talento, mas nunca desistiu do seu sonho. Gosta de filmes românticos, de comédia e de ação.

Autora da *Série Nos Passos, Para Sempre Você, D'votion: quem será a próxima vítima?*, *Memórias do Coração*, que foram publicados pela Editora PL.

"Encontrei na escrita uma paixão que quero dividir com o mundo."



Acesse o site da Editora PL para saber mais informações sobre esse e outros livros:

www.editoraplanetaliterario.com

LILIAN GALDO & JULIE LOPO

*Memórias
do
coração*



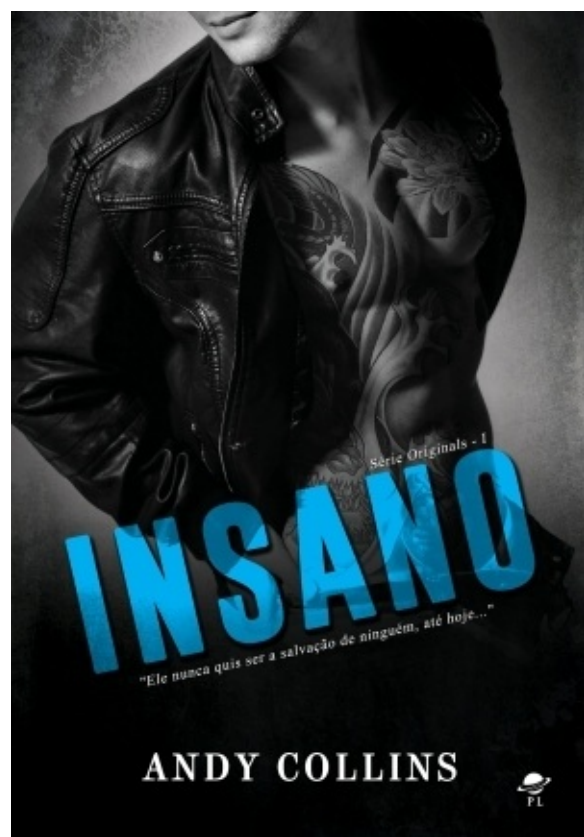
Memórias do coração

Lopo, Julie
9788568292624
372 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inácio está quebrado. Seu grande amor foi embora, levando em seu ventre a prova do quanto se amaram. Sem pistas de onde ela pode ter ido e com medo de tomar uma decisão precipitada, que prejudique futuramente uma conciliação, ele passa seus dias amargando o abandono, dormindo com todas as mulheres da cidade e rezando para que um dia, ela, a rainha de seu coração, retorne para ele. Cecília é uma mulher incompleta. Após sofrer um acidente e perder a memória, ela luta para seguir sua vida normalmente, ainda que tudo em seu corpo, sua mente e em seu coração grite que algo está errado. Após se mudar para uma cidade, em busca de sucesso profissional, ela comprova que o destino tem suas ironias, ao perceber que todos da cidade a conhecem e cruzar com o lindo, sexy, porém amargurado homem que alega ser o seu marido. Quando a mente não se recorda do passado, é possível reconhecer o seu amor através do coração?

[Compre agora e leia](#)



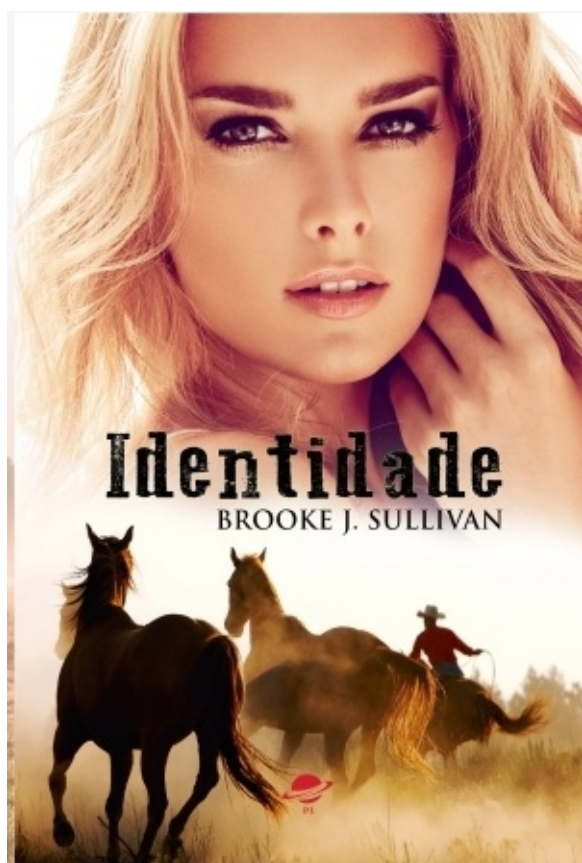
Insano

Collins, Andy
9788568292532
329 páginas

[Compre agora e leia](#)

Gael Trent Malloy é o famoso vocalista da banda de rock Originals, depois de um trágico acidente no palco que o deixa impossibilitado de andar, o sexy vocalista tenta recuperar os movimentos com a ajuda dos seus amigos. O que ele não esperava era que, ao longo dessa jornada, seu caminho cruzasse com o de Hanna Daves. A doce pintora que consegue quebrar suas barreiras sem nem ao menos mover um músculo. Com ela, ele vai descobrir que suas limitações físicas são nada diante do que a consome. Ele nunca quis ser a salvação de ninguém, até hoje.

[Compre agora e leia](#)



Identidade

Sullivan, Brooke J

9788568292686

678 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dario é um fazendeiro rústico, controlador, autoritário e extremamente sexy. Acostumado a ter tudo que deseja em seus próprios termos, seu único objetivo é encontrar uma mulher, casar e ter herdeiros. Porém, Dario é insuportável e nenhuma mulher até hoje conseguiu ficar ao seu lado por mais de 24 horas. Seu mundo vira de cabeça para baixo quando encontra uma bela jovem desmaiada em suas terras. Sem saber o que fazer, ele a leva para sua casa e a mantém cativa até que ela recobre a consciência. Contudo, o que ele não esperava era descobrir que ela perdeu completamente a memória e que despertaria nele seus desejos mais primitivos.

[Compre agora e leia](#)



Imperfeito amor

Bauer, JFB
9788568292594
348 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vivemos em busca do amor perfeito. E o que fazer com as dificuldades da vida quando se almeja algo tão irreal? Maia nunca imaginou que o destino tornaria seu amor platônico uma realidade. Acreditar que o Dr. Rodrigo Ferraz, o homem mais cobiçado da cidade, teria seu relacionamento perfeito com Olívia acabado, era praticamente impossível! Contudo, a perfeição que uniu o casal mais afamado do município não foi o bastante para o famoso felizes para sempre. Partindo misteriosamente, Olívia abandona o marido e o filho pequeno deixando uma ferida aberta no coração do nobre médico. Quem sabe, o amor verdadeiro não nasce das imperfeições? Com essa nova perspectiva, Maia tem a chance de viver seu grande amor... que, infelizmente, não dura eternamente! Alguns anos depois, em uma noite chuvosa, os dois se veem frente a frente. Ao se olharem, percebem que os sentimentos que os uniu no passado, ainda estão vivos em seus corações... A partir daí, Maia faz uma retrospectiva do romance e dos motivos aos quais os levaram a desistir tão precocemente de um Imperfeito Amor. IMPERFEITO AMOR trata da busca pela perfeição, do medo quando as coisas não saem como planejamos, da baixa autoestima que faz nos contentarmos com pouco. É um romance que ensina a amar a todos com seus defeitos e imperfeições.

[Compre agora e leia](#)

*Eles não são nada perfeitos, mas isso não quer
dizer que o amor entre eles não seja.*

imperfeitos



MARCELA GÓMEZ



Imperfeitos

Gómez, Marcela
9788568292587
245 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida de Marina não é fácil. A de Daniel é fácil demais. Marina sonhava em seguir sua missão. Daniel queria apenas cumprir sua promessa. Juntos, eles não são nada perfeitos, mas isso não quer dizer que o amor não o seja.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Prologo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Epílogo](#)

[Biografia](#)

[Saiba mais sobre a Editora PL](#)